

# BLUESTAR™

FULFILLING \* PROPHECY



Miriam  
Delicado

# A Profecia da Estrela Azul

Miriam Delicado

Capa: Corey Wolfe

Editado por Leah Gough

Editado por Leah Gough  
Arte de Capa: Corey Wolfe  
[www.coreywolfe.com](http://www.coreywolfe.com)

Contato com a Autora:  
[www.alienbluestar.com](http://www.alienbluestar.com)

Adquira este livro online na língua inglesa no site: [www.trafford.com/07-1189](http://www.trafford.com/07-1189)  
Ou pelo e-mail [orders@trafford.com](mailto:orders@trafford.com)

A maioria dos títulos da Trafford estão disponíveis nas melhores livrarias.

©Copyright 2007 Miriam Delicado.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação deve ser reproduzida, comercializada ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocopiado, gravado ou de qualquer outra forma, sem a permissão por escrito da autora.

Nota para Bibliotecários: um registro catalográfico para este livro está disponível na Biblioteca e Arquivos do Canadá no site: [www.collectionscanada.ca/amicus/index-e.html](http://www.collectionscanada.ca/amicus/index-e.html)

Impresso em Victoria, Colúmbia Britânica, Canadá.

ISBN: 978-1-4251-3207-1

Nós da Trafford acreditamos que é responsabilidade de todos nós, tanto indivíduos como corporações, fazer escolhas que sejam ambientalmente e socialmente corretas. Por seu turno, você está apoiando essa conduta responsável cada vez que adquire um de nossos livros ou faz uso de nossos serviços de publicação. Para descobrir como você está ajudando, por favor, visite: [www.trafford.com/responsiblepublishing.html](http://www.trafford.com/responsiblepublishing.html)

Nossa missão é prover o mundo eficientemente com os melhores e mais abrangentes serviços de publicação de livros, capacitando cada autor a experimentar o sucesso. Par descobrir como publicar seu livro, do seu jeito, e tê-lo disponível internacionalmente, visite-nos online: [www.trafford.com/10510](http://www.trafford.com/10510)

América do Norte e Internacional  
toll-free: 1 888 232 4444 (EUA e Canadá)  
fone: 250 383 6864 fax: 250 383 6804

Europa e Reino Unido  
fone: +44 (0)1865 722 113 local rate: 0845 230 9601  
facsimile: +44 (0)1865 722 868 email: [info.uk@trafford.com](mailto:info.uk@trafford.com)

10 9 8 7 6 5 4 3

**Nota à Edição Brasileira:**  
Traduzido em agosto de 2015.

**Tradutores:**  
Jennifer Dhursaille  
Leo Estelrich

**Diagramação**  
Robs Alves

# Agradecimentos

Este livro é dedicado a todas as pessoas, tantas para nomear, que demonstraram seu apoio a mim ao longo dos anos; vocês sabem quem vocês são. Eu agradeço a vocês por sua aceitação incondicional e encorajamento.

Eu gostaria de agradecer especialmente à Rhonda e Kathleen que estavam lá desde o início desta aventura. Sua aceitação por mim ajudou a manter-me aterrada e coesa quando me senti como se estivesse caindo por terra.

A Rick, Marcella, Jane, Karla e Corey, que sempre me encorajaram a fazer o que fosse necessário para levar minha história ao público, eu agradeço a vocês por sua inabalável confiança em mim.

Um agradecimento especial à minha irmã Juliana, que sempre me encorajou a seguir meus dons intuitivos e a ter orgulho deles.

Finalmente, eu dedico este livre a você, leitor, pois todas as palavras foram escritas com você em minha mente.

Que a minha história possa ajudá-lo ao longo de sua jornada de encontro à verdade de quem nós somos e qual papel cada um de nós deve interpretar hoje no planeta.

*"Eu acredito que a qualidade da relação que você tem consigo e com as pessoas ao seu redor afeta à Terra mais do que decidimos reconhecer. Se escolhermos aprender a nos comunicarmos conscientemente com compaixão, nós modificaríamos o mundo em que vivemos."*

*Karla Dombroski*

# Conteúdo

Introdução.....	8
O Início.....	10
A Estrada.....	23
As Memórias Retornam .....	34
Clones.....	41
As Espirais do Arizona.....	70
O Feiticeiro Hopi.....	89
Comunicação com Orbes.....	122
Trilhando um Novo Caminho .....	142
A Busca Começa.....	160
Peças do Quebra-Cabeça.....	169
As Mensagens.....	192

*Você pode contatar a autora através de seu website em:  
[www.alienbluestar.com](http://www.alienbluestar.com)*

# Introdução

Após uma experiência de abdução em 1988, tudo em meu mundo mudou para sempre. Neste livro eu compartilho com você os eventos que ocorreram após meu encontro com os Alienígenas Louros Altos. Eu tento lhe mostrar como e porque eu cheguei às conclusões que tenho em relação a esse contato.

Este livro não foi um livro fácil de ser escrito por causa da complexidade da história em si. Sem possuir educação formal após a oitava série, descobri que escrever este livro era um desafio. Ainda, quando iniciei o processo de escrita eu soube que caso eu seguisse meu instinto de compartilhar a história de minha vida como se você fosse um amigo, seria uma história completa. Sob a orientação dos Alienígenas, descobri que estava apta a escrever um livro inteiro, a despeito da carência em minha formação educacional.

Escolhi compartilhar com você a ordem cronológica na qual os fatos foram apresentados a mim. Por esta razão, você pode estar indagando a si mesmo algumas questões enquanto inicia a leitura deste livro, da mesma forma que eu me indaguei sobre as mesmas. Conforme minha história se desenrolar, você encontrará respostas para tais questões, demonstrando como os fatos se encaixam.

Uma das minhas maiores preocupações com relação a compartilhar minha história tem sido proteger minha família e amigos de qualquer atenção não desejada. Por esta razão, escolhi modificar os nomes dos personagens envolvidos com exceção do meu próprio nome. Além disso, embora a cidade na qual eu cresci estivesse no norte da Colúmbia Britânica, escolhi o cenário de Cranbrook para meu livro – novamente, para proteger as pessoas envolvidas. As localizações de todos os outros eventos são verdadeiras. Todos os fragmentos de informações que eu compartilho neste livro vêm do meu conhecimento direto a partir dos Alienígenas ou de minhas experiências reais. Cada palavra neste livro representa os eventos reais da minha vida. Não há parte alguma desta história que seja ficção, de qualquer maneira.

Ao compartilhar esta história estou realizando uma solicitação direta dos Alienígenas. Meu objetivo e o objetivo deles é abrir sua mente para a verdade; nós não estamos sozinhos, eles estão nos observando e não há razão para temê-los.

Obrigada,

Miriam Delicado

# Oh Grande Espírito

Oh Grande Espírito que reside no interior  
Eu posso ouvir teu coração como o oceano e o vento  
Gentil como gotas de chuva, potente como as estrelas  
Posso sentir seu batimento enquanto viaja longe

Oh Grande Espírito que reside no interior  
Ensine-me o mundo enquanto ele lentamente gira  
Mostre-me um arco-íris do Paraíso à Terra  
Ensine-me a viajar sem ter de deixar meu lugar

Oh Grande Espírito que reside no interior  
Eu seguirei tua voz se te ouvir cantar  
Alta e clara a canção deve ser  
Ajude-me a seguir a Grande Sinfonia

Oh Grande Espírito que reside no interior  
Meu coração é tão forte quanto um vento sagrado  
Ele dança com a natureza, chama o que é selvagem  
Dança com as crianças e doma o Grande Fogo

Oh Grande Espírito que reside no interior  
Tenho aprendido a sabedoria que vem do interior  
Meu Espírito eleva-se, com Massauu ele canta  
Viaja em arco-íris enquanto a próxima etapa se inicia

# O Início

Foi em 10 de março de 1966 que tomei meu caminho rumo a este mundo. À época do meu nascimento eu tinha duas irmãs: Janice, que tinha quatro anos e Carol que tinha dois. Após deixar o hospital, fui levada à casa na qual viveria pelos próximos nove anos. Era um pequeno lugar com apenas dois quartos, tão pequeno que a cozinha, a sala de estar e a sala de jantar eram uma coisa só. Estava mais para um quarto de solteiro do que para uma casa de família; ainda assim, tudo parece maior quando você é uma criança.

Eu me lembro de estar deitada no meu berço quando era um bebê, incapaz de me mover muito bem. Lembro-me de olhar para minha mãe e chorar, tentando com muita dificuldade conversar com ela, mas os sons que eu desejava expressar não saíam da minha boca. Às vezes eu conseguia entender sobre o que meus pais estavam conversando, mas não havia maneira alguma de me comunicar com eles. Quando eu já era bem mais velha, contei aos meus pais algumas das conversas que me lembrava deles tendo. Eles ficaram chocados que eu me recordasse, pois eu era apenas um bebê à época!

Quando eu fui promovida do meu berço para uma cama, eu me mudei para o quarto de minhas irmãs. Era minúsculo e só havia espaço suficiente para duas camas de solteiro. Eu tinha de dividir uma cama com uma das minhas irmãs. Normalmente eu dormia com Janice, segurando-me a ela enquanto adormecia. Eu a segurava de modo que, se eu fosse levada da minha cama, eu perceberia, pois não conseguiria senti-la mais. Para “onde” eu seria levada, nunca soube. Era uma forte sensação que sempre estava na minha mente enquanto eu adormecia.

Minhas irmãs e eu não tivemos muitos brinquedos enquanto crescíamos: apenas uma caixa cheia e só. Nós três tínhamos que compartilhar todos os nossos brinquedos, roupas e camas; nada pertencia exclusivamente a uma de nós. Passávamos boa parte do nosso tempo brincando nos campos das fazendas, nos arbustos ao redor do rio, no leito seco do rio ou escalando árvores. Nós não tínhamos muito, então nos divertíamos brincando com as outras crianças da vizinhança.

A sensação de que eu era, de certo modo, diferente das outras pessoas, começou quando eu era criancinha e continuou ao longo da vida. Eu frequentemente olhava para as pessoas conforme elas passavam na rua e imaginava sobre o que estariam pensando. Meu jogo favorito era olhar para uma pessoa e

tentar adivinhar seus pensamentos. Às vezes, o que vinha na minha cabeça não era positivo e, quando isso acontecia, eu parava de tentar ver qualquer outra coisa sobre aquela determinada pessoa e tentava a próxima. Eu temia me meter em alguma encrenca por escutar o que elas estavam pensando, mas escutava do mesmo jeito.

Eu pensava muito a respeito dos meus pais, desde que era muito jovem. Não conseguia evitar a ideia de que, de certa forma, eu estava na família errada e que um dia quando crescesse eu descobriria a verdade: essas pessoas não eram relacionadas a mim. Eu nunca me senti completamente conectada a eles.

Quando éramos jovens, meu pai nos levava para caminhar e mostrar-nos diferentes plantas na área ao redor de nossa casa, explicando quais eram comestíveis e quais não eram. Ele falava muito sobre como nós poderíamos sobreviver vivendo da terra. Uma das minhas poucas memórias afetivas do meu pai é dele talhando flautas de madeira de árvores para nós enquanto caminhávamos ao longo do rio que corria do lado de fora da nossa casa.

Meu pai era um homem controlador, proveniente de uma rígida criação europeia. Sua ideia de família era nos criar com mão pesada em termos de disciplina. Isso fez com que nossa vida familiar fosse difícil e nos fez todos infelizes.

Meu pai era um homem que se destacava da multidão não importando onde estivesse ou o que estivesse fazendo. Quando eu era pequena, crescendo em nossa cidadezinha, parecia que todo mundo o conhecia. Deram a ele apelidos terríveis e minhas irmãs e eu éramos importunadas durante os intervalos escolares – muitas vezes, atingidas com brutalidade e empurradas enquanto nos dirigiam insultos envolvendo nosso pai.

Importunavam-nos por causa de seus ensinamentos sobre remédios de ervas e abordagem holística sobre saúde e vida. As histórias que ele nos contava na infância frequentemente giravam em torno de como cuidarmos de nós mesmas na hipótese de que o mundo, como o conhecíamos, viesse a acabar. Técnicas de sobrevivência era um foco constante; ele nos dizia que, um dia, quando todo mundo estivesse faminto, nós estaríamos aptas a nos alimentar porque sabíamos quais plantas na região eram comestíveis. Ele nos fazia colher ervas para então secá-las e fazer chás para diferentes doenças. Na época era embaraçoso e não exatamente a forma normal de se criar os filhos.

Seu conhecimento parecia não ter fim e frequentemente não fazia sentido para mim o porquê de ele estar tão determinado a nos ensinar todas aquelas

coisas estranhas. A maioria das vezes suas divagações eram direcionadas para coisas que eu era muito jovem para entender, mas ainda assim eu era forçada a ouvir e aprender.

Ele costumava apontar para as montanhas ao redor da cidade de Cranbrook explicando que se houvesse uma guerra nuclear no futuro, seria um dos locais mais seguros para se estar. Ele nos contou que se uma guerra nuclear acontecesse do outro lado do mundo, o veneno nas nuvens seguiria as correntes de ar da Terra, e nuvens nucleares teriam de derrubar a maior parte da sua radiação antes que pudessem subir alto o suficiente para atravessar as montanhas e chover sobre nós. Ele contou essa história para mim e minhas irmãs muitas vezes. Eu não sei porque ele pensava isso e não havia uma maneira de saber se suas estranhas ideias era verdade ou não. Eu não entendia o que aquilo tinha a ver comigo. Eu me perguntava o que eram correntes de ar e como ele sabia que elas nos protegeriam. Em vez de contar menos dessas histórias estranhas, enquanto eu crescia ele passou a nos contar cada vez mais.

Minha mãe era uma mulher altamente inteligente que voltou a trabalhar assim que completei três anos. A vida não era fácil para ela com meu pai constantemente gritando e criticando-a. Ela também era forçada a ouvir à suas divagações, mas nunca queria ouvi-las. Minha mãe era uma mulher forte e todos que a conheciam tinham grande respeito por ela. Ela trabalhava muito, mas sempre achava tempo para cozinhar para nós. Eu tenho maravilhosas memórias dela nos assando pães, bolos, donuts e os meus favoritos: rolinhos de canela.

Em nossa pequena comunidade meu pai era infame e a maioria das pessoas o considerava delirante. Ele sempre dizia às pessoas que ele era superior por causa dos genes dele. Ele nos disse, quando éramos crianças, que nós também tínhamos esses ‘genes especiais superiores’. Eu nunca entendi do que ele estava falando e muito menos porque ele dizia isso. Soava loucura para mim e minhas irmãs. Ele me disse especificamente que por eu ser sua filha, eu era de alguma forma superior e especial.

Quando éramos crianças nós tínhamos que nos sentar quietas enquanto meu pai falava com seus amigos por horas sobre sua vida. Ele era muito jovem quando começou a lutar no exército durante a Segunda Guerra Mundial. Ele disse que lutou por mais de um país: França, Itália e Iugoslávia. Como isso ocorreu, eu nunca soube, mas parecia ter rasgado sua alma em pedaços. Certamente isso o modificou negativamente: quando ele falava sobre a guerra era sempre com muita raiva e ressentimento.

Meu pai costumava contar uma história sobre estar nas ruas de Paris durante a guerra quando um homem se aproximou e lhe pediu que fosse trabalhar para o que meu pai chamou de “Exército Psíquico Russo”. Ele costumava dizer:

– Nunca vá com eles! O que eles pensam que eu sou? Estúpido? Se você trabalhar para eles, nunca poderá ir embora; eles te matariam, você pertence a eles. Você não pode se esconder. Não há lugar para se esconder nesse planeta; eles são alguns dos mais poderosos médiuns do mundo e eles podem te encontrar com as mentes deles. Eles não precisam de um revólver pra te matar, eles fazem isso com as próprias mentes. Nunca vá com eles! Você está entendendo?

É claro que quando ele me contou a história eu disse que entendi, embora não fosse verdade, pelo menos naquela época. Minhas irmãs recebiam o mesmo tipo de sermão, sobre aqueles ‘homens’. Nós sabíamos que nosso pai era médium porque algumas vezes ele sabia coisas que nos provavam que ele tinha habilidade de ver o futuro. Ele sempre sabia quando o telefone ia tocar e quem era antes que nós disséssemos. Ele sempre nos dizia que tinha habilidades mediúnicas. Na medida em que fomos crescendo, nós o vimos fazer pequenas coisas que nos provaram que realmente ele era médium.

Enquanto crescíamos minha mãe estava sempre ocupada trabalhando e tentando dar conta de pilhas de roupa da lavanderia que sempre pareciam encher todo nosso pequenino lar. Na época em que eu fui para o primeiro ano, meu pai tinha mudado de carreira devido a um acidente como madeireiro. Ele começou a trabalhar como pedreiro e sua nova carreira levou ele e minha mãe a decidirem construir uma casa. Para Janice, Carol e eu isso significava que pelos próximos três anos depois da escola nós tínhamos que ajudar meu pai e seus amigos com esse projeto. Nós éramos pequenas ajudantes mas trabalhávamos duro. Quando escurecia as luzes do caminhão eram ligadas em nossa direção para que nós pudéssemos assentar mais algumas camadas de tijolos antes de ir para casa.

Com frequência nós jantávamos no local da construção e algumas vezes colocávamos maçãs em cima do fogão à lenha para cozinhar. Ficávamos aquecidas no fogo enquanto maçãs comuns se tornavam um doce agrado - isso era o ponto alto do tempo que passávamos no local do nosso novo lar.

Em 1976 nós finalmente nos mudamos para nossa nova casa, com 4 quartos, espaçosa, e de dois níveis. Ainda havia muito trabalho a se fazer, mas foi como se nós tivéssemos nos mudado para uma mansão. No início eu tive que dividir o quarto com minha irmã Carol, porque nós só tínhamos duas camas, mas não demorou muito até eu ter a minha própria cama. Depois de dividir uma cama

com uma de minhas irmãs por toda a minha vida, já era estranho ter meu próprio quarto, que se dirá minha própria cama.

Praticamente desde o início, minha família sentia que havia uma presença na casa conosco. Nenhum de nós sabia o que ou quem era. Minhas irmãs e eu nunca queríamos ir ao porão sozinhas porque nós podíamos sentir a presença de alguma coisa lá embaixo. Nós costumávamos conversar sobre a sensação que nós todas tínhamos e nos perguntávamos se havíamos construído nossa casa sobre algum antigo cemitério sem saber.

Pelos anos seguintes, quase todo mundo que viria à nossa casa teria alguma espécie de experiência paranormal com essa entidade. Com frequência minha família era mantida acordada a noite inteira pelos sons de arrastamento e batidas na casa e nas escadas. Era horrível e incomodava a todos em nossa casa.

Havia ocasiões em que a entidade se tornava excepcionalmente má. Em um desses casos um amigo do meu pai estava ficando conosco, usando o porão como quarto. Ao que parece ele estava deitado no quarto quando de repente uma bola pequena que havia lá começou a pular, se movendo de forma tão rápida e pesada que batia do teto ao chão e de volta, vezes e vezes repetidamente. Nada no quarto se movia além da bola e ele não havia sequer encostado nela.

Eu não estava em casa quando isso aconteceu, minha família me contou. Eles disseram que ele subiu as escadas correndo apavorado. Ele foi embora de nossa casa e disse que não voltaria nem para pegar os seus pertences. Nós tivemos que embalar e enviar para ele porque ele se recusou a chegar perto de nossa casa novamente.

A entidade costumava manter minha família acordada a noite inteira com seus barulhos. Algumas vezes isso acontecia por dias seguidos sem trégua. O estranho era que eu nunca vi ou ouvi nada embora eu sempre pudesse sentir a energia negativa no porão. Era como se aquilo soubesse que não deveria mexer comigo. Geralmente as coisas piores aconteciam quando eu não estava em casa, e eu ficaria sabendo depois, pelos outros.

Foi quando minhas habilidades psíquicas começaram a despertar. Algumas vezes eu deitava na cama à noite e tinha uma conversa com essa energia negativa; quando ela começava a promover esses longos períodos de não deixar minha família dormir. Eu fazia um pequeno ritual para nos proteger dela.

“Querido Deus”, eu diria, “Por favor, proteja a mim e a minha família de quem quer que seja ou de qualquer coisa que more no porão. Pela Lei Universal

você não tem permissão para incomodar alguém que tem menos poder do que você. Então antes de ir se meter com qualquer um essa noite, você terá de passar por mim. Amém.”

No dia seguinte eu perguntava para minha família como eles haviam passado a noite, e alegremente eles me respondiam que essa tinha sido a primeira noite que eles tinham conseguido dormir em muitos dias, algumas vezes em semanas, e relatavam não ter ouvido ou visto nada durante a noite. Eu nunca lhes contei sobre a minha prece de proteção.

Sempre que eu acordasse à noite depois dessas preces eu me lembrava de estar de pé no porão com chamas vermelhas à minha frente que engolfavam o outro lado do aposento. Eu me via de pé com os olhos fixos nas chamas, repetindo a oração incessantemente, impedindo a energia da entidade de passar por mim. Às vezes eu fazia esse ritual por dias seguidos, embora me desgastasse bastante.

A entidade permaneceu em nosso lar até que eu fosse muito mais velha – 23 anos – quando então eu fiz um ritual para que ela partisse. Mais uma vez eu não contei para minha família o que eu havia feito. Quando eu perguntei à Janice se a energia ainda se fazia presente, ela me contou com alegria que parecia ter ido embora e não incomodava mais ninguém. Só depois que ela me contou isso que eu falei sobre tudo o que eu havia feito para nossa família e nosso lar.

Quanto mais velha eu ficava, mais essas habilidades vinham à tona. Geralmente eu não compreendia bem como funcionavam – apenas que dava certo. Quando eu estava no quinto ano, minha amiga Trish e eu estávamos sentadas no ginásio para uma assembleia escolar. Como sempre nós estávamos conversando sem prestar atenção. Ela me mostrou suas mãos e me falou como ela as embaraçavam. Eu não podia culpa-la: elas realmente eram feias. Pequenas verrugas cobriam ambas as suas mãos, das pontas dos dedos até os pulsos.

Trish me disse que tinha tentado de tudo para se livrar delas, mas nada funcionava; então eu disse para ela não se preocupar porque eu iria tirar aquilo dela. Claro que ela se perguntou do que eu estava falando. Eu respondi: “Tudo que eu preciso fazer é segurar suas mãos por um minuto e elas irão embora”. Ela duvidava que funcionaria mas eu a convenci a me deixar tentar.

E lá estava eu, no meio da assembleia escolar, segurando as mãos da Trish. Eu fechei meus olhos e imaginei as verrugas se dissolvendo e as mãos se tornando macias e limpas. Um minuto depois eu abri meus olhos e dei risada. Ela me perguntou o que eu tinha feito porque ela pôde sentir suas mãos formigarem enquanto

eu as segurava. Com um sorriso no rosto eu lhe disse que suas verrugas teriam desaparecido em cerca de uma semana. Eu sabia que ela não acreditava em mim, mas também sabia que em quinze dias ela estaria chocada com os resultados.

Duas semanas depois Trish me encontrou no corredor da escola e me mostrou suas mãos euforicamente: elas não estavam mais cobertas de verrugas. O médico tinha dito a elas que algumas vezes elas desaparecem subitamente – ela não queria acreditar que haviam sido as minhas mãos que tiraram suas verrugas, mas eu sabia que tinha sido minha energia que a havia curado! Mas eu não a pressionei; se uma pessoa não quer acreditar no sobrenatural, ela não vai acreditar, não importa o que você diga ou faça.

Por volta dos meus 12 anos, a situação com meu pai, devido a sua rigidez, não era mais aceitável, e eu saí de casa para ir viver na assistência social. Nos anos seguintes eu pulei de lares adotivos para casas de grupo, algumas vezes fugindo para ficar com amigos. Foi um tempo muito difícil em minha vida.

Os anos seguintes foram como um redemoinho de vento de desastre após desastre para mim. Drogas e álcool se tornaram parte do meu jeito de lidar com o stress da minha vida familiar. Graças a Deus essa fase só durou um ano; não levou muito para eu perceber que aquele não era o jeito que eu queria viver a minha vida.

Quando eu estava com 13 anos eu tinha muito poucos amigos. Devido a minha vida familiar e minhas estranhas habilidades eu não ficava confortável com muitas pessoas, entretanto eu compartilhei meus dons especiais com duas de minhas amigas: Darlene e Nicole. Numa noite em particular, Darlene e eu estávamos muito preocupadas com Nicole; ninguém a tinha visto por dois dias e Darlene me perguntou se eu poderia utilizar minhas habilidades especiais para encontrá-la.

Incerta como ou mesmo “se” meu dom iria funcionar, eu relutantemente decidi tentar. Eu me deitei na cama de Darlene e me concentrei no rosto de Nicole. No princípio eu só vi escuridão, mas no momento seguinte eu vi claramente um velho carro azul viajando na rodovia em direção a uma cidade próxima. Eu soube disso porque eu vi uma placa ao lado da rodovia. Era como se eu estivesse sentada no banco de trás do carro como passageira. Eu conseguia ver Nicole no banco de passageiros da frente rindo enquanto um homem mais velho – que eu não reconheci – dirigia.

Quando eu abri meus olhos, contei a Darlene tudo o que vi, incluindo a descrição do homem. Ela também não sabia quem ele era, e me perguntou se ela

estava bem junto com ele. Eu a assegurei de que ela estava bem e que ela estaria de volta em cerca de dois dias sã e salva. Eu sabia disso porque eles falaram sobre quando estariam de volta enquanto eu os observava.

Nós esperamos ter notícias de Nicole – não apenas para saber se ela estava OK, mas também porque ambas queríamos saber se minha visão estava correta ou não. Três dias depois, na escola, nós vimos Nicole descendo o corredor em nossa direção sorrindo, ela disse olá. Sem hesitar, Darlene começou a fazer todas as perguntas para as quais nós queríamos respostas: onde ela estava nos últimos dias, com quem ela estava e por que ela não nos avisou que estava bem.

Nicole não achou graça no nosso interrogatório, entretanto confirmou que esteve em Kimberly, uma cidade próxima, com um homem que dirigia um carro azul. Então nós lhe contamos porque estávamos lhe fazendo todas aquelas perguntas. Nós três ficamos surpresas com toda precisão, e concordamos que era muito estranho que eu tivesse visto tudo com tanta clareza.

No ano seguinte muitos mais incidentes aconteceram que foram tão detalhados e acurados quanto os da noite com Nicole. Algumas vezes eu contava minhas visões, e algumas não. Algumas vezes eu tentava ver o futuro, em outras eu tinha sonhos ou visões que simplesmente apareciam em minha mente. Não importando como a informação chegava, eu descobria que era acurada.

Quando 1979 chegou, eu não me achava mais diferente – eu sabia que era. Meus dons estavam se tornando tão naturais quanto respirar. Eu comecei a sentir que se eu não tivesse o dom da visão eu não me sentiria inteira. De certa forma era como uma maldição ver eventos como uma morte ou um acidente, especialmente quando envolvia um amigo. Embora eu não percebesse na época, foi através de todas essas experiências que eu estava aprendendo sobre meus dons assim como sobre quem eu era.

Em 1980, aos 14 anos, eu estava morando em casa pela primeira vez depois de quase dois anos. Dois meses depois meu pai decidiu ter um de seus acessos de fúria. Eu rapidamente decidi partir em vez de brigar com ele, e saí para uma caminhada na chuva. Estava escuro e as árvores não tinham mais folhas. Eu me lembro de pensar quão sombrio tudo parecia, a chuva pesada me encharcando enquanto eu caminhava pelas ruas sozinha.

Alguma coisa dentro de mim me fez parar na calçada e olhar direto para cima. Enquanto eu fazia isso, eu agradecia pela minha vida e por tudo que eu tinha. Um dia eu vou ajudar muitas pessoas, é para isso que eu estou aqui e tudo

isso vai valer a pena no fim. Porque eu estava pensando isso não era claro, mas foi um momento forte e impactante em minha vida. Horas depois, com frio e cansada, eu fiz meu caminho de volta para casa.

Eu logo percebi que não era mais possível para mim viver com meus pais, então tomei a decisão de ir embora permanentemente. Não havia vida para mim dentro das paredes da casa do meu pai. Foi uma decisão que mudou tudo – tanto na época quanto para o meu futuro.

Infelizmente não havia muitas opções para mim. Tendo só 14 anos era difícil para eu encontrar trabalho. Meu pai tinha criado problemas para si mesmo assim como para mim junto às pessoas do Serviço Social, e por consequência elas decidiram que não me dariam um lugar para viver. Elas tinham medo dele, e como ele me queria em casa, eles não me colocaram sob seus cuidados protetores.

As poucas decisões seguintes que tomei foram baseadas em sobrevivência. Não havia jeito de convencer os Serviços Sociais a me darem um lar adotivo para viver, então minhas opções eram limitadas. Embora eu fosse jovem, eu entendi que se eu voltasse para casa, para o meu pai, um de nós não iria sobreviver. Minha mente era clara e forte no sentido de que eu não permitiria mais a ele me maltratar.

Apenas três dias depois do meu aniversário de 14 anos eu só contava oficialmente comigo mesma, e a decisão de me mudar com meu namorado Darren, não foi fácil. Ele era seis anos mais velho do que eu, então eu sabia que ele poderia cuidar de mim. Eu sabia que viver com ele era o meu jeito de sair do inferno que eu vivia com o meu pai.

Minha educação não era mais uma opção viável, pois a escola que eu frequentava me comunicou que se eu não estivesse em um lar ou numa casa de grupo, eu não poderia frequentar a escola. Eu estava magoada e triste por não ter permissão para frequentar o colégio por causa da minha idade. A realidade da minha situação era inegável e eu sabia que a decisão que havia tomado, de sair de casa, iria me atirar em uma vida difícil: não-educação equivale a não-bons-empregos e não-dinheiro. Eu tomei essa decisão com meus olhos bem abertos.

Durante os próximos quatro anos Darren e eu moramos juntos. Eu contei para ele sobre minhas habilidades psíquicas, mas ele não tinha interesse em falar sobre isso. Algumas vezes eu passava as mãos sobre as costas de Darren como se as estivesse tocando, mas elas estavam a pelo menos cinco centímetros de distância da sua pele. Eu fazia cócegas enquanto minhas mãos escaneavam o corpo dele, embora eu não estivesse de fato tocando-o fisicamente. Eu sabia que

se ele descobrisse o que eu estava fazendo ele não iria querer que eu fizesse mais. Eu praticava o uso da minha energia com ele para me ajudar a ganhar controle sobre ela.

Minhas visões e sonhos não acabaram durante esse período. Houve muitos incidentes mediúnicos durante aqueles anos sobre os quais eu geralmente conversava com minha irmã mais velha, Janice. Ela não podia me oferecer nenhum conselho, mas sempre me apoiava com o meu dom.

Um dia eu acordei de um sono profundo muito chateada. Eu tinha tido uma visão extremamente clara de um acidente de avião. Foi horrível! Eu podia ver as pessoas em seus assentos, o avião decolando, o céu, a pista e muitos outros detalhes. Eu vi o acidente e centenas de pessoas mortas. Eu contei para Janice. Ela me perguntou qual companhia aérea era, mas eu não pude ver o nome. Ela me encorajou a olhar para a visão novamente para descobrir mais detalhes sobre o evento. Infelizmente eu não consegui ver mais nada. Eu me sentia desamparada com a visão e não entendia porque haviam me mostrado o acidente se eu não poderia mudá-lo.

Três dias depois o noticiário relatou um acidente de avião envolvendo mais de duzentas pessoas que caiu sem sobreviventes. Eu fiquei um longo tempo chateada com essas notícias perturbadoras. Eu não conseguia entender qual o propósito da visão.

Houve muitos acidentes ao longo dos anos sobre os quais eu tive visões detalhadas e que foram muito difíceis de lidar com as informações. Eu estava ainda apenas aprendendo sobre meu dom. O conhecimento que vinha para mim era como ir à escola. Vagarosamente, passo a passo, eu vim a aceitar que eu era diferente da maioria das pessoas que eu conhecia. Cada visão me dava um entendimento mais claro sobre mim mesma assim como sobre meu dom.

Uma vez eu tive uma visão de minha irmã Carol dirigindo numa rua colina abaixo. Era inverno e eu pude ver que ela bateu no gelo negro, perdeu o controle e saiu fora da pista. Eu a avisei da visão e como resultado ela dirigiu bem devagar na colina voltando para casa da escola naquele dia. Ela derrapou num trecho de gelo negro mas por estar dirigindo muito devagar, ela não saiu da pista e manteve o carro sob controle.

Em uma outra ocasião, minha amiga Nicole me apresentou seu novo namorado. No dia seguinte eu o vi claramente do outro lado da rodovia; seu carro parado. Então eu vi sangue em seu rosto. Ele tinha sido atirado do carro e

estava puxando a si mesmo para a Estrada, tentando sair da vala. Não haviam outros carros envolvidos no acidente. Neste caso eu não consegui encontrá-lo nem à Nicole para contar sobre minha visão. Qual o propósito de eu ver isto, se não puder ajudar? No dia seguinte eu descobri que o evento havia mesmo ocorrido e que ele não estava machucado seriamente.

Meu relacionamento com Darren finalmente chegou ao fim quando eu estava perto de me tornar maior de idade. No ano anterior eu tinha pegado três empregos e estava conseguindo um bom salário para mim. Como o arranjo com Darren tinha sido feito sob circunstâncias extremas, eu estava mais do que pronta para abandonar a situação.

A adaptação à vida de solteira foi emocionante. Eu morei sozinha por algum tempo e então encontrei uma colega de quarto; seu nome era Sally. Nós tínhamos a mesma idade e ela também vinha de uma vida familiar difícil. Uma amizade em comum nos apresentou e não demorou para que logo nos tornássemos melhores amigas. Nós moramos juntas por quase um ano até ela se mudar com seu namorado Stewart para Vancouver.

Pouco tempo depois do meu aniversário de 19 anos, eu comecei a sair com meus amigos. Eu estava me divertido muito depois de anos de isolamento. Eu me sentia uma pessoa completamente nova. Era a primeira vez que eu estava provando o gosto de estar realmente viva – livre de minha família e de Darren.

Pelos próximos meses muitos incidentes aconteceram que novamente trouxeram meus dons à superfície. Por essa época Janice veio viver comigo pois a situação em casa se tornou insuportável para ela, e cerca de quinze dias depois ela foi ao casamento de uma amiga. Quando a recepção terminou, ela perguntou a dois parentes da noiva se eles gostariam de vir até nossa casa tomar mais alguns drinks.

Eu não fiquei muito contente de ver minha irmã tão tarde com dois totais estranhos em minha casa, mas não quis ser rude com os dois irmãos. Janice sentou em um sofá com um dos irmãos e eu me sentei com o outro, e mantivemos conversas separadas até que horas depois, para nossa surpresa, todos nós começamos a sem perceber falar sobre a mesma coisa: eu! Eu contei aos irmãos que tinha habilidades psíquicas. Depois de um pouco de zombaria da parte dos três, eu comecei a ler um dos irmãos. Antes de começar eu perguntei a ele se era o que ele queria, e se ele me permitia ver sobre sua vida com meus dons de percepção extrassensoriais. Assim que ele concordou eu comecei a dar detalhes íntimos da sua vida. Eu falei sobre a casa em que ele vivia e descrevi um quarto

no qual ele passava a maior parte do tempo com riqueza de detalhes. Eu fiz isso apenas olhando em seus olhos, nada mais.

Eu fui tão acurada nos mínimos detalhes que ele tentou se desvencilhar de mim dizendo que eu estava completamente errada. Mesmo depois de ele dizer isso eu continuei a descrever detalhes da sua vida particular. Depois de mais dois minutos ele pulou, disse que ia embora e me mandou parar. Ele gritava para o irmão ir com ele imediatamente. Era óbvio para mim que eu tinha acertado e isto o estava assustando. Não era minha intenção assustá-lo, mas não havia o que eu pudesse dizer para acalmá-lo naquela hora.

No dia seguinte Janice foi para a casa da amiga dela, para uma pequena reunião de convidados e familiares do casamento do dia anterior. Lá o irmão para quem eu tinha feito a leitura, disse a ela que eu o havia assustado incrivelmente. Ele disse que eu havia sido tão precisa que ele tinha tentado negar tudo dizendo que eu estava errada. Quando eu continuei a dizer coisas que eu não poderia saber com tantos detalhes, ele ficou apavorado e quis ir embora. Janice garantiu a ele que eu não estava mais fazendo leituras sobre a vida dele como havia feito na noite passada.

Era óbvio que eu tinha o dom natural da visão. Minha leitura sobre a vida do irmão foi a primeira vez que eu havia sido tão detalhada e precisa fazendo um esforço consciente para usar minhas habilidades psíquicas. De certa forma isso também me assustou porque naquele ponto eu não tinha pleno controle sobre isso. Por alguma razão, eu não conseguia fechar o canal, depois de haver dado início, e por dias eu não conseguia olhar para ninguém nos olhos sem ver flashes de suas vidas particulares. Foram alguns dias difíceis.

Sem familiaridade com essa nova porta de acesso aberta, eu fui até minha amiga Anna, a única pessoa que eu achava que poderia ter algum entendimento sobre o que estava acontecendo comigo. Quando fui a casa dela expliquei o que havia se passado nos eventos dos dois dias anteriores, e ela me pediu para fechar a porta que eu tinha aberto. Ela foi até o armário da sua cozinha e pegou um baralho de cartas e começou a me testar, puxando uma carta e perguntando qual era. Depois de eu ter errado cerca de oito cartas, de repente Anna olhou para mim em choque e disse: “Miriam, você não está adivinhando a carta na minha mão, você está me dizendo qual é a próxima que está no topo do baralho. Você não errou todas; você acertou todas!”

Quando Anna me disse isso meu coração pulou uma batida, porque eu percebi que ela estava com a razão! Depois de conversar com ela por cerca

de duas horas, ela me disse tudo o que podia sobre o que estava acontecendo comigo. Mesmo com seu conhecimento limitado na época, foi o suficiente para eu conseguir fechar o portal que havia sido aberto. Eu estava aliviada de poder olhar para as pessoas novamente sem receber flashes de imagens das suas vidas pessoais.

Dois meses depois dessa experiência psíquica marcante, a vida em Cranbrook adquiriu novos desafios. Problemas na casa dos meus pais fizeram minha vida mudar novamente, e minha segunda irmã, Carol, veio morar comigo. Com minhas duas irmãs em casa eu estava começando a me sentir pressionada. Com tudo que estava acontecendo ao meu redor, eu tomei a decisão de ir visitar um amigo em Vancouver.

Em 03 de setembro de 1985 eu deixei Cranbrook com uma mala emprestada e um novo foco: começar a viver minha vida por mim mesma e por mais ninguém. Eu cheguei à cidade grande assustada e em espanto. No meu primeiro dia em Vancouver eu saí do apartamento do meu amigo para dar uma volta e me perdi. Eu estava apavorada ao caminhar por todas aquelas pessoas e prédios nesse estranho lugar novo e sentimentos que me inundavam me davam uma estranha sensação de empoderamento. Era uma nova sensação de liberdade que eu nunca havia experimentado antes. E eu gostava!

Três dias depois de chegar à cidade grande eu liguei para minhas irmãs e contei que eu não ia voltar, e que elas podiam ficar no meu apartamento se elas quisessem. Quanto às minhas coisas, elas podiam vender ou ficar, eu não queria nada da vida que tinha deixado para trás. Pelos próximos três anos eu morei na área de Vancouver, mudando frequentemente e tentando encontrar meu lugar no mundo. Era estranhamente libertador estar tão isolada do familiar. De alguma forma estar rodeada de estranhos dá à pessoa coragem para ser quem ela é por dentro, então as pessoas conseguem ver quem você realmente é por fora.

# A Estrada (1988)

Era 1988 e eu tinha 22 anos, tendo vivido em Vancouver desde os 19, quando deixei minha cidadezinha de Cranbrook. Eu ainda era relativamente nova na cidade e como outras pessoas da minha idade eu saía bastante, aproveitando a vida noturna de Vancouver. Assim que cheguei eu só conhecia duas pessoas na cidade, o que mudou na medida do tempo em que mais amigos meus acabaram se mudando para Vancouver também. Eu morava com meu namorado, e embora as coisas não estivessem tão bem quanto eu gostaria, alguma coisa me impedia de terminar, mas apesar disso eu estava tendo uma época muito boa explorando meu novo lar e tentando também saber quem eu era... Pelo menos era o que eu achava.

Num dia do começo do outono eu estava em casa sozinha e me deitei no sofá para tirar um cochilo, e imediatamente me senti viajando através de um túnel. Era como se eu estivesse sendo puxada. Eu estava olhando para as estrelas ao meu redor, só que elas eram pelo menos três vezes a quantia de estrelas que eu poderia enxergar no céu à noite. Quando olhei à minha frente, parecia que eu estava viajando por um túnel numa velocidade incrível. Por nunca ter visto nada assim antes, eu estava bem calma e intrigada por todo o processo.

No final do túnel eu parei e então me sentei para conversar com um homem e uma mulher. Ambos usavam longos robes brancos que cobriam seus pés e a mulher era linda. A sua pele era como a de uma boneca de porcelana e ela tinha longos cabelos louros. O homem tinha cabelos escuros que iam até a altura dos ombros. Ambos tinham cativantes olhos azuis. Parecia que nós estávamos sentados no meio do universo, as estrelas pareciam estar ao nosso redor. Enquanto eu estava com eles, tudo parecia real e não como se fosse um sonho.

Eu acordei 20 minutos depois dessa estranha conversa, me sentei e quase roboticamente comecei a arrumar as minhas coisas para partir. Liguei para minha amiga Sally e perguntei se eu poderia ficar com ela e o namorado dela. Quase que imediatamente ela e Stewart chegaram e me ajudaram a me mudar para a casa deles. Apesar da minha rápida partida, eu não conseguia esquecer o encontro com os dois seres no túnel; não compreendia o que havia acontecido mais cedo e as cenas continuavam na minha cabeça. Eu tinha a sensação de que o nosso encontro era muito importante para mim, mas não conseguia me lembrar do que o homem e a mulher tinham dito.

Depois de ficar com Sally por cerca de uma semana, ela me perguntou se eu queria ir para Cranbrook com ela e o namorado. Nós iríamos e voltaríamos dirigindo, então não sairia muito caro para visitarmos nossos amigos e familiares. Como eu não estava trabalhando, disse que iria com eles. Nós já tínhamos feito essa viagem algumas vezes, então nós sabíamos que levaria cerca de 13 horas. O único ponto negativo era que Stewart teria de dirigir sozinho todo o tempo, porque nem Sally nem eu tínhamos nossas carteiras de habilitação.

Nós partimos de Vancouver na semana seguinte. Como de costume, logo após Osoyoos, Stewart estava cansado demais para continuar dirigindo, então nós encostamos por três horas enquanto ele dormia. Treze horas após deixar Vancouver nós chegamos a Cranbrook sãos e salvos. Sally e Stewart me deixaram na casa de um amigo e disseram que entrariam em contato para me avisar quando estariam voltando para Vancouver. Eu passei a semana visitando meus amigos e família.

Achei que minha amiga Anna talvez tivesse uma explicação para os dois seres que eu tinha encontrado no túnel. Ela era muito espiritual e às vezes tinha explicações para coisas que eu não entendia. Para começo de conversa, por que eu tinha visto aqueles seres? Eles queriam que eu deixasse meu namorado por alguma razão? Afinal o jeito como eu o deixei foi bem esquisito pela forma inesperada. Talvez eles soubessem de alguma coisa que eu desconhecia e estivessem olhando por mim. Essa foi a explicação de Anna. Talvez eles fossem o que ela chamava de “espíritos guias”. Aquilo parecia uma explicação razoável, uma vez que eu sempre acreditara que anjos tomavam conta das pessoas.

A semana voou e a sexta à noite chegou rapidamente. Era minha última noite na cidade e eu saí para me divertir antes de voltar para Vancouver. Eu queria ficar bêbada e festejar com meus amigos. Essa decisão me conduziu a uma miserável manhã de sábado.

Sentindo-me doente e cansada eu arrastei meu corpo exaurido até o carro naquela manhã e me preparei para uma longa viagem de volta a Vancouver. A irmã de Sally, Heather, e o filho dela de 4 anos decidiram vir conosco, o que significava que teríamos uma motorista extra, então não levaria tanto tempo como de costume para chegarmos em casa.

A jornada de volta para Vancouver começou sem maiores acontecimentos e bem maçante. Eu estava feliz por poder sentar no banco de trás e dormir, já que eu estava ainda pagando pelas consequências da noitada anterior. Nós fizemos as paradas habituais para encher o tanque, tomar café e comer; nenhum de nós

queria que a viagem fosse mais longa do que o estritamente necessário, então as paradas eram breves, e sempre que possível nós levávamos o que tínhamos comprado para comer no carro, ao invés de sentar e perder tempo comendo.

Depois do jantar, o filho de Heather estava profundamente adormecido entre nós duas no banco de trás. O dia se tornou noite e eu estava finalmente começando a me sentir eu mesma. O barulho do motor do carro me mantinha entre acordada e dormindo. A noite trouxe as estrelas que começaram a se mostrar. Eu estava quase adormecendo quando – bum! Exatamente como havia acontecido semanas antes, eu estava sendo puxada através de um túnel. Ao final dele eu me sentei e conversei com o mesmo homem e a mesma mulher da última vez. Quando eu acordei, sentia-me abalada, não apenas pela experiência, mas pelo o que eu me lembrava deles dizendo. Eles disseram: “Não tenha medo. Nós somos seus amigos, nós somos sua família. Você escolheu estar aqui neste momento. Logo estaremos chegando até você. Não tenha medo”.

Quando que acordei desse sonho claro e estranho, eu estava tomada de surpresa. Eu comecei a pensar sobre a última vez que os tinha visto no sonho do sofá e me questionava o que eles queriam dizer com aquilo tudo. Eu quis contar para Sally, mas o que eu diria? Eu olhei para fora da janela atentamente, para as estrelas. Eu continuava ouvindo as palavras ecoando em minha mente repetidamente. “Logo estaremos chegando até você”. Como, por que e quando eles estavam chegando – nada do que eles disseram fazia qualquer sentido.

Stewart estava dirigindo e conversando com Sally, que estava no assento do passageiro. Depois de um curto tempo ele pediu a Heather para assumir o volante para que ele pudesse descansar um pouco. Isso significava que eu agora seria a copiloto e me sentei no banco da frente para fazer companhia a Heather.

Nós não tínhamos toca-fitas no carro, então ouvíamos o rádio. O sinal entrava e saía, por isso deixávamos em volume baixo, baixando quando perdíamos o sinal e aumentando quando havia música. Dirigimos por um curto tempo conversando. Como sempre eu observava as belas estrelas.

Havia cada vez menos carros na estrada na medida em que atravessávamos a noite, que se tornava mais escura e solitária. Nós começamos a dirigir numa inclinação onde havia uma pista de passagem. Foi neste momento que tudo mudou.

Tanto eu como Heather notamos as luzes atrás de nós que estavam fechando a distância entre os dois carros bem rapidamente. Eu comentei que com certeza

eles nos ultrapassariam devido à velocidade. As luzes eram estranhas: grandes e redondas, similares às dos caminhões containers mas tão brilhantes que eu não conseguia enxergar o veículo. Eles não nos ultrapassaram; ficaram exatamente à nossa cola durante todo o trecho da inclinação. As luzes dos carros se apinhavam na colina na direção oposta; naquele momento as luzes atrás de nós desapareceram na escuridão.

Pelas próximas duas horas essas luzes apareceram e desapareceram. A cada vez que elas apareciam, uma estranha rádio podia ser ouvida, aparentemente sendo transmitida de algum lugar ao sudoeste dos Estados Unidos. Era mais do que um pouco estranho, e Heather e eu conversamos a respeito disso. Cada vez que as luzes apareciam, elas nos alcançavam muito rapidamente, mas nunca nos ultrapassavam. Se um carro vinha em nossa direção ou se entrávamos em alguma cidadezinha, elas simplesmente desapareciam, para reaparecer depois num piscar de olhos. Nós começamos a ficar assustadas e nos perguntávamos por que eles estavam nos seguindo de tão perto sem nunca ultrapassar.

Heather e eu estávamos completamente apavoradas com a coisa toda. As luzes estavam atrás de nós novamente e não entendíamos porque não ultrapassavam se não havia ninguém mais ao redor. Eu sabia que a rodovia seguia direto por dentro da próxima cidade para a qual estávamos nos dirigindo, e era uma boa distância de uma ponta a outra da cidade. Eu disse a Heather para dirigir o mais rápido possível que ela pudesse para que nós pudéssemos nos afastar ao máximo das estranhas luzes. Assim que fizemos a curva para fora da cidade, elas não estavam em nenhum lugar onde pudessem ser vistas. “Ok”, eu disse, “não tem como eles nos alcançarem agora!”. Nenhum carro dirigindo na velocidade permitida pela rodovia daquela cidade poderia nos alcançar.

Como eu estava errada!

No minuto em que ficamos fora das vistas da cidade, pronto, as luzes reapareceram. Nem Heather nem eu notamos elas se aproximarem – de repente elas simplesmente estavam lá. “De onde elas vieram?” nós duas gritamos. Eu berrei: “Não tinha como elas nos alcançarem!” Novamente a estranha estação de rádio sintonizou e nós entramos em pânico. Heather gritou para que eu prestasse atenção nas luzes e então, puf, elas desapareceram novamente. Eu olhei para o espelho retrovisor do carro e pisquei, elas estavam lá novamente! Eu me virei para observá-las e disse a Heather que eu não tiraria meus olhos delas. Então eu pisquei, e lá se foram elas embora! Atrás de nós somente a escuridão. “Eu não as vi desaparecerem”, gritei.

– Você as está vendo, Miriam? – perguntou Heather.

– Não! – eu berrei.

Ambas procuramos por elas para descobrir de onde vinham e para onde tinham ido. Finalmente Heather disse:

– Talvez seja um UFO!

Então eu fiquei muito assustada! As luzes continuaram a aparecer e a desaparecer mais rapidamente. Elas não estavam mais desaparecendo na escuridão; era como se elas estivessem acendendo e apagando como um interruptor de luz.

Do nada eu disse para Heather:

– Encoste o carro!

– Não – ela disse – Você não sabe quem eles são! Eles podem ser assassinos que vão nos picar e colocar num caminhão. Eu não vou encostar!

Eu gritei com ela novamente:

– Encosta a droga do carro agora... Não são vocês que eles querem, sou eu!

Pensei: “Por que eu disse aquilo?” Busquei o volante com a minha mão esquerda, mas naquele momento a cabeça de Heather inclinou-se para o lado, como se ela estivesse num transe, enquanto ela encostava o carro ao lado da estrada. Subitamente fomos engolfados por uma luz branca brilhante. Olhei para trás para o banco traseiro e vi Stewart, Sally e o filho de Heather todos adormecidos como se estivessem em um sono induzido por drogas.

Minha mente deu um branco enquanto eu observava a luz preencher cada canto da minha visão. De onde estaria vindo? Sentada no banco da frente eu me perguntava o que estava acontecendo. Todos pareciam estátuas. Nosso carro estava completamente parado no acostamento. Eu olhei para trás do carro e vi que as grandes bolas de luz estavam lá novamente. Quando me virei para olhar para a frente do carro, encontrei minha resposta. Um artefato muito brilhante em forma de disco estava na estrada. Eu podia ver que uma entrada para o objeto estava aberta, e seres saíam por ali em direção ao carro. Meu coração começou a bater muito forte; eu achei que iria morrer bem ali.

“Não tenha medo”, eu continuava ouvindo em minha cabeça. “Não tenha medo. Saia do carro”. Eu alcancei a maçaneta e abri a porta do carro devagar. Era como se eu me observasse; eu não tinha controle. Por que eu estava saindo do carro? Era como se eu estivesse de pé ao lado de mim mesma observando o que estava fazendo enquanto meu cérebro não conseguia se comunicar com meu corpo. Perdi todo o livre-arbítrio. Estava frio do lado de fora do carro e havia névoa no ar. O UFO à minha frente emanava calor. Eu fiquei de pé parada, esperando, enquanto seis deles vinham em minha direção. Eles pareciam pequenos, quase infantis, com grandes e redondos olhos negros.

“Fique calma. Nós não vamos machucá-la”, eu continuava a ouvir, mas não via nenhum deles falarem comigo. Depois de um instante, dois deles vieram até mim e disseram que eu fechasse a porta do carro e fosse com eles. Eles me levaram pela mão. Eu me sentia em transe olhando para os grandes olhos escuros deles. As mãos eram levemente frias ao toque e eu me lembro de pensar: “Para onde eles estão me levando?” Por alguma razão eu não estava falando com eles verbalmente. Parecia que quando falávamos era por alguma espécie de telepatia. Eles me conduziram à esquerda e quando olhei para cima, vi outra nave, maior do que a que estava parada na estrada. Na entrada da nave eu os vi: dois seres altos com cabelos louros e brilhantes e grandes olhos azuis.

De uma forma um tanto rude eu perguntei:

“O que vocês estão fazendo aqui? Vocês não podem me deixar em paz?”

Então perguntei a mim mesma: “Que diabos eu estou falando?” Na medida em que me aproximava da entrada, os pequenos seres largaram minha mão e eu simplesmente caminhei para dentro da nave. Eu sabia que aquela não era a primeira vez que havia me encontrado com os Louros Altos, mas como e quando isso havia acontecido era confuso para mim naquele momento.

O que aconteceu nas próximas horas me colocou numa jornada de uma vida inteira para encontrar a verdade, a paz, a aceitação e a compreensão dessa experiência. Parte do tempo que eu passei com eles permaneceu claro em minha mente desde aquele momento. Outras partes levaram semanas, meses e até anos para entrar em foco mais claro. Os eventos que ocorreram, assim como o que me foi dito e mostrado dentro da nave naquele fatídico dia, acabaram por retornar à minha consciência.

Meu tempo com eles chegou ao fim e a nave aterrissou para que eu pudesse voltar ao carro. Eu não tinha ideia de quanto tempo tinha estado fora, e meus

pensamentos se voltaram para os meus amigos. Fui conduzida até o carro pelos seres baixos e me disseram para tirar meus sapatos e coloca-los no banco traseiro. “Nós não queremos que você se lembre de que saiu do carro ainda, e seus pés estão molhados” eles me disseram. Então, da mesma forma que antes, quase num estado hipnótico, eu fiz o que me mandaram. A porta do carro se fechou e eu fiquei sentada observando os seres pequenos voltarem para a nave.

Com um flash, ela se elevou reto para cima e rapidamente desapareceu. Assim que partiram, minha mente se libertou e meus pensamentos voltaram a ser meus novamente; eles não estavam mais compartilhando o espaço dentro da minha cabeça.

No segundo em quem o objeto e as bolas de luz desapareceram, todo mundo no carro começou a se mexer.

A conversa era muito normal para uma noite tão estranha. Stewart perguntou:

– Por que nós paramos? Você quer que eu dirija novamente?

– Sim – disse Heather, se mexendo no banco. Que horas são? – ela perguntou, mas ninguém respondeu. Nós trocamos nossos assentos dentro do carro. Stewart reclamou por Heather ter desligado o carro e ter ficado tão frio. Eu pulei para o banco de trás e a conversa voltou às estranhas luzes que tinham nos seguido por horas. Heather começou a falar sobre a rádio que sintonizava uma estação estranha. Sally disse que também havia notado o rádio entrando e saindo de frequência por muito tempo e que também tinha visto as estranhas luzes, e que ela também havia achado muito estranho. Eu perguntei a Sally por que ela não falou nada sobre as luzes quando trocamos de motorista. Nem ela nem Stewart responderam. O carro estava parado, então Stewart o ligou. Ele disse que não queria mais falar sobre as luzes, e insistiu que todos nós parássemos de falar no assunto. Ele colocou o carro na estrada e nisso as luzes brilharam do lado esquerdo da rodovia. “Lá estão elas”, pensei. “Agora todos poderão vê-las”.

– Vejam! – eu gritei – Olhem para aquilo do lado da estrada!

Havia pelo menos cinco pares de grandes olhos brilhantes nos encarando de volta.

– São cervos, Miriam! – Stewart berrou.

– Não, não são! – eu disse. Olhe para eles! Não são cervos, você não está vendo?

Ele continuou discutindo comigo e explicando que os cervos descem a montanha para se alimentar nas margens da rodovia porque é ali que está o melhor pasto.

- Por que eles estão tão perto uns dos outros? - eu questionei.

Todos começaram a ficar irritados comigo dentro do carro.

- Vocês não se lembram das luzes? Que diabos está havendo? - eu falei. Por que eles todos estariam de pé ao lado daquela casa com todas as luzes ligadas?

Eu queria que Stewart parasse o carro e olhasse para as luzes, mas nós começamos a discutir e ele ficou muito irritado. Ele disse a mim e a todos para pararmos de falar sobre isso, e acrescentou que se eu não parasse de tagarelar, ele iria parar o carro e me fazer andar a pé para casa. Heather e Sally gritavam para que eu fizesse o favor de deixar pra lá. Com medo de que Stewart perdesse a cabeça, eu relutantemente parei de falar. Nem uma palavra foi dita por ninguém dentro do carro até que nós chegamos a Vancouver e estacionamos.

O sol estava começando a nascer, e uma fina luz filtrava-se pelo céu escuro quando o carro parou em frente à nossa casa. Era a primeira vez que alguém dizia uma palavra em horas, e a conversa começou com todos dizendo como era bom estar em casa, e rapidamente mudou para as estranhas luzes que todos vimos. Cada um tinha suas próprias ideias a respeito do que teria acontecido na estrada.

Stewart riu e disse:

- Vai saber... Talvez tenha sido um UFO. Será que nós tivemos algum lapso de tempo?

- O que você quer dizer? - eu indaguei.

- Quando os Alienígenas te levam e ficam um tempo com você, você não consegue contabilizar o tempo que passou junto com eles.

Ele olhou para o relógio de pulso enquanto se aproximava da porta da casa. Olhando para cima e sorrindo alegremente, ele disse:

- Não, levamos treze horas, o mesmo tempo de sempre.

Entrei na casa com minhas malas e as levei para o meu quarto. Tirei meu

casaco e olhei para baixo para a minha camisa bege favorita. Tinha uma espécie de mancha negra nela. Assim que a notei, eu entrei de volta numa espécie de estado robótico. Eu tirei a camisa e a pus diretamente no lixo. Não apenas a coloquei no lixo, como a levei para a lixeira do lado de fora da casa. “Por quê?” Eu me perguntava até mesmo enquanto fazia a ação, pois era a minha camisa favorita, então por que não tentar limpá-la? Até Sally tentou me fazer mudar de ideia e procurar limpá-la primeiro, mas eu fiquei zangada com ela, então ela deixou pra lá.

Depois de me livrar da camisa eu voltei para o meu quarto. Havia uma dor surda do lado direito do meu abdômen. Quando olhei para baixo, notei uma mancha redonda vermelha de cerca de 5 centímetros de diâmetro. No centro o que parecia ser uma incisão. Uma vez mais ouvi uma voz na minha cabeça, me dizendo para não olhar para ali novamente, para deixar para lá que desapareceria com o tempo, que não havia necessidade de se preocupar. Eu coloquei a minha blusa do pijama e não olhei para o local novamente por meses.

Eu dormi a maior parte do dia seguinte, me recuperando da longa viagem. Tive estranhos sonhos e vi o homem e a mulher novamente. Quando acordei, comecei a escrever tudo o que me lembrava da noite anterior. Quando escrevia eu comecei a me lembrar de muitas coisas que eles me disseram. “Você vai se lembrar disso; você vai lembrar...”, eles disseram logo antes de me levar de volta para o carro. Os Alienígenas Louros Altos olharam dentro dos meus olhos com seus brilhantes olhos azuis e sua pele branca translúcida enquanto repetiam a mensagem: “Você vai se lembrar disso”.

Muitas das informações em minha mente não faziam sentido, mas eu sabia que era importante escrevê-las. Era como se eles tivessem feito uma descarga de informações para dentro da minha mente, e agora eu precisava olhar para cada parte e então encontrar um lugar apropriado para armazená-las. A experiência inteira era grande demais para se processar.

Da noite para o dia eu me tornei uma pessoa completamente diferente. Eu parei de beber, de fumar, de ir a festas e de comer carne vermelha. Todos ficavam me dizendo como eu estava diferente e que eles estavam preocupados. Antes daquela noite eu nunca havia meditado; agora eu me encontrava meditando duas a três vezes por dia, durante as quais, por vezes, eu via o homem e a mulher que havia encontrado. Às vezes eu via outros seres que me davam alguma grande lição de conhecimento espiritual. Era sempre uma experiência de iluminação entrar em meditação profunda.

A partir do momento em que eu acordei do meu cochilo depois que chegamos de volta a Vancouver, uma coisa era clara: minha habilidade psíquica estava

totalmente escancarada. Era como se os Louros Altos tivessem me dado o dom da visão. Uma visão de alcance tão longo que eu nunca poderia em uma vida explicar para alguém o que eu vi e entendi sobre o nosso mundo e o universo. Era o presente mais bonito que eu poderia ter recebido. Por outro lado, era difícil manter o nível de consciência que eles me deram em um mundo que não tem lugar para tais percepções.

No dia seguinte eu pensei bastante a respeito de quanto tempo eu teria ficado junto com aqueles seres, e então eu finalmente percebi um fato importante sobre a nossa viagem. Nós viajamos por treze horas, mas nós não paramos para Stewart dormir por três horas como normalmente fazíamos. Nós tivemos dois motoristas dessa vez e não fizemos nenhuma parada extra na nossa viagem de volta. Nós deveríamos ter chegado em casa depois de dez horas, logo, nós tínhamos três horas de tempo perdido.

Nem tudo estava claro. O que eles fizeram na minha barriga onde havia agora uma vermelhidão? Por que eu não conseguia me lembrar dessa parte? Alguns detalhes eram confusos, mas ainda assim a mensagem permanecia clara: meu trabalho era ensinar aos outros a respeito de quem eles são.

Estranhas memórias da minha infância começaram a ressurgir, que davam a entender que meu pai sabia quem aqueles seres eram. Algumas das coisas que ele me falara quando éramos crianças me deixou com a impressão de que ele teria bastante familiaridade com aqueles seres.

Meses depois do encontro com os Alienígenas, eu ainda tinha comunicação telepática com eles. Uma tarde, eu estava descendo pela Rua Granville, quando do nada eu ouvi a voz de um dos Alienígenas ressoando na minha cabeça e me direcionando para entrar em uma joalheria. Eu abri a porta da loja e entrei. “Ande direto em frente” eles disseram, e assim eu fiz. Sem hesitação fui direcionada até um balcão, então me disseram para virar à direita e olhar para baixo. “Você precisa comprar o colar. É importante para você.”

Havia dois colares com pingentes idênticos, um vermelho e um azul. “Qual?” perguntei em minha mente. Pessoalmente eu gostei do vermelho, um rubi, mas fui direcionada para comprar o azul, que era uma safira. Ambos eram muito bonitos, com nove pequenos pontos que formavam uma estrela. Eu não questionei por que eles queriam que eu comprasse o colar. Eu havia tido contato anterior com eles o suficiente para saber que deveria haver uma boa razão.

Eu sabia que tinha somente cento e dez dólares, e nem um centavo a mais;

perguntei à balconista quanto custava. Meu coração afundou quando ela disse que o preço era de cento e trinta dólares, isso sem contar os impostos.

“Não se preocupe com o preço, ela vai dá-lo a você como deve ser”, a voz ecoou.

Eu olhei para a balconista e expliquei que não tinha condições de adquirir. Então ela surpreendentemente abaixou o preço. Novamente eu tive de dizer a ela que não tinha dinheiro o suficiente. Ela então olhou para mim e perguntou quanto dinheiro eu tinha. Eu respondi que só tinha cento e dez dólares. Fiquei chocada quando ela respondeu que era suficiente e que ainda me daria uma corrente dourada.

Caminhei para fora da loja com o pingente da estrela azul ao redor do meu pescoço. Em minha mente perguntei aos Alienígenas o que aquilo significava e porque tinha sido instruída a comprá-lo. Eles responderam:

“É uma estrela azul e é muito importante para você; um dia você entenderá o seu significado por inteiro. É algo sagrado e importante para muitas pessoas no futuro. Isto ajudará você a permanecer conectada conosco”.

Desde que coloquei o colar no meu pescoço, nunca mais o tirei. Tornou-se um símbolo de tudo que eu sabia ser a verdade. A verdade era clara: os seres humanos não são a única forma de vida inteligente no planeta, e um dia, todos saberiam disso.

# As Memórias Retornam

Durante um curto período após a minha abdução, eu comecei a ver flashes da minha infância de coisas que ou eu não havia compreendido na época ou sobre as quais tinha me esquecido completamente até ver os Alienígenas. Essas imagens eram muito claras em minha mente, e não importa o que eu fizesse eu não conseguia deixá-las de lado. Era óbvio que havia uma intenção por traz dos fatos de eu estar recuperando essas memórias em nível consciente, mas como todas as peças dessas memórias se encaixavam no que eu estava experienciando não era claro para mim. Tudo que eu sabia era que cada peça era tão importante quanto a outra.

## EM MEU BERÇO - 1966

Uma das primeiras memórias a retornar poucos dias depois de eu ter visto os Alienígenas foi de mim como um bebê. Eu me lembrei de estar deitada em meu berço olhando para o teto, incapaz de falar ou de me mover muito. Os rostos de três Alienígenas com grandes olhos negros olhavam para baixo, para mim.

## QUATRO OU CINCO ANOS DE IDADE - 1970 / 1971?

Era no meio da noite e eu tinha cerca de quatro ou cinco anos. Eu acordei e andei para fora do meu quarto até a sala da nossa pequena casa. Minha irmã mais velha, Janice, me seguiu, dizendo que eu deveria voltar para cama. Eu a ignorei e sai de dentro de casa caminhando para dentro do campo da fazenda que ficava diretamente em frente à nossa casa. Janice tentava de tudo para me fazer voltar para cama, dizendo que era tarde e que nós estaríamos encrencadas se nossos pais nos vissem. Eu andei uns 4 ou 5 metros para dentro do campo e parei; Janice parou aproximadamente 1 metro à minha esquerda. Do outro lado do campo nós podíamos ver uma grande luz muito brilhante, com cerca de 12 metros pairando silenciosamente acima de um velho galpão.

Nós ficamos paradas, observando. Enquanto olhávamos, uma bola de luz azul do tamanho de uma bola de beisebol saiu do centro da luz maior, voou cruzando o campo até nós tão rápido que eu pensei que iria me acertar e fazer um

buraco em mim, mas ela parou a 15 centímetros de distância, na altura do centro do meu corpo, onde flutuou por um instante até se mover vagarosamente para os meus pés, depois retornar até minha testa e então descansar novamente na altura da parte central do meu corpo. Depois de um tempo a bola de luz foi até Janice e fez exatamente a mesma coisa. Quando terminou, a bola voltou para a testa de Janice e emitiu um raio de luz azul para dentro da cabeça dela, então ela simplesmente se virou e voltou para dentro de casa sem dizer uma palavra. Quando ela se foi eu ouvi uma voz em minha cabeça me dizendo para ir com eles.

A próxima coisa de que me lembro era de estar à bordo da nave com os Alienígenas Louros Altos. Eu estava sentada no que poderia ser descrito como uma cadeira que parecia ser feita de luz. Tudo ao meu redor era luz – era tudo o que eu podia ver com exceção dos Alienígenas que estavam a meio ou um metro de mim. Eu estava presa de alguma maneira, mas não conseguia nenhum tipo de amarras. Meus braços estavam dobrados em um ângulo de 45 graus com minhas palmas para cima. Eu gritava em agonia.

Havia agulhas com pequenos tubos em meus dois braços, cerca de 5 centímetros acima dos meus pulsos. Eu não conseguia ver ao que os tubos estavam presos. Parecia que eu estava sendo soprada como um balão e era apavorante. Os Louros Altos pararam do meu lado me dizendo para eu tentar me acalmar que logo acabaria. Eles disseram que tinham de trocar o meu sangue para me proteger de doenças que viriam no futuro. Eu achava confortante quando eles falavam, suas vozes não apenas me acalmavam, mas de alguma forma também aliviavam minha dor devido às agulhas.

Depois que eles terminaram de trocar o meu sangue, eles me deixaram andar pela nave e olhar para fora das janelas. Era muito interessante. Eu observei eles enviarem sondas para fora (hoje conhecidas como ‘orbes’) sobre as quais me falaram que todas tinham diferentes trabalhos a fazer. Algumas eram enviadas para coletar dados do ar, água e solo e trazer amostras físicas para a nave para testes. Outras, me disseram, eram enviadas para procurar por alguém específico se eles precisassem pegar a pessoa. Como as sondas eram pequenas, elas conseguiam entrar em áreas mais facilmente do que uma nave. Se alguém que eles estavam procurando estivesse com outras pessoas, as sondas eram enviadas para ajudar a colocar essas pessoas para dormir enviando um sinal tonal sonoro que deixaria qualquer um inconsciente. Algumas das sondas coletavam informações sobre pessoas específicas ou sobre áreas de interesse específicas.

Tive permissão para observar da janela enquanto a nave pousava na Terra, mas não tive permissão para sair do lado de fora. Não tenho ideia de onde estava-

mos, mas era de noite e parecia um imenso campo gramado. Do lado de fora eu vi pelo menos outras quatro naves em um círculo. Pessoas e Alienígenas começaram a emergir das naves e se reunir do lado de fora. Eu queria ir e me juntar a eles, mas me disseram que eu era muito jovem; entretanto me disseram que era um encontro entre as pessoas e os Alienígenas para falar sobre o futuro e compartilhar informações. Havia pessoa com aparência comum lá mas eu vi pelo menos dois homens que pareciam estar em algum tipo de uniforme, possivelmente do tipo militar. Eles me disseram que um dia, no futuro, eu poderia ir a um desses encontros.

Quando os Alienígenas me levaram de volta para casa, eles me deram um objeto para levar comigo. Eles me disseram que era muito importante e que eu deveria me lembrar disso. Esse presente algum dia seria importante para o meu futuro. Disseram-me para enterrá-lo e quando eu fosse mais velha e soubesse para o que servia, então eu deveria voltar e encontra-lo.

Quando voltei para o meu quarto eu fui direto dormir, e só no outro dia eu levei o objeto para fora para enterrá-lo. Janice estava comigo e eu permiti que ela visse o objeto, mas não que o tocasse. Eu o embrulhei em um pano branco antes de colocá-lo na terra. Eu disse a ela que nós precisávamos escondê-lo do nosso pai, pois se ele encontrasse, ele poderia destruí-lo ou escondê-lo de mim.

## DEZ ANOS - 1976

Uma manhã eu acordei e descí pelo corredor em direção à cozinha. Então um estranho sonho que havia tido na noite anterior me veio à mente. Janice e minha mãe estavam sentadas à mesa da cozinha; meu pai estava fora da cidade. Minha irmã do meio, Carol, ainda estava na cama. Eu contei para minha mãe e irmã a respeito do sonho realmente estranho que havia tido sobre um UFO pousando atrás de casa. Inacreditavelmente ambas tinham tido o mesmo sonho que eu! Quando Carol acordou nós perguntamos a ela se ela tinha tido algum sonho naquela noite.

“Sim, e na verdade foi bem estranho. Eu sonhei que havia um UFO atrás de casa.”

Nenhuma de nós se lembrava de muita coisa além do fato de que havia um UFO no quintal. Isso era muito bizarro. Nós nos sentamos juntas e tivemos uma longa discussão a respeito de como poderíamos todas termos tido o mesmo estranho sonho. Não havia explicação.

Eu estava na quinta série em 1976 e minha professora na época era a Sra. Baxter, e eu realmente gostava dela. Depois daquela noite, sem nenhuma razão aparente, eu passei a ter medo dela. Ela tinha imensos olhos redondos e quando se expressava, eles ficavam tão grandes que pareciam que iam pular para fora da cabeça dela. Eu não conseguia mais olhar para ela! Ela simplesmente me deixava apavorada cada vez que arregalava os olhos.

Por muito tempo depois de ter o sonho com o UFO, minhas irmãs me atormentavam arregalando os olhos o máximo que podiam. Eu gritava aterrorizada e corria delas, implorando para que parassem! Algumas vezes elas riam de mim, por eu estar com tanto medo. Era fácil fazer com que eu fizesse qualquer coisa que elas quisessem: bastava me ameaçarem com seus olhos arregalados que eu fazia o que quer que elas tivessem pedido só para que elas parassem; era horrível!

Durante esse mesmo período eu saía andando durante o sono, tinha sangramentos nasais e sofria de terror noturno que me fazia sentir como se estivesse paralisada. Para conseguir dormir, eu tinha que fechar todas as portas; se houvesse a menor brecha nas cortinas, eu não conseguiria dormir. Eu sempre me sentia como se alguém estivesse me observando pela janela, ou escondido embaixo da minha cama, ou no armário.

## DOZE ANOS - 1978

Em 1978 havia um garoto na escola de quem todas as meninas gostavam. Ele era uma graça e seu nome era Sam. Uma grande amiga minha, Gillian, estava paquerando ele. Eu me lembro de ter uma conversa com minha outra amiga, Trish, sobre ele. Eu claramente me lembro dela dizendo que queria ter filhos com ele! Acho que nós nem mesmo compreendíamos o que estávamos dizendo naquela época, pois éramos muito novas.

Era hora do almoço e estava chovendo, então a maioria das crianças ficaram do lado de dentro da escola. O corredor estava cheio de crianças e quando nós passamos pelo ginásio eu pude ver a sétima série praticando basquetebol. Eu caminhava com Trish e disse:

- Eu nunca terei filhos! NUNCA!

- Por que não, Miriam? – ela perguntou.

- Eu nunca vou ter filhos porque acho que eles não seriam humanos! Eu acho que seria um monstro ou um alienígena ou alguma coisa!

Trish achou esse um pensamento muito estranho pra se ter sobre filhos. Pela maior parte do almoço nós conversamos sobre porque eu tinha um pensamento tão estranho sobre o assunto. Eu não consegui explicar com clareza para ela porque eu me sentia assim, mas era uma sensação forte e apavorante.

## DEZESSEIS ANOS - 1982

De vez em quando Darren, meu namorado, e eu íamos dar uma volta de carro para ter o que fazer. Quando você mora em uma cidade pequena, dar uma volta de carro é uma forma de entretenimento. Era sempre agradável sair do brilho das luzes da cidade para olhar para as estrelas.

Uma noite Darren, seu amigo Ron e eu fomos dar uma volta de carro em uma das velhas estradas madeireiras. Ron dirigia e eu estava sentada no meio com Darren ao meu lado. Nós paramos o carro do lado da estrada de terra a cerca de 8 quilômetros da cidade. Quando saímos do carro, conversávamos olhando a área ao redor. No horizonte havia um morro – eu não chamaria de montanha, era mais como uma colina íngreme à distância. Estava muito escuro e as estrelas estavam visíveis; era lindo! Nós três fomos para a frente do carro e ficamos de pé conversando até que Ron disse:

- O que é aquilo?

Eu estava de frente para o carro com Ron à minha direita e Darren à minha esquerda; eu tinha visto algo com o canto do olho à direita mas não defini o que era.

- Uau! Você viu aquela? Darren perguntou. Dessa vez eu tinha visto.

- Parece uma chuva de meteoros! – disse Ron.

Enquanto observávamos o show de luzes eu me lembro de estar muito confusa; discutimos sobre o que era que de fato estávamos vendo. As luzes que riscavam o céu atrás do morro eram muito brilhantes e pareciam ser bolas de luz branca, algumas com caudas vermelhas. Depois de observá-las por volta de um minuto as luzes começaram a se tornar mais brilhantes ao dispararem do céu para a Terra. Toda vez elas mudavam completamente de direção no último

segundo, voando paralelo à Terra e então desapareciam de vista em um risco.

- Como podem ser meteoros se não caem por trás do morro? Meteoros não mudam de direção! – eu berrava, ficando cada vez mais zangada com eles na medida em que eles discutiam comigo; gritei com eles novamente: - Olhem lá para aquele! Foi direto para baixo e quando chegou à colina, mudou de direção e voou paralelo à Terra. Não é um meteoro! Que diabos é aquilo?

É a última coisa de que me lembro até nós estarmos todos voltando para o carro. Todos nós estávamos num estado de confusão enquanto voltávamos para a cidade. A noite estava fria e ligamos o aquecedor do carro, confusos pelo carro ter ficado tão frio tão rápido - nós tínhamos ficado fora dele por apenas uns poucos minutos. Assim que chegamos ao nosso apartamento, conversamos sobre o que havíamos visto. Nenhum de nós se lembrava de quanto tempo tínhamos ficado fora. Era como se nossas memórias tivessem sido completamente limpas.

Foi nessa hora que me senti muito doente. Eu estava boa num dia e no seguinte me sentia tão doente que mal podia andar. Em três dias eu estava tão mal que Darren teve de me levar ao médico. Ele teve que me carregar porque eu estava tão fraca que mal podia andar. Minha médica naquela época não tinha ideia do que podia ter me deixado tão doente, uma vez que meus sintomas não indicavam nenhuma doença comum.

Ela me mandou fazer um exame de sangue na esquina do consultório. Darren e eu mal chegamos e eu tive de me deitar para não cair. Eles tentaram tirar meu sangue mas foi extremamente difícil; eu me lembro das enfermeiras chocadas por eu estar tão mal. Elas me perguntaram há quanto tempo eu estava naquela condição e eu respondi que estava bem três dias atrás. Elas continuaram a me cutucar com a maldita agulha mas não conseguiram tirar nenhuma gota de sangue. Minhas veias estouravam. Eu sabia que isso não era bom! A enfermeira me disse que se eles não conseguissem uma amostra de sangue, teriam de me mandar para o hospital. Por fim conseguiram extrair um pouco de sangue, mas era uma quantia muito pequena e eles não tinham certeza se seria suficiente para os exames que precisam fazer. Fui para casa com o conselho da médica de que se eu piorasse deveria ir para o hospital imediatamente.

Dois dias depois os exames chegaram com resultados normais para tudo que eles testaram. Perplexa, minha médica disse não ter nenhuma explicação, e no fim da semana eu estava completamente saudável novamente!

Pouco tempo depois da nossa experiência na estrada madeireira eu comecei a ter dores do lado direito que duravam por meses, e novamente os médicos não

tinham explicação. Essa dor se tornou mais e mais intensa à medida que o tempo passava. Fizemos tantos exames comigo que eu me sentia uma cobaia. Depois de eu ir parar na emergência do hospital diversas vezes por causa da dor, eles finalmente decidiram fazer uma cirurgia exploratória para descobrir o que estava acontecendo. Quando os médicos fizeram a cirurgia eles encontraram um cisto do tamanho de uma toranja no meu ovário direito.

Eu me perguntava se aquilo era o resultado daquela noite na estrada com Ron e Darren. Tudo que sei é que meu ovário direito não me deu nada além de problemas desde aquela época até agora. Coincidência? Talvez. Mas o fato de que meteoros não mudam de direção nem viajam paralelo à Terra permanece. Os episódios que se seguiram à noite com Ron e Darren me deixaram confusa; talvez eu nunca me lembre do que aconteceu naquela noite com os 'meteoros' mas, pela reação do meu corpo, talvez seja melhor não saber.

\*\*\*\*\*

Essas memórias que estavam retornando eram claras como cristal em minha mente depois que vi os Alienígenas na rodovia em 1988. Pensei que se eu continuasse a escrever tudo, o quadro geral se tornaria claro. Talvez as mensagens que eles me deram estavam interligadas com essas memórias. Só o tempo diria, e só o que eu estava tentando fazer era permanecer tão sã quanto possível enquanto as informações jorravam de mim.

Eu realmente queria perguntar para Janice se ela se lembrava de ter visto os Alienígenas quando éramos crianças, mas isso teria que esperar. Era importante que eu não contasse a ela detalhes do caso, uma vez que eu queria que ela se lembrasse de tudo sozinha. Se eu dissesse algo específico isso iria nublar sua memória e eu sempre me questionaria se suas lembranças eram reais ou não. Se eu mantivesse os detalhes comigo e ela se lembrasse por si mesma, então eu saberia que as memórias eram reais e não fruto da minha imaginação. Só o tempo revelaria os segredos dos Alienígenas.

# Clones (1989)

Eu fiquei sozinha por nove meses em busca de alguém, qualquer um, que soubesse algo sobre os alienígenas. Eu estava confusa com todas as sensações e memórias que tinham vindo à superfície desde a viagem na rodovia. Os Alienígenas estavam sempre na linha de frente da minha mente, eu achava que estava ficando louca. Toda semana eu visitava lugares que eu nunca havia sonhado em estar até pouco tempo atrás. Durante esses 9 meses eu fui à Sociedade Teológica, a um encontro da Ordem Rosacruz, estive com vários médiuns, fui a encontros metafísicos, templos budistas, livrarias espiritualistas e uma infinidade de outros lugares. Todo lugar que eu ia era a mesma coisa: ninguém tinha nada a me dizer. Entretanto todos estavam fascinados com minha história e queriam ouvir o que os Alienígenas haviam me dito. Sem nenhuma confirmação das coisas que me haviam sido ditas e mostradas, precisei buscar a verdade a partir das minhas próprias experiências.

Pedi a Anna que viesse comigo a uma livraria espiritualista sobre a qual havia ouvido falar em Surrey, um subúrbio de Vancouver. Eu tive de fazer a longa viagem de ônibus na esperança de encontrar alguém que talvez tivesse algumas respostas. Quando cheguei comecei a olhar para os cartazes nas paredes, procurando por panfletos ou folhetos dos próximos encontros e perguntei a pessoa que trabalhava lá se eles tinham algum livro sobre UFOs.

O homem me disse que tinha só dois. Fascinado, ele nos contou que nos últimos meses as pessoas tinham começado a perguntar por livros sobre o assunto. Eu disse que ele devia arrumar alguns livros porque mais e mais pessoas iriam começar a procurar por quaisquer informações que pudessem encontrar a respeito de extraterrestres e UFOs. Eu contei a ele que havia estado por toda a cidade em busca de confirmações para minhas experiências e que aquela livraria era um dos meus últimos recursos. Então eu juntei uma pequena pilha de folhetos e Anna e eu voltamos para a cidade.

De volta ao meu apartamento, li toda a pilha de papéis em busca de novos grupos, encontros ou sinais de alguém que pudesse me ajudar. Um aviso em um jornal espiritualista chamou minha atenção. Lia-se:

“Atenção Todas as Pessoas das Estrelas”

Eu me lembro daquele momento claramente: meu coração pulou e eu comecei a chorar. “Finalmente”, pensei, “Talvez eu não esteja louca apesar de tudo!” Vendo minha reação, Anna rapidamente leu o aviso e me encorajou a ligar para o número que constava lá. O número era de Seattle, mas aquilo pouco importava no momento.

Eu sentia como se fosse desmaiar à medida que minha mão alcançava o telefone e eu discava o número. Quando uma mulher atendeu eu falei nervosamente sobre o anúncio que havia visto. O nome dela era Karen e ela rapidamente me deixou à vontade enquanto eu contava um pouco da minha experiência na rodovia. Quando eu terminei, ela dividiu um pouco do que sabia comigo. Eu me senti confortável o suficiente para falar algumas das coisas que os Alienígenas haviam me dito. Pelas duas horas seguintes eu chorei, enquanto Anna, sentada ao meu lado, segurava minha mão, oferecendo apoio. Karen era a salvadora da minha alma e da minha mente. Ela me ajudou a perceber que eu estava completamente sã na medida em que validava minhas lembranças. Ela me confirmou que eu não estava sozinha nessas experiências e me garantiu que elas eram reais e não imaginárias. Ela achou que eu estava precisando de suporte emocional e sugeriu que eu fosse a Seattle onde poderíamos falar mais sobre nossas experiências pessoalmente.

Dois dias depois eu estava no entreposto de ônibus Greyhound de Vancouver, esperando para pegar um ônibus para Seattle. Eu dei todas as informações que tinha a respeito de Karen para Anna, para o caso de minhas intuições sobre Karen não estarem corretas – talvez eu estivesse de fato indo ao encontro de uma pessoa louca. Eu estava nervosa por ir aos Estados Unidos porque, até aquele ponto da minha vida, os únicos lugares aos quais havia estado eram Cranbrook e Vancouver, mas descobri que meu desejo por encontrar respostas era forte o suficiente para esmagar qualquer medo que eu tivesse.

As quatro horas de viagem de ônibus me deram tempo para pensar e relaxar antes que eu encontrasse as únicas pessoas que eu sabia que tinham informações sobre UFOs. Eu estava nervosa, e ao mesmo tempo calma; era uma sensação estranha. Uma vez em Seattle, o ônibus me deixou no hotel de onde eu liguei para Karen para ela saber que eu havia chegado. Ela disse para eu ficar ali mesmo enquanto ela enviava seu marido para me buscar.

Fiquei na entrada do hotel me perguntando como essas pessoas seriam. Eu estava feliz por tê-las encontrado, mas ainda assim estava nervosa. O marido de Karen chegou logo em seguida e fomos para a casa deles. Karen estava nos esperando na porta da frente; nós nos abraçamos enquanto eu chorava de alívio por

estar me encontrando com ela pessoalmente.

Entrei na pequena casa, onde três amigos de Karen me deram as boas-vindas. Não levou tempo nenhum para nós três começarmos a falar livremente. Embora eu não me sentisse confortável o suficiente para contar a eles todos os detalhes, eu dividi com aquele pequeno grupo os eventos que me levaram até eles e fiquei surpresa por ouvir que todos tinham passado por experiências similares às minhas. Nós conversamos até bem depois da meia-noite sobre como cada um de nós tinha sido informado de que tínhamos uma certa missão a cumprir. A conversa me deixou à vontade; eu não me sentia mais sozinha, e encontrar essas pessoas me mostrou que eu estava definitivamente em um novo caminho de vida. Eu soube então que nada seria igual novamente.

Antes de ir embora no dia seguinte, Karen me deu o número de telefone de um homem que ela havia encontrado, John Davis, que morava em Vancouver, e sugeriu que eu ligasse para ele. Aparentemente ele tinha muitas informações sobre Alienígenas e UFOs. Quando eu perguntei como ela e John tinham se conhecido, ela me disse que ele também havia visto o anúncio dela. Eles haviam se visto por duas vezes, mas ela não tinha muita informação sobre ele – entretanto ele morava em Vancouver, portanto estava mais perto de mim.

Eu estava muito empolgada para ligar para esse John, e o fiz quase que imediatamente depois de chegar em casa. Durante nossas conversas ao telefone, eu o achei simpático e bem informado. Dentro de pouco tempo decidimos nos encontrar pessoalmente, pois eu estava ansiosa para começar uma amizade com ele. Eu estava excitada por finalmente poder manter contato com alguém perto de casa.

John e eu nos encontramos numa cafeteria e conversamos sobre minhas experiências por horas. Nós passamos a tarde inteira juntos caminhando e dividindo o conhecimento que havíamos adquirido. Eu soube que ele trabalhava para uma pequena companhia que instalava sistemas de supercomputadores. Aparentemente oito homens trabalhavam nesse escritório, e eles eram um grupo pequeno, todos interessados em UFOs.

Desde a primeira vez que encontrei John pessoalmente eu tive a sensação de que ele não estava sendo completamente honesto comigo sobre o que ele sabia. Ele parecia estar escondendo alguma coisa, mas eu não conseguia precisar exatamente o que era. John tinha uma aparência bastante peculiar: baixo, cabelos escuros – quase negros, penteados para o lado. Ele tinha olhos negros e usava óculos grossos, e tinha um estranho tom oliva na pele. Quase sempre ele vestia um par de calças bege com bolsos nas laterais – parecidas com as calças militares

de hoje em dia, mas naquela época eu nunca tinha visto ninguém usando aquele tipo de calças.

John e eu passamos bastante tempo juntos, e foi por causa dele que eu pude fazer novos contatos na cidade. Ele me deu o nome de uma mulher chamada Sandra Jones. Ele me disse que não a conhecia pessoalmente, mas que pelo que havia ouvido dos amigos, ela seria um excelente contato para mim. Sandra e eu logo nos tornamos amigas. Ela tinha uma habilidade para reunir pessoas como eu nunca havia visto antes. Era como se ela soubesse de tudo que estava acontecendo na cidade. Foi parcialmente devido a influência dela que eu pude começar a fazer encontros de abduzidos, numa tentativa de juntar mais pessoas como eu.

Toda sorte de pessoa aparecia para esses encontros, incluindo algumas pessoas realmente loucas que alegavam coisas nas quais nunca acreditei. Esses encontros não duravam muito, mas me deram o apoio inicial e a aceitação de que eu desesperadamente precisava. Encontrei alguns poucos como eu nessas reuniões, entretanto eu achava a atenção que estava atraindo para mim mesma um tanto sufocante; coisas estranhas começaram a acontecer ao meu redor e eu tomei a decisão de parar com os encontros depois de poucos meses.

Minha amizade com John cresceu e eu estava feliz por ter amigos com os quais podia me relacionar. Embora eu passasse bastante tempo com John, eu nunca confiei totalmente nele. Eu deixei esses sentimentos de lado e mantive uma pequena distância dele, nem sempre compartilhando todas as informações que tinha. Ele fazia muito segredo de certos aspectos de sua vida, então eu sempre soube que algo não estava certo.

Com tantas pessoas novas em minha vida, o ano passou em um piscar de olhos, e antes que eu me desse conta, 1989 chegou ao fim.

## RECRUTAMENTO RUSSO - INÍCIO DE 1990

Em 1990 eu estava trabalhando em uma iogurteria. Com tudo que estava acontecendo ao meu redor, eu estava feliz por meu trabalho não envolver muitas expectativas. Quando o negócio estava devagar, o proprietário, às vezes deixava um funcionário trabalhando sozinho; era o caso naquele dia. Eu estava tentando me manter ocupada para as horas passarem depressa. A pequena multidão do almoço chegou e partiu, e o tempo agora passava vagarosamente.

A loja estava vazia quando um homem passou pela janela lateral. Ele olhou diretamente para mim, sorriu, caminhou para a frente da loja e entrou pela porta. Ele vestia um longo casaco negro e tinha cabelos escuros, ligeiramente encaracolados, com uma barba e profundos olhos castanhos. Ele andou reto até o balcão e perguntou com um sorriso:

- Você trabalha para a CIA ou para o FBI?

- Não – eu respondi. “Droga”, pensei comigo mesma, “que diabos está acontecendo agora? Talvez se eu der uma de tola ele vá embora. Talvez, quem sabe, seja uma piada!”

- Alguma vez você já trabalhou para a CIA ou para o FBI? – ele perguntou sem hesitar.

- Não – eu disse, tentando zombar dele.

A próxima pergunta que ele me fez me deixou sem respiração, mas eu consegui disfarçar:

- Você já pensou em trabalhar com os russos? Eles trabalham com pessoas como você. Você sabe.

- Não, eu não estou interessada. Obrigada – respondi com olhar vazio.

- Você estaria cercada de pessoas como você, pessoas que entendem você. Nós poderíamos te ajudar a controlar suas habilidades.

Mais uma vez eu disse:

- Não estou interessada. Obrigada.

- Você sabe o quanto é poderosa? – ele perguntou?

- Sim, de fato eu sei! – eu disse olhando fixamente nos olhos dele. Eu já estava me escudando do olhar dele para que ele não conseguisse olhar dentro de mim com suas habilidades psíquicas.

- Sim, mas você consegue controlar? – ele perguntou.

- Sim, na verdade eu consigo!

Então ele disse:

- Se você se interessar, nós gostaríamos de tê-la trabalhando conosco. Nós temos cerca de 10.000 pessoas como você com as quais trabalhamos. Você nunca se sentiria sozinha novamente.

- Não estou interessada agora e nunca estarei interessada no futuro. Por favor, volte pra quem lhe mandou aqui e diga que agradeço pelo interesse, mas não há necessidade de enviar alguém novamente. Não importa o que aconteça, eu nunca estarei interessada!

O homem, que nunca me falou seu nome, simplesmente disse “Obrigado” e saiu da loja. Pelos próximos três dias ele voltou para comprar iogurte, mas não tocou no assunto novamente. No terceiro dia eu perguntei como ele me encontrou; ele desviou da pergunta e foi embora rapidamente, para nunca mais ser visto novamente.

## A MOÇA DE OLHOS AZUIS - METADE DE 1990

Era o último final de semana antes do início do ano escolar. A noite estava quente, e a Rua Robson cheia de gente. Nós éramos quatro funcionários atrás do pequeno balcão onde eu trabalhava e aparentemente o mundo inteiro estava com desejo de comer iogurte congelado. Não havia tempo para bate-papo entre os trabalhadores porque a fila começava na calçada.

Eu estava de costas para a porta quando um impulso avassalador de me virar e olhar para a entrada me dominou. Passando pela porta estava uma mulher de aparência muito inusitada. Sem hesitação eu perguntei: “Por que você está aqui?” Senti uma onda de pânico passar por mim: algo estava errado a respeito de toda aquela situação. “Por que vocês não conseguem me deixar em paz? Você não vê que estou trabalhando?”

Ela parecia atravessar a multidão com incrível facilidade, como se ninguém a percebesse. Como podiam não vê-la, tendo ela uma aparência tão estranha?

Ela vestia camadas sobre camadas de roupas bege, e estava completamente coberta da cabeça ao dedão do pé, enquanto todo mundo vestia shorts. Um lenço colorido estava puxado confortavelmente ao redor do queixo dela de forma que nenhuma parte do pescoço estava exposta. Ela tinha 2 metros de altura, parecia

uma gigante em meio à multidão e tinha os ombros de um jogador de futebol americano. O tom da pele dela também não era normal, parecia uma máscara. Os cabelos louros caíam pelos ombros, puxados em direção à face, pareciam mais com uma peruca do que com cabelo natural. Ela era extremamente feia, exceto pelos grandes e brilhantes olhos azuis, que pareciam me controlar. Eu me senti incrivelmente desconfortável. Ela caminhou até o balcão e parou na minha frente, como se estivesse esperando para ser servida. “Só um momento, eu lhe sirvo em seguida!”. A conversa inteira se deu por telepatia.

Eu me sentia irracional em meus pensamentos, questionando se aquilo estava mesmo acontecendo comigo ou se eu tinha finalmente perdido a cabeça. Depois que terminei de atender o cliente que estava na vez, eu caminhei até a estranha mulher. Eu tinha várias perguntas para ela e estava determinada a encontrar as respostas. “Por que você está aqui para me checar? Como você pode ver, isso é o que eu tenho de fazer para sobreviver neste mundo! Essa é a razão da sua visita, ver no que consiste o meu trabalho?” Ela estava em silêncio. Eu olhei ao redor me perguntando como poderiam as pessoas não a notarem. “Talvez seja minha imaginação”, pensei, “talvez eu esteja louca”. Eu sabia que nunca poderia contar a ninguém sobre aquela mulher ou me trancariam num manicômio com certeza.

“Não me diga, você quer iogurte de morango!” Eu peguei o pequeno pote e virei as costas para ela por um momento; quando olhei para ela novamente, ela tinha se movido para o final do balcão. Foi então que eu tive uma vista plena da figura dela. Ela era ridícula! O conjunto bege parecia saído dos anos 70, era pesado e cobria o corpo todo dela. “Olhe para você! Você parece tão deslocada!” Ela deu um passo atrás e examinou suas roupas. “A próxima vez que você decidir visitar alguém, tente não parecer tão fora de contexto!”

Eu coloquei o copo de iogurte no balcão e perguntei sarcasticamente: “Você tem dinheiro para pagar por ele?” A resposta dela veio como um choque para mim. De dentro do bolso do seu terno ela retirou uma velha nota de dois dólares e colocou no balcão. “Você não tem nenhum dinheiro novo ou isso é tudo o que você tem?” perguntei. “Da próxima vez que você vier ver alguém você procure conseguir algumas roupas novas assim como dinheiro, para não parecer tão deslocada!” Fiz a venda e coloquei o dinheiro no balcão, para não precisar tocá-la. Vagarosamente a mão dela veio em direção ao balcão para pegar o troco. A mão dela tinha a metade da largura de uma mão normal e os dedos eram longos e magricelos, quase como pinças. A pele era esbranquiçada com um suave tom rosado meio transparente.

Fiquei em choque enquanto observava ela deslizar pela multidão facilmente

até a rua. Parecia que as pessoas simplesmente saiam do caminho dela sem dizer uma palavra. Quando despertei do meu estado de transe, meu lado racional retornou rapidamente. A mulher não tinha pronunciado uma só palavra. O que tinha acontecido? Por que tinha acontecido? Eu queria as respostas mas me contive para não correr até a rua atrás dela.

Rapidamente eu perguntei para um colega de trabalho:

- Você viu aquilo?
- Ver o quê?
- Meu último cliente.
- Não, não vi – ela respondeu.

Freneticamente eu fui de pessoa a pessoa perguntando se eles a tinham visto. Uma garota disse se lembrar de ter visto uma mulher muito alta loura, mas não percebeu nada fora do comum. Não tinha sentido fazer maiores questionamentos naquele momento.

Minha conclusão imediata enquanto tentava racionalizar a visita da mulher foi que eu havia perdido a noção da realidade. Eu disse a mim mesma que nunca contaria a ninguém sobre o incidente. Talvez toda a conversa sobre os Alienígenas tenha começado a pregar peças na minha mente. Eu tentei relaxar pelo resto do meu turno mas foi difícil parar de pensar na mulher.

Várias semanas antes eu tinha sido levada a comprar o livro de Whitley Strieber, “Transformation”, apesar do fato de eu não ter o desejo de lê-lo. Normalmente eu não lia livros sobre o assunto, mas algo me compeliu a fazer a compra. O livro encontrou um lar no canto do meu apartamento, onde permaneceu até uma semana depois do encontro na loja de iogurte.

Naquela tarde eu vim para casa extremamente cansada e pretendia descansar. Do outro lado da sala, “Transformation” atraiu meus olhos, eu levantei, andei até a estante e o peguei. Depois de apenas dois capítulos eu me indaguei porque estava lendo um livro que não me interessava em nada. Ainda assim, por alguma razão, eu não conseguia largá-lo. Não foi antes das primeiras horas da madrugada, quando eu não conseguia mais ficar acordada, que eu fechei o livro e fui descansar.

No dia seguinte eu saí do trabalho rapidamente, ansiosa para terminar o liv-

ro. Num dos últimos capítulos, “Visitors Emerge” (Visitantes Emergem) lágrimas vieram aos meus olhos. Foi então que eu percebi porque tinha estado compelida a ler esse livro. E mais importante: percebi que eu não estava louca.

“Visitantes Emergem” era um relato detalhado de dois incidentes separados nos quais houve contato físico com extraterrestres. O que distinguia esses contatos eram os locais onde eles ocorreram. Essas visitas alienígenas tinham ocorrido às vistas de outras pessoas. Os Alienígenas pareciam não fazer claras tentativas de se esconder, e eram capazes de caminhar entre nós sem risco de serem detidos pela população.

Em ambos os casos no livro os detalhes eram contundentemente similares aos meus encontros. Em um caso a descrição do alienígena era quase idêntica à minha, incluindo o terno bege e o lenço puxado sobre o queixo, O alienígena foi visto pelo observador simplesmente passando por ela com uma cópia de “Transformation” nos braços.

Eu chorei por algum tempo depois de ler o livro enquanto percebia que, por alguma razão, os Alienígenas tinham feito uma visita especial para me ver. Mais uma vez eu me encontrei me perguntando: Por que eu? Quem sou eu?

## FIM DE 1990

Eu estava me preparando para contar ao meu pai sobre o encontro com os Alienígenas. Eu soube que ele estaria em Vancouver, então entrei em contato com ele para dizer que eu tinha algo importante sobre o qual precisava conversar. Ele concordou em me ver da próxima vez que viesse a cidade. Nós nunca tivemos um relacionamento próximo, de forma que eu sabia que conversar com ele não seria uma tarefa fácil. Quando ele finalmente chegou, nós marcamos um encontro na Commercial Drive. Sentamos na cabine de um restaurante barato, bebendo café e conversando um pouco.

Meu pai tem uma personalidade forte e normalmente não deixaria alguém dizer a ele o que fazer por nenhuma razão. Eu comecei a ficar nervosa pensando em como poderia explicar o que aconteceu na rodovia com os Alienígenas. Ansiosamente eu comecei a me remexer na cadeira, brincando com um pedaço de papel e olhava do meu pai para a mesa. Por fim, olhei direto nos olhos dele e disse:

- Preciso te contar sobre algo que me aconteceu. Preciso que você escute

minha história inteira antes de começar a me fazer perguntas. Por favor, espere até eu dizer que terminei antes de começar a falar.

Sem mais comentários, para minha surpresa, ele concordou. Suspeitando de que de alguma maneira meu pai tinha suas próprias experiências com Alienígenas, eu achava que estava juntando uma pequena peça do quebra-cabeça extraterrestre, mas minhas suspeitas eram apenas especulações. Depois que eu contei minha história, eu sabia que ele confirmaria ou negaria o fato de saber sobre eles. Tremendo eu relatei a história da minha abdução na rodovia naquele dia de outono de 1988. Então eu recostei na cadeira e olhei para ele. Ele não se moveu nem disse uma palavra. Eu ainda estava tremendo e me sentia aterrorizada à espera da resposta dele.

- Por que você não diz alguma coisa? – eu perguntei.

Ele sorriu e disse:

- Você não disse que já poderia falar.

“Meu Deus!”, eu pensei, “ele sabe!”.

- Desculpe, sim você já pode falar! O que você acha?”

Enquanto eu viver, jamais esquecerei sua resposta. Ele gentilmente se inclinou em minha direção e muito calmamente, mas com pesar, disse:

- Aqueles bastardos! Por que você não me contou? O pior é que a última vez que eles estiveram comigo foi há 25 anos!

Um raio atravessou meu corpo inteiro na medida em que ele confirmava o seu envolvimento. Ele perguntou novamente porque eu não lhe havia contado antes.

- Do que teria adiantado? – eu questioneei.

- Talvez eu pudesse tê-los parado! Aqueles filhos da mãe!

- Como você poderia ter feito isso?

- Eu não sei! Mas eu poderia ao menos ter tentado pará-los! – ele rosnou de volta para mim.

A única coisa que contei para ele naquele dia foi sobre minha experiência na rodovia, nada mais. Ainda assim foi o suficiente para confirmar que ele sabia tudo sobre os Alienígenas. Ele também confirmou que minhas memórias de bebê, com os Alienígenas sobre o meu berço eram reais, embora eu nada tivesse contado para ele. Eu estava com quase 25 anos, mesmo assim a única coisa que ele falou foi que eles estavam o tempo todo ao redor dele naquela época. Poderia ser possível que eles não estivessem atrás do meu pai, e sim atrás de mim? Era por isso que eles estavam ao redor o tempo todo naquela época? Era mais uma pergunta para acrescentar à minha já longa lista.

Estava ficando tarde e eu precisava ir pra casa para me arrumar para o trabalho no dia seguinte. Nós decidimos nos encontrar no dia seguinte e conversar um pouco mais sobre tudo aquilo.

Dessa vez nós decidimos nos encontrar em um pub para um drinque onde eu comecei a contar para ele sobre o russo que me pediu para me juntar ao programa psíquico deles. Ele me olhou e perguntou sorrindo:

- O que você disse a eles?

- Eu disse que não estava interessada, e que nunca estaria!

Ele riu alto e disse “Bom! Muito bom!” enquanto dava risada.

- Por que você disse a eles que não estava interessada?

- Eu me lembrei da história que você costumava contar quando nós éramos crianças sobre nunca ir com eles se alguma vez eles se aproximassem de mim. Você costumava contar que uma vez, quando estava nas ruas de Paris durante a guerra, um homem se aproximou e pediu para você se juntar ao ‘Exército Psíquico Russo’. Você sempre dizia para eu nunca ir com eles. Você falava assim: ‘Eles acham que eu sou idiota? Se você trabalhar para eles, nunca poderá ir embora; eles te matarão. Eles te possuem e não há onde se esconder! Não existe lugar onde você possa se esconder; eles fazem parte dos médiuns mais fortes do mundo e são capazes de te encontrar somente utilizando suas mentes. Eles não precisam de armas para matá-los, eles fazem isso com suas mentes! Nunca vá com eles! Entendeu?’ Você me contou essa histórias tantas vezes quando eu era criança, que quando o homem me pediu para ir trabalhar para os russos eu sabia que era sério!

Tudo que meu pai fazia era rir dessa história. “Tal pai, tal filha”, ele disse e aquilo foi o fim da nossa conversa sobre os russos.

Nós sentamos juntos e conversamos por umas duas horas. Eu compartilhei com ele o fato de que desde o meu encontro com os Alienígenas, minhas habilidades psíquicas haviam aumentado; ele disse que não estava surpreso. Então, do nada ele se inclinou na minha direção muito agressivamente e disse:

- Você não é um alienígena, entendeu? Você não é uma extraterrestre; você é minha filha e nunca se esqueça disso! Não importa o que qualquer um diga, você é minha filha!

Nesse momento eu soube que nunca poderia compartilhar com ele todas as coisas que os Alienígenas me disseram. Sua resposta seria brigar e eu não conseguiria lidar com aquilo porque eu queria descobrir o que mais ele sabia sobre eles. Se ele se tornasse agressivo, ficaria impossível conseguir qualquer informação dele.

A conversa começou a minguar e logo meu pai e eu seguimos rumos diferentes. Eu não sabia na época mas levaria anos até que conversássemos novamente. O encontro com ele me deixou com ainda mais perguntas a respeito do envolvimento dele mas também esclareceu que ele não queria estar envolvido. Mais importante, parecia que ele não me queria envolvida. Meu relacionamento com meu pai sempre havia sido tenso.

John me chamou uma noite naquela mesma semana e me disse que queria mostrar algo e esperava que nós pudéssemos nos ver o mais cedo possível. Eu sabia que deveria ser algo importante para que ele quisesse me encontrar tão rápido, então decidi vê-lo naquela mesma noite. Na rua escura do lado de fora do apartamento do meu namorado, John e eu nos sentamos no banco da rua. Em suas mãos ele segurava um envelope do qual retirou um documento. Ele disse que tinha conseguido com uma dos colegas com os quais trabalhava. Embora ele quisesse compartilhar o documento comigo, ele me avisou que se eles descobrissem que ele havia me mostrado, ele estaria encrencado. Quando perguntei por que eles estavam se arriscando tanto, ele respondeu que sentia que era importante para eu saber o conteúdo daquilo. O título do documento era “PROTOCOLO PARA CONTATO EXTRATERRESTRE”. Havia referência ao MJ12 na página de capa.

Eu peguei o documento dele e voltei para o apartamento do meu namorado, onde Frank estava à minha espera. Nós lemos o pacote juntos, mal conseguindo acreditar nos nossos olhos. As informações naquelas páginas davam detalhes de como as pessoas que tiveram contato com qualquer coisa extraterrestre deveriam ser tratadas. Especificamente dizia que elas poderiam ser mantidas presas pelo governo, isoladas pelo período que fosse julgado necessário pelo governo. Essas

peessoas não deveriam ter contato com o mundo exterior e seriam mantidas em quarentena indefinidamente. Chegavam a mencionar certas famílias que estavam pré-escolhidas para serem levadas a determinadas áreas em caso de contato extra-terrestre em uma escala global. Essas famílias teriam proteção militar de pessoal de fora. Haveria abrigo e suprimentos para que elas pudessem sobreviver. Elas seriam mantidas nesses campos em uma tentativa de salvar a raça humana em um evento de ameaça alienígena.

O documento prosseguia discorrendo sobre isso.

Eu fiquei com medo depois de ler o documento, e Frank ficou abalado também. “Que diabos está acontecendo?” ele ficava repetindo. Infelizmente eu não sabia responder aquela pergunta, nem mesmo para mim mesma. Nós nos questionávamos por que John havia dado o documento MJ12 para que eu lesse e onde ele havia conseguido. Ele estaria trabalhando para alguma organização governamental? Essa pergunta sempre estava em minha cabeça.

Eu passei aquela noite no apartamento de Frank e conversamos longamente depois de ler o documento, preocupados com as implicações para pessoas que tivessem qualquer contato com alienígenas. Eu pensei: “Sou eu! Talvez John estivesse preocupado com minha segurança, e essa fosse a sua forma de me alertar sobre o perigo em que eu poderia estar”. Eu adormeci tentando apagar aquelas páginas da minha cabeça.

No dia seguinte Frank tinha que ir trabalhar, então saí com ele e voltei para o meu apartamento. Lá eu fiz algumas ligações para pessoas a quem eu queria mostrar o documento. Eu sabia que John tinha me pedido para não deixar ninguém ver, mas era muito importante. Eu liguei para um pesquisador local, Ted McDonald, com quem eu havia feito contato através de Sandra Jones no ano anterior. Eu disse a ele que queria vê-lo para pedir sua opinião sobre esse documento MJ12. Ele ficou muito excitado no telefone e nós marcamos um encontro para mais tarde naquele mesmo dia.

Duas horas mais tarde eu estava na Rua Robson em frente a Biblioteca Pública.

Lá esperei por Ted enquanto me sentava no banco observando os turistas passarem. Na noite anterior tinha chovido um pouco, e eu estava agradavelmente surpresa por ver o sol brilhando. Não demorou muito para Ted chegar e nós começamos a conversar sobre o documento. Ele me contou que havia agendado um encontro com outro homem além de mim, e que eu não precisava mostrar o

documento para essa pessoa se não me sentisse confortável, mas Ted achava que nós deveríamos nos conhecer.

Na medida em que tirava os papéis do envelope, eu observava as pessoas ao meu redor. Ninguém liga muito para os assuntos dos outros na cidade, mas eu não queria chamar a atenção. Perto do topo do documento estava estampado “TOP SECRET”, mas eu continuava achando que aquilo devia ser algum tipo de piada. Assim que Ted começou a olhar, ele viu seu amigo vindo à distância e foi em sua direção.

Enquanto esperava Ted retornar, vi outro homem se aproximando. Eu percebi imediatamente que havia algo muito estranho sobre ele. Ele estava todo vestido num terno preto e tinha cabelos pretos; usava óculos de sol pretos muito embora não houvesse sol naquele momento. Ele passou por mim bem devagar, e ao passar na minha frente virou a cabeça e olhou diretamente para mim. Ele continuou andando e então se virou para retornar. Havia uma caixa de jornais na minha frente à esquerda; quando ele chegou à sua frente, se inclinou para olhar dentro antes de virar e olhar direto para mim e de novo para as manchetes. Seus movimentos eram rígidos e calculados, fazendo com que parecesse ainda mais destoante.

O mais perturbador era que , por alguma razão, eu não conseguia sentir ou captar nada dele. Eu olhava para ele, que estava de costas, tentando entender o porquê da ausência de qualquer tipo de energia vindo dele. Até mesmo quando olho para uma pedra sinto algum tipo de energia emanando dela, então era extremamente esquisito olhar para esse homem e não sentir nada. Pessoas consistem de sentimentos; com esse homem era como se ele não fosse real – quase como se ele fosse um holograma ou uma casca vazia.

Depois de um momento ou dois, o homem se virou e veio direto até mim, parando na minha frente, poucos centímetros de distância. Foi nesse momento que percebi que não apenas aquilo era estranho, mas que ele provavelmente estava ali por minha causa. Ele disse num tom de voz monótono:

- Você sabe onde há um bom local para fazer compras por aqui?

Que pergunta estúpida! Nós estávamos rodeados pelo melhor distrito de compras de Vancouver. Eu não conseguia sentir a sua presença mesmo com ele parado em minha frente. Se eu estivesse com meus olhos fechados eu nem saberia que ele estava ali. Para exemplificar o quanto sou sensível às energias das pessoas, eu já havia estado em estados de sono profundo quando alguém veio e ficou

parado na porta do meu quarto e eu imediatamente me sentei, olhando diretamente para a pessoa, sabendo que havia alguém ali porque podia sentir a sua energia, mesmo dormindo. Com esse homem eu não sentia nada.

Eu virei o documento de forma que ele pudesse ler o selo de “TOP SECRET”; eu queria ver a reação dele. Naquele momento Ted sentou ao meu lado. Ambos observamos o homem abaixar a cabeça, olhar para o meu colo, e sem nenhuma reação, repetir a pergunta:

- Você sabe onde há um bom local para compras por aqui?

Muito sarcasticamente eu respondi:

- Acho que você vai encontrar o que procura bem aqui na Rua Robson. Tudo o que você tem de fazer é se virar para perceber que você está no meio do Distrito de Compras.

Ele apenas ficou ali parado sem dizer uma palavra. Ted e eu ficamos olhando um para o outro, e então eu disse ao homem:

- Você deveria ir agora, antes que todas as lojas fechem.

Ele ficou de pé silenciosamente por pelo menos dois segundos, e sem dizer uma palavra, se virou e foi embora andando.

Depois que ele cruzou a rua, Ted, seu amigo e eu balançamos a cabeça em total descrença pelo que havia acabado de acontecer.

- O que aquele homem disse pra você? – Ted quis saber.

- Ele não disse nada além daquilo que você mesmo ouviu.

- Ele era um MIB!

Como sempre eu não sabia do que ele estava falando. Ele me explicou que os MIB – os “Homens de Preto” [do inglês “Men in Black” – Nota da Tradutora\*] eram parte do fenômeno UFO. Ninguém sabe ao certo quem ou o que esses homens são nem quais seus propósitos; as interações com eles são geralmente breves e inusitadas. Eles se vestem todos de preto, frequentemente usam óculos de sol escuros e são conhecidos por usarem carros pretos muito antigos. Essa informação me deixou nervosa e só se somou à minha já longa lista de estranhas

ocorrências ao meu redor desde o meu encontro na rodovia.

Ted e seu amigo estavam muito surpresos, não apenas pelos MIB, mas também pelo meu documento MJ12. Eles acharam que devia ser genuíno devido a minha estranha interação com o Homem de Preto. Ted tentou me explicar que o pouco que ele sabia sobre o MJ12 era que se tratava de um grupo de 12 homens que aparentemente tinham conhecimento sobre os UFOs e estavam tentando conseguir alguma forma de controle sobre o fenômeno. (O MJ12 é uma área interessante dentro da Ufologia, mas meu conhecimento é limitado. Seria melhor que o leitor pesquisasse por si mesmo o tópico para maiores informações – Nota da Autora.)

Eles queriam fazer cópias do documento, mas eu mantive minha palavra a John e não permiti. Se ele tinha ficado nervoso só por me deixar ver o documento e eu havia sido de fato visitada por um MIB, então não me parecia muito inteligente se fazer cópias daquilo. Nós três fomos para um café e discutimos os eventos da tarde onde eu me senti na berlinda, como se estivesse sendo interrogada e explicando tudo que sabia sobre os Alienígenas para os dois homens. Eu fiquei cansada rapidamente e decidi dizer adeus logo, de forma que eu pudesse ir para casa e dizer a John que ele podia vir pegar o documento MJ12, que eu queria fora das minhas mãos!

Mais tarde naquela tarde, eu recebi uma ligação de Frank; ele estava muito chateado e claramente preocupado. Ele disse que a polícia havia acabado de sair da casa dele; alguém tinha invadido o seu apartamento. Para nos apavorar ainda mais, parecia para a polícia que quem quer que tenha invadido o apartamento estava claramente procurando por algo em particular e que o quarto de Frank tinha obviamente sido o alvo da invasão. O apartamento dele e tudo que lá havia tinha sido revirado, incluindo armário, cozinha, sala de estar, enquanto o quarto do seu colega de quarto havia sido deixado intacto. A polícia achou que meu namorado fosse um traficante de drogas! Havia pelo menos \$10.000 em guitarras elétricas e amplificadores que não foram levados. Uma onça de ouro sólido que ficava ao lado da cama de Frank também foi deixada intocada, assim como uma quantia de dinheiro que estava em plena vista na sua cômoda.

Frank estava, compreensivelmente, muito chateado pela invasão. Eu não podia culpá-lo pois também me chateava muito, mas ele ficava me questionando em que diabos eu estava envolvida e por que eles o haviam colocado como alvo. Parecia óbvio para nós dois que poderia ter sido alguém procurando pelo documento. Eu tentei acalmar Frank e menosprezar os eventos que levaram a invasão do apartamento, mas não adiantou.

Não demorou muito para Frank me dizer que não queria mais me ver. Como eu poderia culpá-lo? Terminar o relacionamento partiu meu coração. Eu percebi que daquele momento em diante, qualquer relacionamento que eu tivesse, mais do que provavelmente, teria complicações. Eu sempre me vi como uma mulher forte e independente antes do contato alienígena, mas com toda atenção e experiências que eu vinha tendo, concluí que talvez levasse algum tempo até eu encontrar alguém com quem dividir minha vida novamente.

## FINAL DE 1990

Nessa época eu já estava ficando cansada de toda loucura. Havia tantas perguntas que eu queria ter respondidas para mim mesma, pessoalmente! Ao mesmo tempo eu parecia já ter muitas respostas, eu só precisava processar toda a informação que eu tinha na minha mente. Era uma situação muito estranha para se estar.

Quando eu falava sobre as minhas experiências, eu geralmente me sentia como se estivesse sendo interrogada. Eu ficava feliz de compartilhar com os outros as minhas experiências, mas eles pareciam pensar que eu tinha respostas para tudo e esse simplesmente não era o caso.

Num lento sábado à tarde eu e uma colega de trabalho nos sentamos e começamos a bater papo. O dia estava meio frio e úmido e os poucos clientes que pingavam na loja de iogurte congelado faziam os minutos parecerem horas. Quando um casal entrou na loja nós duas pulamos para ficar de pé e servi-los. Eles passaram pela minha colega e olharam diretamente para mim, mantiveram o contato visual e foram até o canto extremo do balcão; eu os segui perguntando o que podia servir a eles. Depois da primeira resposta deles, eu soube que eles estavam lá para me ver.

Ao invés de pedir, o homem começou uma estranha conversação comigo: ele se apresentou e estendeu a mão através do balcão para me cumprimentar, e então apresentou a mulher que estava com ele. Ela também estendeu o braço, agarrou minha mão e disse:

- É uma honra e um privilégio finalmente conhecê-la.

“O que essas pessoas estão fazendo aqui? O que ela quer dizer com ‘finalmente conhecê-la’?”, eu me perguntava.

Durante nossa conversa eu descobri que eles eram da Califórnia e ao que parecia tinham pegado uma viagem para Vancouver de última hora por apenas dois dias. A conversa era estranha pois girava ao meu respeito. O homem perguntou se eu mantinha um diário. Eu disse que sim, e depois ele falou que seria importante para mim no futuro e possivelmente para outras pessoas também. Um comentário estranho, pensei!

Quando eu perguntei com o que eles trabalhavam, o homem disse que eles construíam novas tecnologias para uma empresa chamada Lockheed na Califórnia. Tudo que eu conseguia pensar enquanto estava ali de pé era: “Por quê? Por que eu sou tão importante? Estou imaginando isso tudo?” Os dois finalmente partiram – sem comprar nenhum iogurte. (Anos depois eu descobri que, de acordo com os teóricos da conspiração, engenharia reversa de tecnologia alienígena é feita em Lockheed Martin, na Califórnia – Nota da Autora).

Assim que a porta se fechou atrás deles, minha colega de trabalho veio falar comigo.

- O que aquelas pessoas queriam? Foi realmente estranho, Miriam, como se elas tivessem vindo só para falar com você!

Eu fiz o meu melhor para dissipar as preocupações dela, mas não adiantou, ela continuou falando sobre eles. Pelas observações dela, foi como se eles tivessem me conduzido para o canto do balcão para poderem falar comigo a sós. Ela disse que eles pareciam assustadores.

Tudo em minha vida parecia algo saído de um romance de espionagem ou de um filme de ficção científica. Era muito difícil de lidar e eu não tinha certeza de quanto mais poderia aguentar já que o número de incidentes bizarros continuava aumentando. Eu não queria mais me envolver em encontros de abduzidos e estava começando a pensar que talvez eu estivesse atraindo muita atenção. Eu podia sentir o potencial real de perigo para mim mesma e não estava bem certa do que fazer a respeito disso.

Eu não conseguia tirar as palavras da mulher da minha cabeça:

“É uma honra e um privilégio finalmente conhecê-la”.

Quem eram eles? E por que eles tinham vindo me ver? O que eles sabiam sobre mim que eu não sabia? Tantas perguntas, e uma resposta só levava a mais perguntas.

## FUGINDO FINAL DE 1990 - INÍCIO DE 1991

Eu me mudei para Victória em uma tentativa de me afastar dos holofotes. Eu não podia mais dizer a mim mesma que tudo estava ok quando eu sabia que não estava. Tantas pessoas estranhas aparecendo do nada em minha vida tornou fácil a decisão de deixar Vancouver.

Alguns de meus amigos também começaram a sentir que eu poderia estar em perigo. Embora eu estivesse começando a pensar o mesmo, eu tentava afastar esse pensamento. A última coisa que eu precisava era eles se preocuparem comigo. Eu tentei levar uma vida normal e guardar as coisas mais comigo mesma. Depois dos russos, dos Homens de Preto, visitas alienígenas, documentos secretos e invasões domiciliares, eu havia tido o bastante!

Era hora de partir e deixar um pouco de pensamento racional penetrar de volta em minha mente. Eu pensei que os fogos de artifício estourando ao meu redor se acalmariam se eu desse alguns passos para trás.

Eu consegui um emprego trabalhando em uma revenda de automóveis lavando carros. Eu estava feliz por ter encontrado um trabalho tão despreocupado bem rapidamente; dava-me a oportunidade de ganhar o suficiente para pagar minhas contas sem ter muita interação com as pessoas. Depois de tudo que havia passado nos últimos dois anos, eu estava feliz por ter um tempo sossegado.

Eu fui para o trabalho um dia e comecei a lavar uma longa fila de carros. Na rua eu vi uma van branca estacionada com um homem sentado no assento do motorista. De início eu pensei que ele estivesse esperando para ter algum serviço feito na oficina mecânica, mas na medida em que o dia foi passando eu comecei a questionar o que ele estava fazendo ali. Ele simplesmente ficava ali sentado olhando para frente. De vez em quando ele olhava direto para mim por um momento e daí virava a cabeça e fixava o olhar à frente novamente. Depois de quatro horas eu não o vi comer ou beber nada, nem deixar a van em nenhum momento.

A parte de trás da van tinha vidros escurecidos, o que me fez sentir desconfortável. Nessa hora eu já estava um pouco paranoica – como alguém poderia me culpar? Eu tentei muito encontrar uma explicação razoável para a presença dele, mas não achei nenhuma. Por volta da uma hora da tarde eu decidi ir almoçar, pois era uma ótima oportunidade para andar por detrás da van o mais perto que eu pudesse para tentar enxergar lá dentro. No que eu passei pela janela de trás da

van, um raio de sol brilhou bem na hora e eu pude ver o contorno da câmera de um longo telescópio! Enquanto continuava a andar eu fiquei brava. Eu só queria ser deixada em paz! Voltei do almoço para encontrar a van e o homem na mesma posição onde eles tinham ficado o dia todo. Às cinco da tarde eu fui para casa e o deixei lá.

No dia seguinte a mesma van estava na mesma posição, mas o motorista era diferente. ‘Quão idiota eles acham que eu sou?’, eu me perguntava. Mais tarde no mesmo dia eu vi um carro preto antigo, como um que meus pais tiveram quando eu era criança, passando. O motorista se vestia todo de preto, tinha cabelos pretos e usava óculos escuros. Ele virou e olhou diretamente para mim enquanto passava. Eu me lembrei do que Ted me falou sobre os MIBs e me perguntei se este seria um deles. Quando ele passou dirigindo uma segunda vez, só uma questão de minutos depois, ele fez exatamente a mesma coisa – diminuiu o carro e olhou diretamente para mim, mantendo o olhar. Dessa vez eu sorri e acenei para ele, enquanto pensava no quanto me irritava o fato dele estar ali.

Nessa hora eu estava muito aborrecida e me questionando o que de fato estava havendo com aquela van. Eu havia me mudado de Vancouver e parado quase todo contato com pessoas ligadas a Ufologia porque tudo que eu queria era ficar em paz! Então eu respirei fundo e marchei reto até o homem sentado no banco do motorista.

- Eu notei que você passou o dia todo aqui; posso ajudar em alguma coisa?

O homem ficou surpreso; eu podia ver isso no rosto dele.

- Não, obrigado. – ele respondeu.

- Posso pegar um café para você ou algo assim? Eu notei que você passou o dia todo sentado aqui sozinho e nem foi ao banheiro. Posso pegar alguma coisa para você?

Claramente abalado pelas minhas ações, ele disse:

- Não, obrigado, Estou bem.

Eu sorri e falei:

- Se você precisar de qualquer coisa, acene para eu saber. Eu vou estar de olho em você.

E então fui embora. Depois de cerca de meia hora a van foi embora e eu nunca mais o vi novamente. Coincidência? Talvez. Eu fiquei feliz por ele partir.

Dois meses mais tarde minha amiga Sandra de Vancouver me ligou. Quando saí de Vancouver eu havia pedido a ela que me avisasse se ela encontrasse alguém com bastante conhecimento de Ufologia, pois eu estaria muito interessada em conhecer essa pessoa.

Ela tinha encontrado um homem que parecia ser muito interessado em todas as áreas ufológicas. Quando ela o conheceu, ela mencionou minha história para ele e contou um pouco sobre mim. Aparentemente ele estava muito interessado em se encontrar comigo. Eu estava tentando manter a discrição mas não queria deixar passar a oportunidade de conhecer alguém que tinha bastante conhecimento, então nós marcamos uma hora na semana seguinte para uma reunião. Eu disse a eles que seria mais fácil para eles virem até Victória do que eu ir até Vancouver.

Estávamos na metade de uma manhã de sábado ensolarada quando eles chegaram. A casa em que eu estava ficava vazia durante o dia, então não precisávamos nos preocupar com interrupções durante nosso encontro. Eu estava excitada com o potencial de encontrar outro contatado que teria conhecimentos semelhantes aos meus.

Um carro chegou e estacionou e eu desci correndo para a porta lateral para cumprimentá-los. Sandra saiu do carro e disse ‘Olá’ me abraçando; o homem ainda estava mexendo em algumas coisas dentro do carro. Quando ele saiu do carro e fechou a porta, meu queixo caiu. “O que estava acontecendo”, eu pensei. O homem, que se apresentou como Bill Walters, parecia exatamente com John Davis. Seu cabelo era da mesma cor e estilo, ele tinha os mesmos olhos, a mesma estranha pele oliva, grandes e grossos óculos, e sim, até as mesmas calças beges.

Imediatamente, fiquei em guarda. Obviamente eu estava errada ao supor que me deixariam em paz meramente porque me mudei de Vancouver.

Pelas próximas horas nós conversamos sobre várias questões. Bill fez muitas perguntas sobre o que me disseram, e queria saber especialmente sobre tecnologia alienígena. Mantive minhas respostas tão vagas quanto possível porque senti que não podia confiar plenamente nele. Talvez eu estivesse louca – quem sabe? Eu me fiz essa pergunta tantas vezes que era como ter uma gravação repetindo na minha cabeça.

Na primeira oportunidade que tive de ficar a sós com Sandra eu contei a ela

sobre John Davis e perguntei o que ela sabia sobre Bill. Ela não sabia muita coisa mas disse que ele parecia ter muito mais informação sobre o assunto do que a maioria das pessoas. Até onde ela sabia, ele era um programador de computadores que ela conheceu num encontro ufológico; eles rapidamente ficaram amigos e puf! Lá estavam eles conversando comigo.

Durante o dia eu procurei obter maiores informações com Bill, mas assim como John Davis, ele era vago em muitas áreas. Eu fiquei frustrada com a sua falta de vontade de compartilhar o que ele sabia comigo. Ficou claro, na medida em que o dia passava, que ele estava ciente de que eu estava guardando o que sabia pra mim.

Antes de voltar para o aeroporto, Sandra e Bill sugeriram que nós jantássemos. Depois de comermos, nós nos levantamos para irmos embora e Bill me entregou seu cartão de visitas.

- Você trabalha com John Davis? Eu não acredito! – eu estava incrédula: ambos John e Bill trabalhavam para a mesma companhia de computadores!

Ele olhou para mim sem expressão e disse:

- Não. O que você quer dizer?

- Você trabalha com um cara chamado John Davis!

Ele ainda insistiu que não conhecia ninguém chamado John. Rapidamente meu medo se transformou em ira e eu disse:

- Olhe, eu sei que você trabalha com John Davis em um escritório pequeno com cerca de oito outros caras, e todos vocês se interessam por ufologia e trabalham numa companhia de computadores instalando supercomputadores, então que diabos está havendo aqui? Quem é você?

Finalmente ele disse:

- Oh, certo, John, sim, eu trabalho com John. Eu sou terrível com nomes, me desculpe.

Bill não se aprofundou sobre o quanto ele conhecia John. Ele rapidamente pagou pelo seu jantar, afirmando que eles teriam de correr se quisessem pegar a balsa.

- Me ligue se você for a Vancouver – disse ele. Eu realmente gostaria de ouvir mais sobre a sua história.

Enquanto observava-os partindo eu fiquei imóvel, minha mente revirando com perguntas. Quem eram aqueles caras? Eu posso aceitar que ambos tenham a mesma ocupação e até mesmo trabalhem no mesmo lugar, entretanto o fato de eles se parecerem iguais e até mesmo usarem a mesma estranha calça bege é um pouco demais!

## 1991

Pelos próximos meses eu voltei a Vancouver algumas vezes e inquirei John a respeito do ocorrido. Como sempre, ele parecia ter uma resposta para tudo. Bill era esquecido, ele disse, e vivia em seu próprio mundinho. Quanto a eles se parecerem? Ele disse que as pessoas diziam isso pra ele às vezes. Quanto mais eu pressionava, menos ele falava. Eu também liguei para Bill numa tentativa de descobrir mais coisas. Ninguém no meu círculo de amigos conhecia ambos, John e Bill; eu era a única pessoa que conhecia os dois. Algumas das pessoas que eu conhecia já havia se encontrado com um ou com o outro, mas somente eu havia conhecido os dois, o que dificultou convencer as pessoas de que eu não estava louca!

Meu tempo em Victoria teve curta duração uma vez que eu estava mais confortável morando em Vancouver onde tinha meus amigos ao meu redor. Depois de apenas seis meses eu empacotei minhas coisas e me mudei de volta. Eu pretendia manter a discrição numa tentativa de ficar fora dos holofotes do fenômeno UFO. Isso não significava, entretanto, que eu não mantivesse contato com as pessoas com quem já tinha feito amizade, nem que eu não estivesse mais em busca de respostas.

Por essa época, Sandra me falou de uma conferência ufológica em Tucson no Arizona. Seria o primeiro Congresso de Ufologia, e eu imediatamente decidi comparecer. Uma outra abduzida, que eu havia conhecido dos encontros com abduzidos que havia realizado, Cathy, também iria, e nós decidimos dividir um quarto para balancear os custos da viagem.

Logo nós estávamos no avião para o Arizona. Eu estava entusiasmada por ir por conta das pessoas que eu poderia encontrar que tivessem passado por experiências similares às minhas.

Horas depois o avião pousou e nós fomos para o hotel nos instalar. Eu rapidamente desfiz as malas e desci para perambular e conversar com as pessoas, contando a algumas delas partes da minha história. Foi então que eu percebi que eu era diferente de muitas delas; eu parecia ter mais lembranças dos meus contatos alienígenas e meus pensamentos eram mais claros em vários fatos. A maioria das pessoas parecia confusa sobre o que de fato havia acontecido durante suas experiências.

Eu logo decidi que teria de ser cuidadosa com quanto eu falaria. Eu ainda estava sendo cautelosa por uma série de razões, sendo uma delas o fato de que toda minha correspondência nos últimos meses tinha chegado até minha casa danificada: em outras palavras, aberta. A pessoa com quem eu vivia não sabia nada sobre minhas experiências ou no que eu estava envolvida, e quando ele percebeu a regularidade com que minha correspondência vinha danificada, ele disse que não queria saber a respeito, então eu nunca lhe contei. Eu sentia que me abrir demais com estranhos na conferência poderia não ser uma boa ideia considerando os eventos passados.

Eu andei pelas salas da conferência e falei com muitas pessoas. Então eu fui até uma sala de arte e iniciei uma conversa com um dos artistas, de nome Peter Clark. Seu trabalho era incrível e eu apreciei especialmente os detalhes em seu trabalho. Uma pintura do tamanho de um pôster representando um extraterrestre com grandes olhos negros foi o que me chamou a atenção. O trabalho artístico exigia atenção e na medida em que eu olhava para a figura, ela me dava a sensação de que o extraterrestre era amistoso. Foi no meio da conversa com ele que eu senti um tapinha no meu ombro e uma voz no meu ouvido direito:

- Eu ouvi dizer que você tem uma história interessante. Eu realmente gostaria de ouvi-la qualquer hora dessas.

Quando eu me virei para ver quem estava falando comigo, suspirei em frustração. Lá estava o homem número três! Exatamente como Bill e John, ele tinha a mesma cor e estilo de cabelo, cor de olhos, tom de pele oliva, óculos e, sim, você adivinhou, as mesmas calças bege! “Droga”, pensei comigo, “isso nunca vai terminar?”

Eu disse ao homem que falaria com ele em algum outro momento. Pelas próximas poucas horas ele se manteve sempre próximo a mim, observando, esperando, carregando uma mochila preta o tempo todo.

Sem falar com ele, eu subi para o quarto no final da noite e encontrei Cathy já deitada na cama. Nós havíamos acabado de começar a falar sobre o nosso dia

quando ela trouxe à tona o que chamou de “algo peculiar” que ela havia visto.

- Miriam, você viu aquele cara que estava circulando por aqui hoje? Ele parece muito com Bill! Tem o mesmo cabelo, óculos, pele! – ela se sentou reta na cama e disse: Ele tem até mesmo as mesmas calças bege!

Eu disse a ela que o havia visto também e que ele tinha se aproximado para conversar. Eu estava feliz por ela tê-lo visto porque até aquele dia eu era a única que tinha visto mais de um desses homens. Eu estava extática porque isso confirmava que eu estava vendo esses homens claramente. Cathy e eu tivemos várias conversas sobre nossa incredulidade a respeito da semelhança desses homens.

Durante os próximos cinco dias esse homem me seguiu em quase toda parte e nós conversamos brevemente em várias ocasiões. Eu sentia que era do meu interesse descobrir tudo o que eu pudesse sobre ele. Ele me disse durante nossas conversas que era um programador de computadores – grande surpresa! Ele disse que estava escrevendo um livro sobre tecnologia alienígena e queria saber o que eu conhecia a respeito, fazendo o mesmo tipo de perguntas que Bill e John tinham feito.

Muitas pessoas, completos estranhos, ao longo desses cinco dias, vieram até mim e disseram que eu estava sendo seguida; algumas delas estavam claramente preocupadas com a minha segurança. Eu agradei a elas e disse que eu não estava preocupada. Eu tinha chegado a conclusão de que se esses homens quisessem me fazer mal, já o teriam feito àquelas alturas.

Ainda mais estranho era o fato de que havia dois desses caras na conferência. Em ambos os casos eles tinham o mesmo cabelo, óculos, tom de pele e, sim, calças bege. Eles também carregavam mochilas pretas idênticas. O que falou comigo era mais alto. O mais baixo corria toda vez que eu chegava perto dele. Acho que supostamente ele não deveria fazer contato comigo de forma alguma; pelo menos foi o que eu supus.

Durante esse tempo algumas pessoas que conheci tentaram tirar uma foto do homem mais baixo para mim. Se ele nos avistava, ia embora, e algumas vezes, literalmente, saía correndo. No fim eu consegui uma foto decente do mais alto, do homem-clone, e uma de perfil do mais baixo. Comparando as fotos, alguém pensaria tratar-se de gêmeos, com exceção da altura.

Em uma ocasião, durante a conferência, eu tomei um longo café com o mais alto. Minha intenção era tentar descobrir o máximo possível sobre ele. Eu

perguntei por que ele estava tão interessado no aspecto tecnológico do fenômeno UFO. Ele me falou que estava escrevendo um livro sobre o assunto: “O ABC dos UFOs”. Fazia sentido, mas eu não confiei nele. Nossa conversa girava em torno do que os Alienígenas haviam me dito. Eu lhe dei pitadas de informação em uma tentativa de conseguir minhas próprias informações a partir dele. Uma das coisas que ele foi categórico foi que eu não deveria ir para a área de Four Corners. Ele me disse que era muito cedo para ir lá e que eu não seria capaz de concluir o que eu precisava fazer. “Não é seguro para você agora”, ele disse. Eu realmente não tinha ideia do que ele queria dizer, mas eu senti como se ele estivesse me alertando para ficar longe daquele lugar ao menos por enquanto. Quando pedi a ele para se aprofundar com mais detalhes quanto ao por que eu deveria permanecer longe, ele se recusou a responder claramente. Apesar disso ele falou sobre a presença militar na área e das bases subterrâneas, sobre as quais eu estava bem consciente porque os Alienígenas haviam me contado a respeito e me mostrado quando eu estava com eles.

Quando retornei a Vancouver eu estava com ‘bala na agulha’. Agora eu tinha munição para Bill e John já que Cathy viu os ‘clones’ em Tucson. Eu pressionei Bill para obter respostas e finalmente ele compartilhou algumas ideias interessantes. Ao que parece, em algum momento ele fez parte do Exército dos Estados Unidos. Ele me disse que fez parte de um programa de alteração da mente que teria ocorrido nos anos 70. O programa mexeu profundamente com ele, mudando sua vida, e foi uma das principais razões pelas quais ele se envolveu na pesquisa dos fenômenos ufológicos. Eu me sentei num restaurante com ele enquanto ele me contava histórias do seu tempo com os militares e que ele conhecia pessoas que trabalhavam para o FBI e a CIA. Isso não me surpreendeu, uma vez que eu já suspeitava enormemente disso há tempos.

Em um dado momento da nossa conversa, Bill me perguntou como eu meditava, então contei a ele com detalhes, passo a passo. “Eu só uso luz branca”, falei. “Quando me aterro ao meio da Terra eu me agarro aos cristais verdes para me manterem conectada à Terra”. Quando lhe contei isso ele pareceu surpreso.

- Você esteve no centro da Terra? – ele perguntou.

- Eu fiz uma viagem astral até lá com um guia extraterrestre.

Ele me disse estar surpreso porque poucas pessoas tinham estado lá antes, e que havia visto os cristais verdes também, mas deu a entender que havia sido fisicamente, não em espírito.

Essa conversa aprofundada quase não aconteceu. Antes de ele começar a se abrir comigo eu falei que se ele não começasse a falar e fosse direto comigo, eu iria embora e diria a todo mundo que ele não era uma pessoa confiável. Foi nossa primeira conversa real – assim como uma das últimas.

Minha relação com John era mais estabelecida do que com Bill, por isso quando eu o abordei com minhas questões e preocupações eu achei que poderia conseguir mais informações através dele. Naquela época tanto ele como Bill estavam fazendo muitas viagens para a Califórnia e de lá para a Rússia. Ele me disse que eles estavam ajudando a colocar supercomputadores em ordem para um projeto do governo russo. Eu exigi que ele me dissesse como ele sabia tudo o que sabia sobre UFOs e extraterrestres. Ele explicou que todos no escritório eram interessados nisso e que era de lá que ele obtinha a maioria das informações, mas eu não me satisfiz com a falta de explicações e o pressionei mais.

Como havia feito com Bill, eu disse a John que a menos que ele se abrisse comigo eu não falaria novamente com ele. John parecia ter uma resposta ultrajante para cada pergunta, inclusive alegando que todas as suas informações vinham de Bill. Ele me contou sobre a tecnologia governamental que permitia que eles ouvissem conversas de telefone, procurando por palavras-chave. Se eles ouvissem quaisquer daquelas palavras eles automaticamente gravariam a conversa para analisar posteriormente. Ele me disse que os governos dos Estados Unidos e da Rússia tinham programas de visão-remota, com os quais Bill esteve aparentemente envolvido por um curto período.

Não muito tempo depois de eu ter confrontado Bill e John, eles mergulharam no esquecimento. Ninguém nunca mais ouviu falar deles. Depois que Cathy e eu começamos a falar com as pessoas sobre os homens em Tucson eu acho que eles souberam que o disfarce deles estava descoberto e eles tiveram de abandonar a cena ufológica em Vancouver.

Depois da conferência eu enviei a foto do ‘clone’ mais alto para um contato que havia feito lá; ela por sua vez enviou para uma amiga em outra cidade nos Estados Unidos que reclamava de estar sendo seguida por um homem de perfil similar. Ao que parece a mulher ficou abalada quando recebeu a foto porque o ‘clone’ se parecia exatamente com o homem que a estava seguindo!

Eu tentei tirar uma foto de Bill mas nunca tive sucesso, mas em compensação eu tinha um par de fotos de John de antes da conferência. Quando comparei os três diferentes homens nas fotos, pude ver que eles têm algumas semelhanças espantosas. O fato de todos eles terem as mesmas calças beges, só

se somava à história bizarra.

Pouco tempo depois que John e Bill desapareceram eu voltei a trabalhar num café. Um dia eu olhei para cima e lá estava ele – homem número cinco. Droga! Nunca iria acabar?

Eu o tratei como a qualquer freguês no balcão, enquanto pensava: “É melhor ele não conversar comigo sobre nada fora do normal, se é que ele sabe o que é bom pra ele!” Ele tinha a mesma cor e estilo de cabelo, óculos, olhos, pele e, sim, as benditas calças beges!

No decorrer das semanas seguintes eu descobri que seu nome era Seth. Ele vinha regularmente e sempre tinha um rápido bate-papo comigo no balcão enquanto esperava para pegar sua comida. Nossas conversas eram sobre coisas mundanas, como o tempo; eu descobri, entretanto, pelas nossas conversas, que ele trabalhava para uma companhia de computação. Todos eles trabalhavam para companhias de computadores – quem eram aqueles caras?

Eu achava que se eles quisessem me machucar já o teriam feito, e assim fiz o meu melhor para que aquilo não me incomodasse.

\*\*\*\*\*

Eu me perguntava o que havia me tornado tão importante para ter toda a atenção que havia tido nos últimos anos. Eu decidi que era melhor para mim se eu saísse da comunidade ufológica completamente e parasse de contar minha história para as pessoas. Eu sentia que se continuasse falando eu estaria em perigo e não conseguiria completar a missão que os Alienígenas me deram: contar às pessoas quem eles eram.

Eu rompi o contato com quase todas as pessoas que havia conhecido na comunidade ufológica. Foi uma decisão que me fez sentir segura novamente. Aos poucos toda a estranha atenção que eu estava tendo desapareceu e fui deixada em paz para viver minha vida.

Exceto pela presença de Seth. Ele permaneceu em minha vida e não importando onde eu estivesse, ele parecia me encontrar. Se eu mudasse de emprego ou de casa, não importava. Toda vez que eu marcava um voo para qualquer lugar, pelos próximos doze anos eu o encontraria, geralmente no espaço de três dias. Ele me perguntava se eu tinha alguma viagem planejada,

para onde iria e o que eu faria quando chegasse lá, etc. Era geralmente uma conversa breve; assim que papeássemos por dois ou três minutos, eu não o veria novamente até a próxima viagem.

Eu me arrastei de volta para a rotina diária tentando me adequar. Quando a hora de começar o trabalho viesse, eu saberia, então abri mão do mundo ufológico para me mesclar à sociedade novamente enquanto eu silenciosamente esperava...

# As Espirais do Arizona

Por doze anos eu permaneci fora das luzes da ribalta após tomar uma decisão consciente de me afastar de tudo e de todos que estivessem envolvidos com UFOs e Alienígenas, em 1991. Uma manhã eu acordei sabendo que era hora de começar meu trabalho novamente para os Alienígenas; eu sempre soube que o dia viria em que eu receberia uma mensagem deles para retornar ao trabalho, e esse dia chegou no começo de 2003.

A última vez que eu havia estado no Arizona havia sido em 1991 quando fui para a conferência em Tucson. Eu sabia que em algum momento da minha vida eu iria fazer uma viagem até a área de Four Corners, mas permaneci afastada até 2003, em parte devido ao aviso dos clones na conferência. Ele me disse que eu deveria esperar alguns anos antes de ir para lá. Minha interação com ele, assim como com os outros clones, me fez seguir esse conselho. Eu sempre soube que quando, e se, fosse a hora certa eu saberia.

Eu acordei numa manhã no início de janeiro de 2003 e comecei a pensar em ir para o Arizona, para Four Corners. Eu pensei muito a respeito do que essa área reservaria para mim; isso passou a não sair mais da minha cabeça. Quatro meses se passaram e a cada dia o desejo de viajar para o Arizona aumentava.

Os Alienígenas tinham me dado informações consideráveis a respeito dessa área em 1988. Uma das mais cruciais era que a área de Four Corners seria importante para mim, assim como para outros como eu, no Fim dos Tempos. Seria lá, me disseram, que outros como eu se reuniriam. Seriam as “Terras Seguras” próximo do fim. Eu decidi que tinha de superar o meu medo e ter essa experiência por mim mesma agora.

Eu sabia que para conseguir visitar todas as áreas que eu desejava, precisaria alugar um carro. Decidi acampar ao longo do caminho para tornar a viagem menos dispendiosa. Tanto acampar quanto a longa viagem seriam coisas inéditas na minha vida, então decidi pedir a uma amiga para vir junto. A maioria dos meus amigos estava ocupada trabalhando, tendo filhos, ou não tinham dinheiro para uma viagem, então eu decidi perguntar a uma nova amiga, Carrie, se ela estaria interessada. Ela era uma ótima garota que eu havia conhecido através de amigos em comum. Embora estivesse em seus vinte e poucos anos e eu no fim dos meus trinta, nós nos demos bem muito rapidamente. Como ela havia sido

despedida do seu emprego como secretária, eu sabia que ela estava livre para sair de férias. Eu liguei para ela e perguntei se ela estaria interessada num viagem de dez dias acampando na região de Four Corners. Ela disse que parecia uma ótima ideia e como eu iria pagar pelo aluguel do carro, isso tornou a proposta ainda mais atraente.

Logo encontrei uma boa oferta de passagens de avião para Phoenix. Antes de pagar eu liguei para Carrie e falei que gostaria de dividir uma história com ela antes que ela tomasse sua decisão final. Eu estava nervosa só de pensar em contar para ela as minhas experiências com UFOs, mas sabia que era importante fazer isso. Nós decidimos nos encontrar no dia seguinte para combinar tudo.

Na tarde seguinte nos encontramos para um café na Commercial Drive. Nós saíamos da cafeteria para a rua movimentada da cidade enquanto eu explicava para ela a importância de eu dividir com ela a minha história antes de partirmos. Eu sentia a necessidade de ser honesta com ela para que se ela se sentisse de alguma maneira desconfortável ou pensasse que eu era louca, pudesse desistir da viagem. Dava para ver que o desenrolar da história estava deixando Carrie confusa.

Eu pedi a ela que me fizesse o favor de ouvir a história inteira antes de começar a fazer perguntas. Nós dobramos a esquina numa rua que tinha menos carros e mais pedestres. Era o dia perfeito para uma caminhada, o sol brilhava enquanto passávamos em frente de velhas casas com jardins floridos, o que me ajudou a relaxar um pouco enquanto eu lhe explicava lentamente porque queria fazer essa viagem para a região de Four Corners.

Contar minha história do encontro com os Alienígenas pela primeira vez às pessoas sempre me deixava nervosa. Depois de apenas uns poucos minutos, Carrie me interrompeu:

- Miriam, eu não acho que você seja louca de forma alguma! Há tantas coisas que nós não sabemos sobre esse mundo. Você é a primeira pessoa que conheço que diz ter tido um encontro com alienígenas, mas isso não significa que eu não acredite em você.

Eu estava tão feliz e de alguma forma surpresa em ouvir a resposta dela. Enquanto caminhávamos, conversamos sobre vários assuntos controversos, de conspirações a extraterrestres. Eu estava um tanto surpresa pelo conhecimento dela, porque era muito maior do que imaginava. Eu encerrei nossa conversa pedindo a ela que pensasse sobre o assunto até o dia seguinte antes de tomar

uma decisão final sobre viajar comigo. Ela me disse que não precisava pensar a respeito, mas eu insisti.

Carrie ligou cedo no dia seguinte para reconfirmar que ela se sentia confortável com tudo que eu havia dito e então perguntou:

- Que dia você quer partir?

Depois que desliguei o telefone, paguei pelas passagens para Phoenix. Eu sabia que alguma coisa me aguardava. Depois de 12 anos estando fora da comunidade ufológica eu sabia que essa viagem seria o primeiro passo de volta ao estranho mundo dos extraterrestres. Eu me sentia um pouco ansiosa sabendo que estava indo para uma área que era extremamente importante para eles. Eles me disseram: “Você liderará grandes números de pessoas de volta para as Terras Seguras”. Era hora – hora de ver a área que estava tão intimamente ligada ao meu papel na cósmica comunidade ufológica.

Nos dias que antecederam a partida eu tentei permanecer focada no planejamento da viagem. Foi ótimo poder planejar esse tipo de viagem com Carrie porque ambas estávamos dispostas a acomodar os destinos desejados pela outra. No início eu disse a Carrie que acima de tudo eu tinha somente dois pedidos: nós tínhamos que dirigir até uma montanha em particular, Shiprock, e nós tínhamos que dirigir através das Terras Hopi no Arizona. Os pedidos dela eram ir até Santa Fé, no Novo México e visitar a Cratera do Meteoro. Eu sabia que em dez dias nós não teríamos problemas em acomodar os desejos de ambas.

Antes de partir eu senti que tinha de ler algumas das notas que havia escrito entre 1988/89/90. Eu procurava por qualquer referência a um homem chamado Harold. Quando as encontrei eu li as passagens em detalhes. Os Alienígenas me deram informações específicas sobre esse homem, assim como detalhes de como e onde eu iria encontrá-lo. Eu sentia que se e quando eu de fato o encontrasse seria em um desses dois lugares: a área de Four Corners no Arizona ou no Peru. Já fazia anos desde a última vez que havia pensado na possibilidade de encontrá-lo, então eu queria refrescar a minha memória a respeito dos detalhes de quem eu estaria procurando. Não contei a ninguém antes de deixar Vancouver da remota possibilidade de encontrar esse Harold.

Carrie e eu partimos para o Arizona na manhã de 18 de maio. Eu estava excitada e nervosa ao mesmo tempo, e não compartilhei a apreensão que estava sentindo a cerca de nossa viagem com Carrie. Minha vida tinha se misturado com os extraterrestres por muitos anos e agora, depois de um longo hiato da parte

deles, eu estava voltando direto para o mundo deles.

Nosso voo chegou a Phoenix duas horas mais tarde – a primeira mudança em nossos planos. Como resultado do nosso atraso, o carro que havíamos reservado foi dado para outra pessoa; e como era um final de semana de feriado, não havia nenhum outro disponível! Sem muita escolha, pegamos um taxi até o hotel para aquela noite. Disseram-nos que haveria um carro disponível para nós na manhã seguinte.

Nosso dia começou devagar por causa do atraso do carro. Finalmente, lá pelo meio-dia, estávamos em direção ao norte para Sedona. Depois de horas de um congestionamento ridículo, o carro alcançou o topo do cume o que nós vimos era incrível. Literalmente me deixou sem fôlego. Por anos eu tinha ouvido histórias de quão espetacular era a área de Sedona; imagens jamais capturariam as estonteantes formações profundas de rocha vermelha que investiam da terra em direção ao céu. Essas estruturas massivas ponteavam a viagem pela região. Nós podíamos ver facilmente porque Sedona era considerada um ponto de poder energético no planeta.

Nossa primeira parada foi num centro de informações. Depois de perambular ao redor lá dentro e pegar alguns panfletos, eu falei com uma mulher no balcão. Eu perguntei aonde ela iria se estivesse viajando pela região, e expliquei que nós estávamos procurando por lugares que não fossem áreas de intenso turismo. Sua sugestão número um foi um lugar chamado Mesa Verde. Eu fiquei empolgada quando ela nos falou sobre as antigas moradias do penhasco no canto sudoeste do Colorado. Depois de um breve conversa, Carrie e eu decidimos que certamente era um lugar para colocarmos na nossa lista de lugares para ir. Nós partimos e retornamos à rodovia e ao tráfico horroroso, tentando alcançar Flagstaff.

Acampamos em Flagstaff tarde naquela noite. Embora soubéssemos que fazia frio no deserto à noite, ainda estávamos chocadas de quão frio era! Trememos a noite inteira e na manhã seguinte cruzamos o deserto pela rota 180, seguindo em direção a Albuquerque.

Ao longo do caminho paramos para ver o Deserto Pintado, a Cratera do Meteoro e a Floresta Petrificada. O deserto do Arizona começou a encher nossas almas com um profundo respeito e amor pela terra. A área era rica em cor e mistério em cada canto. Nós logo entendemos que havia dois tipos de pessoas no mundo: aquelas que não viam nada além de areia e cactos e aquelas que viam a vida e a beleza, e nós fazíamos parte do segundo grupo.

Era cerca de 05h00 da tarde quando cruzamos a fronteira do Arizona com o Novo México e paramos em Gallop para abastecer e pegar água. Carrie entrou na loja para comprar água enquanto eu esperava no carro e olhava o mapa. Quando Carrie retornou nós conversamos sobre nosso roteiro de viagem. Era claro que nós não teríamos tempo suficiente para vermos Mesa Verde e Santa Fé; decidimos que poderíamos ver uma cidade em qualquer ocasião, mas a história e o mistério das casas no penhasco seria uma rara visão. Quando voltamos a dirigir pegamos a famosa rota 666; Carrie e eu demos risada por causa do número da rodovia. Disseram-nos que ela seria renomeada em duas semanas; talvez as pessoas não se sentissem confortáveis dirigindo numa rota com uma associação negativa.

Eu estava tão empolgada que me sentia como uma criança esperando para abrir os presentes de natal. Antes de deixarmos Vancouver eu tinha falado brevemente com Carrie sobre a história de Shiprock e os Alienígenas. Em 1988, quando eu fui levada, os Alienígenas me mostraram uma imagem de Shiprock. Eu estava na nave quando eles me contaram que um dia eu viajaria para aquele lugar. Por muito tempo depois da minha experiência na rodovia eu me questionei como encontraria esse lugar. Somente dois anos depois, quando um amigo me deu uma revista da região de Sedona, que vim a saber seu nome. Antes de fazer nossa viagem para a região de Four Corners eu pesquisei sobre Shiprock na Internet; a informação era limitada mas dizia que a rocha era sagrada para o povo Navajo. Os Navajos acreditavam que a rocha havia trazido seu povo para aquela região e para esse mundo.

O sol estava baixo no horizonte e matizes laranja começavam a ganhar vida contra o céu do deserto. Foi então que eu avistei o contorno de Shiprock pela primeira vez à distância. Minha respiração se tornou errática na medida em que íamos nos aproximando.

Lá estava, exatamente como eu me recordava. Quando chegamos perto eu parei o carro para olhar para a beleza daquela silhueta que alcançava o céu num deserto que, à exceção daquela rocha, era totalmente plano. Eu sentia a excitação subindo dentro de mim na medida em que via os detalhes nitidamente.

Lá, em frente aos meus olhos, eu podia ver os três picos que sobressaíam para cima da parte detrás da plana inclinação em um dos lados. A onda emocional que me bateu foi tão forte que comecei a chorar. “Aí está! – eu pensei – É real e exatamente como os alienígenas me mostraram”. Depois de eu ter tempo de me acalmar, Carrie e eu tiramos algumas fotos e então pulamos no carro para continuar em direção ao norte, para Farmington.

A noite se arrastou pelo deserto enquanto dirigíamos em silêncio. Tinha sido um dia extremamente longo dirigindo e estávamos ambas exaustas. Como era muito tarde, decidimos que seria melhor se nós conseguíssemos um hotel barato para passar a noite. Eu estava grata pela fadiga, uma vez que ela me permitia dormir um pouco sem pensar sobre os Alienígenas, Shiprock ou as infinitas possibilidades do meu destino.

Cedo na manhã seguinte nós estávamos empolgadas para seguir rumo às antigas habitações no penhasco. O caminho para Mesa Verde só levou duas horas enquanto cruzávamos do Novo México para o estado do Colorado. Os prados verdes eram perfeitos como cartões postais através da área montanhosa que levava ao nosso destino. Eu divagava ante a beleza o redor enquanto dirigíamos por montanhas, cavalos, velhas cercas de madeira e pradarias cuja grama parecia azul por causa das pequeninas flores que as cobriam. No topo de uma colina nós paramos para assimilar os arredores dignos de uma pintura.

Depois de cruzarmos para o Colorado, Carrie me direcionou para pegar a curva para Mesa Verde. Viramos numa estrada íngreme, longa e sinuosa que levava às habitações do penhasco. Enquanto íamos vagarosamente pela lateral da montanha, notamos que parecia bem ameaçador. As árvores eram todas negras e murchas, como estátuas, e debaixo delas a vegetação nova crescia a apenas poucos centímetros. Em alguns locais eram como olhar para um oceano de cardo roxo selvagem; era bonito mas ao mesmo tempo escuro na aparência. Mais tarde ficamos sabendo que houvera um incêndio florestal ali poucos anos antes. Felizmente o fogo não atingiu o antigo sítio de moradias no penhasco.

Depois de alcançar o topo da montanha nós encontramos um local para estacionar no principal centro turístico. Era meio-dia, então o sol estava a pino; nós atravessamos a rua até o escritório de turismo para fazer a reserva de um tour em um dos locais sítios. Nossa viagem estava com o cronograma tão apertado que nós fomos direto para o balcão de reservas. Encontramos um tour rápido que se adequava às nossas restrições de tempo, compramos os ingressos e pegamos um mapa. Disseram-nos que depois do tour nós poderíamos visitar outro sítio gratuito onde poderíamos caminhar livremente por nossa conta.

Nossa guia nos levou para uma curta caminhada ao redor de um dos sítios de habitações encrustadas nos penhascos. O barro da rocha vermelha tinha sido feito em tijolos para construir as paredes das moradias. Era um incrível privilégio estar tão perto dessas construções. Tocando as paredes eu me perguntava quem havia morado ali, por que haviam partido e como teriam sido suas vidas. Eu podia sentir a presença das pessoas que tinham vivido ali tanto tempo atrás. Ao

fechar meus olhos por um instante, ouvi o vento e tentei visualizar os rostos das pessoas caminhando pela habitação.

Então a guia nos levou para a Kiva. Ela explicou que ali havia sido um lugar onde Cerimônias da Terra eram realizadas pelas pessoas que tinham vivido ali. Embora essas pessoas tenham vivido ali há muito tempo, de alguma forma eu sentia como se estivéssemos nos intrometendo nas residências particulares de pessoas que não nos tinham convidado.

Quando o tour acabou, decidimos checar o sítio gratuito no Palácio Spruce Tree, outro sítio espetacularmente grande de habitações rochosas. Quando chegamos, seguimos os outros turistas no caminho a pé em direção ao sítio; tiramos algumas fotos ao longo da primeira parte da trilha, então Carrie foi andando à minha frente. Ela desapareceu numa esquina onde a trilha se curvava ao redor em forma de U. Estava ficando mais quente e mesmo na sombra os efeitos do calor eram avassaladores. A sombra das árvores era refrescante, então fui no meu próprio ritmo enquanto tentava alcançá-la.

Eu zigzagueava ao redor da curva da trilha, minha cabeça baixa pelo calor estonteante; quando a trilha virou eu ergui minha cabeça e olhei para cima para a suave colina onde vi um homem nativo norte-americano com cabelos curtos pretos olhando para as habitações rochosas com outra pessoa. “Oh, meu Deus! É Harold!” Eu balancei minha cabeça e pisquei. “Okay, Miriam, não pode ser ele, simplesmente não pode! Você é doida e isso está indo longe demais!”

Um milhão de pensamentos passaram pela minha cabeça de uma vez só. O que eu deveria fazer? Eu me sentia desmaiando e gritando, tudo ao mesmo tempo.

Assim que alcancei Carrie eu contei brevemente a história do Harold e a conexão alienígena. Em 1988 os Alienígenas me disseram que um dia eu encontraria um homem nativo americano no topo de uma montanha. Ele teria cabelos negros e seu nome seria Harold, e eu o reconheceria assim que o visse. Ao que parecia ele me abordaria quando nos encontrássemos e me ensinaria algo importante. Eu estava em choque pelo fato de o homem que eu acabava de por os olhos em cima pudesse ser o homem que eu tinha esperado encontrar por muitos anos.

Eu me perguntei como eu poderia confirmar que era ele; como poderia descobrir o seu nome? Então me lembrei de que se fosse de fato ele, ele iria me abordar. Carrie e eu caminhamos ao redor do sítio, mas eu estava completamente distraída com a mente em redemoinho pela possibilidade de encontrar Harold.

Carrie ficava me dizendo para ir falar com ele, mas eu sentia que deveria esperar ele se aproximar. Nós começamos a voltar para o carro na trilha, e eu esperei para ver se o homem se aproximaria de mim. Quando nós estávamos cerca de 6 metros distantes eu notei que ele olhou para seu companheiro e começou a caminhar em nossa direção. Minha respiração parecia que ia parar, meu coração acelerou e eu engoli seco. Esse poderia ser um momento definitivo em minha vida, eu pensava enquanto sentia a energia. Eu não olhei para trás. E se for Harold? O que tudo significaria? Por que eu teria sido levada a ele? Por que eu me senti tentada a fazer essa viagem até Mesa Verde? Por que os Alienígenas me falaram sobre ele? Eu ouvi rápidos passos atrás de mim e quando olhei à minha esquerda, lá estava ele, caminhando ao meu lado.

- Olá – ele disse.

Eu sorri e pensei: “Meu Deus, pode ser ele!”. Nós iniciamos uma conversa sobre o antigo sítio que Carrie e eu tínhamos acabado de visitar, e então ele me disse seu nome: Harold! Eu senti vontade de chorar mas sabia que tinha de manter a compostura. Eu não conseguia compreender o que tudo aquilo significava. Eu me indagava o que o futuro guardaria para nós dois.

Caminhando pela trilha de volta aos nossos carros, Harold apontou para um lado da trilha onde nós poderíamos observar um exemplo de hera venenosa. Nem Carrie nem eu conhecíamos a planta, então demos uma guinada para dar uma olhada. A trilha só tinha 7.5 metros; nós ficamos de pé juntos no fim da trilha onde Harold nos mostrava as folhas da hera. Então ele começou a perguntar sobre a nossa viagem; onde tínhamos estado e para onde estávamos indo. Nós lhe demos uma visão geral dos nossos planos de viagem e dissemos a Harold e seu amigo que estávamos impressionadas de ver que o Povo Navajo ainda tinha raízes culturais tão fortes. Um dos aspectos mais maravilhosos da viagem foram nossa introdução e exposição a esse povo e sua cultura.

Harold então nos contou uma história sobre o vento em sua língua nativa. Enquanto eu o ouvia, a mais incrível das imagens veio à minha mente. Enquanto olhava nos olhos dele eu vi espirais entrando neles até onde eu conseguia enxergar. Elas eram infinitas; naquele milissegundo houve um flash, como se uma capa fosse levantada do rosto dele. Ele não parecia mais humano, era indescritível. Foi tão estranho e rápido que eu mal tive tempo de apreender a experiência inteira. Minha visão voltou rapidamente ao normal. Eu estava mais intrigada com meu encontro com Harold do que nunca. Depois dessa sobrecarga emocional, minha mente estava vazia enquanto caminhávamos de volta ao estacionamento.

Quando chegamos ao centro turístico, Harold e seu amigo nos deram dicas de onde acampar em Monument Valley. Dissemos adeus e Carrie e eu voltamos ao nosso carro. A despedida pareceu normal demais para uma tarde tão anormal! Caminhando pela calçada juntas eu deixei minhas emoções correrem livres enquanto chorava e contava a Carrie detalhes do que eu havia acabado de experienciar.

Carrie achava que eu deveria contar a história a Harold, mas eu mal podia pensar claramente, quanto mais conseguir juntar meus pensamentos para conseguir contar a ele! Não havia um jeito de eu explicar uma vida inteira de contatos alienígenas para aquele homem em apenas dois minutos. Indagações se enroscavam em meus pensamentos na medida em que eu me perguntava o que significaria nosso encontro. Era um momento significativo em minha vida e eu precisava de tempo para assimilar o que tinha acontecido e contemplar por que tinha acontecido.

- Miriam, ele está vindo! – disse Carrie quando paramos em frente ao porta-malas.

Harold e seu amigo rapidamente nos alcançaram e perguntaram se nós queríamos ir com eles de volta até Cortez e dar uma volta. Eu realmente queria ir, mas infelizmente Carrie não estava interessada. Ela ficava dizendo que nós não teríamos tempo suficiente para cobrir todas as nossas áreas de interesse se fizéssemos um desvio. Depois de uma curta conversa com os homens nós trocamos endereços de e-mail e eles foram embora num Jeep prateado.

“Tudo foi incrível, mas o que significava?”, eu pensava. Sacudi-me com energia tentando conter o quanto esse encontro havia me afetado.

Enquanto saíamos do estacionamento eu tive a sensação de que os veríamos novamente quando estivéssemos descendo a montanha. Com certeza eles estavam lá, estacionados ao lado da rodovia. Nós acenamos quando passamos por eles. Por que eu estava sintonizando com esse homem? Isso costumava acontecer com amigos íntimos mas não com completos estranhos. Isso só solidificava minha confirmação de que nós estávamos realmente destinados a nos encontrar.

Assim que partimos nós percebemos que não sabíamos que rota tomar até Monument Valley. Nós paramos na área de descanso disponível mais próxima e olhamos o mapa. Só havia espaço para um carro na beirada da montanha. Um momento depois nós vimos os rapazes novamente. Dessa vez eles passaram e acenaram. Depois de estarmos no nosso caminho novamente percebemos um veículo parecido com o carro de Harold encostando-se ao estacionamento

da base da montanha; como não tínhamos certeza de quem seria, continuamos no nosso caminho. Quando não paramos o veículo continuou a dirigir direto através do estacionamento e voltou para a estrada, seguindo diretamente atrás de nós. Percebemos que eram os dois, então paramos com nossos vidros abaixados. Harold parou e perguntou mais uma vez se não queríamos ir com eles. Nós dissemos que não podíamos, embora gostaríamos. Eu tinha de respeitar os desejos de Carrie, porém lhe garanti que ele teria notícias minhas, e então seguimos dirigindo.

À noite nós acampamos em Monument Valley na área de camping Gouldings, um local incrível com rochas vermelhas até o céu. Quando acordamos, percebemos melhor a beleza da região. Era espetacular observar o sol nascer por cima da montanha, mudando suas cores a cada segundo.

Nossa próxima parada foi o Canyon de Chelly. Os platôs de rocha vermelha ao longo do caminho eram espetaculares! Os raios do sol faziam as cores de ferrugem da rocha ganhar vida diante de nossos olhos. O severo deserto árido mudou em um instante; a cada momento os raios do sol mudavam as cores da rocha vermelha de um rosa suave para um vivo vermelho ferrugem. Se você se sentasse e ficasse olhando para uma área de rocha vermelha o dia inteiro, ela mudaria de cor o tempo todo de acordo com a direção do sol. Cada hora traz à vida uma vista completamente nova.

O Canyon de Chelly fica nas terras da reserva Navajo, a quem pertencem as terras, apesar de elas serem um parque nacional. Eles ainda vivem no solo do cânion, pastoreando ovelhas, plantando milho e levando uma vida mais tradicional. Dos mirantes você podia ver o milho crescendo e as ovelhas pastando. Embora parecesse ser uma vida dura, parecia ser o jeito como a vida deveria ser vivida: em harmonia com a terra, não contra ela. Os Navajos consideram a terra sagrada.

Desde o momento em que chegamos ao cânion, fomos tomadas pela sua beleza. Não demorou muito para descobrirmos que havia um local de acampamento no topo do cânion. Logo depois de chegarmos, o dono do local, Stevenson, veio dizer olá. Ele era um homem da etnia navajo muito simpático. Durante nossa conversa ficamos sabendo que ele poderia nos levar num tour como guia ao redor de Spider Rock, um dos pontos de observação do solo do cânion. Isso empolgou Carrie e eu, já que teríamos um tour bem individualizado de um local sagrado. Tudo estava perfeito e eu finalmente senti que podia relaxar um pouco.

Ainda havia bastante tempo para olhar a vista do topo do cânion, já que a trilha até o solo não começaria até a manhã seguinte. Nós vimos o fundo

do cânion a partir de pontos de observação na borda do cânion. Palavras não conseguem expressar a magnífica vida do solo do cânion.

A vida no cânion nos cativou não apenas como parecia ser no presente, mas também como havia sido um dia no passado. Não conseguíamos entender porque não havia mais turistas já que era uma das coisas mais interessantes e impressionantes que tínhamos visto na nossa viagem. Ambas estávamos gratas pelo lugar ainda manter sua pureza. Nós observávamos o pôr-do-sol em um dos pontos de observação e demos boa noite ao espírito do cânion.

As 07h00 da manhã chegou cedo e Carrie e eu seguimos com Stevenson e um outro campista para fazer a trilha do solo do cânion. Levamos muita água conosco. Eu estava tendo problemas com o calor, então Stevenson me disse para caminhar devagar que eu ficaria bem. Ele nos conduziu descendo a lateral do cânion na direção de Spider Rock e o vento sussurrava para nós enquanto caminhávamos e Stevenson recontava histórias do seu povo. Ao longo do caminho ele nos mostrou pequenas habitações na rocha e estilhaços de cerâmica quebrados. Nós não mexemos em nada por respeito e ficamos gratas por Stevenson compartilhar conosco aquelas coisas.

O calor era insuportável e eu achei que não conseguiria fazer a trilha de volta ao acampamento. Felizmente havia um riacho que corria ao longo do solo do cânion escondido pelas árvores em ambos os lados. Nós fizemos um rápido intervalo deitando na água fresca. Todos riram de mim enquanto eu aproveitava a água fresca correndo pelo meu corpo todo. Enquanto eu ficava lá deitada, jogando água em mim mesma, tirei um momento para pensar sobre o passado: quantos antes de mim haviam encontrado esse refúgio nas águas em tempos idos? Eu me sentia honrada por fazer uma conexão pessoal com o solo do cânion. Depois de horas de caminhada nós voltamos para o acampamento. Eu aproveitei cada momento de nossa caminhada: a água fresca do riacho, a rocha vermelha e as paredes do cânion, e a grama verde que cobria o solo.

Quando nós finalmente chegamos de volta ao acampamento, Stevenson graciosamente nos convidou para jantar com ele. Nós aceitamos sua oferta e dirigimos para Chinle até um restaurante. Depois de uma longa caminhada e dias de somente comida de acampamento, ter o jantar servido foi maravilhoso e relaxante.

Quando nós voltamos de Chinle avistamos um veículo entrando no acampamento e escolhendo um local duas vagas depois do nosso. Observamos eles armarem sua barraca e se ajeitarem. Como sempre, Stevenson veio até o casal para conversar com eles por alguns minutos.

Após Stevenson partir, o casal veio andando até nós para dizer oi e se apresentaram como Barbara e Zack. Nossa conversa consistiu no habitual: “De onde vocês vêm? Para onde vocês vão? O que estão achando da região?” Carrie e eu ficamos confusas durante toda a conversa. Ambas sentimos que eles mentiram sobre quem eram e onde tinham estado. Algumas das informações que eles nos deram pareceram incomuns e ambas tivemos uma sensação ruim após falarmos com eles.

Barbara e Zack disseram que eram casados, mas pela forma como falavam dava a impressão de que estavam inventando tudo naquele momento. Eles disseram que tinham passado o dia anterior no Grand Canyon andando até o fundo e voltando no mesmo dia e explicaram como foi cansativo, mas aquilo não fazia sentido! Barbara estava tão branca como um papel, sem nenhum sinal de bronzeamento em nenhuma parte do corpo, nem mesmo as mãos! Se ela tivesse passado um dia inteiro andando no cânion ela teria alguma cor em algum lugar do corpo! Nem filtro solar teria sido suficiente para bloquear o sol. Em Segundo lugar nos haviam explicado que se você caminha para dentro do cânion você tem de acampar no solo porque não vai conseguir voltar antes de escurecer. A trilha levava cerca de 8 horas para ir e mais 8 para voltar. Carrie e eu sabíamos que havia algo de errado com essas duas pessoas, mas não tínhamos certeza sobre o que era.

À noite nós duas estávamos exaustas e decidimos ir dormir cedo. Nenhuma de nós tinha dormido bem desde que nossa viagem acampando começou. Toda noite eu acordava pelo menos duas ou até três vezes. Eu mal podia esperar anoitecer para poder recuperar o meu sono.

Quando acordei de manhã cedo, no momento em que abri os olhos eu sabia que algo estava errado. Eu sentia extrema raiva – por uma razão que eu não sabia qual.

Arrastamo-nos para fora da barraca e eu contei a Carrie como estava me sentindo. Eu pedi para ela me dar um tempo sozinha para eu conseguir sair da sensação horrível que estava tendo. Eu não conseguia me lembrar de já ter me sentido assim. Não apenas eu estava zangada, eu me sentia exausta também, apesar do fato de não ter acordado durante a noite. Eu estava cansada como se tivesse corrido uma maratona. Eu tinha sido drenada de toda energia.

Pelos próximos trinta minutos nós nos vestimos e começamos a preparar o café da manhã em silêncio. Então eu falei: “Eu não acordei a noite toda. Eu estava completamente apagada, então por que me sinto assim? Talvez alguma

coisa tenha acontecido na noite passada.” Eu comecei a procurar por cortes e marcas em meus braços, pernas e barriga, em qualquer parte do meu corpo que eu pudesse enxergar minha pele.

- Sabe, Miriam, eu também não acordei na noite passada – disse Carrie.

Ficou claro que nós duas tínhamos tido uma noite estranha. Eu estava começando a achar que talvez tivesse sido levada pelos Alienígenas. Carrie e eu olhamos por todo meu corpo à procura de sinais de que eles houvessem me levado, mas não encontramos nenhum.

Então Zack veio nos dizer bom dia. Depois de uma conversa corriqueira, ele perguntou:

- Vocês ouviram um zumbido estranho na noite passada?

- Não – eu respondi. – Do que você está falando?

- Ontem à noite... Eu não acredito que vocês não ouviram nada! - ele começou a descrever um som que parecia como um zumbido agudo que foi de acampamento em acampamento até ficar ao redor do nosso por um longo tempo.

- Deixou-nos acordados durante a noite. Nós ficamos tão assustados que saímos para encontrar Stevenson e perguntar o que estava acontecendo!

Ouvindo isso eu comecei a entrar em pânico. A possibilidade de uma visita na noite passada parecia mais real com essas notícias. Pela próxima meia hora eu fiquei andando ao redor, muito chateada pelos eventos da manhã. Eu não queria mais conversar com Barbara e Zack; o fato de que eles me falaram sobre os estranhos barulhos me deixava ainda mais incomodada. Por que eu não me lembrava? Os Alienígenas me levaram? Por quê? Foi minha imaginação? Deixei as perguntas em aberto naquele momento, numa tentativa de manter a minha sanidade.

Naquele dia Carrie e eu estávamos indo para o Grand Canyon, passando por dentro das terras Hopi. Eu estava empolgada com os planos do dia mas ainda me sentia cansada e enjoada. Tentei esquecer os eventos da manhã, mas estava sendo difícil. Nós estávamos guardando nosso equipamento, nos preparando para partir, quando Barbara e Zack vieram mais uma vez; eles nos deram um passe para entrar no Grand Canyon que nos economizaria 25 dólares na taxa de entrada, o que era ótimo. Uma parada que eles insistiram que nós fizéssemos era

um lugar onde eles tinham almoçado. Zack repetiu as instruções de como chegar lá mais uma vez e até escreveu o nome do lugar, Keams Canyon para nós não esquecermos.

Nós tínhamos uma parada para fazer antes de partir: café com Stevenson. Carrie e eu dirigimos o carro até a cabana do café, onde Stevenson estava esperando, e ele pulou para nos dizer adeus. Nós lhe dissemos o quanto o tour particular dele havia significado para nós e quanto havíamos adorado o cânion.

Daí Barbara e Zack apareceram de novo! Eles nos deram um mapa do Grand Canyon e nos falaram sobre um bom lugar para acampar, insistindo que usássemos o local que eles indicaram. A essa altura Carrie e eu estávamos mais desconfiadas deles que nunca. Já sabíamos que não acamparíamos onde eles tinham sugerido, mas agradecemos de qualquer maneira. Quando olhamos para o mapa, descobrimos que o local que eles nos indicaram era o mais remoto dentre dezenas que haviam. Assim que eles partiram, Stevenson nos disse para não acampar lá – ele foi bem categórico. Sua natureza quieta e de fala mansa não estava presente quando ele nos deu esse conselho. Carrie e eu sentimos que deveríamos seguir seu aviso. Deixamos o Canyon de Chelly aquele dia com emoções mistas: tristeza por ir embora do cânion e alegria por estar na estrada novamente.

Dentro de dez minutos após deixarmos o acampamento, vimos um corvo voando junto ao nosso carro. Pelas próximas horas nós o vimos várias vezes à distância, pousado ao longo da estrada. Quando chegávamos perto, ele voava ao lado do carro até que tivéssemos passado. Nós achamos que ele podia ter sido mandado por Stevenson para nos manter a salvo em nossa viagem; ele esteve conosco durante todo caminho até o Grand Canyon.

Era meio-dia quando nós saímos da rodovia, numa placa onde se lia “Keams Canyon” onde havia uma loja pequena chamada McGee’s Indian Art. Lá dentro havia joias, máscaras e livros Hopi, e bonecas Kachina. Kachinas são espíritos para quem os Hopi realizam cerimônias. Cada espírito tem uma roupa específica e as bonecas são esculpidas em madeira para representar os diferentes espíritos. Eu estava emocionada de estar ali.

Depois de considerar cuidadosamente, eu decidi comprar dois livros e um excepcional anel de prata com design Hopi. Para minha surpresa, o anel não era caro e tinha um selo de autenticidade do lado de dentro dizendo “Feito pelos Hopi”. A mulher que estava trabalhando atrás do balcão era muito simpática e me ajudou a escolher os livros que ela achava que me interessariam. Quando ela começou a limpar o anel com um pano, eu lhe perguntei o que os símbolos

significavam; ela me disse que representavam “homem” e “água”. Ela piscou, decifrando os símbolos, olhou para mim e de volta para o anel:

- Esse símbolo é uma pena sagrada; esse é um anel muito especial! – ela fez uma pausa e olhou novamente – Esse é um anel muito especial. Ele tem uma pena sagrada nele – os Hopi normalmente não fazem joias com esse símbolo para o público. Esse é muito especial.

Eu estava emocionada e sabia que ele era para ser meu, entendendo que era um outro sinal, me mostrando que, de alguma forma, tudo se encaixava nessa jornada. O anel tinha me esperado chegar para levá-lo. Eu me sentia pisando em uma nova vida quando o peguei e coloquei no meu dedo. Os Alienígenas tinham me dito sobre minha profunda conexão com a área; de alguma forma que sabia que estava conectada àquelas pessoas. O anel falou com esse sentimento.

Carrie voltou para o carro quando terminamos as compras, enquanto eu fui para a loja ao lado pegar um café. Quando entrei, vi alguns Hopi sentados no restaurante. Quando saí do banheiro, peguei o café, paguei e me virei para sair. Fui andando devagar para sair quando olhei ao redor: cinco homens Hopi estavam me observando. Por milissegundos suas cabeças pareciam hiperestendidas sobre longos pescoços, olhando para mim.

Eles me olhavam com olhos arregalados nos quais eu via espirais, exatamente como havia visto nos olhos de Harold. Mais uma vez houve um flash antes da aparência deles retornar ao normal. Naquele momento eu soube quem eram os Hopi. Eu entendi porque eles tinham conhecimento sobre UFOs e Alienígenas; muitas das minhas questões foram respondidas. Foi como se todos os pontos e linhas de repente fizessem sentido. Mais do que nunca eu entendia porque estava na Terra Hopi naquele dia. Quando cheguei à porta eu soube que voltaria para ver os Hopi; meu destino e os destinos de muitos estavam atados a eles.

Eu sabia que tinha tido permissão para ver os Hopi como eles realmente eram. Ficou claro para mim naquele ponto, como nunca antes, que eu estava em um novo caminho. Eu sabia que era para eu ter o anel especial com a pedra sagrada nele. Um novo caminho começou em minha vida: tudo que os Alienígenas me disseram em 1988 estava sendo confirmado nessa viagem. Meu trabalho estava para começar.

Quando voltei para o carro eu contei o que havia experimentado para Carrie; eu estava tremendo, mas ao mesmo tempo calma. Meu caminho agora estava claro para mim, embora eu me sentisse nervosa por causa da clareza. Além de tudo, as

espirais recorrentes me deixaram perplexas. Carrie e eu concordamos que quando fôssemos para casa, tentaríamos encontrar alguma pista para o significado das espirais. A busca pela verdade, como sempre, estava sempre se expandindo. Eu sabia de uma coisa, entretanto: as espirais eram uma mensagem. A resposta deve estar próxima, pensei, pois havia alcançado uma grande confirmação e clareza.

Quando entramos no Grand Canyon e mostramos à mulher nosso ticket, Carrie notou a data. Ele tinha sido adquirido um dia depois de quando o casal disse que havia feito a trilha para o assoalho do cânion. Na verdade havia sido comprado na mesma data que eles chegaram ao Canyon de Chelly. Isso provava para nós que estávamos certas sobre eles: eles haviam mentido sobre tudo, mas a pergunta era: por quê? Depois de levar em conta a estranha noite no acampamento, assim como suas mentiras, nós jogamos fora todos os papéis que eles nos deram; eu não queria nada da energia deles ao nosso redor. Todo encontro com eles me fez questionar por que eles nos encorajaram a parar em Keams Canyon na Terra Hopi.

Nosso último acampamento era no Grand Canyon. Escolhemos o local que Stevenson nos indicara, no topo do cânion, perto da entrada do parque. Assim que nos organizamos, um corvo parou próximo à nossa barraca. Vimos isso como um bom sinal de que estávamos sendo cuidadas. Antes de o sol se por, fomos para os pontos de observação. Tanto Carrie quanto eu estávamos desapontadas com nossa experiência no Grand Canyon. A vastidão certamente era uma vista ponderosa para se ver ao vivo, porém, depois de passar um tempo no Canyon de Chelly e sentir uma conexão tão profunda com a Terra lá, nós sentíamos que não havia como comparar os dois. O sol estava baixo no horizonte e a rocha vermelha parecia pálida e lavada, tornando a vista menos dramática. Era óbvio que estávamos vendo o lugar na hora errada do dia para poder apreciá-lo no seu melhor, mas infelizmente nós estávamos encerrando nossa viagem e essa seria a única oportunidade que teríamos de vê-lo.

Quando estávamos nos aprontando para dormir naquela noite, Carrie não conseguia fazer seu relógio trabalhar direito; ele não permitia que ela programasse o despertador. Nós tínhamos que levantar cedo para voltar a Phoenix para o nosso voo para casa, então estávamos um pouco preocupadas. Eu disse para Carrie não se preocupar, o corvo nos acordaria. Já que ele parecia estar cuidando de nós, se isso fosse verdade, ele nos ajudaria nessa questão.

O sol de um novo dia chegou cedo a nosso acampamento, e bem na hora o corvo cantou para nos acordar no tempo exato conforme tínhamos pedido. Essa foi uma forma maravilhosa de encerrar nossa temporada na área de Four

Corners. Nós comemos um lanche rápido e logo pegamos a estrada na direção sul para Phoenix e nosso voo para casa.

Nós estávamos nos sentindo tristes por nosso tempo no deserto ter terminado. Nossas experiências lá preencheram nossas almas com uma paz indescritível. A região de Four Corners se mostrou a nós de muitas maneiras que sabíamos que permaneceria em nossos corações por muito tempo. Na superfície a Terra pode parecer árida e quase morta, mas se você se abrir, ela saltará diante dos seus olhos, ouvidos e todos os sentidos, e falará com você. Lá você pode conversar com a Terra de uma forma como eu nunca havia visto. É como se a terra pudesse realmente lhe ouvir e então sussurrasse em resposta. Nós duas compreendemos porque tantos antes de nós sentiram que essa parte do mundo era um centro de poder.

Carrie e eu refletimos sobre o conjunto de eventos intrigantes que ocorreram durante nossa jornada. Estávamos ansiosas para voltar para casa, para podermos tomar um banho quente e dormir numa cama! Nós passamos a última etapa de nossa viagem com visões de rocha vermelha dançando em nossas cabeças. Foi uma jornada para ambas que desencadeava novos caminhos em direção da realização dos nossos sonhos.

Quando o voo terminou e descemos em Vancouver, meus pensamentos retornaram às espirais. No momento em que cheguei a meu apartamento, decidi ver quais informações poderia encontrar na internet que pudessem explicar sua mensagem. Passei horas lendo trechos aqui e ali, mas não encontrei nada que me fizesse vislumbrar o porquê de ter visto as espirais e como elas se conectavam comigo. Fiquei frustrada e saí do computador, deixando o assunto pra lá completamente por uns dias.

Quando retornei à minha busca consegui seguir uma trilha de informações diretamente ligadas aos índios do sudoeste e o povo Hopi.

Quando parei para um curto intervalo em minha pesquisa, liguei para minha amiga Anna, e contei-lhe brevemente sobre os incidentes que haviam ocorrido na viagem. Eu contei a ela como havia conhecido Harold e que os ETs tinham me falado dele anteriormente. “Oh, meu Deus!”, ela disse, “Eu me lembro de você me falando sobre ele anos atrás!” Ela me perguntou se eu tinha certeza de que era Harold, então lhe dei todos os detalhes de como nos encontramos; ela ficou perplexa com tudo. Anna ficou ansiosa para descobrir o que as espirais queriam dizer, já que ela também achava que elas tinham um significado. Desliguei o telefone e pensei como Anna tinha estado lá, desde o início dessas experiências, me apoiando. Significava muito para mim que ela ainda fizesse parte da minha

vida depois de tudo pelo que passei.

O sol brilhou na pequena janela da minha cozinha, quando sentei no meu computador. Eu tinha um tempo livre, então resolvi pesquisar sobre o povo Hopi e sua cultura. Talvez eu encontrasse algo sobre o que as espirais significam para eles. Enquanto percorria os artigos em diferentes websites, me vi dispersando do meu foco de ler a respeito do povo Hopi. Cheguei à parte das Profecias Hopi e comecei a lê-las. Eu sabia que havia encontrado a resposta para os mistérios das espirais que estava procurando.

Eu li a palavras vagarosamente, uma a uma, e comecei a chorar. Por que eu nunca tinha visto isso antes? As Profecias Hopi eram parte do que os Alienígenas tinham me dito palavra por palavra! Eu não podia acreditar! Eu continuei a ler e encontrei algo que eles nomearam de “A Profecia da Estrela Azul”. Poderia ser, pensei eu. Eu quase parei de respirar enquanto contemplava a tela do computador com lágrimas escorrendo pelas minhas bochechas.

Na medida em que lia a Profecia da Estrela Azul, eu percebi que não importava o que eu fizesse ou onde fosse, meu destino estava selado. Rendi-me a esse conhecimento. Fui até minha cômoda e peguei o colar que havia comprado tantos anos antes. Eu o tinha usado por 14 anos, nunca tirando a não ser que fosse absolutamente necessário. A única razão pela qual estava na minha gaveta era porque a corrente tinha quebrado e eu não tinha dinheiro para comprar outra. Com lágrimas escorrendo pelos meus olhos, tirei o colar da caixa e gentilmente o coloquei na minha mão, fechei meus olhos e respirei profundamente. Quando expirei, abri meus olhos e contei: uma, duas, três – até nove. Sim, nove pontas! A Profecia da Estrela Azul fala de uma estrela de nove pontas que aparecia no céu antes do Fim dos Tempos como um aviso para as pessoas se prepararem.

Esse era o mesmo colar que os Alienígenas me disseram para comprar em 1989, dizendo que seria importante para mim e para muitas pessoas no futuro.

Os avisos que eles me deram foram claros: Um dia a estrela aparecerá no céu para todo homem ver, nada nem ninguém conseguirá esconder sua presença do mundo. Será um sinal para as pessoas de que o fim está próximo e que é hora de se preparar.

Depois da viagem para o Arizona, de ver Shiprock e encontrar Harold, eu estava impressionada. Agora eu sabia quem era o Povo Hopi e porque eles tinham sido tão importantes para mim antes que eu soubesse qualquer coisa sobre eles. Eu entendia o que eu tinha experimentado no passado assim como atualmente

não era uma ficção da minha imaginação. Meu papel nessa experiência cósmica e global era significativo. Nada poderia ser mais claro – Eu tinha de começar meu trabalho, o trabalho que eles me pediram para fazer lá atrás, contar aos outros sobre eles e dar início à congregação.

# O Feiticeiro Hopi

O tempo passou muito vagorosamente depois da minha viagem para o Arizona. Desde que retornei e descobri sobre as profecias Hopi, meu emocional gritava para voltar lá e confirmar o que eu finalmente percebi que era parte do meu destino.

Deixei Vancouver em 18 de junho de 2004. Assim que entrei no avião sabia que não havia volta; eu estava determinada a encontrar o que quer que estivesse à minha espera. Sentei-me em silêncio e refleti sobre os últimos 16 anos da minha vida. Tanta coisa havia mudado por causa das minhas experiências com os alienígenas; pensamentos passavam por mim em flashes: passado, presente e futuro enrolados em uma coisa só. Eu não conseguia mais pensar em um nível pois os tempos da minha vida se entremeavam. Mais das respostas às minhas perguntas pareciam estar mais próximas agora do que nunca.

Desde minha última viagem eu mantive contato com Harold através de e-mail. Fui vaga em minha correspondência mas lhe disse que meu encontro com ele havia sido previsto em 1988. Perguntei se ele estaria interessado em se encontrar comigo se eu voltasse à região e ele disse que sim. Eu me perguntava se devia passar mais algum tempo com ele, ou se o papel dele na minha vida já havia sido cumprido no deserto no ano passado. Se eu não tivesse visto as espirais nos olhos de Harold, é possível que eu não tivesse tido a mesma reação quando vi os olhos dos homens Hopi. Aqueles momentos colocaram em movimento uma cadeia de eventos que me levaram à minha verdade, meu destino e a algumas das minhas respostas.

As rodas do avião tocaram o solo em Durango. Meu coração batia de excitação pela espera ter terminado e eu estar de volta: de volta a Four Corners, onde eu me sentia em casa. Peguei meu carro alugado e as malas antes de ligar para Harold. Combinamos de nos encontrarmos naquela noite para conversar. Eu lhe disse onde estaria acampando e ele disse que passaria lá para me ver mais tarde.

O sol estava quente e o dia perfeito enquanto eu dirigia por Durango. Quando alcancei o acampamento, arrumei minha barraca e esperei, esperei e esperei. Eu ficava me dizendo para me manter calma quando nos encontrássemos porque na verdade eu estava me sentindo muito emotiva. Ele chegou bem mais tarde do que eu esperava; eu finalmente o vi estacionando no acampamento, pulando do

seu jipe. Ele parecia feliz em me ver, mas eu podia sentir sua apreensão também; claramente ele estava inseguro sobre as minhas intenções. Foi um olá meio desconfortável quando nos abraçamos antes de decidir onde jantaríamos.

Enquanto dirigíamos de volta para Durango, a conversa foi sobre absolutamente nada; o tipo de conversa que acontece quando as duas partes não sabem realmente o que dizer uma para a outra. Eu ficava me dizendo para permanecer calma – eu tinha que permanecer calma se fosse contar a ele minha história. Oh, onde e como começar?

Nós pedimos nossas refeições e, enquanto aguardávamos, eu iniciei uma das mais difíceis conversas da minha vida. No momento em que abri minha boca para falar, eu soube que não teria coragem de contar a ele sobre os Alienígenas. Como eu poderia contar uma história que havia começado 16 anos atrás – uma história que varreu minha infância e mudou minha vida? Ao invés disso, optei pela rota mais fácil: contar a história como se tivesse vindo a mim em visões e sonhos. Achei que esse seria o melhor plano de ação considerando as limitações de tempo.

Recontando minha história, achei difícil segurar meu apego emocional a ela. Infelizmente, permiti que minhas emoções levassem a melhor e pude ver que minhas lágrimas estavam deixando Harold desconfortável. Ele começou a roer as unhas e a me olhar de forma vaga. Ele me interrompeu e disse que com frequência encontrava pessoas às quais ele afetava de um jeito que as fazia pensar na vida de uma forma diferente. Foi naquele momento que percebi que não conseguiria expressar completamente a história da minha vida; então eu lhe disse tudo o que podia sem mencionar meu encontro com os Alienígenas. Considerando que ele não me conhecia, eu estava convencida de que havia estragado minha chance de contar para ele a verdade sobre o porquê desejava falar com ele, e não havia mais nada a fazer. Nós rapidamente comemos nossa refeição, pagamos a conta e ele me levou de volta até o meu acampamento.

Depois que o sol se pôs, eu caminhei debaixo das estrelas e me perguntei o que essa viagem me traria. O primeiro dia se provou intenso, porém um anticlímax, me deixando mais emotiva do que clara. Meus pensamentos estavam irregulares e desconectados, me mantendo acordada me revirando a noite inteira.

Às cinco em ponto eu olhei para o meu relógio depois de apenas uma piscada de sono. Acordei abruptamente uma hora depois com os sons das pessoas do lado de fora da barraca. Vi a hora e percebi que não conseguiria mais dormir. Minha hora de descanso teria de me esperar até o meu próximo destino, Canyon de

Chelly. Eu estava exausta, mas dirigi de Durango até minha próxima aventura.

Horas depois eu me enrolava no chão do acampamento no topo do Canyon de Chelly, grata por estar lá. Eu estava completamente exausta por minha falta de sono e minha noite com Harold; tudo o que queria fazer era arrumar minha barraca e dormir. Eu não vi Stevenson, então andei por alguns acampamentos para ver se algum campista sabia onde ele estava. Três campistas me disseram que ele havia levado algumas pessoas para fazer trilha no cânion e não estaria de volta pelas próximas horas; eu agradei antes de voltar para minha barraca e descansar um pouco. O dia estava muito quente, mas eu finalmente dormi. Quando acordei e saí da barraca, Stevenson estava caminhando em direção ao meu acampamento para dizer olá. Ele estava muito feliz em me ver e me perguntou se eu queria jantar com ele; foi um gesto muito bacana, mas eu tive de dizer não porque ainda estava muito cansada. Então ele perguntou se eu gostaria de experimentar uma Tenda do Suor no dia seguinte e eu aceitei. Fiquei emocionada por ser convidada e antecipei que seria uma experiência maravilhosa.

Não me afastei da minha barraca o dia todo e passei meu tempo em reflexões e pensamentos sobre “e se”. E se isso for tudo verdade? E se for para eu ficar aqui? E se eu for importante para o povo Hopi? E se eu for louca? Eu ponderava sobre a intensidade da minha vida enquanto deslizava para o sono naquela noite.

Na manhã seguinte meus pensamentos se voltaram para os eventos planejados para aquela tarde. Eu nunca tinha estado em uma tenda do suor e meu conhecimento sobre o assunto era limitado. O que eu sabia era que era uma experiência espiritual sagrada. E sentia que era para eu ter chegado a tempo de ter essa oportunidade de participar. Se eu tivesse passado o dia anterior em Durango, eu não estaria em Canyon de Chelly até a tarde do suor, perderia todo o ritual.

Passei a primeira parte do dia fazendo turismo no cânion, absorvendo a vista nos pontos de observação e usufruindo a rochas vermelha. Eu descobri que ela tinha um efeito calmante se você a observasse mudando de cor. Voltei para minha barraca para um lanche almoço leve antes da tenda do suor. O calor estava avassalador então tentei encontrar sombra debaixo das árvores de junípero. Stevenson fez seus passeios habituais pelo acampamento e por fim veio bater papo comigo. Nós nos sentamos juntos e conversamos sobre o que me trouxe de volta e eu contei a ele o que havia contado a Harold, minha história sobre o que tinha me conduzido de volta. Ele me disse que achava bom eu estar fazendo a tenda do suor e me informou sobre o que esperar. Stevenson então teve de ir arrumar as coisas e disse até logo, me deixando a sós com minhas tentativas de me manter fresca no sol de verão do deserto.

Uma hora depois todos se reuniram ao redor da fogueira onde Stevenson estava aquecendo as rochas para a tenda de suor. O calor do fogo era dominante, a madeira faiscava e as chamas se elevavam para se anunciarem ao círculo de pessoas que aguardavam. Achei que essa seria a hora de me preparar mentalmente para a experiência, então me sentei ao lado, quieta, refletindo sobre meu propósito lá.

O feiticeiro Navajo chegou e falou com todos brevemente antes de entrar na tenda. Nós todos seguimos, para dentro do denso ar da cabana, encontrando nosso lugar ao redor do buraco de terra cheio de pedras quentes. Meus pensamentos começaram a acalmar assim que eu entrei.

Clareei minha mente assim que a cerimônia começou a fim de permitir que o momento presente fosse meu único foco. Enquanto ouvia o xamã falar, minha meditação e minha experiência teve início. Os cânticos me trouxeram para mais perto dos meus sentimentos do que eu tinha estado em muito tempo. Eu chorei – muito – liberando parte da apreensão e medo que eu estava represando sobre minha viagem. As lágrimas e a cerimônia me limpavam.

A cerimônia deu-se em etapas e a cada passo eu me sentia mais calma e com mais clareza. Foi uma experiência que tocou profundamente minha alma. Eu me sentia com muita sorte e honrada por poder participar nesse evento e fiz com que tanto o xamã quanto Stevenson soubessem disso. Eu também lhes disse que entendia que a cerimônia tinha sido modificada para participantes que não eram Navajo; se tivesse sido feita para os Navajos, teria sido diferente. Da mesma forma eu senti os cantos Navajo e o suor profundamente e estava grata pela experiência.

A cerimônia era sagrada e nos foi pedido que mantivéssemos a experiência em sigilo quando saímos da tenda. Em respeito aos Navajos não posso contar em detalhes os eventos que ocorreram. Depois que saímos da tenda, fomos para o próximo estágio da cerimônia: o jantar. Foi a primeira vez que experimentei carne de carneiro – uma refeição tradicional. Para minha surpresa, adorei. Sentados todos juntos, sendo estranhos uns aos outros, nos sentíamos como uma pequena família. Havia uma conexão que nós tínhamos, tão clara, que quase podia ser vista no ar.

Na medida em que anoiteceu, nós acendemos lâmpadas e desfrutamos de um pouco de chá que tinha sido feito das flores que um dos participantes tinha pegado alguns dias antes. Foi um final perfeito para os acontecimentos do dia. A conversa era leve e divertida e um por um, todos foram partindo para seus

lugares de acampamento para passar a noite.

Meus pensamentos focaram novamente em tudo que havia me levado até a área de Four Corners novamente. Eu ainda não tinha certeza de quando estaria indo para a Terra Hopi, mas eu sabia que quando meu espírito me dissesse para ir, eu iria. Até isso acontecer, eu iria simplesmente seguir o fluxo e esperar. Caminhei em contemplação de volta para minha barraca, me preparando para uma boa noite de sono.

Quando a manhã chegou eu decidi que era o dia que viajaria para a Terra Hopi. Enquanto eu fazia o café da manhã, Stevenson veio dizer olá. Ele me perguntou quais os meus planos para o dia e eu disse a ele que estava partindo, então ele me pediu que me juntasse a ele para um café antes de partir. Esse era um convite que mais tarde vim a descobrir que não era estendido a todos os campistas. Observei que as pessoas que ele convidava para tomar café eram as pessoas que ele estava interessado em conhecer. Com frequência elas acampavam no local para aprender mais sobre a cultura Navajo. Stevenson estava sempre disposto a dividir seus conhecimentos com aqueles que eram genuinamente interessados. Depois que arrumei tudo, dirigi até a área do check-in e me sentei com Stevenson para um bate-papo e para tomar o que eu chamei de ‘um café espiritual’.

Stevenson estava quieto sentado numa mesa do lado de fora. Assim que estacionei, ele rapidamente foi pegar meu café para que pudéssemos sentar e conversar. Sempre um homem simpático e piadista, eu gostava de conversar com ele, entretanto a conversa seria breve porque eu estava ansiosa para por o pé na estrada. Acenei para Stevenson do meu carro sabendo que eu provavelmente voltaria a vê-lo antes de partir para o sudoeste. Eu ainda tinha quase uma semana para viajar. Eu amava tanto o cânion que me sentia como se estivesse dizendo “Vejo você mais tarde” ao invés de “Adeus”.

Dirigi pela estrada para Chinle e senti força em meus pensamentos e em mim mesma. O suor do dia anterior me ajudou a ter mais clareza, ainda que eu tivesse muitas perguntas sobre o meu futuro – um futuro para o qual eu tinha virado as costas durante muito tempo. Enquanto punha o carro na rodovia em direção às Terras Hopi, eu sentia que minha vida inteira estava prestes a mudar. Enquanto dirigia eu repetia para mim mesma: “É tarde demais agora! Cheguei até aqui e eu tenho que continuar ainda mais um pouco”. Tudo que me foi dito e mostrado naquele fatídico dia de 1988 estava para ser confirmado.

Eu podia sentir minha respiração ficando pesada durante o último trecho de estrada antes de chegar ao meu destino. Eu sabia o que eu tinha de fazer, mas

estava começando a sentir medo novamente. Minha respiração ficou acelerada e meus olhos começaram a lacrimejar; na medida em que eu me aproximava do meu destino, o medo ficava mais intenso. “Então é isso... isso guarda a verdade para mim... minha verdade. Calma, fique calma, Miriam”, eu dizia a mim mesma. “Você não pode ficar emotiva como fez com Harold!”.

Nos últimos quilômetros, eu comecei a sentir a terra mudar. Subitamente eu me sentia voltando para casa, como se tivesse ficado distante por muito tempo e agora estava pisando de volta no meu lugar de direito neste planeta. Era difícil para eu compreender meus sentimentos.

Estacionei do lado de fora da loja de Arte Indígena McGee onde havia comprado meu anel Hopi respirando profundamente. Agora é a hora, pensei, agora é a hora de entrar no meu destino.

Fiquei sentada no carro por uns momentos e tentei me centrar antes de entrar. Segurei minha respiração quando entrei na loja, e vi a mulher que tinha me vendido o anel um ano antes. Não havia ninguém na loja além de nós. Era para ser, uma vez que isso me dava a oportunidade de conversar com ela. Aproximei-me da mulher cujo nome era Jennifer e lhe contei o que eu havia visto um ano antes para ter comprado um anel e dois livros dela. Comecei a conversa perguntando quais outros livros ela recomendaria que pudessem me dar um melhor entendimento sobre as crenças e a cultura Hopi.

Enquanto Jennifer me levava para a seção de livros, eu comecei a me abrir com ela. Contei de forma rápida e emotiva os fatos que me levaram de volta a ela e a Terra Hopi. Contei a ela da mesma forma que contei a Harold e Stevenson: expliquei que tinha tido visões em 1988 nas quais me foi dito que a região de Four Corners era uma das “Terras Seguras”. Falei a ela sobre como eu sabia das Profecias Hopi antes de lê-las, incluindo a Profecia da Estrela Azul.

Eu contei a ela sobre meu colar com a estrela azul e como vim a tê-lo, e sobre a montanha e como ela me havia sido mostrada em 1988. Também contei a ela sobre a história da Criação do Homem da forma como me foi contada na abdução de 1988, e como ela era praticamente igual a história da criação segundo os Hopi. Contei a ela tudo que pude no meu limitado tempo de alguns minutos.

Jennifer me disse que ela achava que eu deveria falar com um dos anciões. Naquele momento eu soube que estava exatamente onde deveria estar. Era por isso que eu estava com tanto medo; eu sabia que ela me levaria aos anciões sem que eu pedisse. Ela falava comigo com tamanho questionamento nos seus olhos,

e ao mesmo tempo estava calma. Era assustador. “Talvez você seja quem eles estão esperando. Talvez você seja a Pahanna Branca”. Não tenho certeza disso, pensei, mas eu sabia que de alguma forma era importante para os Hopi. Não apenas isso, eles eram importantes para mim também.

Os Alienígenas me falaram sobre um povo que era do último mundo e tinha sido trazido para esse mundo. Os Hopi eram parte desse povo, e por isso eu os havia reconhecido no ano anterior. Os Alienígenas me mostraram uma raça de pessoas que tinha sido salva do último mundo porque eram líderes espirituais e membros do mundo passado.

Enquanto caminhávamos para o balcão eu sentia tanto alívio quanto apreensão quanto ao prospecto de conversar com um ancião. Eu sempre soube, até mesmo nos círculos ufológicos, que eu me destacava dos demais de alguma maneira. Tinham-me passado informações com um tal nível de detalhe que até hoje é difícil compartilhar plenamente com as pessoas. O fato de eu ter sido instruída a me lembrar de meu encontro me diferencia de muitos dos que foram abduzidos fisicamente, me colocando em um grupo muito pequeno de pessoas. Os Alienígenas haviam me dado instruções muito específicas que eram parte da razão de eu estar exatamente ali onde estava naquele momento.

Muita coisa passava pela minha cabeça enquanto eu estava ali de pé no balcão com Jennifer. Ela me deu instruções de como chegar a casa de um dos anciões no platô. Ela desenhou um pequeno mapa para mim e disse que ele não estava mais praticando suas curas, e ninguém sabia o porquê. Ela me direcionou para ele porque confiava nele e aparentemente ele tinha um grande conhecimento. Jennifer também me disse onde ficava a casa dela, no caso dele não estar em casa. Ela disse que estaria em casa mais tarde, então eu poderia dar uma passada e contar a ela como tinha sido o encontro com o ancião.

Eu lhe agradei por conversar comigo e por me ensinar o caminho. Ela me garantiu que não haveria problema se eu chegasse à porta dele sem ser anunciada – ele até mesmo poderia estar me esperando, ela disse. Então, com o mapa em minha mão, eu disse adeus a Jennifer. Andei até o carro pensando em como expressar o que eu sabia para o homem Hopi e quanto eu contaria para ele. A única coisa que era clara para mim é que eu não deveria trazer à tona o assunto “Alienígenas”; ele que teria de iniciar essa conversa. Se ele não fosse a pessoa correta para conversar, eu logo saberia; dessa forma eu saberia o quanto ele sabia sobre os Alienígenas.

Minhas emoções estavam novamente em cheque quando descii a rodovia no

caminho até o platô e o homem Hopi. Meu destino – minha vida – estava para mudar e eu sabia. Esse fato aumentava dentro de mim na medida em que eu me aproximava do meu destino.

A estrada que levava ao platô durou apenas alguns minutos. Eu estava atenta para não parecer intrometida para as pessoas em suas casas. Eu era uma completa estranha de muito longe – que direito eu tinha de estar lá? Quando senti a energia das pessoas, da Terra e do Vento tudo parecia de alguma forma familiar para mim; embora eles pudessem me ver como uma estranha, eu estava pisando no lar da minha família há muito tempo perdida.

Quando cheguei ao platô eu tive de parar e perguntar para uma mulher Hopi onde a casa do xamã era. Por sua vez, ela me olhou com bastante desconfiança. Eu contei que Jennifer me havia ensinado o caminho até a casa dele e que ela havia me dado um mapa, que eu puxei do meu bolso e lhe mostrei. Um tanto curiosa sobre meu assunto com Robert Smith, a mulher tentou extrair alguma informação de mim, sem êxito. Por fim ela me deu instruções bem simples de como chegar até a casa dele. Era apenas a duas casas de distância, então deixei o carro onde estava e fui andando. Todos que passavam ficavam de olho em mim, sem dizer uma palavra.

Eu me aproximei da porta aberta vagarosamente e bati gentilmente na beirada. “Olá”, eu chamei em voz alta.

- Olá, entre – um homem gritou lá de dentro.

Eu olhei para o canto e vi um homem se levantando de sua cadeira vindo em minha direção, e perguntei se ele era Robert Smith. Ele pareceu meio surpreso em me ver. Quando ele perguntou o que poderia fazer por mim, eu lhe disse que Jennifer havia me enviado para ele. Ele disse que não estava mais exercendo suas curas, então ele não sabia como poderia me ajudar. Eu expliquei que Jennifer achava que ele seria a pessoa ideal para conversar comigo.

No início Robert parecia um tanto relutante em conversar comigo, balançando a cabeça, dizendo que não achava que poderia me ajudar em nada que eu estivesse procurando. Ele me ofereceu um assento, porém, e um café, o que eu declinei. Sentei-me à pequena mesa e comecei a contar minha história, novamente no formato de visões e sonhos ao invés de Alienígenas.

Minha conversa com Robert foi extremamente intensa. Eu relatei a ele como em 1988, uma experiência me mudou até o fundo da alma. Eu lhe contei so-

bre minhas informações de que a área de Four Corners eram “Terras Seguras”. Expliquei minha ‘visão’ de Shiprock e como se tornou realidade. Também contei a ele sobre meu encontro com Harold e das espirais em seus olhos e nos olhos dos homens Hopi. Relatei a História da Criação e como me contaram sobre a estrela que apareceria no céu antes do fim para alertar as pessoas a se prepararem, e que combinava com a Profecia Hopi da Estrela Azul. Continuei com a história sobre o meu colar da estrela azul – como vim a tê-lo e o que eu acreditava que representava. Eu expliquei a ele como li as profecias Hopi e as entendi e como sabia algo delas também. Eu contei tanta coisa a ele, e estava tão sobrecarregada e emotiva que sentei e chorei com ele. Eu mal podia me conter, mas sabia que ele deveria ser a pessoa a trazer o assunto dos Alienígenas à tona. Se ele não trouxesse, então ele não seria a pessoa certa para eu estar conversando.

Depois de um tempo, ele me olhou e perguntou bruscamente:

- Você está falando sobre Alienígenas?

- Sim – respondi. Mas eu tinha de esperar você falar no assunto.

- Ok, ok. Agora me conte a história – ele disse.

Então comecei a dar a ele os detalhes da minha abdução alienígena na rodovia e todos os detalhes dos meus contatos alienígenas e o que eles haviam me dito.

Depois de um certo tempo uma mulher Hopi mais velha veio até ele e ele me pediu para ir embora e voltar mais tarde. Eu rapidamente os deixei sozinhos, dizendo que voltaria depois. Voltei para o meu carro e comi e bebi alguma coisa enquanto me perguntava o que faria para passar o tempo. Jennifer tinha me dito que se Robert não estivesse lá, eu poderia ir a casa dela, onde suas filhas estariam. Como era quase a hora dela voltar do trabalho, eu cheguei a sua casa e encontrei alguns membros familiares e suas duas crianças brincando do lado de fora. Como todos no platô, as crianças ficaram curiosas a meu respeito. Elas disseram que eu podia esperar, então me sentei do lado de fora enquanto elas brincavam. Eu estava tomada de espanto com tudo aquilo.

A garota mais velha parecia ansiosa para conversar comigo. Ela era uma garota brilhante, com quem me senti confortável. Era maravilhoso ouvi-la contar histórias sobre ir a escola e então, tão rápida e facilmente, me falar sobre crenças Hopi. As coisas que ela falava eram todas profundamente interligadas com a cultura Hopi, ainda assim ela me perguntava o que eu achava sobre elas. Eu não lhe fiz nenhuma pergunta, achando que poderia soar rude.

A garota, cujo nome era Debbie, começou a falar em Hopi com a irmã. De repente, da língua desconhecida, surgiu uma palavra familiar. Elas tinham falado em Hopi, mas para o meu espanto, eu reconheci. Eu imediatamente soube que era uma das palavras que os Alienígenas tinham falado para mim muitas vezes no passado.

Debbie continuou brincando no sol da tarde, sem saber o quanto suas palavras haviam me afetado. Eu lhe perguntei o que a palavra significava; ela disse que queria dizer “obrigada” – uma mulher dizendo obrigada em Hopi. Eu estava chocada como essa palavra sempre tinha permanecido clara como cristal na minha mente desde que eles a usaram para se comunicar comigo em 1988. Depois que Debbie me disse o que significava, eu percebi que a voz que eu tinha ouvido falando nessa linguagem na época que eu escrevia o diário era feminina. Meu Deus, eu pensei, até onde isso vai me levar? Quanto eu preciso ver, ouvir e saber antes de parar de questionar tudo e simplesmente acreditar?

Depois de ficar sentada no sol fulgurante por um curto tempo eu fiquei com muita sede e perguntei a Debbie e sua irmã se elas queriam ir até a loja comigo. Elas ansiosamente responderam que sim e nós andamos até uma pequena loja do platô para comprar bebidas. Lá dentro eu iniciei uma conversa com um homem Hopi durante a qual eu senti uma forte urgência para me virar e olhar ao redor.

“O que você está fazendo aqui?”, eu ouvi em minha mente. Parado no balcão com sua cabeça virada e olhando diretamente para mim estava um alienígena louro do tipo nórdico. Numa olhada dava para ver que ele não tinha uma aparência normal. Ele tinha cerca de 2 metros de altura e ombros largos; ele era muito atlético e vestia camiseta e calças jeans. Seus olhos azuis brilhantes pareciam nadar no local, seu cabelo era verdadeiramente branco e liso, indo até a metade do seu pescoço, e sua pele pálida, quase transparente, cobria um rosto de traços bem definidos

“O que você quer dizer com ‘o que eu estou fazendo aqui?’” falei de volta mentalmente.

Novamente ele perguntou: “Por que você está aqui?” ele não tirou seus olhos brilhantes de mim enquanto esperava por uma resposta. Eu olhei para todos os Hopi no local, para Debbie, sua irmã, os homens Hopi e a mulher atrás do balcão. Ninguém estava prestando atenção a esse homem nem sequer lhe dando uma segunda olhada. Isso era incrível porque ele parecia totalmente deslocado. Eu lhe disse: “Pela mesma razão que você está aqui; estou vindo para casa!” o encarei diretamente nos olhos. Então ele desviou o olhar para pagar pelo que havia com-

prado, ele não respondeu e eu senti que a comunicação telepática tinha terminado.

Deixamos o nórdico no balcão e saímos da loja. Perguntei a Debbie se ela já havia visto o homem louro antes; ela deu um pulo e disse que não. Decidi não levar o assunto adiante, e olhei para trás para ver se ele havia saído da loja. Eu quis voltar e conversar com ele, mas algo me dizia que ele já tinha ido embora. Eu soube no momento em que fora enviada para o platô que minha vida nunca mais seria a mesma. Ver o alienígena mais uma vez me confirmou que eles também tinham um grande interesse em mim, decidi não contar a Robert sobre esse encontro – pelo menos não dessa vez.

Enquanto o sol se punha no deserto do Arizona, Debbie conversava comigo a caminho da casa de Robert. À sua porta, ele gritou para que eu entrasse; ele sorriu largamente quando entrei e reassumi minha posição à mesa. Ele então me perguntou por que eu estava lá e eu disse novamente que sentia que era a hora certa para eu estar lá. Eu lhe contei como havia acordado um dia no início de 2003 e soube que precisava iniciar meu trabalho novamente. Como resultado eu fui trazida até o povo Hopi. Eu contei a ele a longa cadeia de eventos que tinham me levado até a Terra Hopi e sua gente: de 1988 até as espirais nos olhos dos homens Hopi no ano anterior. Minha intenção era com o tempo vir a contar tudo que os alienígenas tinham me contado a Robert e sua gente. O propósito dessa viagem, eu disse, era descobrir se os Hopi realmente sabiam o que eu sabia.

Nossa conversa era muito unilateral – eu falava e ele escutava. Entrei em detalhes sobre algumas coisas, mas sabia que não era hora de falar abertamente sobre outras. Certas informações eram para ser compartilhadas com os Hopi como grupo, se eles me permitissem falar com eles. Eu sentia que precisava me assegurar de que eles ouviriam e aceitariam o que eu tinha para dizer; então eu disse a Robert algumas coisas para ver como ele reagia.

Durante nossa conversa ele balançava a cabeça e me perguntava como eu sabia todas as coisas que estava contando a ele. “Você é muito nova para saber tudo isso”, ele me disse. “Levei a vida inteira para aprender tudo isso que você está me dizendo aqui hoje”. Ele me perguntou por que eu não tinha enlouquecido. Eu respondi que não tinha certeza. A maioria das pessoas que nós conhecíamos conhecia parte da história e com frequência não conseguiam lidar com isso. A imaginação tomava conta, transformando tudo em Alienígenas, e as pessoas se tornavam paranoicas e delirantes.

Nós conversamos sobre as diferenças em onde e como os Alienígenas vinham até as pessoas. Novamente ele se surpreendeu com meus detalhes. No fim ele me

parou e perguntou:

- Você sabe há quanto tempo está aqui?
- Não – eu respondi e sorri para ele.
- Você está aqui há três horas e até agora não me fez uma única pergunta.
- Eu não percebi.
- Por que não?
- O que eu posso te perguntar que eu já não saiba a resposta?

Ele balançou a cabeça e disse que era tudo muito estranho. Eu perguntei o que ele queria dizer com isso.

- Eu tenho recebido pessoas de todos os países do planeta, da Rússia, Nova Zelândia, Austrália, África, América do Sul, México e América do Norte – mas isso é diferente.

- Como? – eu perguntei, mesmo eu já sabendo que eu era diferente.

- Nenhum deles sabia tanto quanto você. Eles sempre fazem perguntas.

Muitos eram incapazes de lidar com as informações que recebiam. Alguns reuniram informações de outros e achavam que somente eles tinham o conhecimento, mas conhecimento não é junção de fatos – é a compreensão. Você pode ser levado até a informação, mas depende de você deixá-la se tornar uma parte sua e abraçá-la com sua alma. Quando você faz isso, você sabe qual é a diferença.

Eu concordei com ele que muitas pessoas não conseguiam processar o conhecimento e as informações bem. Eu disse a ele que achava que muitas pessoas só pensam que entendem porque elas leram ou ouviram informações de outros, mas é muito diferente quando você sabe diretamente dos Alienígenas ou tem uma experiência por si mesmo. O conhecimento e a verdade ressoam de forma diferente e se tornam inexplicáveis para alguns; outros devem procurá-lo por si mesmos – não pode ser ensinado. Tudo o que os professores espirituais podem fazer é ajudar as pessoas ao longo do caminho, cabe a cada pessoa descobrir a verdade por si mesma.

Depois de uma longa conversa com Robert eu lhe disse que os Alienígenas falavam comigo numa outra língua e que eu tinha escrito algumas palavras anos atrás. Pedi-lhe que as olhasse para ver se ele reconhecia alguma coisa. Esse foi o único pedido que lhe fiz durante todo nosso tempo juntos. Ele olhou para o papel e de relance para mim, balançando a cabeça novamente: “Onde você conseguiu isso?”, ele perguntou. Eu repeti que tinha ouvido dos Alienígenas e que de alguma forma eu entendia a língua que eles falavam; ele parecia chocado. No papel estavam palavras Hopi. Ele não reconheceu todas e achou que algumas pareciam ser da língua Navajo. Quanto mais eu lhe contava, mais Robert ficava empolgado.

Ele me perguntava a todo o momento por que eu tinha chegado naquele dia, e a cada vez eu respondia que meu espírito havia me levado ali.

Robert obviamente queria saber mais, mas eu sentia que não era hora de contar tudo a ele, entretanto compartilhei muitas informações com ele. Na medida em que a noite progrediu, ele disse que eu poderia ficar em sua casa, se isso me agradasse, ao invés de acampar à noite. Eu aceitei sua hospitalidade, já que isso me daria mais tempo para conversar com ele. Eu saí de sua casa por um curto período, para comer alguma coisa e depois retornei para continuar nossa conversa.

Eu nunca perguntei abertamente, mas era do meu entendimento que os Hopi estavam em meio a celebrações cerimoniais, e eu havia chegado ao último dia. Depois que as cerimônias estivessem completas, haveria uma festa com todos os Hopi. Robert me pediu para ficar até depois que as cerimônias acabassem. Eu disse a ele que pensaria a respeito, mas eu sabia que não poderia – não era hora para eu ficar. Meu propósito em estar lá era confirmar que os Hopi eram quem eu achava que eles eram e que eles tinham o mesmo conhecimento que eu.

Discutimos o porquê de Robert não estar mais praticando seu xamanismo. Compartilhei meus pensamentos com ele sobre esse assunto e ficou claro que eu estava lá para ajudá-lo naquele momento tanto quanto ele estava para me ajudar. Prometemos manter nossa conversa em particular até certo ponto, mas devo admitir que eu sabia que não conseguiria guardar tudo para mim, nem ele conseguiria.

Estava ficando tarde quando Robert me perguntou se eu podia chamar os Alienígenas. Eu disse que nunca tinha tentado fazer isso. Talvez eu pudesse, mas não tinha certeza. Eu sentia que minha presença poderia ser suficiente para fazê-los se mostrar.

Esperamos até ficar escuro e dirigimos para a rodovia para ver se conseguíamos ter algum vislumbre deles. De início eu tive uma sensação de que nós os veríamos, mas só durou alguns minutos, quando de repente eu ouvi claramente um “Não” na minha cabeça. Então eu soube que eles não apareceriam. Robert estava nervoso; eu perguntei se ele já os tinha visto; ele disse que não e confirmou que estava mesmo realmente nervoso, o que explicava porque os Alienígenas não iriam se mostrar: eles não queriam assustá-lo.

Nós voltamos para a sua casa depois de olhar as estrelas na escuridão de tinta da noite do deserto. O céu do deserto era encantador, como uma cantiga no vento. As estrelas me aliciam a ficar olhando e olhando, até que eu me perca em pensamentos sobre o mistério do universo.

Voltamos para a casa de Robert tarde, ambos necessitando dormir. Eu sabia que precisaria partir pela manhã, pois ele estaria cuidando das cerimônias. Sentamos para um breve café, e da mesma forma que antes, fiquei emotiva ao dizer a ele o quanto significava para mim o fato de ele ter se lembrado de tudo do passado e do último mundo do qual o seu povo tinha vindo! Eu chorei ao dizer para ele como estava feliz pelo conhecimento de tanto tempo atrás não ter sido perdido pelos Hopi.

- Eu sei que os Hopi tem um papel específico para cumprir no fim dos tempos. Eles são os “Guardiões do Conhecimento”.

Então perguntei a ele se outros Hopi sabiam tudo o que ele sabia. Robert me disse que “há outros, mas não muitos”.

- Isso é bom. Contanto que haja uns poucos, será o suficiente – eu respondi, embora realmente não saiba o porquê de ter dito isso a ele naquele momento; simplesmente as palavras saíram da minha boca. Uma das últimas coisas que eu disse a ele foi:

- A razão pela qual eu estou aqui é para me lembrar de quem eu sou.

Quando eu disse isso, Robert me olhou com um enorme sorriso e riu:

- Eu sei quem você é!

E então eu lhe contei um dos meus maiores segredos daquela noite com os Alienígenas.

- Logo depois da minha experiência em 1988, uma memória veio à tona. Quando eu tinha quatro anos os Alienígenas me levaram. Durante aquela experiência eles me deram algo, o qual eu enterrei. Eles me disseram que um dia eu saberia para o que era e que eu voltaria e encontraria.

Quando contei isso a Robert, ele me olhou, sorrindo. Então se inclinou e disse gentilmente:

- Vá pegar.

Nós nos abraçamos. Foi bom para nós dois sabermos que não estávamos sozinhos. Enquanto deslizava para o sono eu me perguntava o que aconteceria a seguir. Eu conseguiria cumprir as solicitações que os Alienígenas tinham me feito? Só o tempo diria.

O sol não tinha se levantado quando ouvi Robert se movimentando. Tentei dormir mais um pouco, devido o dia anterior ter sido tão exaustivo, tanto física quanto mentalmente. Não muito tempo depois que o sol entrou na casa de Robert, era hora de sair da cama. Eu o encontrei já acordado, esperando por mim. Ele me perguntou se eu poderia esperar até a cerimônia acabar mais tarde naquele mesmo dia; haveria muita comida, ele disse, e seria legal conhecer parte do povo Hopi. Embora ele estivesse pedindo eu sabia que não ficaria pois sentia que não era a hora certa. Educadamente eu disse a ele que iria ver como as coisas ficavam e então talvez mais tarde eu voltasse à tarde.

Havia movimentação no platô novamente, na medida em que as pessoas acordavam e começavam a andar para lá e para cá.

Alguns dos que nos viram sair da casa de Robert nos observaram atentamente; alguns falaram com Robert em Hopi. Eu tinha certeza que eles estavam curiosos porque eu tinha passado a noite na casa dele. Àqueles que perguntavam por que eu estava lá, ele respondia: “Ela está aqui para conversar comigo”.

Fomos convidados para o café da manhã na casa de um de seus parentes. Quando entramos na casa já havia café e comida na mesa. Todas as crianças vieram dar uma olhada em mim; os adultos eram educados, mas dava para ver que eles queriam saber quem eu era e o que eu estava fazendo lá.

A família me fez umas poucas perguntas, como de onde eu era – perguntas simples numa tentativa de iniciar uma conversa banal. Enquanto isso eles falavam entre eles em Hopi sobre a festa que estava ocorrendo naquele dia. Eles

perguntaram se eu ficaria para a festa, e Robert continuou dizendo que seria ótimo se eu ficasse; agradei e disse que decidiria mais tarde...

O café da manhã chegou ao fim e eu agradei a eles por permitirem que eu me juntasse a eles durante a refeição. Robert e eu nos levantamos da mesa e caminhamos de volta à sua casa.

Não tínhamos muito tempo, pois ele precisava ir para as cerimônias na Kiva. Dissemos adeus com um abraço. Era estranho o quanto eu me sentia semelhante a esse homem Hopi parado na minha frente. Era como se eu tivesse encontrado minha família nessas pessoas. Eu não queria partir, mas precisava. Eu também sabia que voltaria quando fosse a hora certa. Robert me levou até o carro; eu acenava enquanto dirigia, vendo-o diminuir de tamanho no meu espelho retrovisor. A estrada que levava para fora do platô fez com que me sentisse triste, e devo admitir que derramei algumas lágrimas enquanto partia.

Como sempre o dia estava quente e o sol forte. Eu estava indo ver os Slot Canyons em Page, Arizona, só por diversão. Eu estava emocionalmente drenada dos últimos dias, e eu estava querendo ficar no fluxo principal de turistas, onde eu não precisaria pensar no meu lado espiritual ou em Alienígenas. Isso não significava que minha mente conseguia ficar completamente livre; apenas significava que eu conseguiria ouvir música alta no carro e examinar tudo gentilmente na minha mente. Existe algo sobre estar atrás da direção de um carro em uma rodovia que é revigorante e incrivelmente libertador.

Estacionei em Page no começo da tarde e logo fui comprar o tour para o Slot Canyon. Foi uma sincronia perfeita, pois eu só precisaria esperar 15 minutos para o tour começar. Realmente o Slot Canyon era um local magnífico, mas como a maioria dos pontos turísticos, extremamente lotado.

O cânion, com sua rocha vermelha em redemoinho está sempre mudando devido à água e à erosão da areia. Parecia que as ondulações na areia tinham sido feitas pelo vento, só que em rocha vermelha, não areia. As cores mudavam a cada minuto, conforme a posição do sol mudava. A luz do sol se movia através das fendas para criar redemoinhos vibrantes de cor nas paredes do cânion. Vermelho, rosa, lilás e até roxo eram visíveis. Por um momento consegui esquecer minha vida e mergulhar na tranquilidade do espaço.

Cerca de quatro horas da tarde eu estava voando pela rodovia em direção a Monument Valley. Eu me lembrava de minha viagem com Carrie que o acampamento tinha uma bela vista. Quando cheguei a Gouldings, tive tempo apenas

para uma rápida ducha antes que eles fechassem; então montei minha barraca e comi alguma coisa. Passei aquela noite refletindo nos últimos dias assim como em meu futuro imediato. Agora que havia encontrado Harold e os Hopi, meus dois objetivos para essa viagem tinham sido alcançados e eu me perguntava onde eu deveria ir a seguir. Eu ainda tinha uma semana à frente, e nenhum plano.

Quando o sol havia se posto completamente e o ar da noite se arrastava, acendi minha vela numa mesa de picnic e sublinhei os acontecimentos do dia em meu diário. Eu podia ver as estrelas começarem a piscar no céu noturno, então decidi deitar na mesa do picnic e observá-las por um tempo. Quanto mais tarde fica, mais espetacular a vista se torna, mas eu estava cansada, então eu sabia que só desfrutaria dela por um curto tempo.

Era minha primeira noite depois de conhecer Robert. Eu refletia sobre ele, os Alienígenas e a minha vida enquanto observava as estrelas se revelarem. Então à distância eu vi algo. Parecia uma estrela muito, muito, muito fraca se movendo pelo céu. Seriam eles? Seria possível? Não, não poderia ser! Talvez fosse um satélite – é isso! Foi então que a luz fraca que se movia pelo céu mudou de direção cerca de 35 graus e então fez uma linha reta novamente até desaparecer. Não podia ser um satélite, eu pensei. Poderia?

Eu estava tão exausta do dia que eu simplesmente tinha que dormir. Olhei diretamente para o céu noturno e pedi aos Alienígenas que fizessem algo. Se vocês estão aí, posso ver antes de dormir? Um enorme rastro branco riscou acima, desaparecendo tão rápido quando apareceu. Balancei minha cabeça enquanto engatinhava para dentro da minha barraca. Eu imaginei tudo, disse a mim mesma. Era apenas um satélite ou meteoro.

A manhã trouxe suas próprias dúvidas: aonde eu iria naquele dia? O melhor que eu podia fazer era continuar a seguir meu espírito. Depois de um leve café da manhã, decidi ir até a loja que ficava ao lado dos chuveiros para ver se eu tinha alguma ideia. Quando sai da loja um homem adorável me ajudou com minhas compras. Como eu sempre fazia, perguntei o que ele recomendaria que eu fosse visitar que não fosse ‘turístico’ demais. Ele ficou feliz em ajudar e puxou um mapa para dar algumas direções, e eu parti, entusiasmada para explorar suas sugestões.

A estrada era espetacular. Alguém uma vez disse que uma vez que você conhece Monument Valley, você sempre irá reconhecê-lo na TV constantemente, devido sua beleza ser um cenário perfeito para diferentes programas de televisão de comerciais. Era verdade. É um belo território e ele realmente fala com você enquanto você atravessa suas passagens e curvas, gigantescas formações de

pedra que se elevam do chão plano do deserto. Parei o carro e desci para absorver a vista. Fiquei de pé refletindo sobre o ano anterior com Carrie. “Carrie manda um ‘olá’ do espírito dela para o seu”, eu disse em voz alta para a terra.

Quando voltei para a rodovia, vi a rocha mudar de cor enquanto o sol subia. Eu conseguia ver um grande platô na distância à esquerda. Era para lá que eu estava indo – a estrada menos viajada. Era exatamente o que eu estava procurando, eu pensava enquanto seguia a caminho de Bridges National Monument.

Depois de uma curta distância, eu cheguei ao marcador da estrada e virei em direção ao platô. Eu estava à procura de outro, um desvio menos chamativo que me levaria a algo chamado The Goosenecks. O homem em Gouldings me disse que era incrível e uma visita realmente obrigatória. Eu dirigi devagar e cuidadosamente depois do desvio, já que era um carro alugado em uma rua de terra. Depois de vinte minutos dirigindo, cheguei a um estacionamento de cascalho. Havia somente duas pessoas lá – uau! Caminhando do carro em direção à beirada, eu podia ver The Goosenecks – o sinuoso Rio Colorado.

Havia um barco navegando no rio. Estava tão distante lá embaixo que parecia um pequeno barco de brinquedo. O rio era cavado profundamente na terra, fazendo uma curva em forma de U; era uma vista espetacular de se ver.

Minha próxima parada era no final da estrada de cascalho no topo do platô; era uma estrada que levava até o topo de onde eu podia ver toda a expansão do chão do deserto. Não encontrei nenhum carro na estrada e era revigorante dirigir até o topo. Parei para tirar algumas fotos e vi as marcas de um veículo que tinha ido com seus pneus até a metade na beira do precipício, mais 5 cm e eu tenho certeza de que eles teriam caído. Eu estava contente por ter feito esse passeio.

Fiz outra parada em meu caminho para Bridges National Park. Fiquei surpresa por encontrar um único homem lá. Eu estava nervosa e saí do carro, porque estava no meio do nada e sozinha. Rapidamente deixei essa sensação ir embora, à medida que nós dois caminhávamos até a beirada juntos. Ambos estávamos chocados por não haver mais ninguém lá. Olhando na extremidade do platô, tive uma das vistas mais incríveis de toda a minha vida. Uma expansão inteira da área se estendia diante dos meus olhos. Tiramos fotos um do outro com o Monument Valley no fundo enquanto o mais incrível silêncio caía sobre o local. Era como se os ventos ficassem silenciosos para nós desfrutarmos a vista.

O dia avançava e eu precisava correr chão se quisesse ver Bridges. Eu parecia

estar pulando de lugar para lugar enquanto o tempo zunia despercebido; antes que me desse conta eu estava em Bridges National Monument em Utah. Tenho de admitir: dirigi pelos mirantes com pouco interesse, me sentindo um pouco desapontada depois das últimas vistas. Precisaria muito para superá-las. Sempre compensa pedir conselho aos habitantes da região!

Subitamente eu percebi como eu estava cansada e precisava simplesmente relaxar. Decidi dormir por uma hora; quando acordei rapidamente decidi voltar ao Canyon de Chelly, que parecia estar suavemente me chamando.

Dirigi fervorosamente de volta ao cânion. A estrada e a fadiga estavam se instalando em mim e assim que cheguei ao Canyon de Chelly rapidamente armei minha barraca e descansei um pouco. O restante do dia foi tranquilo e relaxante; passei um tempo com Stevenson e um tempo refletindo.

A noite chegou e as estrelas vieram em toda sua glória. Olhei para ver o que parecia claramente um desenho de ligar os pontos – do tipo que as crianças conectam os pontos com uma linha numa ordem muito lógica. A formação da letra C estava no céu, com um ponto faltando. O ponto faltante era o segundo na parte debaixo da formação. Cada ponto era muito brilhante.

“São vocês?”, questionei. “Como poderia? Não, são apenas estrelas brilhantes”.

Foi então que notei uma mancha se movendo através do céu, como na noite anterior. A mancha estava tão distante que se eu piscasse teria de procurar por ela novamente. Enquanto a observava, parecia estar se dirigindo para o local do ponto faltante na formação em C. Efetivamente se curvou e entrou direto na posição onde parou para completar a formação em C. Então ficou muito brilhante, exatamente como os demais! Eram como luzes guias no céu noturno. Depois que parou e ficou brilhante, diminuiu sua luz e começou a se mover em uma linha reta antes de virar cerca de 40 graus e seguir reto novamente; então passou sobre a estrela no canto da Ursa Maior, voltou e se posicionou diretamente acima daquela estrela, ficando bem brilhante como tinha ficado na formação em C. Então enfraqueceu até quase desaparecer e sumiu de vista.

- Meu Deus, alguém vê essas coisas? – perguntei a mim mesma.

“Ninguém costuma se importa em olhar”, disse uma voz surgindo em minha mente. Balancei a cabeça. Fiquei tão excitada pelo que vi e pela voz na minha mente que eu tinha de encontrar um telefone em Chinle e contar para meus amigos. Pulei no meu carro e corri até o telefone mais próximo. Liguei para meu bom

amigo Dan e lhe contei tudo sobre minhas últimas noites no deserto. Depois de conversar por um curto tempo, percebi como era tarde e decidi que era hora de descansar um pouco.

Mais uma vez me peguei fazendo a pergunta: “Quem sou eu?” Devia haver uma razão por que tudo estava acontecendo comigo. Por que os Alienígenas se mantêm por perto? Eu sabia que o que tinha visto naquela noite e na noite anterior eram Alienígenas; eu não podia mais duvidar. Depois de ter conhecido o ancião Hopi e falado das coisas que seu povo considera sagradas e não compartilham com o público, não havia dúvida em minha mente que eu era especial de alguma maneira. O ancião só falou comigo porque eu tinha sido levada a ele e seu povo. Ele sabia disso tanto quanto eu. Eu me sentia como se a demonstração daquela noite fosse um jeito de confirmar que era real. Era uma validação de tudo o que tinha ocorrido antes.

Demorou um pouco para eu pegar no sono por causa de tudo o que estava na minha cabeça, mas finalmente adormeci. O topo da minha barraca não tinha cobertura, então eu podia ver a luz da lua quando acordava no meio da noite. Eu podia ouvir o que parecia o som de cachorros farejando do lado de fora da minha tenda. Eu fiquei nervosa e não queria abrir os olhos; fiz um som de “shhhhh” para assustá-los e adormeci imediatamente o que era muito incomum para mim. Acordei mais uma vez com os mesmos sons naquela noite e adormeci novamente.

Como ocorria costumeiramente nesse acampamento, eu acordei ao som de música de flauta às 07h00 da manhã. Stevenson sempre tocava música Navajo de manhã. Era uma forma bonita de ser despertada para um novo dia, embora eu estivesse cansada pelos cachorros terem me importunado a noite toda. Sai da barraca e o calor do dia me arrebatou.

Quando fui desarmar minha barraca naquela manhã, fiz uma estranha descoberta. No fundo da barraca, no solo arenoso macio e vermelho, havia duas linhas retas que iam da barraca até cerca de 75 cm, exatamente paralelas e exatamente do mesmo comprimento. No dia anterior, quando montei a barraca, andei ao redor da tenda várias vezes e essas linhas não estavam lá. Na verdade as minhas pegadas estavam debaixo das linhas! Pensei nos cachorros mas não conseguia imaginar como eles teriam feito essas linhas perfeitas no solo. Olhei para dentro da tenda para ver onde minha cabeça tinha estado e comparar com o lado de fora. Eu estava perplexa: meu saco de dormir não tinha sido mexido, então pude ver que as linhas tinham sido feitas dos dois lados da minha cabeça. Pensei nos cachorros novamente, lembrando que eles estiveram farejando perto da minha cabeça do lado de fora da barraca por duas vezes durante a noite; eu senti

como se eles estivessem bem do lado das minhas orelhas. Por que, então, não havia rastros de cachorro onde essas linhas estavam? Nada disso fazia sentido. Quando tentei juntar tudo, sabia que algo estava errado. Foram cachorros? Foram extraterrestres? Quem poderia saber? O que eu sabia era que valia a pena questionar porque os fatos simplesmente não faziam sentido.

Fiquei irrequieta e quis partir. Stevenson veio dizer o seu habitual olá matinal e eu lhe contei que estava pensando em arrumar as coisas e pegar a estrada. Eu não sabia para onde estava indo, mas sabia que deveria partir. Stevenson sugeriu a rodovia 13 cruzando a montanha se eu fosse voltar para Durango. Ele disse que seria uma viagem bonita, com uma incrível vista de Shiprock no topo. Isso sim, eu pensei, era algo que valia a pena ver; eu estava mesmo a fim de uma outra oportunidade de ver Shiprock.

Assim que decidi partir, senti que não tinha tempo a perder. Disse adeus a todos, incluindo Stevenson e parti dirigindo. Stevenson tinha razão, dirigir pela montanha era mágico. Ao longo haviam platôs alinhados todos em fila, como soldados contra o cenário de céu azul. Era espetacular! O começo do caminho tinha as rochas mais vermelhas que eu já havia visto, mais vermelhas do que as de Sedona. Assim que comecei a subir, o cenário mudou e vi pradarias e árvores convidativas. Eu queria parar e caminhar por elas, mas não me senti confortável com a ideia em nenhum momento; havia muitos lugares para o carro ficar preso e com frequência pessoas ao redor.

No topo da montanha havia uma vista extraordinária do vale abaixo. Havia uma bruma arroxeadada que cobria toda a área. Era algo que eu nunca havia visto antes. Depois de aproveitar a vista, junto com borboletas e mamangavas nos cardos, continuei meu caminho.

No assoalho do vale encontrei um posto de gasolina e um posto de trocas. Era mais como um armazém geral com bancos do lado de fora, então comprei um sorvete e sentei para pensar em meu próximo passo. Pessoas do povo Navajo iam e vinham; algumas sorriam para mim em educado questionamento, enquanto outros olhavam para mim como se eu não devesse estar lá. Não era uma parada turística, e em minha meia hora lá não vi outros turistas.

Sentei em silêncio, aproveitando o momento, quando um homem Navajo se aproximou. Ele tinha meia-idade e parecia agradável. Ele perguntou se poderia se sentar comigo, eu consenti porque sempre adoro uma boa conversa com os habitantes locais. Sentamos por um curto tempo, conversando sobre onde estávamos indo e o que iríamos fazer naquela tarde. Ele perguntou se eu gostaria

de ir fazer uma caminhada com ele; ele disse que me mostraria algumas rochas vermelhas de tirar o fôlego. Senti que podia confiar nele, e antes que soubesse, eu o estava seguindo de volta através da montanha de onde tinha acabado de vir.

Uma vez do outro lado da montanha, o pequeno caminhão branco que ele estava dirigindo parou no acostamento e eu encostei atrás dele. O segui a pé e nós andamos até uma pequena abertura em uma cerca. Por um momento achei que eu estava louca de entrar no território com um estanho, mas esse sentimento não se manteve. As rochas aqui eram das mais vibrantes que eu já havia visto e eu estava feliz de estar andando entre elas.

Nossa caminhada foi tranquila e eu gostei das histórias que o homem me contou sobre sua juventude quando ele era um pastor de ovelhas. Ele era quem mais falava, eu só ouvia. Ele me falou sobre a luta entre tentar levar uma vida tradicional Navajo e viver num mundo progressista. Parecia haver muita dor na história dele; eu podia claramente ver que a sua luta era a luta do seu povo também. Era fascinante ter essa conversa tão íntima e eu me sentia privilegiada. Achei tocante que esse estranho, esse homem, estava pedindo minha opinião em tais assuntos. Ele me disse que estava em busca de suas próprias respostas.

Andamos uma curta distância e então sentamos para descansar e conversar. Foi um lindo momento de compartilhamento e conexão com o homem Navajo. O dia passou rapidamente e logo era hora de partir. Ele tinha uma ovelha para encontrar e eu tinha que dirigir de volta da montanha para algum outro destino desconhecido.

Na minha primeira viagem pela montanha eu tinha a sensação de que iria receber um presente. Não pensei muito sobre isso pois eu pensei que não veria mais ninguém. Antes de partirmos, o homem caminhou até um pinheiro e arrancou parte de um galho. Ele me explicou que era sagrado para o seu povo e me contou como ele devia ser seco e queimado para limpar meu lar e a mim mesma. Ele disse que com frequência era usado nas cerimônias do seu povo. Só o ato de ele dar aquilo a mim já era um presente muito especial. Eu sabia sobre o pinheiro e queria um pouco, mas não iria pegar por minha conta, nem iria pedir, pois não seria espiritualmente correto. Se fosse para eu ter, então me seria dado. Eu me sentia grata por ser honrada dessa maneira.

Como em muitos momentos em minha viagem, eu sentia que meu espírito estava me guiando até esse momento para que nós dois pudéssemos compartilhar nossos pensamentos. Eu dei ao homem um abraço e lhe agradei por tudo. Eu sabia que havíamos nos encontrado por uma razão, e que provavelmente nunca

mais nos veríamos. Ele entrou rapidamente em seu caminhão e partiu velozmente.

Sentei no carro por um instante antes de dirigir de volta à montanha pela última vez. A lembrança das luzes no céu começou a tomar conta da minha mente novamente. Eu sabia que a cada segundo que eu passava em Four Corners eu me aproximava mais do meu destino. Eu não conseguia mais evitar o que havia tomado conta de cada aspecto da minha vida. Eu não conseguia mais negar o que estava vivendo. Era hora de começar o trabalho que eles haviam me pedido tempos atrás: era hora de começar a contar minha história aos outros e tentar passar meu conhecimento sobre os Alienígenas a quem quisesse ouvir.

A luz estava diminuindo quando eu percebi que não havia acampamento na vizinhança. Decidi continuar até Cortez, no Colorado; eu já tinha começado meu dia cansada, e à medida em que as horas passaram, fiquei incrivelmente sonolenta. Ainda assim, minha mente trabalhava em hora-extra, pensando sobre os últimos dois dias: o encontro com Robert, as luzes no céu por duas noites seguidas, as estranhas linhas que apareceram do lado de fora da minha barraca. Esses incidentes reviravam em minha mente e se misturaram com os últimos 16 anos de experiências ufológicas. Eu também pensava sobre as memórias suprimidas que reemergiram em 1988 depois de minha abdução. Eu sentia que em inúmeros momentos nessa viagem tudo estava se encaixando como num quebra-cabeças, criando um desenho inegável. Os pequenos questionamentos ou dúvidas que eu tinha tido foram todos varridos para longe.

Quando entrei em Cortez já estava escuro e decidi pagar um quarto para a noite. Não havia como eu conseguir continuar dirigindo em segurança. Fui parando de motel em motel na principal rodovia da cidade, checando preços e vagas; depois do terceiro, encontrei um quarto que estava dentro do que eu podia pagar.

Depois do meu dia de fortes contemplações eu estava querendo esvaziar a mente dos últimos acontecimentos assistindo televisão. Tirei minhas coisas do carro e as levei para o quarto. Só então percebi um homem em um carro vermelho entrando no estacionamento; ele também estava tirando as coisas do carro e se arrumando no seu quarto. Quando saí para jantar, notei o homem ainda ocupado do lado de fora.

A caminhada de volta para o motel depois do jantar era curta mas eu gostei do alvoroço dos carros que levava minha mente de volta à familiaridade. Quando retornei, o estacionamento era cheio de carros e o sinal de “Não Há Vagas” estava posicionado. Mais uma vez notei o homem que estava do lado de fora do seu carro com a porta do quarto aberta. Ele olhou para mim quando

passei por ele, mas não nos falamos.

Fiz umas duas ligações e estava prestes a por minha cabeça no meu travesseiro. Como sempre faço quando viajo sozinha, tomei precauções de segurança antes de ir dormir.

O quarto era pequeno mas tinha janelas na frente e atrás então fui checar se elas eram seguros; descobri que a janela principal não fechava. Como seria muito fácil abri-la, tentei ligar para o escritório, mas ninguém respondia. Fui até lá para ver se havia alguém, mas todos já haviam ido embora. Eu sabia que não conseguiria dormir sabendo que qualquer um poderia facilmente entrar pela janela.

Quando andava de volta para o meu quarto, novamente notei o homem no porta-malas do seu carro. Fui até o meu carro para ver se eu conseguia achar alguma coisa com que bloquear a janela. Se eu não conseguisse resolver a situação, eu não iria dormir naquele quarto. Não havia muito mais a perder, então fui até o homem e pedi sua ajuda. No momento em que ele abriu a boca tive um flash muito claro: “Esse homem trabalha para os militares e talvez ele esteja aqui por minha causa”. Ele se apresentou como Gordon e disse que ficaria contente em me ajudar. Ele sugeriu que eu usasse o mastro da minha barraca para bloquear a janela – de fato funcionou perfeitamente. Dissemos boa noite e seguimos para nossos caminhos.

Eu estava exausta, mas decidida a fazer uma ligação para Janice antes de ir dormir. Eu queria contar a história das luzes no céu para ela antes de ir para cama, e também queria contar sobre Gordon e a energia militar que havia captado dele. Eu estava no meu quarto há apenas 5 minutos quando alguém bateu na porta; abaixei o telefone para atender, e como imaginei, era Gordon. Ele perguntou se eu estava interessada em sair para um drinque com ele. Eu sabia a impressão que havia tido dele, então decidi descobrir quem ele era e o que ele queria comigo. Eu disse que lhe encontraria no quarto dele e podíamos então ir. No telefone contei à minha irmã tudo o que sabia sobre esse cara: que ele dirigia um carro vermelho, a placa, o número do quarto de hotel dele e o nome que ele me deu. Ela perguntou:

- Por que você está indo com ele se você acha que ele trabalha para o governo? Você acha mesmo que isso é uma boa ideia?

- Eu quero saber por que ele está aqui, e conversar com ele é a melhor maneira de descobrir. Eu sei que se ele quisesse me fazer mal, ele não iria querer conversar comigo. Talvez eu possa descobrir algo sobre ele. Quem sabe?

Eu disse a Janice que ficaria bem, para ela não se preocupar, e desliguei o telefone.

Meu corpo estava cansado e eu não queria nada além de dormir, mas eu sabia que precisava descobrir quem era esse homem e por que ele estava lá. Considerando que eu havia tido uma demonstração particular bem grandiosa por parte dos meus amigos na noite anterior, decidi que poderia valer a pena seguir adiante e descobrir o que pudesse sobre esse homem. Entretanto, eu questioneei minha intuição: “Talvez você só esteja sendo paranoica”, mas foi realmente uma impressão forte! Apenas de olhar para ele eu nunca poderia supor que ele trabalhasse para os militares; ele era um homem mais velho, com cabelos ruivos longos e bagunçados.

Quando cheguei ao quarto de Gordon, a porta estava aberta; ele estava assistindo TV e pulou quando me viu. Ele disse que havia um pub perto dali e perguntou o que eu achava da ideia. Concordei e andamos até o carro dele; como nós teríamos que dirigir até lá, Gordon perguntou:

- Você gostaria de ver minha identidade antes de irmos a algum lugar?
- Está tudo OK; não há necessidade. - eu disse.

A resposta dele foi muito interessante:

- É mesmo? Tem certeza? Eu sei que você gosta de fazer isso, faz você se sentir mais confortável.

Eu sorri para esse homem estranho enquanto pensava: “Seu idiota! O que você quer de mim!?” O comentário dele confirmou todas as minhas suspeitas sobre ele na mesma hora. Eu sigo regras claras antes de sair com estranhos, passos específicos que devem ser dados. Minha regra é ver a identidade da pessoa e ligar para um amigo ou membro da família com essas informações, com a permissão da pessoa, é claro. Se algo me acontecer, a polícia vai ter um lugar para começar a procurar, pelo menos. Pessoas mal intencionadas geralmente evitam atender a essa solicitação – ou ao menos ficam na linha.

Nós chegamos ao pub e encontramos um lugar para sentar numa cabine grande e confortável. Eu sabia que não podia descuidar da minha bebida nem por uma fração de segundo e eu tinha que ficar em guarda durante todo nosso tempo juntos, o que incluía me escudar no caso dele ser dotado de algum tipo de percepção extrassensorial, não conseguir extrair nenhuma informação de mim

sem perguntar.

A conversa que tivemos foi casual, mas ele realmente estava interessado em me perguntar de onde eu era e para onde estava indo. As perguntas eram normais, mas ele insistiu quando evitei dar maiores detalhes.

A conversa que tivemos foi casual no início. Conversamos sobre nossas viagens e sobre onde tínhamos ido. Eu diria que o interesse de Gordon em minha viagem era um pouco pronunciado. Ele queria detalhes, e continuava abordando o assunto repetidamente a partir de direcionamentos diferentes. Falei sobre meu trabalho, e ele voltou a falar sobre minha viagem. Ele falou sobre meu carro e o fato de ser alugado. Ele perguntou se eu sabia que os carros alugados tem rastreamento por GPS de modo que a companhia saberia se ele fosse para fora do estado; ele entrou em detalhes sobre isso, depois disse que não entendia muito sobre o assunto, mas que seus amigos tinham lido isso.

Devido às energias que estava captando e por ele ter comentado sobre equipamentos de rastreamento por GPS, perguntei o que ele fazia para viver. A maioria das pessoas menciona com o que trabalha logo de cara, mas ele não tinha falado nada a respeito, mesmo após eu ter falado sobre o meu trabalho. Essa não era uma conversa normal, e para mim isso queria dizer que ele estava tentando encobrir algo. Quando perguntei com o que ele trabalhava, ele disse que não queria falar sobre isso, alegando que não era importante. Depois de eu ter perguntado umas duas vezes, falei que era estranho ele não querer dizer nada sobre sua ocupação e que isso deixava claro para mim que ele estava escondendo alguma coisa.

Depois de um longo e profundo suspiro, ele disse:

- Primeiro eu tenho que dizer que sou um civil.

Certo, nenhum civil diz que é civil ao iniciar uma conversa! Ele continuou contando que fazia “contratos de trabalho para a força militar dos Estados Unidos”. Depois de algum estímulo consegui fazer com que ele falasse um pouco sobre o que fazia para os militares. Seu trabalho girava em torno de tecnologias espaciais.

Não foi um choque para mim; pelo contrário, eu estava apenas ligeiramente surpresa por esse homem estar de fato me contando isso logo de uma vez. Seria uma coincidência estar sentada ali com aquele homem? Eu estaria sendo seguida? Estaria apenas impressionada? A única coisa de que eu tinha certeza era sobre

minha primeira impressão de Gordon, de que ele trabalhava para os militares e tinha sido enviado para me checar. A primeira parte ele confirmou; por que então eu duvidaria da segunda parte da minha impressão inicial?

Eu sabia, mesmo enquanto estava ali sentada com aquele homem, que muitas pessoas se questionariam por que diabos eu sequer conversaria com ele? Meu raciocínio era claro em minha mente: se ele havia sido enviado para conversar comigo e eu não conversasse com ele, outra pessoa seria enviada. Talvez da próxima vez eu não percebesse tão facilmente. Quando soube que não conseguiria mais nenhuma informação com ele, decidi que era hora de voltar para o motel e dormir.

Quando chegamos de volta ao motel ele estava me dizendo o quanto gostaria de saber mais sobre a viagem que eu estava fazendo e como parecia fascinante; eu disse a Gordon como estava cansada e que precisava dormir e entrei para o meu quarto.

Dormi muito bem e acordei no dia seguinte com as vozes das pessoas colocando suas coisas nos carros para partir. Olhei pela janela e vi um bilhete colocado no vidro do meu carro e saí para pegar. Assim que abri a porta, vi Gordon no porta-malas do seu carro – de novo. Fui até o meu carro pegar o bilhete para ler. Gordon veio caminhando em minha direção; o bilhete era dele, me pedindo para ir a um café antes de partir. Quase que imediatamente ele começou pedindo para que eu contasse mais a respeito da viagem. Eu educadamente declinei, mas disse que poderíamos ficar em contato por e-mail. Novamente eu sei que as pessoas vão se perguntar o porquê de eu ter feito isso; meu raciocínio era simples: mantenha seus amigos perto e seus inimigos mais perto ainda.

Deixei o estacionamento do motel me indagando o que haveria mais à frente. Eu ainda tinha quatro dias e parecia que cada dia continha um evento que me tocava profundamente. Essa viagem foi uma das experiências mais espirituais da minha vida e parecia que sua intensidade era infinita. Eu não tinha uma ideia exata de onde estava indo; o carro apontava em direção a Durango, então continuei dirigindo.

Pouco tempo depois parei num Internet-Café em Durango; entrei e mandei alguns e-mails para amigos e procurei por novos lugares para visitar. Enquanto estava lá, vi dois caras sentados numa mesa com um mapa, falando francês. Antes de ir embora, perguntei se eles estavam tentando planejar um tour pelos pontos turísticos. Como colega de viagem eu também estava interessada em ouvir

por onde eles tinham andado. Eles me disseram que tinham viajado de Quebec e estavam a caminho do México para passar dois meses.

Dividi com eles algumas das minhas histórias do Canyon de Chelly e então lhes disse que já que eles estavam tão perto, deveriam ver Mesa Verde. Também lhes falei sobre o acampamento lá no topo da montanha. Era legal ver alguns colegas canadenses, mas já era hora de eu por o pé na estrada novamente.

No meu caminho de Cortez a Durango eu percebi algumas placas de acampamentos; decidi voltar naquela direção para ver se um deles me serviria para passar a noite. Assim que passei por algumas placas, virei e dirigi de volta a Durango novamente. Era estranho; eu fui e voltei algumas vezes, indecisa. Por fim eu disse em voz alta: “OK, se você quer que eu esteja em algum lugar, me mostre”. Eu queria que meu espírito me guiasse para onde eu deveria ir.

Mantive meus olhos assim como meus sentidos abertos. Meu caminho se tornou claro rapidamente. Por três vezes eu me senti puxada para um determinado acampamento quando passei por ele, dessa vez eu parei. Quando cheguei lá fiquei feliz de ver que tinha chuveiros limpos, um banheiro e uma piscina! E o melhor de tudo: tinha um lindo riachinho onde eu poderia acampar ao lado.

Na medida em que armava minha barraca, me senti feliz com minha localização. Senti como se pudesse relaxar à noite, atualizar meu diário escrevendo e talvez dormir um pouco. O dia foi relaxante e completamente sem graça – justamente como eu esperava que fosse.

Quando chegou a hora de eu me organizar para a noite, fui até o banheiro. Quando eu estava escovando meus dentes, uma mulher e uma criança entraram; eram pessoas do acampamento logo ao lado do meu, apenas alguns metros de onde eu tinha armado a minha barraca. Normalmente eu sou muito conversadeira, mas não tinha tido vontade de me engajar em bate-papos durante o dia.

Eu realmente gostei da energia que captei da mãe. Havia algo diferente a respeito dela que me fez parar e prestar atenção. Olhei para a menina e imediatamente vislumbrei uma centelha que eu conhecia e compreendia. Ela seria uma das crianças que seriam ajudadas no futuro pelos Alienígenas – se e quando esse tempo chegasse. Ela era uma das escolhidas!

Essa garotinha valia mais do que um simples olá para a mãe dela. Como sempre eu comecei a conversa com essa estranha com facilidade. Ela se apresentou como Kathleen Anderson e sua filha Savannah. Nós tivemos uma ótima conexão

e a conversa logo se voltou para a filha dela. Minha observação da criança era de que ela era muito inteligente, bonita e sim, dotada de intuição. Eu queria descobrir se essa mulher tinha alguma ideia do quanto especial a filha dela era.

Nossa conversa durou o suficiente para terminarmos o que tínhamos de fazer no banheiro e saímos todas juntas. O marido dela estava do lado de fora no escuro esperando. Ele se apresentou como Jason. Novamente eu tive uma forte sensação de que era para eu conhecer essas pessoas. Eles eram uma família especial por algum motivo – uma razão que nem eu podia explicar. Fiquei conversando com eles tentando ter alguma noção de por que eles estarem na região de Four Corners. Não levou muito tempo para descobrir que eles estavam analisando a possibilidade de comprar um pedaço de terra naquelas proximidades.

Contei para eles alguns detalhes da minha viagem para as terras Hopi e Navajo. Também expressei a eles como achava a área de Four Corners especial, foi uma fascinante conversa entre nós três. Savannah estava ficando irrequieta enquanto caminhávamos de volta para nossos lugares e ela precisava ser colocada para dormir. Kathleen foi à frente para preparar Savannah para a noite, deixando Jason e eu conversando na escuridão. Como sempre eu procurava pelas estrelas, mas havia nuvens naquela noite, então não tinha nenhuma para ser vista.

Nossa conversa ficou bastante intensa. Ele me contou que eles haviam ficado um pouco desencorajados na busca por uma propriedade para comprar naquela área. Bem naquele dia tinham pedido um sinal de que estariam fazendo a coisa certa, comprando um pedaço de terra naquela região. Quando ele disse isso eu soube que precisava fazer com que ele soubesse que estavam exatamente onde veriam estar e que eles deveriam continuar procurando.

Tentei contar a Jason como eu tinha vindo parar na região de Four Corners. Comecei do jeito usual, usando o pretexto de visões e sonhos. Contei a ele que tinha me sido dito que a área de Four Corners era uma das “Terras Seguras” no “Fim dos Tempos” e que tinha me sido mostrado Shiprock e que eu tinha sido levada até o povo Hopi. Contei-lhe o máximo que pude durante nossa breve conversa. Eu estava feliz por encontrá-los e o encorajei fortemente a continuar procurando por terras ali. Falei a Jason que eu achava que era para eles ficarem ali e não desistirem.

O tempo, como sempre, passou muito rápido e ambos necessitávamos descansar. Dei um grande abraço em Jason e disse a ele que foi maravilhoso conhecê-lo e à sua família. Então ele me pediu que por favor passasse pela manhã para tomar

um café com eles antes de ir. Quando Jason foi andando dei uma última olhada para cima, mas não havia estrelas para serem vistas. Será silencioso para mim agora, pensei, enquanto me arrumava na minha barraca.

A manhã chegou depressa como sempre acontece quando você está acampando. Assim que sai da minha barraca, comecei a empacotar minhas coisas para ir embora. Eu podia ver que a família Anderson estava acordada, tomando café da manhã na barraca deles. Fiquei de cabeça baixa concentrada em arrumar minhas coisas, planejando ir vê-los assim que terminasse minha tarefa. Só levou dois minutos para Kathleen vir correndo até mim. Ela estava empolgada em me ver novamente e me disse que eu não podia partir sem tomar um café com eles. Ela me contou que minha conversa com o marido dela na noite anterior o tinha afetado profundamente. Eu pretendia ir até eles, mas acho que ao me ver embalando as coisas eles acharam que eu estava escapando sem falar com eles, mas essa nunca foi minha intenção. Concordei com o pedido dela e garanti que eu não partiria antes de visitá-los.

Assim que o carro estava pronto para partir andei os poucos passos de distância até os Anderson. Fui recebida com muito entusiasmo e sorrisos orgulhosos quando fui apresentada à mãe de Jason, Patricia. Gostei dela de cara; depois de uns poucos minutos, minhas impressões foram reafirmadas – eles eram pessoas excepcionais. Eu estava feliz por ter sido convidada até o acampamento deles.

Nós quatro nos sentamos ao lado do riacho conversando intensamente enquanto Savannah corria ao redor, brincando. Ela tinha incríveis olhos azuis que falavam sem que ela dissesse uma palavra. De vez em quando ela parava e fazia uma pergunta. Acho que ela estava tão curiosa a meu respeito quanto seus pais. Eu não podia informá-los naquele momento que eu também estava curiosa a respeito deles.

Kathleen novamente me disse o quanto minha conversa com Jason o havia afetado. Ela perguntou se eu me importaria de contar a história para ela e Patricia. Eu fiquei mais do que feliz de fazer isso uma vez que sentia que era importante que eles comprassem terras naquela região. Na medida em que eu falava com Kathleen e Patricia, elas se abriam para mim também.

Eu descobri o que os havia levado a decisão de comprar um pedaço de terra era se tornarem autossuficientes. Falei que ficava feliz por eles estarem fazendo isso. Na medida em que contávamos nossas histórias, eu comecei a ter flashes de imagens e pensamentos a respeito de cada um dos Andersons; contei a eles e isso os tocou profundamente, levando-os às lágrimas. Foi uma experiência

inesquecível para todos nós.

Ficou claro para mim que era para nós termos nos encontrado por razões que nem eu mesma plenamente entendia. Eles tinham pedido por uma confirmação de que eles estavam fazendo a coisa certa procurando por terras em Durango no dia anterior à minha chegada. Minha vinda muito provavelmente foi a confirmação para eles.

Tentei passar minhas experiências para a família Anderson de uma tal forma que eles entendessem e aceitassem e ao mesmo tempo assegurando que a mensagem fosse clara como cristal. Eu poderia ter ficado sentada com aquelas pessoas o dia todo, mas eu sabia que tinha de pegar a estrada novamente. Se eu ficasse, minha presença poderia minimizar o efeito da mensagem e eu não queria que isso ocorresse. Trocamos endereços de e-mail para podermos manter contato. Depois que todos nos abraçamos e dissemos adeus, eles ainda me pediram mais uma vez para ficar, mas eu sabia que era hora de ir.

Saí andando do acampamento plenamente consciente do efeito que tive sobre aquelas pessoas. Pulei no meu carro alugado e comecei a dirigir vagarosamente. Novamente me vi devaneando sobre meu passado, presente e futuro que pareciam estar se fundindo em uma coisa só. Meu papel no quebra-cabeças cósmico se tornava mais claro a cada momento. Eu me sentia triste por deixar a jovem família; eu queria passar mais tempo com eles, mas sabia que não era a hora certa. “Eu os verei novamente”, pensei, e com esse pensamento em mente foquei na rodovia.

Assim que cheguei à rodovia, me fiz a pergunta sem fim: direita ou esquerda? “Direita”, pensei. Com apenas duas noites faltando decidi pegar leve e ir acampar em Mesa Verde, onde Carrie e eu tínhamos ficado no ano anterior quando encontramos Harold. Cairia bem terminar minha viagem ali. O caminho para a montanha não demorou, e antes que me desse conta, minha barraca já estava mais uma vez montada para a noite.

Passei o dia relaxando e fazendo turismo pelos antigos sítios. Perto da hora do jantar, a chuva começou; eu sabia que talvez não estiasse, então tirei meu fogão a gás para fora e aqueci o meu jantar simples embaixo de uma árvore, tentando permanecer seca. Sem estrelas essa noite, pensei. As nuvens estavam tão perto que quase se podia tocá-las; elas rodopiavam muito próximo ao chão.

Meu jantar estava pronto em poucos minutos, pois só precisava ser aquecido. Olhando para o oeste percebi que havia alguns buracos no céu nublado. Algumas

nuvens eram negras como a noite, enquanto outras eram muito brancas. Era uma estranha mistura. Comi meu jantar em minha barraca e tirei um curto cochilo. Quando acordei a chuva tinha parado, então saí para lavar minha louça, enquanto perguntava: “Verei vocês novamente?” Uma voz reverberou em minha cabeça respondendo: “Nós iremos vê-la mais tarde!”

O que eles fariam dessa vez, eu me questionava. Estava me sentindo excitada também, mas ansiosa ao mesmo tempo.

Voltei a minha tenda e deitei por pouco tempo. Eu estava adormecida quando de repente me sentei reta. Eu estava frenética e sentia a necessidade de abrir minha barraca e sair. Balancei minha cabeça pensando: o que eu estou fazendo? Então eu soube. Era a hora. Andei até o banheiro e no caminho de volta perguntei novamente: “Quando eu os verei?”

“Começaremos assim que você estiver sentada”.

O que eles queriam dizer, eu não tinha certeza. As nuvens ainda estavam grossas e baixas, pairando sobre o acampamento. Quando voltei até minha barraca e subi os três degraus até ela, sentei no último e no mesmo instante tinha um fecho de luz branca enorme diretamente sobre a minha cabeça. Não havia nenhum som, então eu sabia que não era um raio. Era da largura de seis a oito pistas de carro e sua trajetória era paralela à terra.

Eu sorri e disse “obrigada”. Que outra prova eu precisaria para saber que não estava louca e tudo que estava acontecendo era real. Nada! Sentei lá olhando para fora em direção às nuvens e vi uma estrela. Tinha acabado. Desde então eu decidi me comprometer plenamente a fazer o que eles me haviam pedido há 16 anos: eu iria escrever minha história de modo que eu pudesse contar às pessoas sobre eles. Eu não me esconderia mais da verdade. Eu tinha clareza como nunca antes. Embora eu não tenha ganhado nenhum novo conhecimento nessa viagem, muito havia sido confirmado para mim. Tudo estava como deveria ser, meu caminho estava claro. Fui dormir naquela noite sabendo que minha vida seria diferente daquele momento em diante. Era hora de começar a trabalhar.

Meu último dia em Four Corners foi bem preguiçoso. Depois do café da manhã fiz um tour para um dos sítios antigos mas mantive o dia, assim como os meus pensamentos, contidos. Depois do jantar decidi subir até o banheiro principal e à área das duchas para checar se a loja de presentes tinha água. Quando voltei do banheiro esbarrei na garota francesa que havia encontrado em Durango poucos dias antes, ela me disse que os rapazes estavam estacionados a poucos metros.

Que maneira apropriada de passar minha última noite, me reintegrando à sociedade antes de voltar para casa. Os três jovens de Quebec estavam bebendo e me convidaram para me juntar a eles. Aceitei graciosamente e passei a noite toda conversando sobre tudo, exceto Alienígenas. Foi perfeito para mim. Depois de tudo o que tinha acontecido nas últimas duas semanas, eu precisava inverter completamente meus pensamentos. Eu precisava de tempo para a minha mente subconsciente assimilar minha viagem de iluminação espiritual.

A noite passou rápido e era hora de dizer adeus. Enquanto caminhava de volta para a minha barraca, sentia um senso de satisfação dentro de mim. Hoje eu deixei o velho ir embora e estou dando boas-vindas ao novo. Com isso em mente, adormeci com um sorriso.

# Comunicação com Orbes

O início de 2005 começou com um novo foco: continuar escrevendo o livro.

Escrever minha história se tornou minha prioridade para que eu pudesse dividir minhas experiências com o mundo. Consequentemente minha vida começou a mudar sua direção e às vezes era difícil ficar focada nos acontecimentos do dia-dia.

Ver o homem Hopi, Robert, em 2004, confirmou minha sensação de que era hora de compartilhar minha história. Meu primeiro passo seria me reintegrar na comunidade ufológica. Decidi checar online se ainda haveria ou não a conferência anual à qual eu havia comparecido em 1991. Assim que eu descobri que ela aconteceria, dei meu endereço para que eles me enviassem informações sobre os próximos eventos. Era o primeiro passo perfeito para me envolver com pessoas de mentes semelhantes novamente.

Perto do final de janeiro quando fui checar minha caixa de correio, encontrei um livreto do Congresso de Ufologia sobre um evento que estaria ocorrendo. Quando o tirei da minha caixa de correio estava meio-aberto, então o examinei mais detidamente. O fato de ser do Congresso e estar aberto tornava a coisa um tanto suspeita. Seria possível que estivesse acontecendo novamente, minha correspondência sendo aberta ao cruzar a fronteira?

Fiquei um pouco abalada por esse envelope aberto e, independente da razão, o vi como um sinal de que eu deveria considerar ir. Fiz uma ligação para descobrir maiores informações sobre o evento e se me parecia certo comparecer. Tive uma conversa maravilhosa com um dos coordenadores, Adam. Conversamos sobre a primeira conferência a que eu compareci, em 1991. Ele tinha participado de todas desde o começo, o que era encorajador, uma vez que eu havia achado a primeira muito boa. É incrível conversar com pessoas que não têm julgamentos negativos e eu não preciso me sentir em guarda. Adorei a conversa com Adam pois ele me fez sentir confortável, e isso foi o suficiente para eu decidir me registrar para a conferência.

Contei a Adam um pouco dos eventos que estavam acontecendo na minha vida, e nós nos recordamos do primeiro congresso de ufologia que ocorrera em Tucson, no Arizona. Eu contei a ele um pouco sobre os homens que eu chamo de

clones. Ele ficou fascinado, mas eu tinha certeza de que ele tinha ouvido muitas histórias estranhas de pessoas ao longo dos anos e que essa era só outra para adicionar à sua lista. Depois de nossa conversa, ele me pediu para que fosse falar com ele durante a conferência.

Enquanto me registrava, eu pedi para ser colocada junto com uma colega de quarto, para que a conferência saísse mais em conta. Eu estava nervosa com a ideia, mas decidi que se eu não gostasse da pessoa com quem me colocasse, eu poderia passar a maior parte do tempo fora do quarto.

Poucos dias antes da viagem, recebi uma ligação da conferência me informando o nome de minha colega de quarto: Vanessa. Ela me ligou em seguida para dizer que não chegaria antes da 01h00 da manhã no primeiro dia. Ela queria que eu soubesse que ela chegaria tarde para que eu não me assustasse quando ela entrasse. Foi então que deixei de me preocupar com quem eu teria com colega de quarto; era óbvio que pela sua consideração ela seria ótima!

No final de 2004 uma amiga me enviou um livro pelo correio por achar que eu deveria tê-lo. Normalmente eu não costumava ler livros, mas como ela havia me enviado, eu devia ao menos dar uma olhada. Quando ele chegou eu pude facilmente ver porque ela achou que eu deveria ao menos dar uma olhada nele. O autor, Larry, tinha algumas ideias maravilhosas sobre ETs, mas era um livro de ficção. Mesmo assim eu senti uma conexão com o autor e, depois de encontrar suas informações de contato no final do livro, decidi escrever para ele. Achei que ele poderia estar interessado em me ajudar a escrever meu livro. Pouco depois de enviar o e-mail nós conversamos por telefone. Depois de uma longa conversa ele disse que não tinha interesse em escrever o livro, mas achava que talvez nós pudéssemos nos encontrar. Ele iria a conferência então fizemos planos para nos conectarmos quando chegássemos a Laughlin. Eu estava ansiosa para contar a ele toda minha história.

Usei meu aniversário como desculpa para a viagem, já que as datas coincidiam, porque eu não queria explicar às pessoas do meu trabalho porque estava indo a Nevada. Realmente eu não estava mentindo, a viagem era um presente de aniversário para mim mesma, tanto quanto qualquer outro, mas isso não tornou mais fácil esconder a verdade das pessoas da minha vida, as quais eu respeitava.

No dia 5 de março o avião decolou e mais uma vez eu estava numa viagem a fim de encontrar o meu lugar neste mundo. Por alguma razão, eu sentia que era importante estar nessa conferência, e que a razão disso se revelaria quando fosse a hora certa.

O voo para Las Vegas foi suave e o avião aterrissou na hora certa. Peguei um carro alugado e dirigi por duas horas e meia até Laughlin. Quando entrei no estacionamento multinível do hotel Flamingo não pude deixar de notar algo que me fez balançar a cabeça: havia vários carros com placas onde se lia “US GOV” [Governo dos Estados Unidos – Nota da Tradutora\*] neles. Por que eles estavam ali, pensei. Liguei para meu bom amigo Dan e contei a ele sobre os carros do governo; de alguma forma eu não estava surpresa com a presença deles.

Não levou muito tempo para descobrir que os militares estavam na mesma sala de conferência que nós usaríamos. Eles estavam fazendo recrutamento aberto por três dias. Como resultado disso, a conferência teria um início tardio devido a eles ainda precisarem utilizar a sala. Depois que eles aparentemente tinham ido embora, notei que as placas de alguns carros no estacionamento estavam faltando. Muitos carros tinham sido deixados estacionados sem placa, e esses carros não saíram dali durante todo o restante da conferência.

Juntei minhas coisas no carro e entrei no hotel para pegar minha chave. Enquanto esperava na fila do balcão, notei três caras com jeito de militares sentados perto do balcão principal. Eles pareciam estar de olho na fila de pessoas que vieram para a conferência.

Olhei para a fila e fiquei impressionada pelo grupo diversificado de pessoas conversando animadamente sobre a reunião ufológica. Enquanto ouvia algumas das conversas, imediatamente me senti feliz por estar ali. Seria ótimo! Em 1991 eu me sentia à vontade, como se estivesse entre familiares; eu já sabia que essa conferência seria da mesma forma. Depois de pegar minha chave, fui me acomodar.

Pelas duas horas seguintes, tirei minhas coisas da mala, olhei alguns folhetos e tomei uma ducha. Não era só um feriado, era trabalho também. Liguei para a recepção para ver se Larry já tinha chegado. Respire fundo enquanto a ligação era transferida para o quarto dele; o telefone tocava e eu pensava no quanto nosso encontro impactaria a mim ou a ele.

Minha conversa com Larry foi breve e marcamos um encontro para o dia seguinte no café da manhã. Eu estava aliviada por nos encontrarmos logo de manhã, assim eu completaria minha primeira tarefa rapidamente. Agora que eu estava organizada, eu sentia que podia tirar um tempo para caminhar pelo local e ver o hotel e a área em redor. Eu sabia que assim que a conferência tivesse início, eu provavelmente não teria tempo para isso, pois estaria muito ocupada.

Enquanto caminhava ao redor do hotel, comecei a ver os nomes nos crachás

das pessoas que estariam na conferência, mas fiquei na minha. O dia logo virou noite e eu voltei para o meu quarto para desligar minha mente da razão da minha viagem. Um pouco de TV bastaria. Essa vai ser uma semana intensa, pensei comigo.

Era tarde quando minha colega de quarto entrou pela porta. Ela explicou que estava numa viagem pela América do Sul antes da conferência. Nós nos apresentamos e tivemos uma ótima conversa antes de dormir. Eu estava feliz por Vanessa parecer normal – havia uma possibilidade real de ela ser uma daquelas pessoas ‘fora da casinha’, do tipo fora dos limites. Você nunca sabe quem aparece nesses encontros; infelizmente existem algumas pessoas realmente loucas que estão sempre no meio da multidão.

Acordei cedo no dia seguinte e fui me encontrar com Larry. Após o café da manhã, e ele foi um ouvinte amável e paciente. Era hora do primeiro palestrante, e eu sabia que ele queria ir, mas quando chegou a hora, ele disse que não se importava – ele queria ouvir a história inteira. Fazia muito tempo que eu não contava minha história com tantos detalhes. Foi uma liberação maravilhosa e eu agradeci a ele por ouvir. Nossa conversa foi um excelente começo para mim na conferência, me ajudando a permanecer equilibrada e calma pelo resto do meu tempo lá.

Depois de contarmos nossas histórias um ao outro, era hora da conferência. Antes de partirmos, Larry me disse que havia algumas pessoas no hotel que ele achava que eu deveria conhecer. Ele falou brevemente sobre eles e disse que provavelmente eu os encontraria por mim mesma. Eu já me sentia conectada a essas pessoas pelo pouco que Larry havia me falado sobre elas.

Encontrei essas pessoas, uma de cada vez, ao longo dos dias que se seguiram. Elas tinham vindo de New York para a conferência; conectei-me com alguns deles de uma forma linda e confortante. Duas delas se abriram para mim de uma maneira muito afetuosa. Ambas receberam mensagens de que deveriam ir a esse evento e que conheceriam alguém lá. Rhonda, a mulher, estava visivelmente emocionada pelo nosso encontro. Ela soube que era eu quem ela deveria conhecer assim que nós começamos a conversar. Ela ficou muito tocada em nossa primeira conversa e se sentia grata por estar lá para podermos nos conhecer.

O segundo membro do grupo, Dean, com quem eu tinha tido uma conversa semelhante, também me disse que recebera uma mensagem para estar nesse evento e conhecer alguém. Ele sentia que era eu assim que começamos a conversar! Eu disse que estava feliz por ele ter vindo e talvez fosse mesmo para nós nos

encontrarmos. Ele era uma pessoa excepcional que demonstrava uma compreensão desse mundo que muitas pessoas jamais atingiriam. Ele era muito espiritual e suas maneiras tão gentis como as de uma borboleta.

Tanto Dean como Rhonda eram pessoas lindas em quem eu podia ver que os Alienígenas tiveram um efeito positivo. Eles eram fortes e seguros em suas crenças. Era revigorante conversar com eles e saber que eles se sentiam à vontade com o conhecimento que traziam consigo. Com tanta frequência as pessoas sentem a necessidade de buscar através de livros ou em qualquer lugar que possam para encontrar respostas. Dean e Rhonda sabiam de um segredo muito importante: conhecimento verdadeiro vem de dentro. Livros só podem nos guiar até nós encontrarmos aquele lugar lá dentro que liberta a informação que nós verdadeiramente buscamos. Tudo que procuramos está lá.

Quanto mais pessoas eu conhecia, mais confortável eu ficava e me lembrava do porquê de ter adorado a conferência de 1991. Era uma curta pausa do ritual diário de esconder meu eu verdadeiro do mundo. As pessoas que frequentavam esses encontros falavam livremente sobre suas experiências e crenças sem medo do ridículo. Eu estava feliz de largar a sensação de ter de me resguardar daqueles que iriam me julgar. É mais fácil dizer que alguém é louco do que questionar a possibilidade de que Alienígenas existam.

Eu podia ver que desde a última vez que havia me envolvido com pessoas ligadas a Ufologia, houve muita divulgação de conhecimentos assim como crescimento espiritual. Eu estava feliz de ver que o entendimento sobre quem eram os ETs havia se expandido. Os palestrantes estavam mais informados e as pessoas que frequentavam eram uma maravilhosa amostra da sociedade: médicos, professores, mães e pessoas da classe trabalhadora, eram pessoas de todos os tipos. Era óbvio para mim que todos tinham trabalhado duro para educar as pessoas a respeito da existência dos alienígenas. Eu sabia que podia ter sido parte desse grupo, mas não teria sido a hora certa para eu começar a falar sobre minhas experiências antes de agora.

A maioria dos palestrantes eram pesquisadores, com exceção de uns poucos experimentadores. Um tempo havia sido deixado para que os contatados e abduzidos que estavam na conferência como convidados pudessem falar. Se eles quisessem, podiam compartilhar suas experiências com o público. Ainda assim, era só um começo. Elevar a consciência da massa é um lento processo.

Na medida em que os dias passavam eu pensava mais e mais nos meus amigos, os Alienígenas, que eu chamo de “Os Zeladores”. Na metade na conferência

eu sentei no meu quarto pensando neles. As pessoas que frequentavam esses eventos trabalham duro para ensinar ao público geral sobre os Alienígenas. Sentei-me em silêncio e limpei minha mente. Entrando no estado meditativo eu pedi aos Alienígenas que se mostrassem para esse grupo. As pessoas na conferência tinham feito tanto para levar ao público a mensagem dos extraterrestres que elas mereciam saber que os Alienígenas estavam gratos e apoiavam. Quando abri meus olhos, agradei a eles por me mostrarem o seu apoio.

Fiz uma meditação similar logo antes de deixar Vancouver para vir para a conferência. Se havia uma coisa que eu tinha aprendido ao longo dos anos, era que nada era impossível! Tudo o que eu tenho de fazer é pedir e esperar por uma resposta um dia. Assim que levantei da cama, parei de pensar a respeito e comecei a focar no restante do dia.

Quando desci a conferência estava em pleno vapor. Havia pessoas se misturando em todo canto, conversando com velhos e novos amigos, o que era claramente um dos motivos pelos quais as pessoas vinham a essa conferência ano após ano.

Eu tinha visto Adam, o coordenador, algumas vezes mas ele sempre parecia muito ocupado para conversar. Então eu o vi aparentemente relaxado tendo uma conversa casual e aproveitei a oportunidade para me apresentar. Tivemos uma conversa breve, porém amigável, e eu falei a ele sobre uma ideia sobre a qual vinha ponderando. Eu achava que uma meditação guiada com todo mundo poderia fortalecer em muito o fluxo de energia positiva. Ele disse que achava que era uma boa ideia e me pediu que escrevesse como uma proposta que ele pudesse apresentar ao conselho da conferência. Quando ele me perguntou quem eu achava que poderia guiar essa meditação, caso o conselho concordasse, eu disse que achava que o guia não era tão importante quanto a meditação em si mesma.

Minha curta conversa com Adam chegou ao fim; ele tinha de correr para cuidar das coisas e eu agradei pelo seu tempo e lhe disse que estava contente por ter tido a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente. Fui direto para o meu quarto escrever a proposta. Fiz tão curta quanto possível para que eles pudessem ver a simplicidade desse importante ato em reunir as pessoas e aproximá-las.

À noite haveria um jantar para todos que foram à conferência. Era uma noite divertida que dava a todos oportunidade de relaxar em conversas e aproveitar a companhia do grupo. Vi Adam novamente e lhe apresentei minha ideia por escrito. Dava pra ver que ele achava que era uma boa ideia, mas precisava ser aprovada por todos que gerenciavam a conferência. Ele disse que me falaria o

que eles acharam em poucos dias. Eu lhe agradei pelo seu tempo e voltei para minha mesa.

O resto da noite foi interessante e eu tive a oportunidade de observar os frequentadores; cuja diversidade não parava de me impressionar. Devo admitir que havia algumas pessoas que não batiam muito bem da cabeça. Essas pessoas existem em todos os setores da sociedade, então é razoável que se espere sua presença nesse grupo também. Infelizmente são essas pessoas que com frequência se tornam as que mais conseguem atenção dos críticos de UFOs e Alienígenas.

Os dias da conferência passaram rapidamente e eu me senti como se nunca quisesse ir embora. Eu pensei no dia em que voltaria até os Hopi e me questionei quantas daquelas pessoas estariam lá comigo no futuro. Muitas pessoas nessa conferência têm um conhecimento que deixa muitas outras com medo. Elas temem o que não sabem ou não entendem; esse medo é manifestado na ridicularização que todos nós temos que aguentar enquanto abduzidos e contatados. Na conferência, pelo menos durante um curto tempo, nós, como grupo, podemos ser nós mesmos.

O último dia da conferência chegou. Eu sabia que a maioria das pessoas com quem eu tinha estado queria ver os palestrantes naquele dia, mas eu não tinha interesse, então fui para a piscina. Depois de tudo eu precisava de alguma cor na minha pele branca. Eu não queria perder minha última chance de pegar um pouco de sol antes de ir embora.

Quando cheguei não reconheci ninguém que estava na conferência ao redor da piscina. Havia muitos jovens se divertindo na água, então fui até o canto da piscina onde estava um pouco mais silencioso. O sol estava forte e estava muito quente. Peguei uma cadeira e me deitei para me encharcar de luz do sol. Meus pensamentos estavam voltados para os eventos da semana que tinha se passado e em todas as pessoas que eu tinha conhecido. Eu pensava em que história ia contar para meus patrões quando voltasse pra casa da viagem. O que eu poderia contar que não entregaria o que de fato eu estava fazendo nas férias? Meu coração ficou pesado só de pensar a respeito, pois eu não gostava de ter de esconder.

As horas da tarde se escoavam enquanto eu ficava cada vez mais quente. Para me refrescar, fui dar um mergulho; depois de nadar brevemente senti-me ótima e voltei para deitar na minha cadeira à beira da piscina. Não demorou muito, entretanto, para que eu começasse a me virar sob o calor; o sol estava quase demais para aguentar e extremamente brilhante. Toda vez que eu começava a pensar em ir embora, eu tinha uma forte sensação de que deveria ficar só mais um pouco. Era difícil ficar de olhos abertos porque o sol estava muito forte. Mesmo

com meus óculos de sol e olhando para a direção oposta ao sol, ainda era excepcionalmente difícil manter meus olhos abertos por mais do que apenas um instante. Era estranho que estivesse tão ofuscante. Virei de costas novamente, tentando a todo custo pegar um pouco de sol no rosto. Era difícil por causa da luminosidade. Do nada ouvi uma voz muito alta e clara na minha cabeça:

“Preste atenção no céu. Nós estamos chegando!”

Eu soube na hora que eram os Alienígenas. A voz era a mesma que eu sempre ouvia quando eles se comunicavam comigo. Senti na cadeira e coloquei meus óculos de sol. Estava tão brilhante que eu mal conseguia olhar para cima, mesmo de óculos. Eu tive que usar ambas as mãos para tentar bloquear o sol e poder enxergar à frente. Olhei, olhei... “Onde estão vocês?”, pensei. Não houve resposta.

Então, à direita da minha mão eu vi algo que parecia com uma bola flutuando no céu. Estava indo em linha reta a uma velocidade constante. Atrás havia uma segunda bola. Eu olhei em redor do deck da piscina para ver se havia alguém da conferência lá. Eu queria gritar para as pessoas na piscina, mas eu tinha certeza que elas não ligariam e eu pareceria uma idiota. Observei os orbes redondos se arrastarem vagorosamente, permanecendo em perfeita formação um com o outro. “Por que não tem ninguém aqui para ver isso?”, pensei. De que adianta se ninguém mais está aqui? Eu me questionava se a aparição era porque eu havia pedido a eles para se mostrarem durante a conferência. “Obrigada”, eu disse, e então pensei: “Ninguém vai acreditar em mim!”

Então ouvi a voz novamente, dessa vez mais calma e mais baixa, responder: “Tire uma foto”. Eu tinha esquecido que minha câmera estava ao meu lado. Eu rapidamente a peguei e tirei duas fotos. Quando fiz isso os orbes redondos estavam atrás do hotel e não eram mais visíveis.

Pulei com minha câmera na mão, olhando mais de perto para as pessoas na piscina para ver se reconhecia alguém da conferência. Do outro lado da piscina havia um homem que havia assistido algumas das palestras. Comecei a andar em direção a ele porque eu tinha a sensação de que a aparição não tinha terminado. Olhei para o céu e os avistei do outro lado do hotel. Acelerei para alcançar o homem antes que eles sumissem de vista novamente. “Alguém precisa ver isso junto comigo!”, pensei.

- Você veio para a conferência, correto? – não esperei pela resposta. Levanta, rápido! Você tem de ver isso – levanta, levanta!

Ele ficou de pé meio confuso, enquanto eu apontava freneticamente para os três orbes flutuantes.

- OLHA! LÁ!

Ele pulou e não conseguia acreditar no que estava vendo.

No céu havia mais três orbes, de formas diferentes daqueles de alguns minutos antes, que tinham formato de bola de baseball. Em vez disso, esses eram o que eu chamaria de “orbes-estrela”.

Eles se pareciam exatamente como estrelas, permanecendo em perfeita formação uns com os outros passando à mesma altura que os outros que já haviam passado para o outro lado. Sai correndo da área da piscina para ver se conseguia mais fotos, mas só consegui pegar uma antes que eles desaparecessem atrás do hotel. Quando voltei até o homem, descobri que ele estava muito entusiasmado e não conseguia acreditar no que nós havíamos testemunhado. Entre nossos comentários em estado de choque, ele se apresentou como George.

Nós dois ficamos na piscina olhando para o céu esperando mais sinais deles, impressionados com o que tínhamos visto. Eu estava excepcionalmente empolgada, ao lembrar que havia pedido a eles que se mostrassem nessa conferência. Mais uma vez minha cabeça girava em todas as direções: teriam mesmo eles vindo porque eu havia pedido? Por que isso era tão difícil de acreditar? Depois de tudo que eu tinha experimentado até aquele momento, eu sorri e agradei a eles mentalmente por aparecerem.

Eu estava ansiosa para contar essa experiência às pessoas da conferência, então disse adeus a George e disse-lhe que o veria mais tarde no jantar de encerramento. Sai da piscina muito satisfeita e empolgada, e fui direto para a área da conferência procurar por todos os meus novos amigos. Encontrei um pequeno grupo deles parado na área do lobby; andei até eles e comecei a contar sobre o que havia acabado de acontecer. Uma das primeiras pessoas a quem contei era a esposa de Adam. Ela me encorajou fortemente a contar para o marido dela. Eu tinha vontade de gritar de tanto entusiasmo; eu queria contar as novidades para todo mundo! O grupo recebeu a notícia de que os ETs haviam se mostrado para todos nós com conversas empolgadas. Que presente maravilhoso!

Eu fui até a sala onde estavam as mesas dos expositores e encontrei Adam exatamente onde sua mulher disse que eu o encontraria.

- Alguma coisa muito excitante acabou de acontecer!

Quando relatei a história para ele e incluí que, antes de deixar Vancouver e mais uma vez no meio da conferência eu tinha pedido aos Alienígenas que se mostrassem a esse grupo, eu pude claramente ver que ele estava tão tocado com isso quanto eu. Ele me perguntou se eu tinha uma câmera digital para ele poder ver as fotos. Infelizmente tive de dizer a ele que não tinha; eu me sentia péssima porque também não conseguia me lembrar do nome do homem na piscina. Quando Adam me perguntou eu não consegui dizer, porque havia me esquecido com toda a empolgação, mas disse a ele que eu o reconheceria, e que assim que o visse novamente, o levaria para falar com ele também.

De dentro do bolso interno de sua jaqueta, Adam tirou minha proposta de meditação em grupo guiada e me perguntou se eu gostaria de fazê-la naquela noite e também contar a minha história dos orbes na piscina. Quando ele disse isso, eu compreendi que essa era a razão de eu estar ali. Adam me disse que precisaria ter a aprovação final do conselho do congresso e confirmaria comigo naquela noite, se iria ocorrer ou não, mas me disse para ficar preparada.

Depois de conversar com algumas pessoas que estavam perambulando pelo lobby e pela área de expositores, eu voltei para o meu quarto. Eu precisava trocar minha roupa da piscina; eu estava na metade do processo quando uma forte urgência me tomou para ir até o meu carro e dirigir. “O que é, agora?”, pensei.

- Ok – eu disse em voz alta – Vocês querem que eu vá a algum lugar, eu irei.

Rapidamente sai do quarto e fui direto para o meu carro.

Uma vez no carro, respirei fundo. Onde eu estava indo? O que eu estava fazendo?

“Siga seu espírito, Miriam”, ecoou na minha cabeça. Sai do estacionamento e entrei na estrada principal.

Para onde agora? – perguntei em minha mente.

“Vire à direita”.

“Leve-me para onde você me quer” – pensei. Logo depois eu estava fora de uma das rodovias dirigindo para fora de Laughlin. Eu não queria dirigir para o meio do nada, e disse em voz alta:

- Olhem, eu não quero dirigir para longe. Vocês não podem fazer o que quer que seja que vocês queiram fazer mais perto da cidade?

Depois de algumas centenas de metros eu parei o carro, desci e comecei a olhar ao redor. O que eu estou fazendo aqui agora? Eu não vi nada e perguntei: “Qual o motivo de eu estar aqui?”

Em minha cabeça eu ouvi: “Tire uma foto”.

“Do que?” – perguntei. Eu não conseguia ver nada. Havia uma pequena cordilheira à distância, então olhei cuidadosamente para ver se talvez alguma coisa estivesse escondida nas beiradas, mas não vi nada.

Mais uma vez ouvi a voz ressoando na minha cabeça: “Vai estar no filme”.

“Ok, ok” – pensei. Peguei a câmera do banco do carro e tirei duas fotos, incerta do que poderia sair no filme. Acho que vou descobrir quando mandar revelá-lo. Talvez eu tenha imaginado a coisa toda: eu sabia que minha sanidade seria questionada ou confirmada depois que eu tivesse as fotos em minhas mãos.

Apesar de uma forte sensação de que eles queriam que eu ficasse onde estava, parti para o hotel. Era fim de tarde e eu precisava descansar antes de me vestir para o jantar de encerramento daquela noite. Enquanto dirigia de volta para o hotel, meus pensamentos se voltavam para a possibilidade de eu talvez ter de falar na frente de centenas de pessoas que assistiram à conferência, e estava nervosa com esse prospecto. Eu tinha de fazer um bom trabalho – era importante. Eu sabia que essas revelações tinham ocorrido para mim, mas também para as pessoas na conferência. Meu papel nesse plano cósmico estava finalmente começando a surgir. Era hora dele lentamente se revelar.

De volta ao meu quarto falei com Vanessa sobre os eventos da tarde. Ela me perguntou se esses orbes poderiam ser obra do governo, o que era uma grande preocupação dela. Eu sabia que provavelmente havia orbes operados pelo governo, mas minha lembrança de vê-los ainda criança, me fez concluir que eles, mais do que provavelmente, primariamente pertenciam aos Alienígenas.

Vanessa e eu resolvemos tirar um cochilo antes do jantar. Quando acordamos, nos vestimos rapidamente para o jantar. Quando chegamos à sala do banquete, já estava lotado de pessoas sentadas nas mesas redondas. Encontrei o grupo de nova-iorquinos e perguntei se poderia me sentar com eles. Como eles tinham espaço suficiente para nós duas, dividimos a mesa com eles. Não

demorou muito para o salão se encher de participantes; conversas curtas pipocavam aqui e ali enquanto as pessoas andavam pelo local. Era nossa última noite juntos e eu podia sentir o zunido das pessoas tentando expressar suas últimas palavras ao trocar ideias e endereços.

Assim que estávamos todos definitivamente sentados em nossos lugares, procurei por Adam com os olhos pelo salão. Eu tinha de perguntar a ele o que os outros decidiram sobre a meditação e também perguntar se eu podia contar sobre os orbes aos outros hóspedes; eu o localizei do outro lado do salão e fui até lá falar com ele. Ele me disse que eu poderia falar sobre o que havia ocorrido durante a tarde, mas o congresso queria que eu subisse ao palco junto com o outro homem que estava na piscina. Eu ainda não o tinha visto, mas Adam tinha certeza de que ele apareceria em algum momento. Eu teria somente seis minutos para contar a história e fazer a meditação – não muito tempo, mas eu estava grata por cada segundo que me fora dado. Eu me sentia uma idiota por não conseguir lembrar o nome do homem; eu tinha ficado focada nos orbes, não na pessoa.

Pouco tempo depois, Adam fez alguns pronunciamentos para o público e me apresentou. Eu estava nervosa e respirei fundo e soube que eu ficaria bem. Tudo que eu tinha de fazer era contar a história e não pensar demais. Depois de uma rápida meditação guiada, contei como tinha ido até a piscina e visto os orbes, como ouvi os Alienígenas me dizerem que estavam vindo e que havia um homem que testemunhou os orbes também. Infelizmente eu ainda não o havia visto no salão, mas assim que eu o visse, ele subiria para contar a versão dele também. Ter tempo limitado me deixou mais nervosa do que o normal, mas eu achei que me saí bem apesar de tudo.

Quando fiquei de pé no palco contando minha história para a multidão, não pude evitar de me sentir orgulhosa por ter ouvido os Alienígenas me dizerem para procurar por eles. Se eu não tivesse ouvido e olhado para cima, eles nunca teriam podido mostrar que estavam lá por nós. Os seis minutos passaram depressa e eu pude sentir Adam atrás de mim me dizendo para concluir. Eu garanti à multidão que assim que o homem que estava na piscina comigo chegasse, eles saberiam pois ele falaria com eles.

Desci do palco e voltei para a minha mesa. No caminho muitas pessoas me agradeceram por contar a elas sobre a experiência. Eu estava aliviada por ter acabado. Assim que sentei, o jantar foi anunciado e vagarosamente, mesa por mesa, nós todos fomos até o buffet para nossas refeições.

A noite estava correndo bem, mas nem sinal do homem da piscina. Eu

estava ficando nervosa e chateada porque parecia que ele não estava lá. Eu o havia visto durante toda a semana – então para onde ele tinha ido? Eu estava começando a pensar se as pessoas não iriam imaginar que eu tinha inventado tudo aquilo. Todos perguntaram se podiam ver as fotos, e infelizmente eu também não podia apresentá-las como prova, pois o filme não tinha sido revelado.

Muito tempo depois da minha apresentação, finalmente vi o homem da piscina de pé perto da entrada do salão de baile. Fui até ele e expliquei que Adam havia solicitado que ele contasse à multidão sobre o episódio daquela tarde. Ele respondeu que não poderia fazer isso, pois era muito tímido e que apenas falar comigo já era difícil para ele, quanto mais para um grupo de pessoas. Chateada, fui informar Adam; eu queria que ele soubesse que o homem havia chegado mas que não falaria com as pessoas. Eu estava envergonhada e me sentia como se tivesse decepcionado a todos.

Adam me disse para tentar convencê-lo, pois era importante contar às pessoas na conferência o que tinha acontecido. Embora eu tentasse explicar isso ao homem, ele ainda se recusava. Ao menos eu o convenci a contar ele mesmo a Adam, para que eu não parecesse estar mentindo a respeito da história toda. Quando George e eu fomos andando em direção a Adam, ele olhou para o homem e disse: “É você, George?!” Parece que George havia estado em todas as conferências com exceção da primeira – então eles se conheciam. Foi preciso muito tato, mas finalmente convencemos George a falar com a multidão. Nós subimos ao palco juntos, tremendo, de braços dados.

George disse a todos como eu fui correndo até ele na piscina e que ele ficou de pé ainda confuso e então viu os orbes flutuando. A multidão ficou surpresa; eles bateram palmas, buzinaaram e gritaram. Foi incrível! Saímos do palco juntos, ambos gratos que havia terminado. Depois daquilo, nós éramos a atração da festa. Sentei à minha mesa com todos os meus novos amigos e, à medida que as pessoas passavam por nós, eles paravam para me agradecer por ter contado minha experiência.

A noite já estava acabando e era só uma questão de horas até eu partir. Eu tinha que dirigir de volta a Vegas naquela noite, já que meu voo partiria em menos de 12 horas. Minhas malas estavam feitas no meu quarto e prontas para a viagem. Inicialmente eu havia decidido pegar a estrada às 4 da manhã, para chegar a Vegas a tempo para o meu voo, mas na medida em que a noite prosseguia eu percebia que dormir duas horas só me deixaria ainda mais cansada. Eu queria passar o máximo de tempo possível com tudo mundo antes de ir embora, então resolvi partir às 02h00 da manhã.

Quando o jantar terminou havia pequenos grupos aqui e ali pelo hotel. As pessoas estavam dando festas e eu fui convidada para duas delas. Vanessa e outra garota que eu tinha conhecido, Melanie, tinham decidido checar juntas um desses grupos. Na sala de jantar canetas apareciam enquanto as pessoas tentavam pegar endereços de e-mail de novos amigos no último minuto. Eu estava triste de voltar para casa novamente. Por que o mundo não podia ser repleto de pessoas como essas? Enquanto reuníamos nossas coisas e dávamos adeus aos nova-iorquinos tive de segurar minhas lágrimas. Eu me sentia como se estivesse deixando para trás velhos amigos depois de uma curta visita, era difícil!

Nós três saímos do salão de baile e seguimos para o salão de festas do hotel, e encontramos o que era, certamente, um interessante grupo de pessoas. As conversas na sala giravam em torno de tópicos como Percepção Extra-Sensorial e levitação. Enquanto me sentava e ouvia, não conseguia evitar de perguntar a mim mesma: “Como cheguei neste ponto da minha vida?” Minha vida era tão diferente, eu estava tão profundamente consciente das coisas que uma pessoa normal acharia difícil ouvir a respeito, quanto mais aceitar: conspirações, teorias, acobertamentos do governo, envolvimento militares. Lá eu estava sentada em uma sala lotada de médiuns, ex-oficiais militares, cientistas, locutores de rádio, pessoas comuns e eu. Que combinação!

Vanessa, Melanie e eu conversamos um pouco antes de descer para o lounge para ver se havia algum grupo reunido lá. Quando descíamos pelo elevador, a sensação que eu tinha tido o dia inteiro veio com tudo. Eu sabia que no meu caminho de volta para casa eu os veria. Conteí a Melanie sobre essa sensação e ela me garantiu que eu ficaria bem. Acho que ela pensou que depois da conferência minha imaginação talvez estivesse ganhando terreno. Eu sabia que eu ficaria bem, mas a sensação era forte e eu não tinha dúvida de que os veria. Eu não tinha certeza, entretanto, se eu somente os veria ou se eles iriam me levar. Era uma coisa ou outra, e era só uma questão de tempo até que eu descobrisse.

Quando chegamos ao lounge encontramos um casal de nova-iorquinos. Era perto de duas da manhã e eu sabia que precisava por o pé na estrada. Olhei para esse pequeno grupo e me perguntei se alguma vez os veria novamente.

A proximidade entre espíritos afins é inegável. Os laços que estabeleci com eles ficariam comigo para sempre da mesma forma que eu ainda tenho fortes emoções relacionadas às primeiras pessoas que conheci que tiveram experiências com ETs. Por mais que eu quisesse ficar, eu não podia, e disse a eles que era hora de partir.

Abracei todo mundo, chorando enquanto ia embora; não olhei para trás porque eu sabia que iria desmoronar. A recepção trouxe meu carro e me ajudou com minhas malas. Minha tristeza era um doce lamento. Eu tinha feito novos amigos e me sentido em paz por uma semana. Agora era hora de voltar meus pensamentos para o mundo para onde estava retornando.

As luzes de Laughlin imediatamente apareceram no meu espelho retrovisor. Geralmente eu adorava a sensação de estar atrás da direção de um carro – mas não dessa vez. Eu não gostava de dirigir à noite e com a sensação que estava tendo sobre ver meus amigos Alienígenas, eu não tinha ideia do que esperar.

Muitos carros passaram por mim pois eu não estava dirigindo muito depressa. Não sou uma viciada em velocidade e geralmente respeito os limites estabelecidos; à noite tendo a ser ainda mais cautelosa. Depois de apenas 15-20 minutos na estrada um veículo posicionou-se atrás do meu. Eu queria que eles passassem, então diminuí. Mesmo dirigindo mais devagar, eles não passaram. Era preto-azeviche e não havia ninguém mais na estrada além de nós. Imaginei que talvez eles não se sentissem confortáveis ultrapassando, então esperei até chegarmos à faixa de ultrapassagem, observando-os pelo espelho.

Ele não passou numa faixa de ultrapassagem bastante clara. Eu diminuí a velocidade ainda mais até ficar dolorosamente evidente que eu estava sendo seguida. Balancei a cabeça e pensei comigo mesma: “Quão estúpida eles acham que eu sou?” Diminuí novamente; ainda continuaram atrás de mim! Diminuí até chegar a 30 km por hora na rodovia e então fui para o acostamento da estrada. Eles tinham que passar por mim agora. Não dei escolha a eles a não ser que eles quisessem parar junto comigo.

Finalmente o veículo passou paralelo a mim e vagorosamente seguiu adiante. A van branca tinha uma placa onde se lia: US GOV. Gritei umas boas palavras quando eles passaram; parei o carro e esperei até que virassem a esquina e sumissem de vista antes de eu começar a dirigir novamente.

O resto da viagem para Vegas foi estranha. Eu sabia que a estrada parecia diferente à noite, mas eu ainda me sentia fora de lugar. Demorou muito mais do que deveria para chegar a Las Vegas; nada parecia familiar. Eu estava começando a achar que perderia meu voo quando finalmente comecei a ver chão familiar e soube que Vegas não estava longe.

Não vi mais nenhum carro suspeito. Olhei pela janela constantemente em busca de uma nave ou algum sinal deles, mas não vi nada. Quando eu estava

próxima do coração de Vegas, de repente a sensação aumentou. Eu continuava me sentindo como se devesse estar em algum lugar – mas onde?

Finalmente eu disse em voz alta:

- Olhem, se vocês querem que eu esteja em algum lugar, simplesmente me guiem! Não posso mais ficar olhando pela janela – vou bater esse carro! Estou muito cansada!

Olhei com atenção procurando pela minha saída, porém, quando a vi, simplesmente continuei adiante por alguma razão, sem pensar a respeito. Depois que passei eu soube que provavelmente era pra ser. Agora, onde estou indo? Eu ainda tinha que levar o carro alugado de volta e não tinha um mapa da região, isso me deixou nervosa. Vi as luzes de Vegas Strip à distância. O aeroporto era perto dali assim como a loja de aluguel de carros; se eu seguisse as luzes, eu chegaria bem.

Vi outra placa de saída, mas quando percebi para onde ela ia, já era muito tarde para fazer o retorno. Em minha cabeça eu disse: “Guie-me para onde você quer que eu esteja. Eu ouvirei”. Depois de mais duas saídas, eu finalmente saí da via expressa. A estrada me levou a uma curva depois da outra, mas na medida em que dirigia eu sentia que estava indo na direção certa. Continuei dirigindo até chegar a uma grande intersecção com um posto de gasolina na esquina. Quando se está perdida, que lugar melhor para se perguntar o caminho?

Entrei, estacionei o carro e saí. Agora eu sabia exatamente onde eles queriam que eu estivesse. A luz ao redor do terreno era muito brilhante; havia muitas luzes do lado de fora do prédio e na área de abastecimento. Quando olhei na direção do prédio, pude ver uma estrela baixa no céu, logo acima da construção. Assim que pus meus olhos nela, eu soube que não era uma estrela! Olhei para cima e vi um segundo orbe diretamente sobre mim e um terceiro à esquerda. Eles eram todos muito brilhantes e, considerando toda a poluição luminosa e como eles estavam baixos, definitivamente não eram estrelas!

- Olá – eu disse olhando em direção aos orbes. “Ok”, eu disse na minha cabeça, “E agora?”

“Tire uma foto e apenas observe”, eu ouvi.

Bom, isso era bem tolo. Eu não podia ficar no estacionamento de um posto de gasolina olhando para o céu sem ninguém notar. “Todo mundo vai pensar que eu sou louca! Eu vejo vocês, eu sei que são vocês, mas não vou ficar aqui sentada observando!”

Mais uma vez eu me perguntei se conseguiria contar esse momento para as pessoas ou elas simplesmente me achariam doida!

Eu ainda precisava descobrir como chegar à loja de carros alugados, então tinha de perguntar o caminho. Eu tinha três opções: o motorista de uma limusine que estava abastecendo, o motorista de taxi de pé atrás do carro e o atendente dentro da loja. Escolhi o motorista de taxi, que me deu instruções bem claras. Eu estava confusa porque o local onde eu estava me parecia de alguma forma familiar; eu tinha quase certeza de que tinha de ir à direção oposta à que ele estava me dizendo. Ele repetiu o caminho novamente, depois uma terceira vez. “Você entendeu direito? Tem certeza?! Não vá para o outro lado, ok! Entendeu?” Ele foi tão categórico que eu tive de prometer a ele que seguiria suas instruções à risca!

Pulei de volta no carro e parti, pronta para seguir suas instruções claras como cristal. Quando virei a rua, imediatamente sorri e disse: “Muito bem, o que vocês querem que eu veja?”

O motorista de taxi me ensinou um caminho que me colocava do outro lado de uma cerca gradeada que tinha Vegas Strip ao fundo. Ligeiramente acima estava a estrela. Eu sorri e até gargalhei um pouco. Por quê? – pensei. Depois de tudo o que aconteceu na conferência com os orbes, por que não aqui novamente? Parei o carro e saí. Quando fiquei de pé na grade a voz familiar falou claramente na minha mente: “Tire uma foto”. Eu tirei sem hesitar, mas me perguntei o porquê. Ninguém vai acreditar nisso. Ninguém. Como poderiam? Eu estava sozinha e uma foto do que parecia uma estrela não seria prova de nada. Então novamente ouvi a voz: “Vá tirando fotos. A progressão da luz do sol aumentado vai mostrar que ela não se moveu”.

Então fiquei lá, esperei um tempo e tirei minha segunda foto. O flash falhou novamente e tudo o que eu podia pensar era: “Isso não vai funcionar! Minha câmera não é assim tão boa!”. Depois de uns cinco minutos, eu ouvi um grito em minha cabeça:

“Você tem que sair daqui agora, ou vai estar em grandes problemas!”

Eu agarrei minha câmera e pulei no carro tão rápido quanto pude.

A porta estava quase fechada quando olhei para cima, para a cerca e vi uma viatura policial do outro lado passando bem devagar. O policial tentou dar uma boa olhada em mim enquanto devagar e calmamente sai dirigindo. Só então eu

observei a área ao redor; havia avisos de advertência pela cerca, mas o que eles diziam eu não consegui ler completamente. À esquerda do outro lado da cerca havia muitos carros estacionados. Eu sabia que aquilo era parte do aeroporto, e eu tinha ficado olhando por um grande campo aberto em direção a Strip. Onde eu estava? Talvez – eu pensei – aqui seja onde as pessoas estacionam seus carros para decolar naqueles grandes aviões brancos que eles dizem que partem diariamente para a Área 51. Agora eu estava totalmente desperta e apavorada.

Eu tinha que tirar mais fotos, então, durante a hora seguinte eu dirigi em um grande círculo, parando de vez em quando para tirar fotos. Perguntei o caminho novamente só para descobrir que minha intuição original estava correta. Se eu tivesse ido pelo caminho que originalmente sugeri ao taxista, eu teria chegado à loja de aluguel de carros em menos de dois minutos. Ao invés disso eu estava olhando para esse estranho orbe-estrela que não se movia, ouvindo uma voz falar comigo na minha cabeça e tirando fotos que eu tinha certeza que apareceriam depois de reveladas! Loucura!

O sol já estava pleno e o orbe-estrela não tinha se movido! Eu não podia esperar mais. Eu tinha de levar meu carro de volta ou perderia meu voo para casa. Eu tinha uma forte sensação de que eles queriam que eu tirasse mais fotos.

- Eu tenho de ir agora, não posso esperar mais, se eu perder meu avião, não tenho dinheiro para comprar outro voo! – eu disse em voz alta.

Parei de olhar para o orbe por uns dois minutos. Dirigi ao redor do quarteirão e, um minuto depois, ele havia desaparecido! Eu o tinha observado por pelo menos uma hora e ele não se moveu nem um centímetro. No minuto que decidi partir, ele desaparece! Eram eles! Agora tudo o que eu tinha de fazer era revelar as fotos para provar que era o orbe dos Alienígenas.

A loja de aluguel de carros estava perto e, depois que devolvi as chaves, tive 20 minutos para esperar até o ônibus de traslado me levar para o aeroporto. Parei no estacionamento necessitando aliviar a tensão, então liguei para Vanessa, já que sabia que ela ainda estaria no quarto de hotel. Tentei transmitir a ela os eventos que aconteceram depois que saí do hotel mas acho que só a assustei ainda mais com minha conversa sobre os orbes. Ela achava que tudo podia ser trabalho do governo. Para mim não importava. Eu conseguia falar livremente com alguém que não me julgava, era o suficiente para aquele momento.

O voo para Vancouver partiu na hora certa. Enquanto voava, tudo o que eu conseguia pensar era sobre as últimas 24 horas. Eu tinha tido o privilégio de

ver os orbes, não apenas uma, mas duas vezes. Se eles aparecessem no filme da minha viagem de carro fora de Laughlin, isso daria três vezes. Eu vi os eventos que me levaram até esse ponto da minha vida como uma fileira de dominós. Quando todos eles iriam cair? Se os orbes estivessem no filme, pelo menos eu teria alguma prova da minha sanidade! Eu continuava dizendo a mim mesma que era uma das pessoas mais sãs que eu conhecia! Apesar de isso parecer assustador, eu sabia que era verdade!

Assim que cheguei em casa eu dormi a tarde toda. O filme com as estrelas estava na minha cabeça enquanto eu tentava dormir. Quem poderia revelar o filme? Quando acordei liguei para a amiga de uma amiga na tentativa de contar a ela, de uma forma irracional e frenética, os acontecimentos que me levaram a tirar as fotos. Banquei a idiota! Mais uma vez eu estava me sentindo fora de lugar e já sentia falta de estar de volta com as pessoas que eu conhecia e que aceitavam quem eu era e em que eu acreditava. A partir dessa interação com a amiga de uma amiga eu aprendi que dependia de mim me sentir confortável, não dos outros me fazerem sentir confortável. Foi uma valiosa lição.

Depois eu resolvi caminhar até a farmácia para revelar meu filme. Eu disse ao homem que iria fazer o processo que eu queria todas as fotos, mesmo que elas saíssem escuras. Disse também que as queria o mais rápido possível, não importando o custo – e que ninguém mais poderia pegá-las. Eu sabia que soava paranoica. Tentei manter os pensamentos negativos longe, lembrando a mim mesma que eu não estava louca. Saí da farmácia e voltei para casa para esperar.

Uma hora finalmente passou e caminhei lentamente descendo a rua, quase não querendo ver o que podia ter saído nas imagens. Esse era um momento importante pra mim. O porquê de eles quererem que eu tirasse fotos não tinha ficado claro, mas uma coisa eu sabia com certeza: se não estivesse claro agora, estaria quando fosse a hora certa.

Depois de pagar pelas fotos, respirei fundo e peguei a pequena embalagem do balcão antes de sair para a calçada. Eu sentia minha cabeça avoada enquanto caminhava pela viela até minha casa. Diminuí meu passo e abri o envelope para ver as imagens agora reveladas. Folheei pelas fotos das muitas pessoas que conheci na conferência até chegar nelas.

Lá, claramente, na minha primeira foto ao lado da piscina, estavam os dois orbes redondos. Eu também podia ver os três orbes-estrelas na segunda foto. As duas fotos que tirei às cegas porque eles haviam me pedido na rodovia fora de Laughlin também mostravam orbes visíveis, exatamente como eles disseram que

seria. A verdade estava em frente aos olhos: um orbe em cada foto! Eu parei no beco com lágrimas nos olhos.

Eu olhei para o céu. “Obrigada. Obrigada!” – eu disse suspirando.

# Trilhando um Novo Caminho

A vida depois da conferência foi preenchida por muito entusiasmo. Não demorou muito para o meu novo caminho de vida se desenrolar diante de mim. Depois de apenas dez semanas, coloquei todas as minhas coisas em um depósito e entreguei meu aviso prévio. Agora sem laços que me mantivessem onde eu estava, eu tinha a liberdade de ouvir minha alma me guiando. A saúde da minha mãe já não vinha muito bem e eu me preocupava muito com seu bem-estar. Ela ainda vivia na cidadezinha onde meus contatos alienígenas começaram, muitos anos atrás. Eu também sabia que precisava voltar lá para procurar pelo objeto que os Alienígenas tinham me pedido para enterrar quando eu tinha 4 ou 5 anos de idade.

Isso não seria uma tarefa fácil, já que levaria algum tempo para escavar a área até encontrá-lo. Com ambos os fatos em mente, foi fácil tomar a decisão de voltar para Cranbrook.

Eu sabia que uma vez que tivesse retornado a Cranbrook para ficar com minha mãe, seria difícil deixá-la para fazer uma viagem. Uma oportunidade me foi oferecida de conhecer um escritor em Roswell, no Festival Anual de Roswell; eu achei que seria uma ótima oportunidade de voltar ao sudoeste mais uma vez e recarregar minha alma com as energias de lá.

Sem trabalho, sem casa e com muito pouco dinheiro, eu sentei no computador dos meus amigos e olhei para o itinerário que havia escolhido para a viagem: seriam três semanas no lugar mais bonito do mundo para minha alma – a região de Four Corners. Era um grande começo para uma nova vida para mim.

Eu não iria mais esconder minha verdade das pessoas; era hora de começar a trabalhar e contar minha experiência para os outros. Olhei para o computador, levantei a mão direita e estendi o dedo indicador para pressionar a tecla “aceitar” do itinerário na tela à minha frente. Respirei fundo e, exalando, disse em voz alta: “Em duas semanas eu não terei casa, trabalho nem dinheiro.

Estou pronta para fazer o seu trabalho. Espero que vocês estejam lá para me

dar apoio”. Apertei ‘enter’ e naquele exato momento senti minha vida mudar. A decisão era definitiva; eu me sentia aliviada por não ter como voltar atrás nem me esconder. Eu sentia um senso de liberdade, mas sabia que seria um lento progresso até terminar o livro.

Eu ainda tinha duas horas até ter de ir para o trabalho, então levei o cachorro dos meus amigos para dar uma volta. Enquanto estava no parque, uma voz na minha cabeça disse: “Olhe para cima e nos verá”. Como em Nevada, eu ouvi e comecei a procurar pelos céus. ‘Não estou vendo’ – pensei. “Você verá mais tarde”, ressoou a voz na minha cabeça. Continuei procurando pelos céus durante todo o caminho de volta para a casa dos meus amigos, mas não vi nada; então descansei um pouco antes do trabalho.

Às 04h15 da tarde saí da casa e andei até o ponto de ônibus onde eu ia pegar o ônibus para o meu trabalho. Era um dia perfeito; o céu estava azul cristalino com umas poucas nuvens brancas e fofas. Como sempre mantive os olhos no céu. Na verdade, não esperava ver nada. Virei na Rua 49 e andei até o ponto de ônibus; enquanto esperava, olhei para cima e então notei duas águias-da-cabeça-branca voando em círculos acima de mim e à esquerda.

Meu primeiro pensamento foi de que isso seria um bom presságio. A última vez que eu havia visto duas águias tinha sido justo antes da minha primeira viagem para o Arizona, em maio de 2003. Sorri e agradei às águias por estarem lá para que eu as visse. Olhei rapidamente para a rua à espera do ônibus e, quando olhei para cima novamente, as águias tinham desaparecido.

A 49 era uma rua movimentada no meio da cidade. Vancouver é conhecida como uma cidade verde, com muitas árvores. As casas nessa rua tinham grandes árvores de cicuta crescendo ao redor; achando que a imensa sebe de cedro ao meu lado tinha ocultado as águias, andei 9 metros até a esquina da rua para obter uma melhor visão do céu.

Quando olhei para o céu, vi acima de mim um orbe-estrela e um redondo, de cor verde prateada. “Não é possível!”, pensei! Eles pairaram debaixo de duas grandes nuvens brancas. Não se moveram, ficaram em uma posição fixa. “São vocês?” – perguntei. Era 05h00 da tarde, o céu estava azul cristalino e o sol à vista – não tinha como haver estrelas à essa hora! Eu tinha certeza de que eram eles! “Obrigada, obrigada” – eu disse em minha mente sorrindo de orelha a orelha.

Dei uns dois passos para mais perto da esquina da rua enquanto olhava os orbes tentando alcançar meu telefone celular no bolso. Tentei ligar para três

amigos, mas nenhum estava em casa. Eu queria compartilhar aquele momento com alguém. Por fim consegui falar com minha amiga Shannon. Assim que ela respondeu, os dois orbes começaram a se mover em direção à Terra. Eles se moveram ao mesmo tempo e ficaram em formação perfeita enquanto desciam.

Eu relatei a Shannon tudo que estava acontecendo em frente aos meus olhos. Exatamente ao mesmo tempo ambos os orbes pararam de se mover bem acima da fileira de árvores. Agora eles estavam do outro lado da rua, perto do fundo de uma casa, cerca de quatro andares de altura no céu.

Eu estava muito tocada com esse acontecimento e perguntei aos orbes: “Vocês têm uma mensagem?”

A resposta foi tão clara quanto a voz em Vegas: “Nós sempre estamos com você”. Eu comecei a chorar, não porque estava triste, mas de pura gratidão e felicidade. Eu era muito afortunada por isso acontecer comigo! Quando sentei no computador, somente duas horas antes, eu pedi para eles me apoiarem; eles certamente me mostraram que eu nunca estou sozinha. Eles sempre estão comigo, não importa onde eu esteja ou o que eu esteja fazendo. Foi uma sensação de amor indescritível que eu senti.

Eu ainda estava no telefone com Shannon, contando a ela como eles estavam perto. Agora eles estavam estacionários. Depois de um momento o orbe redondo começou a se mover; eu não tinha certeza do que ele ia fazer ao pegar velocidade e se mover para mais perto do orbe-estrela, numa trajetória paralela à Terra. Por uma fração de segundos eu achei que eles iriam se fundir, mas ao invés disso, ele foi para debaixo do orbe-estrela e continuou a trajetória até desaparecer por trás das árvores.

O orbe-estrela não se moveu por alguns segundos. Shannon não entendia porque eu estava chorando; tentei dizer a ela que era porque eu me sentia afortunada, mas não acho que ela entendeu minha resposta. Olhei para o chão e sequei meus olhos das lágrimas e quando olhei para cima, o orbe-estrela havia desaparecido.

Era hora de sair do telefone e voltar para o ponto de ônibus. Como eu tinha chegado neste ponto da minha vida? Eu me sentia abençoada e sabia que o caminho à minha frente era o certo. Não haveria mais espera; nada poderia ser mais claro do que o fato de que eu tinha escolhido o caminho certo a seguir.

Fui para o meu trabalho naquela noite e tudo estava muito tranquilo. Observei

as pessoas e fiquei tentando imaginar o que elas fariam se elas tivessem a minha vida. Será que elas enlouqueceriam? Eu tinha visto gente perder contato com a realidade por conta de experiências bem menos estranhas do que as minhas. De alguma forma eu devo ser importante para os Alienígenas. Eles continuavam deixando isso claro para mim. Naquela tarde eles tinham me dado outro sinal para ficar focada e continuar seguindo o meu espírito.

As duas semanas de trabalho passaram velozmente e antes que eu pudesse relaxar, já estava dentro de outro avião para a área de Four Corners. Nessa viagem, assim como em outras, eu apenas tinha uma ideia de para onde queria viajar. Ao longo dos anos eu ouvi que se você planejar cada momento, irá perder tudo que possa estar aguardando por você. Embora eu tivesse uma lista dos lugares que queria visitar, meu espírito teria a última palavra a respeito de onde eu fui e o que eu fiz ao longo do caminho.

Aterrissei em Albuquerque em 30 de junho e fui direto encontrar Harvey, um escritor que havia conhecido no congresso de ufologia em março. Fizemos contato na conferência e inicialmente pensei que ele pudesse se interessar em me ajudar a escrever meu livro. Quando descobri que ambos estaríamos no Novo México, tomei as providências para nos encontrarmos pessoalmente.

Ele estaria me esperando na área de aluguel de carros. Quando cheguei lá ele estava sentado num dos grandes sofás da área envidraçada. Ele rapidamente ficou de pé e antes que nos déssemos conta, estávamos na rodovia a caminho de Roswell.

Harvey estava cheio de perguntas para mim desde o início, mas achei difícil explicar meus pontos de vista para ele sobre certos aspectos de minhas crenças, assim como de minhas experiências.

Ele era extremamente analítico, me deixando insegura se nossa parceria iria ou não acontecer. Nossa forma de pensar era oposta o suficiente para gerar um ótimo resultado de escrita, mas o processo poderia ser muito difícil.

Passei os dias seguintes em Roswell me perguntando que diabos eu estava fazendo lá. Harvey ouviu muitas palestras mas eu fiquei perambulando sozinha, já que não estava interessada na maioria delas. Desde 1988 eu tenho conhecimento de coisas que só se tornaram mais aceitáveis de alguma forma nos últimos anos. Desde o começo eu fiz uma promessa a mim mesma de não me deixar levar demais pelas informações de outras pessoas. Muitos acham isso uma tolice, questionando por que eu não iria querer aprender nada novo. É muito simples: eu

tenho toda a informação de que preciso. Minhas experiências têm sido extensas e detalhadas, por que eu iria querer que alguém me instruisse sobre a realidade de minha própria experiência? Por que eu iria querer que alguém me dissesse que minha experiência é boa ou má? Eu sei o que eu experienciei. Ninguém na Terra pode tirar essa verdade de mim; eu seria minha própria juíza.

Embora o festival fosse acontecer até 05 de julho, não me parecia certo ficar até o fim. Acordei na manhã do dia 04 com urgência de partir. Harvey tinha alugado o carro em Albuquerque então eu não tinha como sair da cidade. Isso entretanto foi mais um desafio do que um problema. Eu sabia que com a força da minha vontade de partir, uma carona se apresentaria.

Como sempre eu estava correta: um artista maravilhoso me ofereceu carona até Albuquerque. Quando contei a Harvey, ele ficou chateado. O propósito de estar no festival era conhecê-lo e ver se talvez nós pudéssemos trabalhar juntos. Embora eu o tivesse achado um escritor excepcional, eu tinha a forte impressão de que eu mesma precisava escrever o livro sobre minhas experiências. Minha esperança era que Harvey fosse compreensivo a respeito dessa impressão.

A viagem até Albuquerque foi longa mas eu gostei de passar o tempo com o artista. Ele era um homem muito gentil e interessante. Quando nós finalmente chegamos era hora do jantar, e depois de alugar um carro para a segunda parte da minha viagem, fomos jantar juntos. Tivemos uma maravilhosa conversa e o jantar foi excelente. Eu sabia que essa seria minha última refeição por algum tempo que não seria comida de acampamento.

Depois do jantar eu tinha que pegar a estrada se quisesse chegar a algum lugar antes de ficar muito cansada. O sol estava baixo no horizonte quando saímos do restaurante e andamos até nossos carros. Eu estava feliz agora que me sentia livre de restrições. Decidi começar a dirigir na direção de Chinle e ser onde a estrada me levava. Dissemos adeus e eu pulei no carro, pronta para outra aventura.

Quando o sol se pôs eu fiquei muito cansada, mas continuei dirigindo. Eu tinha a sensação de que tinha de chegar até o Canyon de Chelly antes de poder descansar. Era confortante saber onde o acampamento era e que chegar tarde não seria um problema. Na medida em que chegava ao meu limite, finalmente cheguei ao meu acampamento favorito à 01h00 da manhã. Exausta, entrei no acampamento e dormi no carro.

Acordei ao som de música de flauta. Não demorou muito para Stevenson vir

dizer olá. Ele me disse que eu tinha chegado ao dia certo, pois haveria uma tenda do suor naquela tarde. Stevenson deu risada enquanto me contava que a pessoa que originalmente tinha solicitado a tenda do suor pediu que ela fosse protelada por um dia. Além disso, o xamã também tinha dito a Stevenson que teria de ser mudado para um dia após o planejamento inicial. Ele disse que a tenda devia estar esperando por mim. Sorri e pensei em tudo que havia passado no dia anterior para poder estar ali. Se eu tivesse deixado Roswell no dia seguinte, como originalmente planejado, eu teria perdido.

Passei o dia relaxando e me recuperando da falta de sono da noite anterior. Quando dei por mim Stevenson estava preparando o fogo para as pedras da tenda do suor. Fui até ele e perguntei se poderia ajudar; ele ficou agradecido e comecei a arrastar madeira para o buraco onde seria acesa a fogueira. Uma mulher veio e também começou a ajudar; ela se apresentou como Chantelle. Ela disse que estava viajando e acampando ao redor da área de Four Corners, e eu pude ver claramente que ela estava em sua própria jornada espiritual, buscando alimento para sua alma, assim como eu.

Quando o fogo estava pronto, Chantelle e eu voltamos para nossas barracas para nos prepararmos para o ritual. Quando voltei ao alojamento fiquei surpresa por ver que um homem da Europa que eu havia conhecido no ano anterior estava lá. Nós começamos a conversar e ele me disse que eu devia ter um espírito forte, uma vez que nada tinha dado certo para a tenda do suor poder ser realizada um dia antes.

O xamã chegou e conversou com todos os participantes por alguns minutos. Enquanto ele preparava as ervas para o ritual eu perguntei quais eram, mas disse que caso ele não pudesse me dizer eu respeitaria sua decisão. Não apenas ele me disse, como me deu um pedaço e me disse para provar; eu fiquei muito tocada por ele ser acessível, e agradeci. Depois que ele se afastou, Stevenson disse que eu devia ser muito especial, pois o xamã não responde esse tipo de pergunta nem quando ele mesmo pergunta. Aquilo significou muito para mim, mas por um certo lado, estranhamente eu não estava surpresa.

A tenda do suor era exatamente o que eu precisava para começar minha jornada na área de Four Corners. Foi uma incrível liberação para mim e me ajudou a focar. A cerimônia terminou e nós todos voltamos ao acampamento para nos limparmos antes de nos reunirmos novamente para o tradicional jantar de carne de carneiro.

Como no ano anterior, eu descobri que as pessoas presentes ao jantar tinham

um vínculo especial umas com as outras. Foi uma experiência maravilhosa, apesar da minha fadiga. Quando todos estavam começando a ir embora, Stevenson veio até mim e perguntou se eu participaria de uma cerimônia que ele havia pedido ao xamã que realizasse. Eu me senti honrada pelo pedido, pois essa seria uma genuína cerimônia Navajo. Eu disse que sim, ciente de que nunca poderia contar a ninguém os detalhes por uma questão de respeito.

Eu tive de fazer uma curta viagem até minha barraca antes da cerimônia começar e caminhei com Chantelle. Nós ficamos de pé conversando com alguns minutos. Ela fez uns comentários muito interessantes, considerando que ela não sabia nada a meu respeito. Ela disse que estava espantada pela forma como Stevenson e o xamã interagiram comigo. Ela estava com inveja da nítida conexão que eu tinha com o povo Navajo.

Na escuridão, ela disse: “É quase como se eles te reconhecessem ou alguma coisa – como se vocês estar aqui fosse pré-determinado”. Naquele momento eu soube que ela tinha uma boa conexão com o espírito dela, mesmo se ela não soubesse disso. Eu lhe disse que queria lhe contar uma história antes de ela partir na manhã seguinte. Nós nos dissemos boa-noite e depois de uma rápida viagem até minha barraca, eu fui até Hogan, o tradicional lar Navajo, para a cerimônia.

Depois da cerimônia com Stevenson e o xamã eu tive um profundo sono reparador. Quando acordei, Chantelle e eu tomamos café juntas. Ela queria pegar a Estrada, então nós trocamos endereços de e-mail. Ela estava surpresa com o breve esboço da minha história e me disse que dava para notar que havia algo diferente a meu respeito. Quando ela partiu do acampamento, aproveitei o resto do dia ao redor de Chinle com Stevenson.

No dia seguinte eu liguei para a família Anderson para avisá-los que eu gostaria de vê-los no Colorado. Eles tinham comprado um pedaço de terra próximo a Durango, perto de onde havíamos nos conhecido no ano anterior. Eles tinham planejado acampar lá pelo verão e me convidaram para acampar com eles. Era uma sincronia perfeita, já que dava a eles um dia para se ajustarem na sua nova terra antes que eu chegasse. Eu estava empolgada por vê-los novamente.

De manhã cedo, saí de Chinle e cheguei ao Colorado por volta do meio-dia. Depois de andar em círculos por um tempo, finalmente achei a terra dos Anderson. Assim que virei a curva da estrada de terra em direção à estrada particular, meu coração começou a acelerar. Depois que conheci essa família, comecei a escrever meu livro, enviando a eles minha história na medida em que a escrevia. Quando nos conhecemos, eu não tinha dito nada sobre os Alienígenas, então eu tinha

certeza de que eles teriam um monte de perguntas. Eu estava tão feliz quanto nervosa e excitada.

Eu dirigi bem devagar, já que a estrada era difícil. Quando fiz a última curva, vi todos eles de pé ao lado da van de viagem. Junto com eles estava uma garota que eu não reconheci. Todos acenavam enquanto eu estacionava ao lado deles.

Jason e Kathleen pareciam tão empolgados quanto eu. Jason me apresentou sua sobrinha Leanne. Ela parecia ter uns vinte e poucos anos e, assim como eu havia sentido com sua filha, senti que ela era outra incrível extensão dessa família. Eu soube instantaneamente que essa seria uma visita interessante.

Pelos próximos dois dias eu contei histórias da minha vida para os Anderson; eles, por sua vez, dividiram comigo sua filosofia de vida e o que os havia levado até esse pedaço de terra no Colorado. Vida sustentável era a razão original deles para comprar a terra. Seu objetivo final era sair da agitação da cidade onde atualmente viviam e dar início a uma vida mais pacífica e satisfatória. Jason, Kathleen e Leanne eram estudantes da Terra, constantemente aprendendo como eles poderiam deixar o menor impacto possível no planeta. Sabão caseiro, construção natural e ervas medicinais – esses foram alguns dos tópicos que eles conversaram comigo. Estava muito claro porque eu me senti atraída para essas pessoas quando tínhamos nos encontrado no acampamento em Durango. Se eu pudesse visualizar o tipo de pessoa para quem os Alienígenas gostariam de passar sua mensagem, seriam pessoas como os Anderson.

Leanne era uma jovem mulher muito interessante e eu realmente senti uma conexão com ela. Ela tinha o espírito de uma guerreira: forte, determinada e focada. O outro lado dela era como o de um anjo: delicada, apaixonada, cheia de compaixão e amor. Ela constantemente falava sobre seu amor pelo planeta e sobre como ela quase podia sentir sua dor pela destruição causada pela sociedade. Ficou claro para mim que ela era um dos seres de luz na Terra, que estão aqui para ajudar a trazer as pessoas de volta para uma existência pacífica no planeta. Quando encontro jovens como Leanne isso me dá esperanças pelo futuro da humanidade. Sua força e conhecimento do caminho que nós deveríamos estar vivendo são transmitidos a qualquer um ao seu redor.

Viver em harmonia com a Terra, lembrando e aprendendo os antigos modos, dando graças a tudo que esse lugar maravilhoso nos fornece – hoje nós chamamos a isso de Vida Sustentável. Por tudo que os Alienígenas me disseram eu podia ver que essa família estava seguindo seus conselhos, mesmo sem saber – se estabelecendo em um lugar que me foi dito ser uma das terras

seguras: a região de Four Corners.

Quando meu tempo com os Anderson chegou ao fim, não pude evitar de sorrir por dentro. Eu estava tão feliz por ter tomado a decisão de encontrá-los no Colorado. Eu me sentia muito próxima a Kathleen, ela era como uma irmã há muito tempo perdida para mim, assim como ao mesmo tempo uma mãe. Eu nunca lhe disse isso, mas me sentia segura ao seu redor.

Todos sabiam que eu iria ver o Feiticeiro Hopi novamente – a pergunta era quando. Depois de dois dias maravilhosos no Colorado eu acordei de manhã sabendo que era hora de partir. Kathleen fez o café da manhã para todo mundo e nós falamos sobre minha próxima parada, as Terras Hopi.

Eu estava nervosa de ir ver Robert novamente. Essa viagem era como algo não planejado, uma vez que não havia necessidade de eu ir lá, pelo menos não da perspectiva dos Alienígenas. A visita era apenas para apaziguar minhas emoções humanas. Embora eu não precisasse de mais nenhuma confirmação, eu as queria.

A viagem até os Hopi foi linda; passei pelos platôs de rochas vermelhas e, com sempre, respirei fundo assim que elas entraram em minha visão. Eu adorava a sensação de estar naquela região, era como voltar para casa. É um conforto que não é fácil descrever.

Do Colorado até os Hopi, eu tive de passar por Chinle, mas dessa vez eu não pararia para ver Stevenson – isso teria de esperar até eu estar no meu caminho de volta. Quanto mais perto eu chegava do meu destino, mais a minha mente se voltava para o que eu deveria dizer a Robert quando chegasse. Eu sabia que o livro já estava sendo escrito sobre as minhas experiências e que eu teria de liberá-lo para o público no ano seguinte. Minha intenção era contar a Robert meu objetivo e ver que tipo de reação ele teria.

O sol vermelho começou a dizer boa noite para a Terra. Enquanto dirigia eu vi Robert numa visão: ele ia logo sair de casa. Eu não queria perdê-lo, então dirigi um pouco mais rápido, sabendo que ele estaria saindo em 30 minutos. Meus olhos se mantiveram atentos ao relógio, mas à medida em que os minutos passavam eu sabia que não o alcançaria. Eu não tinha avisado que viria, acreditando que se o meu espírito quisesse que eu falasse com ele, ele estaria lá quando eu chegasse.

Quando o carro entrou no platô eu soube que ele havia partido há 20 minutos. Minha esperança era de que ao menos ele fosse retornar e não que tivesse partido

para alguma viagem. Estacionei o carro em frente à casa de Robert, e como da última vez, todos os olhos estavam sobre mim quando sai do carro.

A escuridão havia se instalado e quando me aproximei da porta de Robert, eu pude ver que também estava escuro lá dentro. Fui até a porta de qualquer forma; estava aberta e eu enfiei a cabeça brevemente para dentro para chamá-lo com um olá, mas não houve resposta.

No ano anterior eu tinha sido levada até a casa de um parente do outro lado da rua para o café da manhã. Eu sabia que provavelmente eles saberiam onde Robert estava. A casa estava repleta com o alvoroço de crianças. Antes que eu pudesse bater na porta aberta, várias pessoas de dentro já estavam me cumprimentando na entrada.

- Olá – eu disse.

Eles me olharam e responderam “Olá”.

- Você sabe se o Robert está aqui por perto ou se ele saiu da cidade? Acho que deixei de encontrá-lo por apenas 20 minutos.

A mulher tinha um olhar confuso na face.

- Você tem hora marcada com ele? – ela perguntou.

- Não. Ele acabou de sair, não é?

Ela me olhou achando estranho:

- Ele foi até a kiva.

-Ok, eu posso voltar depois. Você sabe quanto tempo ele vai ficar lá?

Antes que eu me desse conta eles já tinham mandado uma das crianças até a kiva avisar Robert de que eu estava lá. Acho que nem perguntaram o meu nome; tudo o que sabiam é que uma mulher estranha estava lá para vê-lo. Eu disse que tinha estado na casa deles no ano passado tomando café da manhã junto com Robert. Algumas pessoas começaram a falar em Hopi e então ouvi a voz de Robert atrás de mim.

- Olá, Olá! Venha! – Robert acenou com sua mão para que eu o seguisse até

sua casa. Quando passamos pela porta, ele riu e perguntou: - O que você está fazendo aqui? Eu não a esperava até o ano que vem!

Quando ele disse isso eu ri por dentro, pois sabia que era uma visita não programada.

Eu me sentei com Robert, que sorria de orelha a orelha.

- O que você está fazendo aqui? O que está acontecendo? - ele me perguntou novamente.

Eu lhe disse:

- Estou aqui porque comecei a escrever sobre minhas experiências e eu queria contar a você e ao povo Hopi. Eu não estou aqui para pedir sua permissão. Eu não preciso pedir sua permissão porque o que estou escrevendo é sobre a minha vida. Estou fazendo o que os Alienígenas me disseram para fazer e estou seguindo.

- Ok, mas o que eu posso fazer por você? - Robert perguntou sério.

- Eu realmente não sei - Eu acho que quero saber se os Hopi irão aceitar o que eu vou escrever. Estou aqui para contar a eles que estou fazendo isso.

Foi então que ele me deu o que eu tinha vindo em busca.

- Você quer que eu reúna os anciões? Eu posso fazer isso agora se você quiser. Eu não sei o que você quer; talvez você queira conversar com eles um a um para ver o que cada um deles sabe, ou talvez você queira falar com eles em grupo. Você é quem sabe - Robert disse enquanto se inclinava em minha direção.

Estava claro para mim que Robert sentia o mesmo que eu: talvez, só talvez, eu fosse alguém importante para o povo Hopi. A razão secundária pela qual eu fui até ali foi para que eu pudesse sentir a terra novamente. Quando eu fosse para minha cidade natal procurar pelo presente que os Alienígenas haviam me dado, eu queria ser capaz de pensar que essa terra talvez pudesse me guiar até ele. Eu não tinha certeza se isso fazia algum sentido naquela época, mas parecia certo, e era tudo o que importava; eu estava seguindo o meu espírito. Saber como seguir seu espírito - essa é a chave para essa vida.

- Eu não preciso vê-los agora, ainda é muito cedo - eu disse a Robert.

Eu não sei por que disse essas palavras. Algumas vezes eu digo coisas quando estou num certo estado mental que eu sinto que não vêm de mim; ao invés disso as palavras vêm do meu espírito. Eu de fato queria falar com os anciãos, mas de alguma forma eu sabia que talvez os Alienígenas não ficassem felizes comigo.

- Quanto tempo você vai ficar aqui? Você vai partir novamente? – Robert perguntou.

No ano anterior ele quis muito que eu ficasse para a celebração depois das cerimônias mas eu sabia que não poderia. Eu disse a ele que teria amado ficar mas não era a hora certa para encontrar todo mundo. Dessa vez, eu disse, ficaria pelo tempo que fosse necessário. Eu tinha muito tempo e não estava com pressa. Ele me ofereceu sua casa, e com gratidão aceitei sua hospitalidade.

Eu sentia que havia ganhado um presente com a presença de Robert, pois ele estava ocupado fazendo cerimônias na kiva com outros Hopi mais tarde naquela noite. Ele me disse que eu podia ficar em sua casa quando ele retornasse à kiva. Quando ele retornou nós conversamos por algumas horas sobre o que havia acontecido conosco desde a última vez que tínhamos nos visto. Eu contei a ele que quando voltasse à minha cidade natal iria começar a procurar pelo objeto que os Alienígenas me deram quando eu era criança.

Pelos próximos dois dias Robert e eu conversamos muito sobre os Alienígenas, mas não somente. Eu me sentia como se estivesse em casa novamente, cada manhã nós íamos para a casa do parente dele tomar o café da manhã. Eu tinha certeza que todos estavam se perguntando o que eu estava fazendo ali, principalmente porque ele estava permitindo que eu ficasse em sua casa. Na segunda noite no platô, Robert me perguntou se eu gostaria de ir jantar num restaurante a uma curta distância na rodovia. Como sempre eu não tinha muito dinheiro e estava tentando comer só a comida do acampamento para manter os custos baixos, então fiquei grata por esse passeio.

Quando estávamos para entrar no meu carro a caminho do restaurante, a mulher Hopi da casa ao lado começou a gritar com ele em Hopi. Dava para ver que eles estavam falando sobre mim porque eles ficavam olhando em minha direção e então um para o outro. Robert entrou no carro rindo. Enquanto saíamos eu perguntei o que ela tinha dito:

- Ela disse para eu me livrar de você, que você não é boa. Que você não consegue nem me cozinhar a janta, você tem de me levar para jantar fora. Ela disse que já é hora de você ir embora do platô – ele disse com um sorriso no rosto.

- E o que você disse para ela – perguntei retornando o sorriso.

- Eu disse que você não está me levando para jantar; eu estou levando você – ele respondeu. Ah, eles estão todos falando, todo mundo, mesmo antes de eu descer para a kiva na noite passada, as perguntas começaram – ele disse, dando risada novamente.

- O que você diz pra eles que eu estou fazendo aqui? – eu perguntei.

- Eu disse que você está aqui só para conversar – rapaz, isso deixou eles loucos! – Robert respondeu.

- Eles também ficam me perguntando qual o meu negócio com você.

- E o que você diz pra eles? – ele perguntou.

- Bem, eu digo a eles a mesma coisa, que estou aqui só para conversar com você.

Nós dois demos risada. Nós estávamos mantendo tudo em segredo e isso devia estar deixando-os loucos, nós concluímos. Na hora certa, eu pensei, eu poderei falar livremente. Eu queria que fosse naquele dia, mas eu sabia que não era a hora certa para mim, para os Hopi, para os Alienígenas – quem sabe, mas eu tinha que esperar.

Depois de duas noites no platô, eu soube que era hora de voltar para a estrada. Eu queria muito ficar, mas não havia um motivo real para isso. Eu consegui o que tinha vindo buscar, e era hora de seguir adiante. Robert e eu passamos nossos últimos minutos juntos conversando sobre meu eventual retorno. Eu contei a eles que da próxima vez que eu voltasse seria para ficar. Mais importante, eu iria compartilhar minhas informações sobre os Alienígenas com quem quisesse ouvir. Ele pareceu satisfeito com isso e nos sentamos em silêncio pelos últimos instantes antes de dizer adeus.

Mais uma vez eu me encontrei olhando para Robert através do meu espelho retrovisor enquanto dirigia para além do platô. Essa visita aos Hopi tinha sido mais calma do que a última. Eu sentia minha mente e meu corpo se juntando ao minha alma e podia sentir a harmonia tendo início. Sem mais me esconder, sem mais espera – a hora estava próxima agora.

Rapidamente voltei meus pensamentos para a próxima etapa da minha viagem. Eu ainda tinha muitos dias antes de retornar para casa e estava grata pela

oportunidade de relaxar. Eu sentia que o restante do meu tempo em Four Corners poderia ser gasto de forma leve. Decidi fazer uma última parada no Canyon de Chelly e ver Stevenson antes de ir para o Colorado passar meus últimos dias com os Anderson, acampando na terra deles.

A viagem do cânion até o Colorado foi tranquila e, como sempre, linda. Até agora minha jornada tinha me levado pelas mesmas estradas tantas vezes, eu não conseguia mais contar quantas vezes tinha passado pelos platôs de rochas vermelhas. A marcante cor ferrugem estava magnífica contra o céu azul. Cada vez que eu a via era como se fosse a primeira vez.

Eu não me sentia presa a nenhum cronograma, então dirigi lentamente, aproveitando a vista. Em algum ponto próximo à fronteira entre o Arizona e o Novo México, eu estacionei o carro para descansar um pouco. Eu estava no meio do nada – um ótimo lugar para se estar. Sem conseguir ver prédios de nenhum tipo, eu queria mergulhar na solidão da minha localização. Era dura terra de deserto com folhagens espalhadas no sol do meio da tarde. Sai do carro e fiquei de pé observando.

Ponderei sobre os eventos dos últimos dias com Robert e me perguntei se eu realmente algum dia estaria vivendo nesse maravilhoso universo do deserto. Mesmo com o severo cenário eu conseguia sentir a energia da Terra. É como uma canção sendo sussurrada no seu ouvido, te chamando para cantar em harmonia com ela. Tenho certeza de que qualquer pessoa espiritualizada que viaja por essa área sente a Terra chamando para ficar no deserto. Até que as pessoas experimentem isso por si mesmas não há como explicar a eles o impacto que isso tem na alma.

Era quase hora de voltar à estrada quando esfreguei os olhos para algo à direita do carro numa curta distância. Um orbe-estrela passou flutuando. Eu disse ‘olá’ para ele e sorri. Balancei a cabeça e me perguntei como eu podia ter tanta sorte de vê-los novamente. Em questão de segundos eles foram embora, e eu parti para ver os Anderson.

Cheguei ao Colorado a tempo de me juntar à família Anderson para o jantar. Eu me sentia abençoada por eles serem tão gentis comigo. Ao longo dessa viagem, muitas pessoas me deram acampamento e comida gratuitos; eu estava extremamente grata por tudo! À noite, durante o jantar, eu contei a eles como tinha sido minha visita com o ancião Hopi.

Leanne, Kathleen e Jason estavam contentes por eu voltar para compartilhar

minhas aventuras com os Hopi. Eu expliquei que não tinha sido tão emocionante quanto a minha última visita; eu estava mais calma e mais focada. Eu contei a eles que o homem Hopi havia se oferecido para reunir os anciões para que eu falasse com eles, mas eu tive de declinar. Não havia muito o que contar dessa vez.

Antes de irmos dormir naquela noite, fizemos planos de dirigir até Mesa Verde no dia seguinte. Eu estava ansiosa para ver os antigos sítios Anasazi novamente. Comecei a pensar em Harold e em como tínhamos nos encontrado dois anos antes. Enquanto adormecia, eu podia sentir aquele momento novamente, lembrar como ajudou a moldar minha vida e me deu confirmação das informações que os Alienígenas me disseram em 1988.

Abri meus olhos com a luz do sol e o calor da manhã. Era como se eu não tivesse dormido. Um simples piscar de olhos e eu estava acordando para um novo dia. Os Anderson estavam todos se movimentando do lado de fora da barraca, já aprontando o café da manhã. Quando pisei do lado de fora me deram as boas vindas com sorrisos calorosos e o cheiro de café fresco.

Depois do café e de uma rápida refeição matinal, todos pularam para dentro do meu carro alugado e partimos para Mesa Verde. A viagem não era longa. Ao longo do caminho nós vimos uma águia-careca fazendo círculos à distância lá embaixo da rodovia. Todos decidimos que era um bom sinal. Eu não fiquei surpresa com a visão; eu refleti sobre avistar as águias-carecas em Vancouver logo antes de ver o orbe-estrela no meio do dia no ponto de ônibus.

A excitação de ver uma águia-careca manteve a conversa até nós chegarmos a Mesa Verde. Quando dirigíamos pela estrada sinuosa montanha acima, percebi as surpreendentes mudanças que tinham ocorrido desde a minha última visita. As moitas pareciam mais altas e mais verdes do que no ano anterior. As árvores mortas pelo fogo em forma de estátuas estavam de alguma forma menos perceptíveis.

Na última curva antes de chegarmos ao centro turístico, olhei à minha esquerda pela janela e esfreguei os olhos. Lá, não muito distante do carro, a cerca de 30 metros indo na direção oposta, estavam dois orbes-estrela. Balancei a cabeça em descrença, pensando que talvez fosse o reflexo de algo que eu estivesse vendo. Tentei manter os olhos na estrada ao mesmo tempo em que tentava conseguir uma melhor vista dos orbes.

Na terceira vez que os vi, falei para Jason, que estava sentado no banco da

frente, pedindo a ele que olhasse pela janela à esquerda. Tentei apontar o orbe para ele, mas infelizmente era muito tarde, eles estavam muito longe à distância e não eram mais visíveis. Fiquei triste porque Jason não conseguiu vê-los já que eu achava que eles poderiam ter se mostrado para ele.

Depois de dois minutos estávamos no escritório de turismo. Jason e eu ficamos do lado de fora, esperando em fila para os ingressos do passeio. Shiprock estava longe à distância, envolvida por uma gentil bruma púrpura, fazendo com que ela tivesse um ar místico. Absorvi a vista enquanto pensava sobre o orbe-estrela. De repente, à distância, na mesma direção, eu vi outro orbe passando novamente! Eu não podia acreditar nos meus olhos! Pisquei e o perdi por um momento antes de conseguir pegar outra vista de relance.

Eu sabia que se quisesse mostrar para Jason ou para quem quer que fosse eu tinha que agir rapidamente. Agarrei Jason pelo braço para virá-lo na direção do orbe. Estava tão longe que era difícil seguir sua trilha, pois ele se mesclava contra o deserto árido e o brilho da luz do sol no final da manhã.

- Olhe - eu disse para Jason enquanto apontava com meu dedo - Há outro orbe, você está vendo? Está quase indo embora!

Ele ansiosamente buscou os céus com os olhos. Fiquei de pé perto dele, tentando fazê-lo seguir meu braço até a ponta do dedo em direção ao orbe, mas infelizmente ele não conseguiu ver. Não fiquei surpresa pois mal estava visível para mim mesma.

Leanne, Savannah e Kathleen vieram ficar do lado de fora conosco. Balançando minha cabeça, eu lhes contei como tinha acabado de ver outro orbe e tentado mostrá-lo para Jason. Não podia deixar de pensar que era para ele ter tido a oportunidade de vê-lo.

Eu estava feliz pelos Anderson estarem aproveitando o passeio na montanha com os espíritos do passado. Era uma honra poder caminhar naquele solo, ver o céu e tocar a terra nos antigos sítios onde havia um forte sentimento de poder místico.

O dia passou depressa e era hora de voltar para o acampamento. Quando chegamos todos ficamos ocupados cozinhando ou nos preparando para a noite.

Quando retornasse a Vancouver eu sabia que teria duas semanas para resolver coisas pendentes e me preparar para mudar para Cranbrook onde eu passaria a tomar conta da minha mãe, cuja idade já pesava. Minha irmã tinha

feito a gentileza de pagar pela minha passagem de avião para eu voltar ao lar. Eu tinha enviado uma mensagem para Janice esperar até ter notícias minhas antes de comprar a passagem. Enquanto esperava o jantar ficar pronto, peguei o telefone de Jason emprestado para ligar para ela; achei que seria uma ligação curta, mas depois que ela me disse que já tinha comprado a passagem, fiquei chateada e disse que ligaria mais tarde. Sabendo que a conversa levaria mais do que alguns minutos, quis dirigir até o posto telefônico mais próximo, para que eu pudesse pagar pela ligação ao invés dos Anderson.

Vinte minutos depois eu estava falando com Janice novamente; discutimos por alguns minutos sobre a passagem. Por fim eu percebi que se já estava reservado e pago não havia muito o que falar a respeito. Eu não podia mudar o que já estava feito e precisava ser grata pelo fato de minha irmã ter pago pela passagem em primeiro lugar.

Eu ainda estava muito chateada quando retornei para o acampamento dos Anderson, então de repente notei as palavras na canção que estava tocando no rádio:

“Por que você está tão triste? Você está segura com Kathleen. Feche seus olhos e ponha a cabeça no colo dela; ela vai te confortar. Não fique triste – você sabe que pode ver o que está no horizonte. As naus estão à distância a caminho para você agora. Nós sabemos que você sente falta do seu lar; nós sentimos sua falta também. Você pode ver no horizonte que as naus estão lá para te levar para casa. Não fique triste. Olhe para o oeste e as naus estarão lá para te levar para casa. Procure por elas – elas são cinza.”

Era só a voz de uma mulher, não havia música de fundo. Estranho para uma estação de rádio! – pensei. O que acabou de acontecer? Quando a canção terminou, uma música hard rock começou. Não gosto de pular para conclusões mas não posso evitar de imaginar que a canção foi um tipo de mensagem. Não era a forma normal como as mensagens vinham até mim, através do rádio ou da televisão; era a primeira vez que isso me ocorria. Enquanto repassava a canção em minha mente, não consegui encontrar nenhuma outra explicação razoável para o que acabei de ouvir além de serem os Alienígenas. Era muito estranho!

Assim que cheguei de volta ao acampamento, eu rapidamente contei aos Anderson sobre a canção que ouvira. Eles todos também acharam que era muito estranho e ficaram surpresos por eu me lembrar tanto da letra. Como eu não poderia? Claramente não fazia parte do contexto normal de uma música de estação de rádio então eu prestei uma atenção especial. Não apenas não havia música, as

palavras da canção não eram comuns. A única razão pela qual eu prestei atenção era porque era completamente fora de sentido. Era como encontrar um pedaço de manteiga na gaveta da sua cômoda no quarto.

Eu estava muito feliz de passar minha última noite na área de Four Corners com pessoas tão incríveis. Nosso último jantar juntos foi um momento de reflexão sobre as últimas três semanas. Essa viagem tinha sido um ponto de transição para mim. Eu sabia que retornando, começaria a trabalhar no livro. Onde esse caminho me levaria, se revelaria por si mesmo no tempo certo.

Na manhã seguinte eu empacotei minhas coisas e as coloquei no carro pela última vez. Era difícil aceitar que eu tinha de partir e voltar para Albuquerque para pegar meu voo para casa. Depois de tudo, eu já me sentia em casa. Foi uma manhã difícil e emotiva para mim. Demorei-me tanto quanto possível antes de ter de dar adeus. Quando dei a Kathleen, Jason, Savannah e Leanne um abraço, as lágrimas de adeus foram mais fortes do que eu e tive de entrar no carro e partir rapidamente para evitar de fazer uma cena.

Enquanto dirigia olhei pelo espelho pela última vez para ver todos acenando adeus. “Eu vou voltar”, fiquei dizendo a mim mesma, “num outro dia, um outro ano”.

A viagem para Albuquerque foi calma assim como o voo. Quando o avião aterrissou em Vancouver eu foquei no futuro imediato. Trabalho estava em minha mente quase que imediatamente. Eu queria juntar algum dinheiro antes de ir para Cranbrook e só tinha duas semanas para arrumar todas as pendências. No fim das contas eu não tinha ideia de quanto tempo ficaria em Cranbrook depois que chegasse lá.

# A Busca Começa

Parecia que eu tinha acabado de aterrissar em Vancouver e já estava eu, num avião para Cranbrook. Janice estava no aeroporto para me receber e me trazer para a casa da minha mãe. Era 1º de agosto de 2005, um mês antes de completar vinte anos de quando saí de Cranbrook. Era uma sensação estranha estar de volta à minha cidade natal, dessa vez para ficar.

A viagem do aeroporto me deu a oportunidade de ver as belas montanhas que circulavam a área. Eu sempre amei olhar para elas quando criança. Em cada visita que fiz a Cranbrook elas capturavam minha atenção da mesma forma como quando eu era jovem. Eu costumava sonhar acordada, me perguntando quais animais viviam na montanha, imaginando lindos prados cheios de flores silvestres.

Assim que chegamos vi minha mãe na janela; ela já estava sorrindo em antecipação por me ver novamente. Quando passei pela porta da casa eu pude sentir a direção da minha vida mudando. Era um novo começo, e em parte reforçava meu compromisso com as solicitações dos Alienígenas.

Minha mãe estava muito feliz por eu estar de volta à casa dela para ficar. O quarto se iluminou quando eu subi as escadas e lhe dei um forte abraço e um beijo. Ela estava radiante de felicidade com minha chegada e aquilo fez do meu primeiro passo na minha mudança para Cranbrook algo bom.

Meus objetivos eram claros; minha prioridade era ajudar a cuidar da minha mãe e, tão importante quanto isso, eu iria procurar pelo objeto que os Alienígenas tinham deixado comigo quando criança. Eu tinha que trabalhar escrevendo o livro sobre as minhas experiências. Meus últimos objetivos eram assistir algumas aulas na instituição de ensino da comunidade e procurar por um emprego.

Contei essas metas para Janice e, para minha surpresa, ela tinha algumas ideias de onde eu podia ter enterrado o objeto. Ela me disse em suas próprias palavras onde ela se lembrava de me ver escondendo-o. Os exatos detalhes que ela me deu eram os mesmos que eu me lembrava. Depois de mostrar o presente para Janice, eu o coloquei em um velho pano branco e o depusitei no solo. Eu lhe disse que ela não podia tocá-lo e que nós duas precisávamos ter certeza de que nosso pai nunca o descobrisse; então eu o pus em um buraco que cavei na terra e cobri com pedras e terra.

Embora eu me lembrasse de minha irmã estar comigo quando enterrei o objeto, eu não achava que ela teria quaisquer lembranças do ocorrido. O que ela se lembrava incluía os detalhes do pano branco assim como o fato de ter de mantê-lo escondido de nosso pai. Eu estava impressionada! Quando perguntei a ela exatamente onde estava ela confirmou sua localização para mim – a lembrança dela era exatamente a mesma que eu tinha.

Nunca eu e Janice tínhamos conversado detalhadamente sobre esse objeto. Ter as informações dela era importante para mim e me motivou a ir adiante. Havia um leve problema, entretanto. Janice tinha uma vaga memória de ter movido o objeto de lugar. Assim que ela me contou isso, meu coração afundou: como eu iria encontrá-lo se ela tinha mudado de lugar? Meu primeiro pensamento foi hipnose para recuperar a memória, mas eu nunca poderia pedir a ela tal coisa. Seria como pedir a uma pessoa para abrir a Caixa de Pandora – uma vez aberta, ela nunca poderia fechá-la novamente.

Não fazia sentido cavar à procura do objeto até ter mais informações de Janice. Então eu esperei, pacientemente; eu sabia que uma resposta para o problema apareceria a tempo. Uma semana depois, Janice veio me dizer que ela achava que fazer hipnose poderia ajudá-la a lembrar para onde o tinha movido. Eu estava muito feliz por ela ter chegado a essa conclusão sozinha, sem minha influência. Agora tudo que eu tinha de fazer era encontrar um hipnólogo em quem eu pudesse confiar uma informação tão delicada. Eu sabia que essa tarefa em uma cidade pequena se provaria um desafio.

Durante a semana seguinte eu foquei em encontrar a pessoa certa para hipnotizar Janice. Pelo menos duas vezes por dia eu meditei para que o universo trouxesse a pessoa certa para minha vida. Perto do final da semana, meus esforços foram recompensados.

Através de um conjunto de estranhas circunstâncias, eu me encontrei conversando com uma mulher que havia conhecido num breve encontro em Vancouver 15 anos antes. Durante a conversa ela tocou no nome de uma conselheira, Helen, que também fazia hipnose. Eu soube que ela era a pessoa certa para ajudar Janice assim que ela me falou a respeito. As circunstâncias em que ela estava sendo apresentado a mim eram muito curiosas e eu sabia que meu pedido por um hipnólogo havia sido atendido. Agora tudo o que eu tinha de fazer era me encontrar com ela pessoalmente para confirmar que ela era realmente a pessoa certa para o trabalho.

Naquela tarde eu fui direto para casa e marquei uma hora para me encontrar

com Helen no dia seguinte. Eu estava empolgada porque esse era um passo que me levaria mais perto de encontrar o objeto que havia enterrado quando criança – um passo mais perto do meu possível destino.

No momento em que pus meus olhos em Helen, me senti confortável com ela, entretanto eu precisava conversar com ela para confirmar se minha intuição estava correta. Nós sentamos em sua sala de estar e tivemos uma longa conversa a respeito da razão para necessitar de uma hipnóloga. Eu contei a ela sobre os Alienígenas e o envolvimento de minha família com eles. Ela foi muito aberta e aceitou a história toda. Helen então, rápida e excitadamente concordou em tentar ajudar Janice a lembrar detalhes de onde o objeto estava.

Ela pediu a Janice para ser o mais específica possível sobre a data em que o encontro ocorreu. Se nós tivéssemos a data, isso ajudaria Helen a ser mais específica e ela não teria de usar perguntas para induzir durante a hipnose. Eu fui categórica ao dizer para ela não induzir Janice com perguntas de forma alguma; ela precisava ser muito cuidadosa com o que ela perguntasse.

Janice e eu não conseguimos chegar à data exata mas nós duas sabíamos que eu tinha 4 ou 5 anos de idade, o que significava que tinha sido em 1970 ou 1971. Nós nos indagávamos como poderíamos descobrir. Se eu fosse paciente e mantivesse a fé, a informação viria de alguma forma.

Nós tivemos que esperar duas semanas, de qualquer forma, para marcar a data em que as sessões de hipnose começariam. Nesse meio tempo eu foquei meus pensamentos em tentar encontrar a data exata da minha abdução quando criança. Janice e eu conversamos sobre a época do ano e determinamos que tinha sido início da primavera ou do outono. Não havia vegetais no campo da fazenda então nós sabíamos que era o mais acurado que podíamos chegar quanto à época do ano. Como determinar o ano era outro assunto e nós ambas dissemos que focaríamos em tentar lembrar mais detalhes.

Apenas poucos dias depois de falar com Helen eu fui visitar Catherine e James Johnson, pais de Gillian. Gillian era minha amiga de infância e, quando tinha 12 anos, eu tinha vivido com eles por cerca de um ano, pois a vida na casa dos meus pais era difícil. Eu era extremamente grata por eles terem me recebido em seu lar de braços abertos. Eles realmente eram como uma segunda família para mim.

Desde o meu retorno a Cranbrook eu tinha visitado Catherine e James por duas vezes. Era uma grata surpresa saber que eles ainda tinham um lugar em

seus corações para mim. Uma das coisas que eu queria realizar ao me mudar de volta para minha cidade natal era contar para algumas pessoas do meu passado sobre minhas experiências com ETs. Eu sabia que seria difícil e que eu estaria me expondo ao ridículo, mas eu precisava dar esse passo.

A caminho da casa dos Johnson eu decidi que contaria a eles sobre minhas interações com os Alienígenas. Eu queria ser honesta com eles e estava tão preparada para a reação deles como estaria em qualquer outro dia.

Depois de horas pondo o papo em dia eu senti que era hora de começar a contar a eles minha história. Eu comecei pedindo a eles que me permitissem contar a história inteira antes de começarem a fazer perguntas, caso contrário eu talvez nunca conseguisse terminar.

Pouco depois de eu ter começado, eles me interromperam para dizer que acreditavam em mim! Isso me ajudou a relaxar e eu queria contar a eles tudo que eu pudesse no curto espaço de tempo que eu tinha. Depois de duas horas repassando os pontos altos da minha interação com os Alienígenas, Catherine me surpreendeu.

Quando eu era muito pequena, a família Johnson vivia na rua de baixo de onde morávamos. A comunidade em que vivíamos era muito pequena e eu tenho lembranças de muitas das famílias da área. Catherine começou a me contar que ela se lembrava de um dos moradores da região contar para quem quisesse ouvir que tinha visto um UFO pairando sobre o campo em frente à nossa casa. Ao que parece ele falou sobre o avistamento do UFO por anos, mas ninguém nunca deu ouvidos a ele porque ele era alcoólatra, e todos pensavam que ele estava vendo coisas. Quando Catherine me contou isso eu pedi a ela que se lembrasse em qual ano foi. Depois de pensar ela me disse que acreditava ser 1970.

Eu tive uma sensação de formigamento por todo o meu corpo depois de ouvir a história de Catherine sobre o UFO. Por anos eu não tinha certeza se eu tinha 4 ou 5 anos; agora, lá estava eu, finalmente tendo outra pessoa para confirmar minha idade. Eu fiquei muito feliz com essa informação e dividi minha empolgação com Catherine e James. Eu contei a eles que essa era a informação que eu vinha procurando para poder localizar no tempo a data exata da minha abdução quando criança. Era incrível como tanta coisa daquela noite em particular era clara para Janice e para mim. Nossas memórias eram idênticas e agora lá estava eu, 36 anos depois, procurando mais evidências que corroborassem aquela noite fatídica. Agora eu sabia que tinha 4 anos na época daquele encontro. Esse conhecimento significava que Helen poderia guiar

melhor Janice para que ela recuperasse as lembranças.

Catherine e James me contaram suas visões sobre UFOs e Alienígenas depois de ouvirem o fim da minha história. Eu estava passada com sua abertura e aceitação porque eles eram importantes para mim; eu tinha muito respeito e gratidão por tudo o que eles tinham feito por mim quando eu era criança. Se eles me achassem louca, eu ficaria muito triste. Agora parecia que eu podia ser eu mesma e dividir minha vida com eles sem precisar esconder nada.

Depois de horas falando sobre os Alienígenas eu tinha de pegar o meu rumo. Quando fui embora da casa de Catherine e James, dizendo a eles quanto significava para mim a aceitação deles e, mais importante, que eles tinham aceitado a minha história sobre os Alienígenas. Eu fui embora com sentimentos de excitação e alívio: excitada porque eu tinha mais um pedaço do quebra-cabeças para encontrar o objeto enterrado, e alívio pela aceitação deles.

No dia seguinte eu liguei para Janice e contei sobre minha conversa com os Johnsons. Nós conversamos sobre a noite em que estávamos fora no campo da fazenda quando crianças. Ambas nos lembrávamos de nos sentir como se o mundo ao redor estivesse adormecido, como se nem mesmo as criaturas estivessem se movendo naquela noite. Então como esse homem se lembrava de ver um OVNI? A única conclusão lógica era que talvez ele estivesse tão bêbado que na ocasião os Alienígenas não conseguiram colocá-lo para dormir. Janice estava satisfeita em saber em que ano minha abdução havia ocorrido. Agora nós podíamos ligar para Helen e marcar um horário para as sessões de hipnose.

Quando eu liguei para Helen ela me falou que teria de esperar ao menos duas semanas. Depois de 36 anos de espera, o que eram mais alguns meses? Não havia pressa da nossa parte já que levaria meses até que nós pudssemos começar a escavar. A terra precisava amaciar o suficiente até ser possível começar a trabalhar com ela, já que era começo do outono. Isso significava que nós teríamos de esperar até a primavera para começar a busca. Nesse meio tempo, tudo que nós podíamos fazer era esperar.

Uma semana depois Janice me ligou no fim da tarde. Uma amiga nossa, Kelly, que tinha perdido um ente querido no ano anterior, estava pedindo se nós duas poderíamos ir com ela espalhar as cinzas em um lugar especial. Eu tinha recebido mensagens do companheiro dela no ano anterior e as transmitido a ela; por essa razão ela estava me pedindo para participar da cerimônia.

Uma hora mais tarde, Janice chegou para me pegar com Kelly e sua irmã

Yolanda. Nós quatro começamos nossa viagem para fora da rodovia. A escuridão da noite estava se esgueirando e eu comecei a olhar pela janela do caminhão. Como sempre eu estava procurando as estrelas saírem e dizerem olá para o mundo. Eu pensei que seria uma oportunidade perfeita para eles se mostrarem para Janice já que estávamos no meio do nada e não haveria ninguém ao redor. Mantive esse pensamento pela hora seguinte enquanto dirigíamos, deixando a civilização para trás, em direção a zona campestre. “Seria uma boa ideia Janice vê-los novamente. Nós estamos indo fazer a cerimônia e vocês não devem interromper, mas seria bom se vocês se mostrassem essa noite”. Mantive isso como um mantra pelo resto da viagem.

Depois de uma hora e meia nós finalmente chegamos ao nosso destino. O caminhão parou ao lado da margem de um rio e nós todas descemos. Eu olhei para cima em redor; eu podia ver uma cadeia de montanhas e colinas que rodeavam a área e era muito escura. As estrelas estavam à vista em pleno brilho e era realmente lindo vê-las cintilar no céu noturno.

Kelly saiu do caminhão rapidamente e andou até a beira do rio. Ela estava chorando muito e nós todas a deixamos ter um momento sozinha. Eu disse a Janice:

- Não se surpreenda se você os vir essa noite. Eu só quero que você saiba que eles às vezes se mostram e se eles o fizerem, não se apavore.

Nós ficamos no local por menos de 5 minutos quando Yolanda começou a gritar:

- Oh, meu Deus! É um UFO!

Ela se virou para nós e apontou um orbe que se movia através do céu. Janice e eu só olhamos uma para a outra, sorrimos e demos de ombros.

Em minha mente eu disse ‘obrigada’ e então falei em voz alta:

- Vocês parariam para nós por um minuto? Ou pelo menos diminuiriam a velocidade?

No que eu disse isso eles diminuíram a velocidade mas continuaram se movendo. Yolanda não podia acreditar no que tinha visto. O orbe-estrela parecia uma bola de luz baixa no céu, passando sobre nós sem nenhum som. Yolanda ficava perguntando se nós tínhamos visto, imaginando o porquê de nós não estarmos aos pulos como ela por causa do avistamento. Ela estava chocada pelo

fato do orbe parecer ter ouvido meu pedido para que fosse mais devagar.

Tanto Janice como eu dissemos a Yolanda que tínhamos visto, mas que aquilo não nos assustava, e tratamos o evento casualmente. Naquele momento ouvimos Kelly chorando e todas paramos com o assunto UFO e decidimos que era hora de ir até ela. Enquanto isso eu agradecia mentalmente mais uma vez por eles terem se mostrado; eu estava feliz pelos Alienígenas terem enviado uma sonda e mantive os olhos no céu para o caso deles voltarem novamente. Eu repetia em minha mente que eles não interrompessem a cerimônia, porque era algo sagrado. Eles não podiam ofuscar o propósito de estarmos ali.

Nós três ficamos de pé na margem do rio enquanto Kelly estava dentro da água falando entre lágrimas sobre o seu amado. Então ela soltou suas cinzas no rio; nesse momento todas nós estávamos em lágrimas. Quando Kelly voltou para a margem nós andamos em direção a ela e nos demos as mãos fazendo um círculo.

Nós quatro ficamos de pé na escuridão, curvamos nossas cabeças e cada uma de nós disse algumas palavras de adeus. Eu abri meus olhos e olhei para cima; então pude ver duas bolas de luz vindo em nossa direção. Eram mais dois orbes. Eu rapidamente disse com clareza e austeridade: “Vocês devem voltar, vocês não devem interromper essa cerimônia. Ela é sagrada para nós e não é correto vocês virem neste momento!” O orbe mais distante piscou ficando preto e o mais próximo de nós parou e começou a voltar para o ponto de onde tinha vindo. Agradei novamente em minha mente por partirem e meu foco voltou para o grupo.

Quando todas terminamos de falar, fizemos o caminho de volta para o caminhão. Estava muito frio e já ficava tarde. Eu precisava ir ao banheiro antes de voltarmos, então fui até os fundos do caminhão para isso. Enquanto me aliviava tentei manter os olhos no céu. Bem baixinho eu pedi a eles para fazerem um voo com a nave. Ninguém estava por perto e eu queria vê-los. Quem iria saber quando seria a próxima vez que eu estaria num local tão remoto. Quando fiquei de pé, olhei diretamente acima de mim. “Wahoo!” eu gritei. De uma cordilheira à esquerda para outra cordilheira à direita havia um imenso rastro de luz laranja. Foi tão rápido e tão extenso que era incrível! Tinha pelo menos 30 metros. Não tinha como ser um meteoro; era muito baixo, muito grande e foi de cordilheira a cordilheira sem nenhum ruído, o que não era o comportamento normal de um meteoro. Senti-me abençoada e novamente agradei a eles por se mostrarem para mim.

Caminhei para a frente do caminhão onde Janice, Kelly e Yolanda estavam conversando. Perguntei se elas tinham visto o rastro de luz mas nenhuma delas tinha visto. Eu não estava surpresa já que tinha acontecido num piscar de olhos e foi silencioso, mas eu estava triste por elas não terem visto nada. No momento seguinte nós estávamos no caminhão indo de volta à cidade.

No dia seguinte eu contei a Janice que o horário marcado com Helen estava próximo e perguntei se ela ainda estava se sentindo OK com a proposta da hipnose. Ela disse que estava pronta para a tarefa e, além disso, ver o UFO a deixou ainda mais confortável com a ideia toda.

Os dias pareceram voar e antes que me desse conta chegou o dia de Janice fazer a sessão de hipnose. Quando fomos ver Helen, ela pediu para falar com Janice sozinha. Quando elas saíram da sala, Helen disse que Janice achava melhor que eu esperasse na outra sala. Depois que a sessão terminou, Janice veio e me disse que não tinha chegado a lugar algum; nenhuma memória que fosse útil havia retornado. Não ter nenhuma resposta depois de um dia não era uma surpresa.

Levou outras duas sessões para que Helen e Janice saíssem da sala de hipnose com resultados sólidos. Helen em particular estava excitada com as memórias que ela tinha conseguido revelar. Fui levada para a sala e me sentei me preparando para a grande revelação.

Janice e Helen disseram que o objeto foi de fato removido. Janice lembrava de tê-lo retirado do local onde eu o havia enterrado para mostrar para um amigo dela, então ele foi levado pelo amigo de infância de Janice. Depois de recuperar o objeto, Janice o enterrou novamente a metros de onde eu tinha originalmente colocado. A única coisa que ela tinha feito diferente é que ela tinha enterrado mais fundo do que da primeira vez. Eram ótimas notícias, nós três estávamos em júbilo. Agora tudo o que tínhamos de fazer era esperar até a primavera para começar a busca.

Eu estava empolgada para saber onde estava e não podia esperar até começar a cavar. Pedi a Janice para vir comigo até o local para que nós pudéssemos sentir um pouco o local. Quando chegamos meu coração afundou enquanto eu olhava para a terra à minha frente. Estava completamente diferente de como era quando éramos crianças. Um prédio que havia na propriedade não mais existia e uma escavadeira tinha revirado o solo. “Não importa”, eu ficava repetindo para mim mesma, “Eu irei encontrá-lo”. Afinal, porque tudo na minha vida teria acontecido da forma como aconteceu se não fosse para eu encontrar o presente alienígena?

Janice e eu concordamos que acima de tudo, nós tínhamos enterrado alguma coisa e eu estava decidida a encontrar. Tudo que eu precisava era determinação e, oh sim, talvez um milagre!

No final de 2005 eu estava esperando pelo Ano Novo trazer a primavera e começar a amaciar a terra. Nesse meio tempo eu foquei no livro, assim eu estaria preparada para qualquer coisa que acontecesse, se e quando eu encontrasse o objeto alienígena.

## 2006

Quando 2006 chegou eu sentia a hora se aproximando cada vez mais em que eu poderia abrir o solo e procurar pelo presente alienígena. Tudo parecia estar indo para os seus lugares, era só uma questão de tempo até que eu encontrasse o que estava procurando.

Em muitas ocasiões eu procurei pelo objeto. Em algumas poucas, Janice veio comigo e procuramos por ele juntas; infelizmente o ano passou sem resultados – mas isso não iria me deter.

Muitos obstáculos entraram no meu caminho em 2006, me impedindo de passar muito tempo no local; eu entendi como um sinal de que ainda não era a hora.

Mais uma vez eu precisava sentar e esperar – esperar pela hora certa para começar a trabalhar novamente. Nesse meio tempo eu focaria no livro e manteria meu coração aberto para os Alienígenas me guiarem se fosse o que eu precisasse.

Como tudo aquilo me dizia que minhas memórias eram verdadeiras: de Janice, meu pai, os Hopi, Catherine, Harold, e muitos outros, eu sabia que nunca poderia dar as costas a isso. É impossível para mim fazer isso. Então, não importa quanto tempo leve eu continuarei meu trabalho a serviço dos Alienígenas que eu vim a conhecer como “Zeladores”. Eu também continuarei minha busca pelo objeto e pela verdade completa para tudo que eu experienciei.

# Peças de Quebra-Cabeças

## INTENÇÕES

Eu escrevi esse livro por causa de uma solicitação direta dos Alienígenas em 1988 para que eu o fizesse. Eles me pediram para educar as pessoas sobre quem elas são e qual a mensagem deles para o mundo. Devido a muitos fatores, levou muito tempo para eu dar início a essa tarefa para eles. Toda vez que eu pensava em começar o livro, nunca parecia certo, até agora.

A razão pela qual eu escolhi escrever esse livro no estilo em que o fiz – dispor os fatos ocorridos ao invés de ir apressadamente para a mensagem deles – é simples: para que você, leitor, comece a ouvir as mensagens deles, você precisa primeiro aceitar que UFOs e Alienígenas de fato existam. A realidade dos Alienígenas deve vir primeiro, ao menos como uma possibilidade em sua mente, para que as mensagens tenham algum impacto em você, leitor.

Eu tentei mostrar para vocês algumas das experiências que tive em minha vida com relação aos Alienígenas. Minha intenção era mostrar a vocês alguns dos momentos que moldaram minha percepção. Compartilhei um relance do meu mundo, tudo o que contei a vocês é fato e a completa verdade. Eu tentei demonstrar como esses eventos pequenos algumas vezes mudaram minha vida. Como e por que eu cheguei a conclusões que cheguei é relatado na minha história.

Quando você começa a pesquisar por conta própria, e eu espero que você o faça, não deixe o ridículo se sobrepor. Se alguma coisa não parece certa, então não acredite. Ouça seu instinto e permita que ele o guie para dentro da busca por mais informações. Mantenha-se perto da corrente convencional no começo, tanto quanto possível, pois é ali que vocês encontrarão mais consistência e informações acuradas.

Não pense que você tem de acreditar em tudo que lê. Há pessoas que usam o fenômeno UFO ou os contatos alienígenas para ter atenção e/ou segurança em suas vidas. Ufologia é como a sociedade: contém todos os caminhos da vida,

do racional e crível até o mentalmente instável. Quanto mais ridícula a história, menos crível ela se torna. Procure por respostas simples quando iniciar a sua própria busca por respostas.

Tem se falado muito na comunidade ufológica ao longo dos anos sobre os tipos de Alienígenas que as pessoas alegam estar contatando no planeta. Pode ser confuso e mesmo aborrecido quando se procura informações sobre as diferentes raças alienígenas. Não permita que essas confusões o distraiam de encontrar a verdade. Em algum lugar em toda mentira, desinformação e ridículo, você encontrará respostas verdadeiras e honestas. Você encontrará evidências para apoiar as alegações de avistamentos e abduções em todo o mundo, desde antes do nascimento de Jesus Cristo.

Os seres com quem eu tive encontros tinham cerca de 2,10m a 2,40m, cabelos louros e olhos azuis. Algumas vezes se referem a eles como Louros ou Louros Altos. Esses seres são o foco deste livro e são as mensagens deles que eu levo. Eles são conhecidos por muitos nomes diferentes na comunidade ufológica mas acrescentar quaisquer novos rótulos a eles eu acho que é aumentar o que já foi escrito sobre eles. Como eu nem sempre concordei com algumas das informações que me foram apresentadas ao longo dos anos sobre um tipo ou outro de Alienígenas, eu prefiro não rotulá-los ainda mais.

As mensagens que eles me deram no passado e ainda me dão até os dias de hoje são de paz, amor e equilíbrio. Eu verdadeiramente acredito com todo o meu ser que esses Alienígenas têm no coração as melhores intenções para conosco. Eles nunca me pediram para fazer nada que prejudicasse outro ser humano de nenhuma maneira; instruíram-me para ensinar outros a respeito deles, a respeitar a terra e tudo que está nela. Eles me instruíram a obedecer as leis da terra e seus povos; sua mensagem não é sobre desconsiderar o mundo, ao invés disso, é sobre respeito e viver em harmonia com ele.

Tudo que eu contei a vocês vem de minhas próprias experiências e conhecimento direto deles. Eu nunca passei nem passarei adiante informações aprendidas de outras fontes como sendo minhas.

Por que escrevi esse livro agora e não em nenhum outro momento? O mundo está à beira de uma grande mudança e é hora de se preparar. Nós não temos mais o luxo do tempo a nosso dispor. Nós afetamos a Terra de tal forma negativa que ela já começou a se livrar de nós. As mensagens proféticas que os Alienígenas me pediram, assim como a muitos outros, que compartilhasse com o mundo são agora relevantes. Os sinais de que o fim está próximo já começaram a ser vistos

e reconhecidos: mudanças climáticas, instabilidade mundial, completa descon-sideração pelo próximo e desconexão com a própria Terra.

Até recentemente os avisos e palavras dos alienígenas não seriam ouvidos. O trabalho de muitos que vieram antes de mim, educando o mundo sobre a presença alienígena, preparou o solo sobre o qual eu e pessoas como eu podem construir algo. Se eu tivesse tentado contar essa história antes, agora teria sido sem sentido. Estamos nos movendo para um tempo muito importante no planeta. Nossas ações no futuro imediato ditarão nossos destinos sobre se sobreviveremos ou não como espécie.

O que aconteceu nas horas depois do meu encontro na rodovia em 1988 me colocou numa jornada para encontrar verdade, paz, aceitação e compreensão. Parte do tempo em que estive com os Alienígenas naquele dia sempre esteve claro em minha mente. Outras partes levariam semanas, meses e até anos para se tornarem claros. Os eventos que ocorreram, assim como o que me foi mostrado e dito dentro da nave naquele dia fatídico, mudaram minha vida para sempre.

Eu não posso nunca mais olhar para o mundo com os mesmos olhos igno-rantes. Uma vez que você saiba a verdade, ela nunca pode ser tirada ou apagada. Ela permanece em sua alma e nada nem ninguém pode mudar isso. A Caixa de Pandora está aberta e nunca mais pode ser fechada.

Quando os Alienígenas compartilhavam informações comigo eles me deram o dom de experienciá-las também. Em outras palavras, quando uma imagem me era mostrada a bordo de uma nave pairando acima de milhares de pessoas com seus braços apontados para cima, gritando por socorro depois de um desastre que se abateu sobre a Terra, eu estava lá, a experiência real desse evento me foi dada.

É por essa razão que essas experiências e interações com os Alienígenas são tão reais e afetam as pessoas tão profundamente. Imagine viver outra vida e ter todas essas experiências colocadas dentro de você. Por exemplo: você pode ler livros sobre escalar rochas, assistir documentários – mas até que você realmente faça isso por si mesmo, não terá experimentado. Bem, é isso que os Alienígenas fazem; não apenas eles lhe dão o dom do conhecimento sobre escalar rochas, mas o dom da experiência também. Eu não tenho certeza de como isso é alcançado mas eu sei que é a razão pela qual essas informações e alertas que nos são ditas são praticamente impossíveis de serem ignoradas. Nós mudamos nossas vidas porque não conseguimos virar nossas costas para o que sabemos ser verdade.

As pessoas que tiveram essas extraordinárias interações com os Alienígenas

irão quase sempre mudar completamente suas vidas depois do evento, pois são compelidas a seguir as instruções dadas a elas; viver boas vidas, tomar conta da terra e viver em harmonia com todas as coisas. Nos é dito para respeitarmos tudo o que temos: nossa comida, água e esse mundo. Nos dizem que nossos corpos, assim como nossos espíritos, são sagrados e para sermos conscientes de que nossas vidas devem ser valorizadas.

Uma pergunta que me tem sido feita em muitas ocasiões é: por que você acredita que fomos escolhidos para receber essas mensagens? Há muitas razões pelas quais eu possa ter sido escolhida, e todas elas são apenas especulações da minha parte.

É do meu entendimento que os Alienígenas ajudaram a nos criar. Eu não estou de modo algum dando a entender que os Alienígenas são Deus, mas eu acredito, e eles me disseram, que eles deram uma mão na criação da humanidade. Isso me leva ao fato de as pessoas frequentemente se referirem a um possível programa genético que estaria sendo feito pelos alienígenas. Pode ser que existam certas famílias por todo o planeta que os Alienígenas sempre monitoraram desde o princípio da humanidade, em uma tentativa de modificar, e possivelmente introduzir, novas cadeias de DNA no mundo.

Como deixei claro em meus escritos, meu pai teve contato pela maior parte da vida dele com esses mesmos seres alienígenas. É razoável supor que essa seja uma forte razão para o meu contato inicial. A razão de eu ter recebido tantas mensagens durante a vida toda pode possivelmente ser porque alguma coisa dentro da minha alma seja forte o suficiente para processar a informação e ainda se manter racional. Com cada contato eu fui capaz de processar os dados fornecidos a mim com excepcional clareza, e então eles decidiram continuar mandando mais. Isso parece ser verdadeiro com a maioria das pessoas em contato com os Louros Altos (“Tall Blonds” em inglês – nota da tradutora). Quanto mais informação você é capaz de processar e consegue aceitar, mais eles irão compartilhar com você.

Eu fui escolhida ou me voluntariei? Por que eu fui escolhida? Qualquer resposta para essas perguntas é apenas especulação e realmente não se sustenta sobre o fato que permanece: nós não estamos sozinhos.

Todo mundo pode ter essas experiências? Eu imagino que se a situação for certa e o momento apropriado, qualquer um poderia ser escolhido para ver os Alienígenas em sua forma física. Eles podem ser acessados através de meditações

também; frequentemente é dessa forma que eles manterão contato com aqueles que já foram levados por eles fisicamente. As pessoas que têm contato com os Alienígenas através de meditação só podem receber mensagens tão claras quanto a mente delas. Algumas vezes as mensagens não passam pelos nossos filtros pessoais claramente e por isso é importante permanecer sempre objetivo, mesmo quanto a si mesmo.

No começo de 1990 eu decidi não ler as interpretações de outras pessoas sobre esse assunto para que minha mente permanecesse clara sobre o que aconteceu na nave naquele dia de 1988. Eu achei difícil imaginar ouvir um pesquisador explicar para mim o porquê de eu ter tido essas experiências e ainda mais difícil imaginar ouvir as interpretações de outra pessoa sobre as minhas experiências. No fim das contas, as experiências eram minhas – um presente para mim. Se eu não posso recordar parte delas, por que eu aceitaria que outra pessoa me contasse o que aconteceu para preencher os espaços em branco? Isso não tem lógica.

A ufologia era um assunto obscuro em 1988 para o público em geral. Eu me sinto confortável com todo o conhecimento que os Alienígenas me deram como sendo a verdade e minhas memórias são claras e corretas por causa disso. Nos últimos anos eu tenho lido muito poucos livros e ouvido ainda menos palestrantes falarem sobre o assunto em detalhe. Eu tento limitar minha exposição a eles para que minhas lembranças permaneçam tão límpidas e sem influências quanto possível.

Mesmo quando estive nas conferências de 1991 e 2005 nos Estados Unidos, eu raramente ouvia os palestrantes. Meu foco era, e sempre é, nas pessoas que frequentam esses eventos. Eu acho que elas são a razão para essas reuniões acontecerem. É na interação pessoal que descobrimos outros que pensam como nós e/ou tiveram contato com o mesmo grupo de alienígenas.

É marcante como as mensagens dadas a tantas pessoas ao redor do globo sejam com frequência tão idênticas. A informação memorizada por uma pessoa que teve contato pode conter a mesma frase com relação a uma informação em particular. Por exemplo, a frase: “Agora é a hora” parece ser sinônima em vários contatos iniciais. Outros que tiveram contato com os Louros Altos receberam mensagens que iam no sentido de preparação no evento de uma súbita mudança global. Os detalhes dessa informação também são geralmente idênticos. As mensagens que os Alienígenas trazem e afetam as pessoas no fundo do seu ser é um dos aspectos mais importantes desse fenômeno. Por exemplo: muitas pessoas são especificamente informadas de que no Fim dos Tempos a região de Four Corners será uma das Terras Seguras.

## OUTROS

Desde a minha experiência em 1988 eu tive a habilidade, às vezes, de ser capaz de reconhecer outros que tiveram experiências genuínas, não apenas em óbvios eventos como conferências ufológicas, mas na minha vida diária também. Eu reconheci completos estranhos como colegas de experiência algumas vezes em bares, cafés e livrarias. Eu podia citar vários exemplos disso mas escolhi os dois seguintes para compartilhar com vocês. Nem sempre eu falo à pessoa que a reconheci, mas em todas as ocasiões em que o fiz, isso se provou ser correto.

Um dia eu fui a uma livraria em Vancouver para ver que tipo de livros estavam sendo escritos sobre Alienígenas. Eu nunca os leio, mas procurar esse tipo de livro de me dá uma ideia de que tipo de informação está sendo liberada para o público em geral. Isso me dá uma ideia de quais peças do quebra-cabeça estão sendo encaixadas recentemente. Normalmente eu só leio a capa para ter uma ideia sobre o que o livro trata.

Havia um homem que parecia ser uma pessoa da rua olhando os livros quando eu cheguei. Ele não me viu mas eu sorri, eu sabia que ele tinha tido contato com Alienígenas. Ele abaixou o livro e deu um passo para trás. Então eu peguei o mesmo livro que ele tinha tido em mãos; enquanto se afastava ele disse:

- É tudo verdade, sabia?

- Sim, eu sei - respondi olhando para ele e sorrindo.

Ele sorriu de volta, e enquanto ia saindo, disse:

- Bom! Mais uma de nós!

Nós nos reconhecemos um ao outro e estávamos ambos cientes de que não estávamos sozinhos. Nós reconhecemos o contato alienígena um no outro e o admitimos.

Outro incidente que demonstra esse reconhecimento que nós temos com outros aconteceu em outra livraria. A dois quarteirões da loja eu ouvi uma voz na minha cabeça: “Tem alguém que você vai encontrar na loja que será importante para você”.

Quando entrei na livraria eu fui olhar os livros novos que chegaram e mantive

meus olhos abertos. Eu não sabia quem eu poderia estar procurando mas mantive meu coração e mente abertos à possibilidade. Depois de cerca de meia hora vasculhando os corredores de livros eu decidi checar a seção de música e no momento em que virei a esquina, olhei para cima e lá estava ela! “Ela teve muitos contatos!” – eu pensei – “Preciso falar com ela!” Eu ficaria surpresa se ela não fosse plenamente consciente das experiências dela. “Não posso ir embora sem falar com ela!” Não apenas eu reconheci a mulher do outro lado da sala como tendo tido contatos, mas eu também sabia que era com os Louros Altos.

Agora a pergunta real era como eu começaria uma conversa com a mulher. Depois do momento inicial de reconhecimento, eu percebi que ela era uma funcionária. Quando andei na direção dela, ela me olhou, sorriu e disse olá. Seu crachá dizia “Alma”. Antes que eu tivesse tempo de pensar, entramos numa conversa sobre uma bijuteria em espiral que estava à venda. Nós descobrimos que ambas éramos atraídas para símbolos de espirais. Era uma ótima forma de iniciar uma conversa com Alma e eu rapidamente descobri que ela era muito simpática e uma mulher interessante.

Eu sabia que precisava pedir a ela para se encontrar comigo para um café, para que nós pudéssemos conversar mais – mas como eu faria isso? Eu não queria que ela me achasse estranha. Nossas conversas tocaram no assunto do Povo Hopi mas nenhuma de nós mencionou Alienígenas ou OVNI's. Nós duas tínhamos profundas conexões com a região de Four Corners e isso me ajudou a me convencer de que ela tinha tido contato alienígena.

Nós andamos até a caixa registradora e ela foi comigo encaminhar minha compra. Ela foi ousada o suficiente para dizer que achava que talvez nós devêssemos nos encontrar uma hora pra conversar. Parecia que tínhamos muitos interesses em comum. Era como uma forte linha invisível que eu podia sentir entre nós duas, nos empurrando para perto uma da outra. Eu disse que achava uma ótima ideia e que estava realmente interessada em conversar com ela também. Alma e eu trocamos números de telefone e eu a encorajei fortemente a me ligar quando fosse conveniente para ela.

Duas semanas depois de encontrar Alma, ela me ligou. Eu sabia que era para nós nos encontrarmos naquele dia. Nada podia ser mais claro quando falávamos sobre nossas vidas – rapidamente encontramos muitos paralelos. Depois de conversar por algum tempo, nós concluímos que deveríamos nos encontrar pessoalmente e finalizamos a conversa marcando um próximo encontro.

Na próxima vez que encontrei Alma nós conversamos por duas horas; uma

conversa muito interessante, o que não foi nenhuma surpresa. Eu contei a ela sobre o meu contato alienígena e ela por sua vez me contou o dela. Durante nossa conversa ela confessou que assim que me viu ela soube que eu era contatada também. Ela disse que sentiu um forte impulso de conversar comigo e não me deixar partir até que ela fizesse isso. Lá estava: a confirmação de tudo que ambas suspeitávamos inicialmente. Nós estávamos em contato com o mesmo grupo de alienígenas e nosso reconhecimento inicial disso foi o que nos aproximou.

Alma é uma ótima amiga e confidente até os dias de hoje. Ela pode ser uma nova adição à minha lista de amigos, mas é valiosa para mim. Seu conhecimento sobre os Alienígenas e sobre seu próprio espírito é extenso. Ela é uma linda alma e eu sou grata por tê-la em minha vida.

## QUEM SÃO AS PESSOAS QUE TÊM CONTATOS ALIENÍGENAS?

É importante entender que as pessoas que tiveram contato alienígena têm mais para contar do que apenas uma história de contato físico com uma raça extraterrestre. O que os Alienígenas nos deram como forma de conhecimento é a mensagem. Nós, os abduzidos, somos parte da mensagem e é hora de parar e ouvir! Todas as pessoas que eu conheço que tiveram contato físico direto com alienígenas mudaram suas vidas completamente depois do evento. Como nossas vidas mudaram? Quais são nossas crenças antes e depois do encontro? Como nos sentimos vendo os Alienígenas? Essas são apenas algumas das perguntas que vocês deveriam fazer a pessoas como eu porque pode ser que a próxima pessoa com quem isso aconteça seja você. Se os alienígenas têm de se fazer conhecidos numa escala global para a humanidade, seria bom para você, no mínimo, ter uma ideia geral de quem eles são e do que representam.

É impossível explicar intimamente os detalhes de todo conhecimento que os Alienígenas compartilharam comigo ou contar a história completa sobre a abdução e as experiências de contato com esses seres e esperar que você entenda totalmente. Você não conseguiria. Como embaixadores desses alienígenas, pessoas como eu têm um bocado de informação localizada dentro de nós mesmos. Enquanto humanos, não temos capacidade de traduzir esses conhecimentos em palavras, de forma que possa ser entendido. Essas são as dádivas deles para nós enquanto participantes nesse grande esquema.

Essa dádiva do conhecimento é a razão pela qual os abduzidos não conseguem

dar as costas aos pedidos feitos por eles. Nós entendemos por que eles estão fazendo esse pedido. O ímpeto de completar nossas tarefas específicas é quase impossível de se dizer não. É parte de quem nós somos.

Permitam-me compartilhar uma analogia da complexidade de informações passadas a mim pelos Alienígenas. No momento em que você nasce, você começa o processo de ser exposta à linguagem. No início é falada a você e, na medida em que você cresce, letras, palavras, livros e números se tornam uma parte do seu mundo. No início você não entende nada disso, mas de alguma forma você sabe que é importante. Esse processo leva anos até um dia, todas as pequenas peças dos quebra-cabeças que estiveram diante dos seus olhos desde o seu nascimento se juntam, e você começa a falar, ler e escrever. Há sempre mais para aprender, é claro – línguas, estilos de escrita, etc. Toda a informação que você já precisou estava bem ali na sua frente. Você só precisava de tempo para aprender as chaves e colocar tudo junto.

Assim é com o contato físico com alienígenas. As chaves para um conhecimento interior e uma compreensão que está muito além do que quaisquer palavras poderiam explicar nos é dada. Levaria vidas para aprender todas as linguagens do mundo. É como se os Alienígenas dessem a pessoas como eu todas as línguas do mundo em uma só visita. Então quando nos perguntam sobre o que nos foi dito é geralmente inexplicável. Tudo o que nós podemos fazer é tentar explicar a informação em um panorama geral.

Nós abduzidos e contatados não temos, entretanto, todas as respostas. A cada um de nós são dadas específicas tarefas para ajudar a humanidade avançar espiritual e emocionalmente. Nós todos recebemos uma educação básica sobre discernimento e compreensão Universal. A partir daí cada um de nós recebeu instruções de acordo com a área na qual precisamos completar nossas tarefas. Um pode saber sobre tecnologia enquanto outro não sabe nada sobre tecnologia mas sim sobre mapas estelares e cura. Por essa razão você nunca deveria se permitir ser guiado cegamente pela ideologia de qualquer pessoa a respeito da vida, de religião ou de contato alienígena. Todos nós somos instruídos de forma diferente e não temos todas as respostas. Nós ainda somos humanos e também suscetíveis aos nossos próprios erros de interpretação. Eu constantemente me questiono sobre cada aspecto desse fenômeno e peço a você que faça o mesmo comigo ou com qualquer um que você pesquise.

Eu, e pessoas como eu, temos um certo nível de entendimento que ajuda no processo de conscientização de certas coisas que a humanidade nem sempre pode ver. Nós aprendemos que tudo o que fazemos coletivamente afeta outras

dimensões e mundos e essa responsabilidade deveria ser levada muito a sério. Essa é uma das mensagens alienígenas.

A maioria das pessoas que tiveram contato físico direto com Alienígenas escolherá não falar a respeito publicamente. Elas têm de se preocupar sobre serem ridicularizadas pelo público em geral. Nós talvez sejamos seus colegas de trabalho, seus vizinhos – talvez até seu melhor amigo. Talvez você nos conheça há anos e nunca suspeitou nada de extraordinário. Nós devemos manter nosso sigilo para proteger nossa capacidade de coexistir nesse mundo.

Se, e quando, a hora de os Alienígenas tornarem sua presença conhecida para a humanidade em uma escala global chegar, nós somos as pessoas que sairão das sombras para nos tornarmos intermediários entre os humanos e os alienígenas. Não tenha medo de nós. Dê-nos a oportunidade de falar; é por isso que todos temos esperado.

Embora sejamos embaixadores da mensagem alienígena, não somos perfeitos. Ainda estamos vivendo em um corpo humano num mundo físico e temos livre-arbítrio. Estamos aqui para aprendermos nossas próprias lições como todo mundo. Apenas temos uma visão diferente sobre a vida e estamos esperando para compartilhá-la com o mundo; quando for a hora e quando o povo da Terra estiver pronto para ouvir, nós, os abduzidos e contatados, nos levantaremos juntos sem medo do ridículo e compartilharemos nosso conhecimento com vocês, livremente e abertamente.

## MEU PAI

Foi no começo dos meus contatos que eu soube, só de olhar para certos aspectos do fenômeno, que meu pai deve ter tido, ele mesmo, contatos. Os padrões que eu vi em mim mesma, assim como nas pessoas que vieram para os encontros do grupo de contatados em 1990 sempre me faziam pensar no meu pai. No dia seguinte ao que fui levada da rodovia, eu já suspeitava do envolvimento dele.

Havia muitas razões pelas quais eu sentia que os meus contatos tinham a ver com algo que teve início com o meu pai e depois passou para mim. Meu pai sempre falou sobre o fim do mundo como se fosse uma obsessão. Ele parecia meio paranoico, sempre alegando que as pessoas o estavam observando. Ele falava sobre habilidades de sobrevivência e demonstrou ter percepções

extrassensoriais diversas vezes. Com frequência ele falava sobre ter genes especiais, quando comparado a outras pessoas, e nossa linhagem familiar aparentemente tinha esses 'genes especiais' também. Quando éramos crianças ele nos falou que fomos 'criadas', não simplesmente nascidas. Era uma coisa assustadora de ouvi-lo discorrer a respeito quando éramos crianças.

Esses indicadores do envolvimento do meu pai podem parecer insignificantes mas eles são um vislumbre do meu raciocínio depois da minha abdução na rodovia. Depois que comecei a falar com as pessoas nos grupos de abduzidos, eu rapidamente percebi que podia estar certa, pois outros sabiam que seus contatos envolviam sua história familiar. Era claro durante esses encontros que todos nós suspeitávamos, ou sabíamos de fato, que o contato retrocedia à nossa linhagem familiar. Havia alguns de nós que se lembrava de ter começado a ter contatos com aproximadamente cinco ou seis anos e a partir daí, a cada seis anos.

Outra razão pela qual pensei que ele pudesse ter contato era porque algumas das pessoas que eu conheci que disseram que tiveram contato eram loucas. Elas não integraram as informações dos Alienígenas muito bem, e como resultado, não se encaixaram de volta na sociedade facilmente após suas experiências. Ao invés disso, as informações que elas receberam parecem tê-las deixado completamente paranoicas, fazendo com que elas se tornassem totalmente confusas. Elas não conseguiam mais ver a linha entre a realidade e a imaginação, permitindo que a última tomasse conta. Apesar dos meus estranhos encontros, eu primeiro tentei encontrar uma explicação lógica para tudo; daí, e somente então, eu suspeitava ou confirmava envolvimento alienígena.

Durante meu tempo com os Alienígenas em 1988 eles me disseram que eu era parcialmente deles. Eles disseram que tinham tido parte na minha criação especificamente. Pelo discurso inflamado do meu pai e sua reação ao lhe contar sobre minha experiência na rodovia, eu acredito que exista uma forte possibilidade de que seja uma híbrida dos Alienígenas Louros Altos. Afinal meu pai disse que os via frequentemente na época do meu nascimento. Foi quando ele disse que eles estavam à sua volta constantemente e não o deixavam sozinho. Isso poderia ser os Alienígenas o visitando ou poderia ser por minha causa.

Quanto a quem são meus pais biológicos: não há nenhuma dúvida de que eu sou filha de ambos os meus pais pois tenho características genéticas físicas específicas de ambos. Por essa razão eu acredito que os Alienígenas possam ter alterado meu DNA de alguma forma depois da concepção inicial.

Minhas mais recentes conversas com meu pai com relação aos contatos

alienígenas provaram ser quase infrutíferas. Ele se recusa a me dar mais informações do que ele já tinha dado. Os pequenos comentários que ele fez dão a entender que ele sabe muito mais do que está disposto a falar.

Uma vez, enquanto eu falava com ele, ele fez uma pausa e segurou a respiração. Ele soltou um pequeno sorriso e disse:

- O governo tem medo de você. Eles acham que você é uma deles.

Eu perguntei a ele, sabendo muito bem o que ele queria dizer, mas eu queria que ele dissesse!

- O que você quer dizer?

- Eles pensam que você é um extraterrestre, não uma humana, você até parece com eles, é por isso que eles estão com medo de você. Você precisa ter cuidado. Você não deveria se envolver. Irá arruinar sua vida e eu não quero isso para você. É o único conselho que posso te dar.

Por hora eu devo me contentar com o que ele me contou e ter esperança que no futuro ele esteja disposto a me contar mais se ele souber algo importante ou interessante sobre os Alienígenas ou sobre mim.

## CONTANDO A MINHA MÃE E IRMÃS SOBRE A MINHA ABDUÇÃO

Cada membro da minha família reagiu de um jeito que eu não esperava quando inicialmente contei a elas sobre meu encontro da rodovia. Eu acho que contar as reações delas pode ajudar amostrar como esse fenômeno tocou cada uma delas, assim como me afetou.

### 1989

Tirei um tempo para mim para encontrar coragem de contar às minhas irmãs sobre o meu contato alienígena na rodovia. Eu tinha que assimilar a experiência por mim mesma, a princípio, e depois eu precisava de um plano para dar início à conversa. Como eu não tinha dinheiro para comprar uma passagem

de avião ou para dirigir até Cranbrook, eu sabia que a única opção era conversar com minhas irmãs por telefone. Durante minhas conversas com Janice e Carol eu pedi a elas que não contassem nada nem ao meu pai nem a minha mãe, pois eu queria explicar a eles pessoalmente.

Depois de uma longa conversa ao telefone, em ligações separadas, as respostas tanto de Janice como de Carol me chocaram. Ambas começaram a chorar e dizer a mesma coisa para mim: “Você não é minha irmã! Você é um alienígena! O que você fez com minha irmã?” Foi complicado acalmá-las e convencê-las de que eu era, de fato, a irmã delas. Essa é uma reação muito estranha, mas não completamente sem razão.

No dia depois do encontro na rodovia, eu tinha mudado tanto que todos ao meu redor estavam preocupados. Eu cresci sem nenhum conceito sobre guias espirituais, viagem astral, outras dimensões, ou outras coisas de natureza religiosa ou espiritual. Eu cresci com habilidades psíquicas mas não compreendia bem do que tratava.

No dia seguinte à minha abdução, minhas habilidades psíquicas estavam a pico e meu conhecimento e entendimento de todas as coisas espirituais foi subitamente ampliado. Tão ampliado que de fato foi como se eu tivesse tido acesso ao outro lado. Eu permaneci nesse estado por um período de dois anos após o meu encontro em 1988. Parecia que durante a noite eu tinha longos períodos de estudo de todas as coisas relacionadas à vida espiritual localizada dentro de mim. Era extremamente difícil viver em sociedade normalmente com aquela quantia de lucidez, mas por fim tudo se acalmou, permitindo que eu assimilasse melhor todas as informações que me foram dadas. Aquele acesso permanece até os dias de hoje num certo nível, mas diminuiu desde o meu contato inicial. Algumas pessoas até mesmo acharam que eu parecia diferente depois do meu contato na rodovia.

Minhas duas irmãs perguntaram se por acaso eu me lembrava de elas terem sido levadas pelos Alienígenas, e eu disse que não tenho memórias claras disso ter ocorrido. Quando eu tinha quatro anos Janice estava comigo quando eu saí de casa para ir até os Alienígenas no campo do fazendeiro, mas eles a mandaram de volta para nossa casa – ela não veio conosco. Janice é mais intuitiva do que a média das pessoas e Carol também tem habilidades intuitivas excepcionais. Carol também tem algumas lembranças que podem indicar que ela tenha sido levada em algum momento. Ela tem uma clara lembrança de olhar para fora através de um vidro de algum tipo de nave como se estivesse sendo elevada para o alto e então mais alto sobre a Terra. A lembrança permaneceu em sua memória

consciente por toda sua vida. Ela afirma que parece uma experiência real, que a deixa com uma sensação temerosa, como um presságio.

Eu suponho que se o contato alienígena tem a ver parcialmente com um programa genético extraterrestre, então seria compreensível que tanto Janice quanto Carol tenham tido algum tipo de contato por si mesmas. Não há muito para validar essa alegação, entretanto, ainda assim ela não deveria ser completamente eliminada.

## CONTANDO PARA MINHA MÃE

Eu não queria contar para minha mãe sobre as minhas experiências em uma ligação telefônica, eu sentia que deveria contar a ela pessoalmente. Eu achava que talvez, só talvez, ela pudesse jogar alguma luz sobre o assunto. Por essa razão eu decidi viajar para Cranbrook. Afinal, talvez ela tivesse sido levada também. Se eu sou parcialmente alienígena, como eles me disseram ser, então minha mãe deve ter sido implantada em algum momento. Talvez ela tivesse alguma memória obscura ou estranha do evento.

Enquanto viajava para casa, tentei planejar o momento em que contaria para ela. Eu estava muito nervosa sobre contar minha história pois estava preocupada sobre como minha mãe iria reagir. Depois de dois dias de visita eu finalmente encontrei o momento certo para falar com ela sobre as minhas experiências. Era início da noite e eu sentei no chão atapetado em frente a ela que estava numa poltrona grande. Como sempre eu pedi a ela que permitisse que eu terminasse de contar minha história antes de começar a fazer perguntas, pois isso tornava mais fácil explicar.

Quando eu terminei de falar, a reação dela foi bem calma, considerando o assunto em questão. Eu sempre vi minha mãe como uma estudante de Filosofia. Como ela era bem instruída nessa matéria e em ciência, a maioria das perguntas dela tentava averiguar o que os Alienígenas me disseram. Quando contei a ela um pouco da filosofia que os Alienígenas me passaram, ela estava em choque. Minha perspectiva e entendimento da vida tinham mudado completamente. Em um determinado momento durante nossa conversa filosófica, ela perguntou se eu meditava; claro que minha resposta foi sim. Então ela me pediu para demonstrar como eu fazia isso. Eu não entendi porque ela estava tão interessada em como eu meditava, mas fiquei feliz em falar para ela tudo o que ela me perguntava para ajudá-la a aceitar e entender tudo o que eu estava contando.

Sentei no chão e curvei os pés para dentro na posição padrão de meditação; coloquei minhas mãos nos joelhos e fechei meus olhos. Visualizei-me inalando luz branca, exalando luz branca. Sentei nessa posição por não mais do que dois minutos, e enquanto minha mãe assistia, eu podia me sentir mudando. Meu corpo começou a formigar e eu senti como se uma capa sobre o meu corpo caísse, expondo meu verdadeiro eu.

Foi naquele momento que minha mãe gritou:

- Quem é você? O que você fez com minha filha?! Você não é minha filha – você é um alienígena!

Eu pulei e a segui enquanto ela descia para o hall em direção ao banheiro, chorando. Ela estava claramente com medo de mim e gritava para que eu me afastasse dela. Quando finalmente consegui acalmá-la eu perguntei por que ela estava assustada.

- Você não é minha filha, eu vi você mudar em frente aos meus olhos! Você nem se parece com minha filha!

Eu levei meia hora para convencê-la de que eu ainda era a filha dela e não um alienígena. A verdade era que os Alienígenas haviam me dito que eu vinha, em parte, deles então talvez eu fosse uma alienígena no fim das contas. Eu com certeza não iria contar essa informação à minha família! Finalmente perguntei a ela como eu me parecia quando estava meditando. Sua descrição não era nada nova para mim já que houveram várias pessoas no passado que me observaram meditar e viram a mesma imagem de uma mulher aparecer na frente deles. Eu aparecia como uma mulher alta com cabelos louros fluidos e olhos azuis brilhantes vestindo um longo robe branco.

Contar a minha família sobre essas experiências era muito difícil para mim. Quando finalmente lhes contei eu fiquei um tanto surpresa com as reações deles. Embora eles parecessem chateados, nenhum deles me disse que eu estava louca. Todos acreditaram em mim na época. A crença deles na minha história vai e volta até os dias de hoje. Eu acredito que seja por medo. Afinal, se tudo o que disser for verdade, então eles têm de aceitar que o mundo não é de forma alguma o que parece ser. Até os dias de hoje eles me apoiam e me encorajam a seguir meu espírito para encontrar a verdade das minhas experiências e meu envolvimento nesse fenômeno.

Eu devo admitir que minha mãe não tem nenhuma lembrança de ver

qualquer coisa estranha. Ela entretanto assiste todos os programas sobre ufologia na TV e ouve programas de rádio sobre UFOs. A única pista que achei que pode ser relevante é o medo que ela tem de voar. De alguma forma só de pensar em voar a aterroriza. Novamente, isso é somente pura especulação de que possa estar de alguma forma conectado.

## A LEMBRANÇA DE JANICE

O encontro quando eu tinha quatro anos é uma importante peça no quebra cabeças dessa história. São memórias dessa idade que voltaram em enxurrada depois do meu encontro na rodovia. Levaria quinze anos desde a data da minha abdução até que Janice recuperasse completamente a mesma memória. Foi isso também que me fez percorrer um círculo completo, de volta a minha cidade natal, onde tudo começou.

Um dia eu estava visitando minha mãe em Cranbrook em 1989 quando Janice apareceu. Nós três nos sentamos para conversar falando sobre o que tinha acontecido comigo, tentando compreender. Eu perguntei a Janice se ela por acaso se lembrava de alguma coisa estranha da nossa infância. Imediatamente ela disse: “Eu me lembrei de que havia algumas luzes estranhas acima do galpão. Você estava lá, lembra?” Eu me lembrava e disse isso a ela, e perguntei o que mais ela se lembrava. Ela respondeu: “Nada, eu só me lembro de ver as luzes em cima do galpão”. Eu sabia que não poderia expandir a memória dela, era importante permitir que ela se lembrasse sozinha, ou ela talvez nunca acreditasse que era uma lembrança dela mesma e não minha.

Meses se passaram depois de eu ver minha família. Eu realmente queria falar com Janice novamente sobre aquela noite quando nós éramos crianças. Eu estava falando com ela ao telefone quando perguntei novamente sobre o incidente, só mencionando os detalhes que ela já havia fornecido. Janice disse que eu devia estar enganada. Ela não se lembrava de ver nada e achou que eu estava me confundindo. Eu não a forcei, entendendo que era uma memória que havia emergido brevemente só para em seguida retornar para o inconsciente.

Por quatorze anos a memória de Janice ressurgia de tempos em tempos. Eu começava a conversa do mesmo jeito todas as vezes, perguntando se ela se lembrava de ter visto alguma coisa estranha. Na medida em que os anos passaram, ora ela se lembrava de mais detalhes do incidente, ora esquecia tudo completamente.

## 2004

Em 2004 Janice me ligou de Cranbrook, onde ela estava indo à escola naquela época. Ela me perguntou se poderia usar o incidente em que nós duas vimos o UFO acima do galpão em uma curta história que ela tinha de escrever para a aula que estava tendo. Eu disse que por mim tudo bem. Ela estava feliz por ouvir isso porque ela já tinha escrito três quartos e queria ler para mim. Depois que ela terminou de ler em voz alta eu pedi a ela verbalmente para me contar o resto da história. Quando ela terminou eu disse para ela: “Já era hora de você finalmente lembrar a história inteira. Talvez agora que você tenha escrito, dessa vez você não esqueça”. Ela me perguntou do que eu estava falando. Então nós falamos sobre o que aconteceu naquela noite quando éramos crianças e eu disse a ela que ela tinha se lembrado e esquecido tudo aquilo ao longo dos anos, e que eu estava esperando ela se lembrar da história inteira, sem minha influência. Foi incrível, mesmo para mim, os detalhes com que ela se lembrou daquela noite! Ela também estava surpresa de ouvir que era exatamente como eu me lembrava. Nós tínhamos a mesma exata lembrança.

Na mesma semana, depois que ela terminou de escrever a história, ela a leu para mim novamente. Eu achei engraçado que entre a vez em que ela me contou a história verbalmente e quando terminou de escrever, ela esqueceu a bola de luz azul que enviou um raio de luz para a cabeça dela. Quando ela recontou a história que tinha se lembrado na semana anterior, ela logo voltou ao antigo modo e esqueceu o detalhe.

Depois de Janice finalmente recordar esse contato, eu decidi contar a ela sobre o presente que os Alienígenas tinham me dado. Para o meu espanto, ela se lembrava. Quando ela me contou onde estava, mais uma vez eu tive confirmação de que as coisas que eu estava me lembrando eram reais! Janice tinha uma clara lembrança de eu ter embrulhado o presente em um pedaço de pano branco antes de colocá-lo no chão. Eu não disse nada a ela sobre onde estava ou a respeito do pano, mas ela sabia sobre ambos. Ela disse que eu falei para ela que ela não tinha permissão de tocá-lo e que nós tínhamos de ter certeza de que nosso pai não o encontraria! Quando eu perguntei a ela que aparência tinha o objeto, sua memória era muito similar a minha. A descrição dela estava muito próxima do que eu me lembrava em termos de formato e tamanho. Quando nós pensávamos sobre o objeto, ele evocava a mesma imagem visual e associação com outro objeto, um dominó.

Janice também disse que se lembrava de contar ao nosso pai sobre a nave e

o orbe no dia seguinte àquele em que fui levada em 1970. Ao que parece ele riu e achou muito engraçado; ele disse que algo deve ter dado errado, pois não era para ela ter estado lá! Estranha resposta para um pai cuja filha tinha acabado de ser levada pelos Alienígenas! Eu não tenho lembrança dessa reação dele.

## MUDANDO O MEU SANGUE

A memória de meu sangue ter sido trocado quando eu tinha quatro anos era algo que os Alienígenas não queriam que eu dissesse às pessoas durante muito tempo; não tenho certeza do porquê.

Meu cunhado faleceu em abril de 2000. Poucos meses depois eu ainda sentia sua presença. Um sábado eu notei um anúncio num jornal sobre uma feira mística. Decidi checar. Sendo uma médium eu mesma, andei pelo local para ver se eu captava uma boa vibração de alguém. Na minha primeira volta escolhi uma mulher de cabelos louros de trinta e tantos anos e na segunda fui até ela para ver se ela queria me fazer uma leitura. Isso não é algo que eu normalmente faço, mas nesse dia em particular eu me senti compelida a fazê-lo.

Assim que andei até ela, ela me fez sentar para dar início a leitura. Antes que eu me acomodasse, ela me disse que alguém que tinha recentemente falecido estava ao meu lado. Eu sabia que meu cunhado estava andando comigo naquele dia. Ela acrescentou que achava que era meu irmão, mas eu lhe contei que ela estava captando meu cunhado. Nesse ponto eu sabia que ela era uma verdadeira médium.

A mulher então usou cartas de Tarot para me fazer uma leitura. Nada de significativo me foi dito até aquele momento. Então ela pôs as cartas de lado e pegou ambas as minhas mãos e as virou para cima para ler as palmas. Segurando minhas mãos, ela de repente ela as soltou e disse:

- O que era aquilo? Eu vi vários médicos ao redor de você quando você era criança. Eu vi tubos saindo dos seus braços. Tem algo errado com seu sangue?

Eu soube na hora que ela estava captando algo real e sabia também que os Alienígenas não queriam que ela visse mais nada! Tentei mudar de assunto, mas ela pegou minhas mãos novamente, dessa vez segurando mais forte.

- Eles estão trocando o seu sangue! Por que eles estão trocando o seu sangue?

Eles, eles não são médicos – eles são extraterrestres! Por que eles estão fazendo aquilo?

Ela estava tremendo e a voz aturdida. Ela estava claramente abalada pela imagem e largou minhas mãos abruptamente.

- Uau! Eles não querem que eu veja isso! Eu perguntei para eles o que eles estavam fazendo e eles me disseram que não é da minha conta e me falaram para parar de procurar!

A mulher estava abalada pela visão e rapidamente encerrou a sessão. Eu soube no momento em que ela me perguntou por que havia médicos ao meu redor que eram os Alienígenas que ela estava vendo! Eu nunca mais vi essa mulher. O incidente que ela estava captando ocorreu quando eu tinha quatro anos. Ela estava vendo claramente a memória que eu tinha dos Alienígenas trocando meu sangue.

As lembranças de o meu sangue ser trocado quando eu era criança foram confirmadas por uma completa estranha. Essa foi mais uma coisa me dando confirmação de que todas as minhas lembranças daquela experiência aos quatro anos foram reais e a completa verdade.

## CLONES

Há tantos aspectos da Ufologia que é impossível abordar a todos. Em minhas experiências eu descobri que muitas delas são tão estranhas na superfície que é difícil às vezes para as pessoas acreditarem que elas sejam verdadeiras. Uma dessas experiências tem sido com os homens que eu chamo de clones.

Quando eu falo para as pessoas sobre esses homens, eu frequentemente tenho mais perguntas do que respostas. Eu não sei quem eles são, mas o que eu sei é como eles afetaram minha vida. A pergunta que importa é “Por que eles permaneceram em minha vida por um período de tempo tão longo? Por que eu sou do interesse deles?” Talvez eu nunca saiba as respostas para essas perguntas.

Faz anos que não vejo Bill nem John. Eles desapareceram em 1991 depois que eu comecei a questionar quem eles eram e para quem eles realmente trabalhavam. Seth foi o último clone a entrar na minha vida. Ele nunca falou comigo sobre nada fora do comum; ao contrário, nós falávamos sobre coisas normais,

mundanas. Depois que sai do meu emprego no café, ele ainda aparecia de vez em quando; eu esbarrava nele na rua ou em uma livraria. Ocasionalmente ele vinha até o meu novo local de trabalho. Pelos doze anos seguintes, toda vez que eu marcava um voo para qualquer lugar, eu o encontraria dentro de uma semana após ter marcado o voo.

Uma vez eu contei para o rapaz que estava namorando toda a história sobre esses clones quando estava marcando um voo para visitar minha família. Eu disse que só encontrava Seth na semana seguinte após ter marcado algum voo; claro que meu namorado não acreditou em mim. Dois dias depois meu namorado veio me pegar no meu apartamento. Ele me pediu para esperar na frente do lado de fora para ele não ter de estacionar o carro e nós podermos logo partir. Eu fui para fora esperar e... sim, lá estava Seth me perguntando sobre quaisquer viagens que eu poderia vir a estar fazendo.

Eu claramente me lembro de uma ocasião onde eu estava esperando encontrá-lo, após ter marcado um voo de férias. Eu estava descendo a Rua Granville a caminho do cinema. Havia muito tempo até que começasse a sessão, então eu caminhava vagarosamente, olhando as vitrines. Fazendo isso notei o reflexo de Seth no vidro. Ao invés de me virar, eu andei ainda mais devagar e fiquei de pé um longo tempo em frente à próxima vitrine para ver se ele passaria por mim. O que ele fez me chocou! Ele olhou diretamente para mim, parou e então se virou como se estivesse olhando alguma coisa. Isso levou cerca de 8 minutos. Era claro que ele estava esperando que eu o percebesse já que não havia dúvidas de que ele estava me seguindo. Paranoia? Eu acho que não. Era ridiculamente claro para mim o que ele estava fazendo: ele estava me seguindo, esperando por uma oportunidade de esbarrar em mim sem que parecesse ser algo fora do normal.

A última vez que eu vi Seth foi em 2003, logo depois que voltei da viagem ao Arizona com Carrie. Pela primeira vez, eu não o tinha visto como costumava antes de partir. Ao invés disso nós nos esbarramos dois dias depois do meu retorno para casa. Ele me disse que tinha estado fora da cidade por algumas semanas. Acho que isso explica o porquê de não tê-lo visto antes de viajar com Carrie. Ele me perguntou se eu tinha viajado para algum lugar nas férias. Eu disse a ele que não, porque eu queria ver sua reação. Então ele fez um comentário muito interessante:

- Hoje está um dia lindo, está tão quente – é quase como estar no deserto. Você já esteve no deserto, Miriam?

Ele tinha um olhar muito estranho no rosto depois da pergunta. “Uau – pensei –

isso foi sutil!”

- Sim – eu falei – eu estive em Tucson anos atrás e amei.

Ele devia saber que tinha acabado de voltar do Arizona. Por que outro motivo ele faria o comentário sobre o deserto? Ele forçou a pergunta indagando se eu havia estado lá mais recentemente. Então ele falou sobre como era quente lá nessa época do ano. Talvez ele achasse que eu iria ceder e falar com ele sobre minha viagem. Nós terminamos nossa conversa e mais uma vez eu fiquei me perguntando quem ele era e porque ele estava lá conversando comigo.

Eu liguei para Janice depois de ver Seth para contar a ela sobre o incidente. Ela achou muito interessante ele falar sobre o deserto comigo. Jurei a Janice que a próxima vez que eu o visse eu o confrontaria diretamente. Infelizmente eu nunca mais o vi. Nas duas últimas vezes que o encontrei, eu havia mentido para ele para ver como ele reagiria. Talvez tenha sido porque eu não estava mais sendo sincera com ele que ele tenha achado que não valeria mais a pena continuar mantendo contato comigo. Talvez ele soubesse que da próxima vez que eu o visse, eu o confrontaria. Quem sabe? É só mais uma pergunta na lista.

A única vez em que eu me lembro de encontrar Seth sem ter marcado uma passagem de avião foi quando agendei uma cirurgia para um pequeno problema de saúde. Ele disse olá e então perguntou como eu estava. Então ele me disse que eu não parecia bem e perguntou sobre minha saúde. Eu parecia bem, então não havia sentido para o comentário dele. Novamente quando a conversa terminou fiquei me perguntando quem ele era.

## PREOCUPAÇÕES FAMILIARES

Em anos recentes eu tive conversas com meu pai com relação a esses contatos alienígenas. Em cada conversa eu peço a ele para me contar tudo o que ele sabe sobre eles. Suas reações sempre me deixam ainda mais confusa. Desde o começo, em todas as conversas que nós tivemos ao longo dos anos, ele me disse para não me envolver com os Alienígenas. Ele também me disse para não contar a ninguém sobre eles.

- Eles destruíram minha vida e eu não quero que isso aconteça com você. Tenha cuidado, estou dizendo para você ter cuidado. Se você fizer o que eles lhe pedem para fazer, isso pode destruir você – ele disse.

Esses são alguns dos comentários que meu pai fez em nossa última conversa em 2006. Eu disse que sabia que ele estava guardando para si o que sabia. Sua reação às minhas desconfianças era olhar para mim, sorrir e não dizer uma palavra. Eu acho que a maior preocupação dele é a respeito da ridicularização que eu sofrerei por admitir que tive contatos com alienígenas.

Minhas irmãs e minha mãe apoiam o caminho que tenho seguido com relação aos Alienígenas, na maior parte do tempo. Elas me encorajam a escrever esse livro, mas não sem seus próprios avisos. Elas também têm preocupações de como isso irá afetar a minha vida e como lidarei com as críticas que se seguirão à publicação da minha história. Ao longo dos anos, minha maior preocupação tem sido com relação a ridicularização que minha família possa ter de suportar por causa das minhas experiências.

Desde 1988 minha vida mudou muito. Como poderia não mudar depois do que eu experimentei? Meu conhecimento me guia em quase todas as minhas decisões: de quem são meus amigos a quem eu irei namorar.

## A PERGUNTA FINAL

Ao recontar minhas experiências nesses anos eu passei por todas as emoções possíveis, incluindo negação, raiva e por fim aceitação. No começo de minhas abduções, ETs não faziam parte da cultura de massa – bem ao contrário disso na verdade. Era difícil encontrar informações sobre esse assunto e ainda mais difícil encontrar pessoas que tinham qualquer conhecimento sobre eles. Na época do meu despertar em 1988 levou nove meses para eu conhecer alguém que soubesse algo sobre o assunto. Olhando em retrospecto, sou grata por não ter sido algo tão comum como é hoje. Se eu tivesse a mesma experiência hoje, eu questionaria se minhas lembranças eram reais ou imaginárias. Com tudo que vi e experimentei eu não questiono se nada foi real ou não: eu sei que tudo é verdade. Ninguém nunca me convencerá do contrário.

Questione tudo e não exclua nada, é nisso que eu acredito. Ouça seus valores e seus instintos. Enquanto a mensagem que os Alienígenas me passarem for de paz e compaixão, eu continuarei a ouvir e ser grata por eles em minha vida. Eles são os Zeladores desse mundo e eu sou grata por sua presença.

Eu sei que muitas pessoas irão ler isso e desejarão acreditar que pessoas como eu são esquizofrênicas. Garanto-lhe que não é o caso. Embora eu tenha

escrito que falo com eles em minhas mente e os ouvi falar comigo, isso não ocorre de forma alguma diariamente, semanalmente ou mensalmente. Apenas em raras ocasiões, sou abençoada de ouvir suas vozes, como na experiência que compartilhei com vocês que ocorreu na piscina em Laughlin, Nevada. Embora eu possa contatá-los através da meditação, isso não é a mesma coisa que eles me contatarem com suas vozes ressoando aqui no mundo físico. É um verdadeiro desafio explicar para aqueles que não tiveram essa experiência, como nós nos comunicamos.

Existem tantos aspectos desse fenômeno que é impossível explicá-los todos em um só livro. Tente não focar em somente um aspecto desse fenômeno, pois a diversidade te dará uma compreensão mais clara do que está de fato acontecendo no mundo hoje. Sua lista de perguntas nunca irá diminuir; ao contrário, ela sempre aumentará. Quando uma peça do quebra-cabeça se encaixa, há outras dez esperando para encontrarem seu lugar – tente não deixar isso desencorajá-lo. Cada pessoa parece ter diferentes respostas para as peças desse grande quebra-cabeça. Manter uma mente aberta é uma das chaves para encontrar respostas para o que é possivelmente a maior pergunta da história da humanidade:

**QUEM SÃO OS ALIENS E QUEM SOMOS NÓS?**

# As Mensagens

Se eu fosse contar a vocês as mensagens que os Alienígenas me deram em toda sua extensão, esse seria o livro mais longo do mundo. Minha intenção e tarefa é ajudar a instruir as pessoas desse mundo que os Alienígenas existem e preparar o mundo para um possível evento global no qual os Alienígenas tornarão sua presença conhecida para a humanidade.

## ADVERTÊNCIAS SOBRE UM POSSÍVEL FUTURO

Os Alienígenas me deram avisos sobre um futuro possível no qual o planeta e/ou a raça humana enfrentará destruição. Eles me pediram para contar a vocês qual o papel que eles desempenharão se nós estivermos ameaçados como espécie ou se houver uma ameaça ao próprio planeta. É uma mensagem pacífica e positiva.

“Um dia uma estrela aparecerá no céu para todos os homens a vejam. Nada nem ninguém conseguirão esconder sua presença do mundo. Ela será um sinal para as pessoas de que o fim está próximo e que é tempo de se preparar.”

Os Alienígenas me deram, assim como a muitos outros no mundo todo, essa mensagem. O que eles nos pedem é que contemos ao mundo que no Fim dos Tempos nós poderemos não apenas sobreviver, mas também prosperar nos dias vindouros. Eles falaram de um futuro no qual haverá paz e harmonia no mundo. Eles disseram que no próximo mundo haverá um nível de consciência espiritual maior e nós veremos mais claramente as conexões entre o passado, o presente e o futuro.

## ONDE E QUANDO ESSA TRANSFORMAÇÃO ACONTECERÁ?

Nós estamos nos primeiros estágios dessa mudança. Tudo o que você precisa fazer é ouvir as notícias na TV, no rádio ou ler um jornal para saber que o mundo é um lugar muito diferente do que era há poucos anos atrás. As mudanças na Terra são uns dos sinais de que o fim está próximo. Enchentes, secas, tornados, terremotos, erupções vulcânicas, incêndios e guerras – dê o nome que preferir – a Terra está nos mostrando seu desgosto pela forma como estamos escolhendo viver.

Essas mudanças da Terra causam preocupações em países individualmente com relação à sua estabilidade. Como eles alimentarão seu povo? Como eles manterão a abundância material que atualmente têm? Como eles sobreviverão se outro país lhes fechar o suprimento de produtos? Se a questão for combustível ou comida, o problema é o mesmo.

Nos países onde os suprimentos de comida já são baixos e há seca e fome, nosso futuro próximo já é aparente. Tudo o que nós precisamos fazer é olhar para as pessoas que já começaram a matar uma à outra por causa de suprimento de comida para ver como o resto de nós será forçado a se tornar a menos que façamos mudanças drásticas hoje.

Nós como raça humana não podemos continuar a nos reproduzir e a consumir do jeito que temos feito sem destruir a nós mesmos. Quanto tempo mais poderemos continuar a ser consumidos pela ganância e pela decadência? Em uma vida nós quase despojamos o planeta de seus recursos preciosos.

## SE HOVER UMA CATÁSTROFE NO PLANETA VOCÊ PRECISA SABER COMO CUIDAR DE SI MESMO

Digamos, por um momento, que uma grande erupção solar atinja a Terra e destrua toda eletricidade. Como você vai se manter aquecido? Que comida você vai comer quando as prateleiras das lojas estiverem vazias? Combustível não estará disponível porque as bombas precisam de energia elétrica para funcionar. Sem energia elétrica o mundo pára de funcionar. De onde virá sua água limpa?

E se houver uma Guerra nuclear? Você sabe como sobreviver? Você sabe o que fazer no evento de uma bomba nuclear? Você está atualmente vivendo em uma área segura?

Como você irá se proteger do pandemônio que tomará conta de tudo? Você sabe construir um abrigo, caçar comida, plantar comida, coletar sementes, encontrar água e permanecer saudável?

Os Alienígenas querem que o mundo saiba que eles estão lá fora observando; eles estão sempre perto para poder nos proteger de nós mesmos. Eles explicaram que se aqueles que estão no poder colocassem em movimento ações que destruiriam o planeta, eles interviriam para fazê-los parar. Seria uma das formas pelas quais eles se farão conhecer para as pessoas em massa. Eles não hesitarão em parar quaisquer ações que coloquem o planeta em risco. Embora eles sejam passivos

e de forma alguma violentos, eles tomarão medidas violentas se for sua única opção restante para proteger o planeta de danos irreparáveis.

Se ocorrer um evento que mude a paisagem da Terra – tal como uma guerra ou o impacto de meteoros – talvez eles estejam lá para ajudar. Eles talvez tomem a decisão de dar um passo à frente e ajudar as pessoas desse planeta se um evento de proporções globais ocorrer que ameace o ecossistema aqui da Terra. Não entenda isso de forma equivocada, como se eles tomassem conta de nós. Esse não é de forma alguma o caso. Eles estão aqui para ajudar a preservar o planeta e possivelmente alguns de seus habitantes.

Ficou bastante claro para mim que somente os que tiverem muita força de vontade irão sobreviver a uma catástrofe global. Embora os Alienígenas não nos protegerão, eles poderão escolher ajudar alguns de nós. Eles fornecerão sementes a algumas pessoas. Essas sementes são tudo o que precisamos para sustentar nossas vidas e viver em harmonia com a Terra e viver uma existência mais simples. Por favor, não interprete a mensagem erroneamente. Eles não são contra o uso de tecnologia. Eles pedem para que nós a utilizemos responsavelmente sem danificar a Terra.

## ONDE ESTÃO AS TERRAS SEGURAS?

Você está na área certa? Foi-me dito que no Fim dos Tempos a área de Four Corners nos Estados Unidos será uma das Terras Seguras. Eles deixaram muito claro que esse é apenas um dos lugares no planeta que será uma zona de segurança. Há uma área segura para cada região da Terra. Por “segura” eles querem dizer, protegida por eles.

De forma alguma isso significa que você deve arrumar suas coisas e se mudar para essa área agora. Se você não for uma das pessoas que devem ir para essa área, os Alienígenas irão removê-lo de lá. Eles só permitirão que aqueles com coração puro entrem e vivam nessas zonas. As pessoas que devem ir para essas áreas, receberão todas uma clara mensagem para se reunir lá quando for a hora certa.

Nas Terras Seguras os Alienígenas estarão lá para proteger as pessoas de forças exteriores. Eles irão protegê-las de toda pessoa, organização ou grupo que causariam dificuldades ou prejudicariam as pessoas que vivem dentro das Terras Seguras. Eles poderão até mesmo andar entre nós nessa época para nos ajudar a passar pela transição. Nos possíveis futuros que me foram mostrados pelos

Alienígenas me foi dito que haverá grandes massas de terra que estarão a salvo da destruição, entretanto, nessas outras terras eles não estarão lá para protegê-los; vocês terão de sobreviver sozinhos. Eles poderão entregar sementes para algumas pessoas, mas não estarão lá para protegê-las de forças exteriores. Você vai ter que se defender sozinho.

Onde são as outras Terras Seguras? Os Alienígenas me disseram que elas estão por todo o planeta. Pesquise e encontre as pessoas na sua região – o povo original, o povo que guarda a luz. Eles serão os povos indígenas da sua região. Esse povo será altamente espiritual, tendo fortes crenças em outros mundos, considerando toda vida sagrada e tendo antigos rituais e cerimônias para manter essas crenças. Eles estarão vivendo pacificamente na mesma região por milhares de anos, respeitando a Terra e toda vida sobre ela.

Os povos antigos ao redor de todo planeta que guardaram a terra e guardaram antigas crenças por milhares de anos são os Guardiões das Terras Seguras. Eles serão os Guardiões do Conhecimento na sua região. Eles são os xamãs e líderes espirituais da humanidade. Encontre os habitantes originais da sua área. Lá você irá encontrar a Terra Segura, a terra que será protegida pelos Alienígenas no Fim dos Tempos.

Essas áreas não são centralizadas ao redor de organizações religiosas na sua região. Embora as religiões tenham seu lugar no mundo em ajudar as pessoas a entender Deus, elas não são Guardiãs do Conhecimento de que eu falo. Esse conhecimento é um entendimento da Terra e do relacionamento entre uma gota de chuva, uma lâmina de grama e o Universo em si. As religiões organizadas tentam ensinar esses conceitos mas elas permitiram que muitos homens elaborassem ideias ou ideais que se afastam desse entendimento.

## NÃO SIGA AS CRENÇAS DE NENHUMA OUTRA PESSOA

Não seja enganado pelos falsos Guardiões do Conhecimento e da Luz. Há muitos que alegam ser essas pessoas, mas eles são falsos profetas. Somente aqueles que não vacilaram em suas crenças são os verdadeiros profetas desse povo – esse povo que teve de lutar para manter sua tradição viva e ser bem sucedido nisso.

Há muitos povos ao redor do planeta que perderam suas crenças, sua luz e estão lutando para consegui-las de volta. Infelizmente esses povos esqueceram a razão para as suas crenças: serem os líderes das pessoas no planeta e líderes

no Fim dos Tempos. Embora lutem para trazer de volta o seu conhecimento, para recuperar o que eles uma vez compreenderam, talvez seja uma tarefa não mais possível. O conhecimento que eles tiveram uma vez como os Profetas e Professores da Terra, diminuiu. Porém eles podem restaurar o conhecimento de sua fé na vida diária e ao fazer isso vivam no Mundo Novo em paz e harmonia.

Há mais do que umas poucas pessoas que tomaram a decisão de alegar que são Profetas; esses que fazem essas alegações são falsos profetas. Um profeta verdadeiro não faria tal alegação; ele apenas seguiria a palavra de Deus e nada mais. Lembre-se, Deus nos pede para sermos humildes, e alegar o poder da profecia enquanto pessoa é nada além de vaidade. A verdade pode ser vista por qualquer um que escolha olhar. Não precisa ser expresso como uma alegação pessoal. Questione tudo, e todos – especialmente aqueles cuja vaidade pode ser vista com seus olhos assim como sentida com seu coração.

Existem pessoas na comunidade ufológica que alegaram ser mensageiros dos alienígenas e clamaram para si o título de profetas. Meu entendimento a partir dos Alienígenas é de que essas alegações não são endossadas. A razão pela qual digo isso é porque eles me expressaram a importância de nunca seguir nenhuma pessoa ou nenhuma ideia como sendo a única. Isso inclui a mim e minhas mensagens. Eu peço que você questione tudo que eu lhe disse. Eles pedem que você questione tudo e não exclua nada como sendo a verdade final. Somente através desse processo você encontrará respostas verdadeiras.

## POR QUE OS ALIENÍGENAS SE IMPORTAM? DE ONDE ELES SÃO?

Por que os Alienígenas se importam e quem são eles para as pessoas desse planeta? Foi-me dito que existem alguns alienígenas que estão em uma forma física vivendo aqui em bases subterrâneas. Há outros que vivem entre nós, não detectados porque se parecem muito conosco. Há muitos outros que existem em outras dimensões que com frequência estão em contato com as pessoas desse planeta. Esses que estão em outras dimensões têm grandes responsabilidades com as pessoas aqui. Foi-me dito que eles vêm até nós em sonhos para ajudar a nos ensinar, guiar e conversar conosco. São eles que ajudam a elevar a consciência do mundo através do estado de sonho. Eles ajudam a manter o mundo dos sonhos, assim como esse mundo. Tanto os seres físicos como os dimensionais estão em contato uns com os outros e estão associados, mas são de fato seres diferentes.

Os Louros Altos estão aqui para ajudar a proteger o planeta de forças externas que possam ser desconhecidas de nós nos tempos atuais. Eles também estão aqui para monitorar o planeta. Sua principal diretriz é ajudar a manter o planeta e as pessoas vivendo nele. Eles não permitirão que ele seja destruído por nós ou por quaisquer outros meios.

Alguns desses seres físicos vivem em outros planetas no universo a uma grande distância de nós. Eles conseguem viajar para a Terra, mas é uma longa viagem. Foi-me dito que alguns dos Louros Altos estão aqui agora e outros estão a caminho. Não me foram dadas maiores informações sobre como eles viajam ou sobre o seu mundo.

É do meu entendimento que os Louros Altos sempre foram uma parte da Terra e que eles ajudaram a semear a vida aqui. Novamente eu peço que você não tome as palavras deles equivocadamente. Eles não alegam ser Deus. Eles têm um entendimento superior sobre a própria vida e sobre Deus, mas me disseram que esse entendimento estava além da minha compreensão e era inexplicável, então não me disseram nada além. Eles me disseram que eles também buscam conhecer Deus e que eles sempre foram os Zeladores de Mundos. Essa é a razão para a existência deles também, assim como aprender e crescer espiritualmente como nós fazemos aqui, apenas em diferentes níveis de entendimento.

A Terra é um lugar muito especial porque é diferente de qualquer outro lugar ou outras dimensões, outros planetas ou no Universo. Aqui nós temos um presente de beleza na forma de estarmos separados de tudo o que nos rodeia. Ao invés de estarmos em corpos de luz nós somos densos e pesados aqui na Terra. Nós podemos usufruir da singularidade de cada molécula ao redor de nós. Por essa razão nós conseguimos sentar em silêncio e olhar para uma pétala de flor ou uma formiga. Nós podemos observar e aprender com isso se for o que escolhermos fazer. Podemos olhar dentro do universo inteiro e nos tornar mais próximos de Deus olhando de perto para cada coisa na natureza, mas somente se nós pararmos e abrirmos nossos olhos.

Em outros mundos/dimensões tudo é mais interligado – através da telepatia por exemplo. Há uma maior compreensão do conhecimento de outros lugares de existência. Aqui nós temos o presente da separação e o desconhecido. A ironia disso é que com frequência é com isso que as pessoas lidam com maior dificuldade na vida – se sentindo sozinhos e não sabendo o que vai acontecer em suas vidas. Uma vez que você perceba e compreenda que esse é o presente da vida, você pode então começar a viver com gratidão em seu coração por tudo o que você experimenta. Tome um tempo todos os dias para ver a beleza do mundo,

independente de quão difícil sua vida esteja. Quando você vislumbra a verdadeira beleza na natureza você pode sentir o amor de Deus tocar a sua alma.

Uma das razões pela qual nós somos importantes para os Alienígenas é porque tudo o que nós fazemos afeta outros mundos e dimensões. Todos os outros planos de existência são conectados com o nosso. Simplesmente porque nós somos muito ignorantes ainda para conseguir ver como isso é fato não significa que seja falso. Se nós destruirmos o planeta então nós mudaremos derradeiramente a existência de tudo o que há. Se nós prejudicarmos o planeta e nós mesmos como espécie, então nós estamos prejudicando Deus. Deus é o verdadeiro criador de tudo o que há, tudo o que houve e tudo o que haverá. O que foi perdido nunca mais será novamente porque todo o plano da vida em si mesma é modificado por causa disso. Eu não posso explicar isso além de uma forma que faça sentido. Isso é o que me foi dito pelos Alienígenas e, de alguma maneira, o entendimento disso foi colocado dentro de mim.

## COMO A HUMANIDADE FOI CRIADA E QUEM SÃO OS HOPI

Quando eu sentei em uma cadeira a bordo da nave naquele dia em 1988, a criação do mundo me foi mostrada em uma tela e me foi dito como nós viemos a existir. Os Alienígenas Louros Altos tiveram um dedo na criação desse planeta e de toda a vida sobre ele. Eles são os Zeladores desse mundo e deixaram claro para mim que eles não são o nosso Deus.

## HOUVE TRÊS MUNDOS ANTERIORES A ESTE

No primeiro mundo os Alienígenas levaram as sementes da vida humana e de toda a vida animal e as espalharam pelo mundo. Eles foram pacientes e observaram enquanto a humanidade estava sendo formada. Infelizmente, depois de um longo tempo, a vida que surgiu era inconsciente e simples. Ficou claro que aquele primeiro mundo não iria evoluir muito além daquilo. Com grande tristeza o mundo foi limpo de toda a vida que não tinha evoluído e os Alienígenas começaram a semear o segundo mundo.

No segundo mundo foi decidido que mais formas deveriam ser dadas à vida no planeta e mais uma vez a semente de toda vida foi criada e colocada

sobre toda a terra. As cascas das formas de vida foram criadas de forma que elas pudessem focar menos no crescimento físico e mais no crescimento da consciência e sensibilização. Muito tempo foi dado a essa vida na esperança de que ela se tornasse seres conscientes e começassem o processo de crescimento espiritual. O processo de esperar a vida se tornar autoconsciente revelou-se infrutífero.

A vida que foi formada não evoluiu na direção da própria consciência, quanto mais aprender alguma coisa sobre crescimento espiritual e entendimento. Os animais que vagavam pela terra se tornaram nada mais do que máquinas de matar com habilidades básicas de sobrevivência. Eles lutavam uns contra os outros e novamente foi decidido remover todas as formas de vida que não tinham evoluído além do estágio inicial da sementeira. Por essa razão foi decidido dar a humanidade o que ela precisava fisicamente no novo mundo, para que crescimento espiritual pudesse ser seu foco.

A razão de ser da humanidade seria dar a todas as formas de vida, no descanso da criação, um lugar onde elas pudessem usufruir os diferentes aspectos da vida. As pessoas poderiam fazer isso porque, como humanas, elas seriam capazes de estar em um estado alterado de consciência de singularidade, ao invés de ser parte da unidade de todas as coisas. O Conhecimento do Universo e o Entendimento Espiritual eram feitos dentro da própria tessitura da humanidade.

O processo levou muito tempo. Foi através de cuidadosa consideração que se decidiu que seria permitido à vida animal ter uma consciência básica de si mesma no terceiro mundo. Um cuidado ainda maior foi dado a criação dos seres humanos. A intenção dos Alienígenas era ajudar cada alma individual a evoluir espiritualmente através do tempo de forma que toda a vida de fora da Terra pudesse visitar esse planeta usando o corpo humano como seu veículo.

Esse terceiro mundo começou quase como uma sociedade utópica. Era um lindo planeta e a experiência de homem e mulher vivendo sobre ele dava aos indivíduos que visitavam um grande vislumbre sobre tudo de uma forma que nunca havia sido experimentado antes. Foi um sucesso até que as vidas de muitos humanos começaram a ser desvalorizadas. Essas pessoas tinham grande conhecimento do que estava do lado de fora de seus corpos, compreendendo que a casca onde elas viviam era apenas temporária e que a vida continuaria depois de eles terem deixado o planeta quando morressem. Infelizmente a essas pessoas faltava maturidade emocional e crescimento espiritual.

Foi quando os humanos começaram a mudar a criação de si mesmos e dos animais que o terceiro mundo começou a decair. Não contentes em viver em

harmonia com a Terra, alguns dos seres que vieram para a Terra na forma física decidiram que era hora de começar a mudar a aparência e as funções do corpo humano. O resultado foi desastroso. Trouxe consigo horríveis experimentos que foram feitos sem hesitação; em vez disso rapidamente a ditadura e a insatisfação desceram sobre o planeta. Na medida em que o terceiro mundo ia de pacífico para violento, perfeito para grotesco, a decisão foi tomada para limpar a Terra da força destruidora que havia tomado conta. Falta de maturidade espiritual, muito conhecimento sem responsabilidade e forças negativas fizeram com que o mundo se tornasse um caos.

Embora o propósito da humanidade fosse permitir livre-arbítrio e crescimento espiritual para a alma individual, estava claro que ao dar todo o conhecimento do Universo ela se tornava ingrata pelo presente da vida na Terra. As pessoas achavam que como não podiam ser destruídas, então elas podiam fazer o que quisessem e criar o que desejassem sem reflexão. Essas são forças escuras e más à serviço no planeta.

O planeta seria limpo desse mal ingrato. Foi decidido retirar parte do conhecimento que tinha sido dado ao terceiro mundo, para que as pessoas pudessem lentamente crescer até entender aquele conhecimento e serem mais maduras e responsáveis com ele. Eles começaram novamente com um novo humano. Enquanto tomavam essa decisão, tornou-se claro que havia bolsões de pessoas em todo o planeta que haviam feito exatamente o que o Criador intencionava: elas viviam em harmonia com a Terra. Elas eram os líderes espirituais do planeta e viviam uma existência pacífica na qual entendiam o passado, o presente e o futuro. Elas não prejudicavam ninguém nem coisa alguma e obedeciam as leis universais de gratidão.

Foi decidido que essas pessoas – os puros de coração – poderiam ser levadas do terceiro mundo e trazidas para o quarto. Elas seriam levadas do planeta pelos Alienígenas e lhes seria dado um porto seguro até que o mundo fosse limpo mais uma vez e fosse a hora delas viverem na Terra, dessa vez no quarto mundo.

Quando vi o terceiro mundo eu vi um grupo de pessoas espirituais vivendo no planeta naquele tempo. Elas eram os videntes e os Guardiões do Conhecimento. Disseram-me que eles foram as únicas pessoas que foram levadas do terceiro para o quarto mundo. Quando elas foram trazidas para esse mundo, lhes foi dito que deveriam preservar o conhecimento dos mundos anteriores e o conhecimento espiritual que elas tinham. Elas deveriam guardar o conhecimento até o Fim dos Tempos deste, do quarto mundo. Elas deveriam manter o conhecimento dessas coisas e ensinar a todos que viessem depois deles para esse mundo, para

que o que aconteceu no último mundo não acontecesse novamente. Foi-lhes dito que elas seriam chamadas neste quarto mundo para reunir as pessoas no Fim dos Tempos para que elas pudessem mais uma vez ser levadas desse mundo e trazidas para o próximo. Foi-me dito que um dia eu encontraria essas pessoas e elas seriam aquelas a reunir os escolhidos. Alguns desses que estão reunidos ficarão aqui na Terra nas Terras Seguras, enquanto outros serão levados para viver com os Alienígenas. Essas pessoas terão porto seguro no mundo alienígena até que o Novo Mundo, o quinto mundo, seja seguro para elas retornarem.

Quando vi os homens Hopi naquele dia em Keams Canyon e vi as espirais nos olhos deles, eu os reconheci como sendo essas pessoas especiais que foram tiradas do último mundo e trazidas para esse, o quarto mundo. Eu soube naquele exato momento quem eles eram. Eles eram os Guardiões do Conhecimento do último mundo e ouviram as promessas do próximo mundo. Eu sabia que eles eram importantes para muitas pessoas em todo o mundo. Eles tinham o poder de se unir e influenciar as pessoas desse planeta. Eles receberam essa tarefa e aceitaram essa responsabilidade quando entraram nesse mundo. É por essa razão que eles guardam suas cerimônias – é para nós – para o passado, presente e futuro da humanidade.

É para a Terra e tudo que está sobre ela. Eles aceitaram essa responsabilidade para a preservação desse Universo inteiro, defender o centro de tudo aquilo que é. Eles – os Hopi – são o passado, o presente e o futuro da humanidade.

O Povo Hopi tem parentes em todo o planeta, e não estão sós. Eles estavam separados quando entraram no quarto mundo e foram colocados por toda Terra. Todos esses povos são os Guardiões do Conhecimento. Quando esses povos se reunirem, então, e só então, o mundo irá ouvir. Os Guardiões vieram dos centros espirituais ao redor do terceiro mundo. Alguns que vieram para esse mundo trouxeram mais conhecimentos do que outros, enquanto alguns receberam mais instruções dos Alienígenas do que outros. O Povo Hopi Nativo Americano é do mais alto nível espiritual do último mundo. Por essa razão eles têm conseguido preservar esse conhecimento por tanto tempo nesse mundo. Eles são um povo forte e poderoso, com a habilidade de lembrar quem eles são e para onde eles estão indo sem permitir que ninguém intervenha em suas crenças e tradições. Eles entendem a importância do trabalho que lhes foi dado: ensinar as pessoas da Terra a viver em harmonia com todas as coisas, elas também liderarão as pessoas no Fim dos Tempos, do quarto mundo para o quinto.

Se eles falharem nessa tarefa de guardarem o conhecimento até os Alienígenas retornarem, eles não serão levados desse mundo para o próximo. Se eles falhar-

em, falharão em reunir os escolhidos. A humanidade cessaria de existir da forma como conhecemos hoje e toda a humanidade seria varrida do planeta somente para começar tudo novamente. É hora de as pessoas pararem e não apenas ouvirem os verdadeiros Guardiões do Conhecimento no planeta, mas também agir de acordo com sua sabedoria. Se nós seguirmos suas palavras de sabedoria, viveremos todos em grande paz, satisfação e harmonia no Novo Mundo.

## COMENTÁRIOS FINAIS

Como afirmei no início desse capítulo, eu poderia escrever um livro mais longo do que qualquer outro conhecido na Terra e ainda assim eu não poderia contar a vocês todas as informações que os Alienígenas me deram.

Reconhecer que não estamos sozinhos é o primeiro passo. Uma vez que você aceitar que nós não estamos sós o próximo passo é agir de acordo com isso. Respeite sua vida e as vidas de todas as coisas viventes. Ande por essa vida com respeito pela Terra. Se você puder fazer isso, então você não conseguirá mais prejudicar a si mesmo, aos outros, a Terra ou as outras dimensões e mundos. Você é a criação de Deus. Aja responsabilmente com esse conhecimento.

A mensagem final é simples: nós não estamos sozinhos. Ouça a sabedoria das Antigas Civilizações e os Alienígenas, ambos estão aqui para ajudar a nos guiar para um novo caminho de vida. Existe um plano divino; a presença alienígena é a salvaguarda para proteger tudo que foi criado por Deus. Não há razão para temê-los quando eles chegarem.

Observe os céus: a Estrela Azul aparecerá.

# UTOPIA

Eu fecho meus olhos e lá diante de mim  
Eu vejo o universo  
De uma única criatura a toda coisa viva  
As cores vibrantes  
Cheias de antecipação para serem verdadeiramente descobertas  
Caminhando ao longo de um caminho dourado de luz que leva a Utopia  
Um mundo de cor e emoção de poucas palavras faladas  
É de começos sem finais reais  
Uma Shangri-La de mundos combinados em um  
O Universo se estende diante de você  
Em uma única respiração você inala a tranquilidade  
Desse outro mundo  
Sem um nome de um lugar desconhecido  
Em sua mente é tão real quanto você mesmo  
Sem sua presença desaparece novamente  
Lá fora no desconhecido  
Até que o próximo tropece nesse refúgio  
Os olhos fechados do andarilho místico  
Vê mais da vida do que o homem  
Que caminha na rua com olhos abertos  
Ele vê não mais que terra e pessoas  
De onde ele pergunta  
Elas são de Utopia a terra desconhecida  
Onde almas nasceram  
De vida eterna e eternos começos  
Um lugar chamado Shangri-La  
Um simples viajante pode alcançar esse lugar  
Se ele apenas encontrar o caminho dourado de luz  
E segui-lo sem medo mas com amor em seu coração  
Uma direção que poucos estão dispostos a circundar  
A beleza do eu de alguns  
Alcançar altura suficiente  
E entrar dentro do desconhecido...

## ESTRELA AZUL

Como uma mulher de uma pequena cidade na Colúmbia Britânica, no Canadá, se envolve em uma das mais faladas profecias do planeta hoje?

### A Profecia Hopi da Estrela Azul

Saiba como sua vida mudou completamente depois de um encontro com os Alienígenas Louros Altos (Tall Blond Aliens) em uma solitária rodovia em 1988.

Miriam embarca em uma jornada para um mundo de segredos governamentais, Clones, recrutadores do Exército Paranormal Russo, o Antigo Povo Hopi e contatos extraterrestres.

Seu caminho leva a descoberta de segredos de família; seu pai está de alguma forma envolvido com os Alienígenas Louros desde antes do nascimento dela.

A verdade de que os Alienígenas existem é só o começo. Aprenda como eles estão conectados ao nosso mundo, à humanidade e porque eles estão contatando as pessoas da Terra atualmente.

Eles nos avisam sobre um futuro possível no qual nossa existência como espécie está em risco.

Leia a Profecia da Estrela Azul para saber onde serão as Terras Seguras no Fim dos Tempos e porque as mensagens dos Extraterrestres são importantes para todos nós!